

ELIAZAR JOÃO DA SILVA

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NOS JOGOS DA COPA
DO MUNDO ENTRE 1930 E 1958: O ESPORTE COMO UM DOS
SÍMBOLOS DE IDENTIDADE NACIONAL**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

ASSIS

2004

ELIAZAR JOÃO DA SILVA

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NOS JOGOS DA COPA
DO MUNDO ENTRE 1930 E 1958: O ESPORTE COMO UM DOS
SÍMBOLOS DE IDENTIDADE NACIONAL**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História e Sociedade

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Arlanch Martins de Oliveira

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
ASSIS
2004**

ELIAZAR JOÃO DA SILVA

**A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NOS JOGOS DA COPA
DO MUNDO ENTRE 1930 E 1958: O ESPORTE COMO UM DOS
SÍMBOLOS DE IDENTIDADE NACIONAL**

Comissão Julgadora

Tese para obtenção do título de Doutor

Presidente: Professora Dra. Flávia Arlanch Martins de Oliveira – UNESP/Assis

2º Examinador: Dra. Maria Helena Rolim Capelato - USP

3º Examinador: Dra. Laura Antunes Maciel - UFF

4º Examinador: Dra. Zélia Lopes da Silva - UNESP/Assis

5º Examinador: Dra. Tânia Regina de Lucca – UNESP/Assis

ASSIS

2004

*A minha mãe, e em memória
de meu pai. Do céu, ele deve estar
comemorando mais um “gol”.*

AGRADECIMENTOS

Contei com a colaboração de várias pessoas para que este trabalho fosse realizado. Quero agradecer a todas elas, e de maneira particular:

À professora Dra. Flávia Arlanch de Oliveira, orientadora sempre exigente, ponderada e atenciosa nas suas observações. Ao ingressar nos cursos de Mestrado e, logo após, no de Doutorado, fui constantemente advertido de que seria um historiador, e não um atleta ou ex-atleta de futebol. Não sei se consegui atingir esta consciência. Se a alcancei, devo isso à minha orientadora.

Aos professores do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto, em especial, ao professor Dr. Marco Antônio Villa, pelo seu incentivo em relação ao objeto pelo qual optei em pesquisar. Sua disponibilidade em acompanhar o estudo, não se restringiu apenas ao período em que permaneceu como professor da UFOP, mas também depois dele. À Professora Dra. Tânia Regina de Lucca, pelas sugestões pertinentes no exame de qualificação da tese. Suas indicações foram muito oportunas para o enriquecimento deste trabalho.

Aos companheiros da pós graduação da UNESP, Campus de Assis. Cada um, à sua maneira, dava seus “palpites” sobre a história do futebol, bem como nas “peladas históricas” sobre o futebol. Quero expressar minha gratidão, sobretudo, ao Protásio Langer.

Aos colegas do Departamento de História da Universidade Vale do Rio Doce, pela agradável convivência e indicações durante a redação da tese; sou grato aos professores Ciro Bandeira de Melo, Haruf Salmen, Margarida Vieira, Terezinha Vilarino, e Marcos Rogério. Devo agradecer, especialmente, ao professor Jean Luiz. Além de dividirmos uma caminhada acadêmica semelhante, temos uma amizade que não se resume apenas aos limites dos cursos de Graduação, de Mestrado, de Doutorado, e, agora, da Universidade em que lecionamos.

A Amanda Araújo e a Rafael Rhajão, pela colaboração no trabalho de levantamento e reprodução dos microfimes de algumas das fontes utilizadas

nesta pesquisa. Quero agradecer à professora Bernadete de Almeida e a Maria Helena pela revisão do texto.

Aos amigos das “categorias de base” do Clube Atlético Mineiro, e de tantos outros clubes de “várzea” nos quais joguei. Várias questões apresentadas neste trabalho fazem parte das inúmeras situações vividas “dentro de campo”. Seguramente, o fato de ter sido jogador me fez levantar aqui, apontamentos de alguém que, um dia, foi atleta de futebol.

Sou grato a Gabriela Figueredo, amiga no curso de graduação, companheira no curso de Doutorado. Por fim, agradeço a Deus e aos meus irmãos, por tudo.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1	
O significado do futebol na década de 1930	68
Capítulo 2	
A conquista do campeonato mundial de 1938 como uma das formas de propaganda de regimes políticos	111
Capítulo 3	
A atividade esportiva no Brasil: um dos instrumentos de fortalecimento da nação	173
Capítulo 4	
A construção de centros esportivos	204
Capítulo 5	
Brasil: O país do futebol	235
Considerações Finais	304
Fontes	313
Referência Bibliográfica	318
Resumo	332
Abstract	333
Résumé	334

INTRODUÇÃO

O esporte brasileiro não poderia viver mais tempo divorciado do espírito e da doutrina do Estado Novo.¹

No período denominado Estado Novo, o governo federal concebeu o esporte no Brasil como algo que deveria integrar-se à sua ideologia. Embora esta função do esporte dissesse respeito apenas a esse período, acreditamos que a atividade esportiva de modo geral, e o futebol de modo particular, para além de ter sido explorado como um dos elementos que deveria ajustar-se à “doutrina do Estado Novo”, foi compreendido também como um dos símbolos de identidade nacional em momento posterior ao fim desse regime.

Consideramos, deste modo, que esta construção não se restringiu apenas ao período mencionado, mas também nas décadas subseqüentes, em especial a partir de 1950, quando o Brasil foi sede da Copa do Mundo, a mais importante competição internacional do futebol. A compreensão deste esporte como um dos símbolos de identidade nacional entre as décadas de 1930 e 1950, é o que pretendemos analisar neste trabalho.

Para tanto, é necessário recuar ao final do século XIX, ocasião em que o futebol, sob a sua forma oficial, foi introduzido no país². O cenário social e político do Brasil nesse período se caracteriza por apresentar algumas mudanças significativas. Dentre elas, vale menção a abolição da mão de obra escrava e a instalação do regime republicano. Paralelamente a essas mudanças, houve a

¹ Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941. p. 21.

² Há uma vasta bibliografia relacionada à introdução dos esportes no Brasil, que aponta 1894 como o ano oficial da introdução do futebol no país. Dentre os autores, mencione-se FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. MAZZONI, Thomaz. *A história do futebol no Brasil – 1894/1950*. São Paulo: Olympicus, 1950. ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda.

reforma e o nascimento dos grandes centros urbanos, e, associado a este fenômeno, o surgimento de novas práticas sociais, entre as quais, a difusão de inúmeras atividades esportivas.³

Dentre essas atividades, a prática do futebol merece destaque pelo fato de, no início do século XX, ela adquirir um amplo sentido de popularidade, diferentemente de outras modalidades como natação, hipismo ou remo, por exemplo⁴. Os esportes difundidos tiveram como um de seus objetivos, atender aos anseios daqueles que buscavam se moldar a tudo que dissesse respeito à Europa, em especial à França e à Inglaterra. Algumas das muitas modalidades esportivas propagadas no país no final do século XIX como o futebol, já vinham, desde décadas anteriores, sendo praticadas na Europa.⁵

Como forma de acompanhar o comportamento especialmente do londrino e do parisiense, os jovens oriundos das famílias mais abastadas, e/ou que haviam estudado na Europa, também iriam praticar o esporte, na expectativa de se moldar aos hábitos da juventude européia, o que passava a idéia de garantia da perspectiva do físico saudável.

Das modalidades esportivas praticadas, o futebol chamou especial atenção pela sua rápida transição de esporte inicialmente destinado às elites, para também as camadas sociais menos privilegiadas economicamente. Na década de 1930, o futebol se tornou uma atividade oficialmente remunerada. A profissionalização deste esporte esteve diretamente associada à sua popularização.⁶

Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

³ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *São Paulo, sociedade e cultura nos primeiros anos 20*. Ver especialmente o cap. 1: "A abertura em acordes heróicos dos anos loucos". p. 23-88.

⁴ Cf. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

⁵ Cf. ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 73-105.

⁶ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – o futebol em São Paulo e Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis/UNESP: Dissertação de Mestrado, 2000.

Ao se tornar um esporte que passou a ser legalmente uma profissão, o futebol adquiriu novos contornos, suscitando questões instigantes quanto às novas funções que ele exerceu em meio à sociedade, e, em especial pelo poder público nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Eis aqui um dos temas principais sobre o qual o trabalho se ocupará ao longo desta tese, a saber: a exploração do futebol por representantes do governo federal como um dos símbolos de identidade nacional nas décadas mencionadas.

Até a década de 1930, o futebol não foi objeto de maior atenção por parte do governo federal, tal como aconteceu nas décadas subsequentes. A sua popularização e a sua conseqüente profissionalização em momento posterior, estão ligadas à sua absorção por diferentes camadas sociais. À medida que ele se tornou um fenômeno popular de massa,⁷ não havia mais como ignorar sua influência como elemento que fazia parte dos hábitos e das práticas cotidianas do país, em especial a população ambientada nos grandes centros urbanos.

Diante desse novo cenário que se desenhava, personalidades do governo federal não hesitaram em disso tirar proveito. Elas empenharam-se na aproximação do futebol com a nação, em ocasião de realização das copas do mundo, sobretudo a partir do campeonato de 1938, disputado na França. O ano da realização desse campeonato coincidiu com o período de instauração do Estado Novo. Neste sentido, a participação da seleção brasileira nesse campeonato, significou um momento privilegiado para aguçar o sentimento de “amor à pátria”.

A ideologia do regime implantado tinha como um dos pressupostos o espírito do nacionalismo, razão pela qual, elementos como o futebol, o rádio e a música, por exemplo, foram muito explorados como manifestações que deveriam estar a

“serviço da pátria”.⁸ O futebol exerceu um apelo bastante agudo em vários setores sociais, desde o início do século XX. Dentre esses setores, destacam-se o empresariado, profissionais liberais, imprensa, operariado⁹, enfim, diferentes camadas sociais.

A década de 1930 foi caracterizada, entre outros aspectos, pela difusão de idéias quanto à (re) definição da identidade do povo brasileiro. Várias análises já foram feitas acerca do debate em torno do conceito de identidade nacional. As respostas a essas reflexões nos mostram que no âmbito da História em particular, e das ciências humanas e sociais de modo geral, tanto identidade quanto nação são conceitos que demandam uma construção histórica.¹⁰ Desse modo, a partir da interpretação e da percepção dos mais diferentes eventos da História, é que se poderia compreender a construção de um elemento - seja ele qual for - como componente da identidade nacional.

Nesta perspectiva, a reflexão sobre os símbolos de identidade nacional guarda especificidades quanto ao momento histórico em que determinado elemento desta identidade esteja eventualmente localizado. Deve-se, assim, observar a temporalidade em que se pensa o futebol entendido como símbolo de identidade nacional. A discussão em torno da idéia da nação no século XIX,¹¹ por

⁷ Sobre os novos elementos da cultura popular de massa nos grandes centros urbanos ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 223-307

⁸ Cf. MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁹ Cf. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992. Ver da mesma autora: “O futebol nas fábricas”. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun/ago. 1994.

¹⁰ Há vários trabalhos que nos remetem às questões conceituais acerca da nação. Para o entendimento do futebol como símbolo de identidade nacional, tomamos as reflexões de ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. HOBBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1983. Sobre o futebol como símbolo de identidade nacional, ver PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op. cit.* p. 103-281.

¹¹ A este respeito, ver entre outros, LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História*

exemplo, concentrou suas discussões em relação ao processo de ruptura político-administrativa do Brasil com Portugal.

No decorrer da primeira metade do século XIX, o espírito romântico produziu historiadores preocupados em escrever histórias nacionais, que fossem atrás da captura do espírito do povo, da alma das nações, que recuperassem os heróis com seus grandes feitos e que registrassem a saga da construção de cada Estado, a demonstrar que o germe da identidade nacional já estava presente naquele tempo das origens.¹²

No século XIX foram criados vários museus e institutos históricos, cujas funções ligavam-se basicamente à construção da idéia de nação, e na consolidação do Estado Nacional. Amplamente associado ao poder no império, tais institutos se tornaram “criadores” de uma história oficial, cuja construção coube a alguns intelectuais que ocupavam diferentes atividades nas referidas instituições.¹³

Todavia, foi a partir da instalação do regime republicano, e, sobretudo, a partir do início do século XX, que se pôde considerar de forma mais efetiva, o processo de construção ou de redefinição da identidade nacional. A tentativa de se compreender a nossa formação, nossos hábitos, comportamentos, enfim, saber quem éramos, consistiu em se questionar sobre o brasileiro, ou, em síntese, quais eram os sentimentos de nacionalidade. Tal debate, contudo, obteve maiores contornos especialmente na década de 1930.¹⁴

Geral do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1962. GUIMARÃES, M. L. S. *Nação e civilização nos trópicos. O IHGB e o projeto de uma história nacional*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. Sobre uma discussão historiográfica acerca desta temática, ver REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 19.

¹³ Havia uma clara ideologia e funções que deveriam ser desempenhadas por esses institutos históricos. Sobre esta ideologia e estes papéis, ver CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados, escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 241-242. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. Cf. especialmente o capítulo “Os institutos históricos e geográficos, guardiões da história oficial”. p. 99-140.

¹⁴ Dentre vários trabalhos desta década, mencione-se os de Sérgio Buarque de Holanda, e Gilberto Freyre, com especial destaque para o segundo, uma vez que este autor, – em que pesem todos os problemas inerentes às suas reflexões – invariavelmente, se referiu ao futebol como um dos elementos de nossa identidade. Os trabalhos de Holanda e Freyre são, respectivamente, *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988; e *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. Mencione-se também de Freyre: *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

Mas antes dessa década (e, mais ainda, após esse período), vários intelectuais trataram a questão da identidade de forma a suscitar intensos debates acerca dessa temática. Dentre esses autores, mencione-se Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Oliveira Lima, Alberto Torres, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre. Posicionando-se em diferentes perspectivas, mas com o mesmo propósito da discussão se de fato éramos uma nação, esses e vários outros autores se ocuparam da reflexão acerca da construção dos paradigmas nacionais, bem como das interpretações sobre a identidade nacional. Foram, deste modo, importantes mediadores deste debate.

De qualquer maneira, se alguns assumiam determinados posicionamentos, outros, não necessariamente, os assumiam. Tal quadro configura uma abstração acerca da identidade nacional, tendo como premissa o ponto de vista desses autores.¹⁵ O que interessa aqui, entretanto, é perceber o futebol como um dos símbolos da nacionalidade, à medida que avança a década de 1930, sobretudo a partir da copa de 1938. Para tanto, embora não se avalizem as considerações de Freyre sobre o futebol brasileiro em sua amplitude, tal autor foi importante para as interpretações sobre a absorção do futebol na sociedade brasileira. Isto será demonstrado ao longo do trabalho.

É significativo perceber que foi no cenário da primeira guerra mundial, e, fundamentalmente, no período de interregno para a eclosão da segunda guerra, que atividades esportivas especialmente como o futebol, adquiriram novas e maiores dimensões, entendidas como cultura de massa.¹⁶ A prática esportiva concebida como um elemento importante para a educação física, passou a ser

¹⁵ Sobre a abstração dos conceitos em diferentes perspectivas de alguns intelectuais na condição de mediador simbólico, à qual se faz referência, ver ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 137-139.

efetivamente pensada pelo poder público, contribuindo inclusive, para a sua militarização.¹⁷

Uma das idéias difundidas entre as guerras, era a de que a prática esportiva seria oportuna para o “devido preparo físico” dos jovens, nos eventuais conflitos internacionais, além de “naturalmente” incutir neles o espírito do nacionalismo.¹⁸ Nesta perspectiva, a relação entre esporte e nação se tornou mais sólida e consistente, exatamente no final da década de 1930, momento da instauração do “Estado Novo” e da realização da Copa do Mundo de futebol de 1938, na França.

No campeonato seguinte, realizado no Brasil em 1950,¹⁹ a associação do Brasil/país do futebol, ficou evidente. Sobre esta questão vale retomar o que disse Hobsbawn: “Entre as duas guerras, o esporte como espetáculo de massas foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que faz parte da vida global.”²⁰

A partir da compreensão de que houve uma exploração também do futebol como forma de estimular o nacionalismo em diversos países da Europa, na primeira metade do século XX, este texto tem como meta entender como esse mesmo processo se deu no Brasil no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1950.

¹⁶ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópole e desatinos.” *Revista USP: Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, jun/ago. 1994. p. 30-37.

¹⁷ Cf. LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986. Ver especialmente o capítulo “A militarização do corpo”. p. 75-105. Ver também o importante estudo de mestrado de PEREIRA, Júlia Sales. *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: UFMG: Dissertação de Mestrado, 1989.

¹⁸ Cf. MURRAY, Bil. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 96.

¹⁹ Desde o início dos campeonatos mundiais de futebol em 1930, as copas são realizadas a cada intervalo de quatro anos. Excepcionalmente, não houve as copas de 1942 e 1946, exatamente pelo fato de ter havido a segunda guerra mundial. Na primeira copa pós guerra, o Brasil foi sede. Tal condição demandou esforços para que o campeonato obtivesse êxito. Uma das questões centrais a ser aqui analisada diz respeito à copa de 1950, realizada no Brasil.

²⁰ Cf. HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 170. Ao analisar aspectos políticos e econômicos do século XX, Hobsbawn fez uma referência ao futebol como elemento presente nas sociedades circunscritas neste período, dizendo que “o futebol

Num universo social e político amplamente marcado pela discriminação em relação aos negros e aos mais pobres circunscritos no limiar do século XX, o futebol foi apresentado à sociedade brasileira, mas em especial aos mais humildes, como uma via de acesso (ainda que de forma simbólica e bastante restrita a um número reduzido de atletas) aos diferentes espaços sociais, e, ocasionalmente, a rendimentos, os quais, não fosse o futebol, provavelmente não seria possível.²¹

Num primeiro momento direcionado a uma pequena parcela da sociedade, posteriormente o futebol se popularizou, independentemente da origem social e econômica daquele que praticasse, ou simplesmente presenciasse e/ou ouvisse as partidas futebolísticas. Vários atletas que se tornaram ídolos do esporte eram de origem humilde, e eram negros. Isto foi importante no processo de identificação das massas com o futebol.²² Se nos primeiros anos do século XX, apenas alguns teriam o acesso à atividade futebolística sob a forma oficial, no decorrer da década de 1920, tal processo não permaneceu o mesmo, o que contribuiu para a construção do futebol como símbolo de identidade nacional na década seguinte. A citação abaixo é elucidativa neste sentido.

Mas as identidades podem se dar ainda com relação a recortes temporais, quando se atribuem lógicas de sentido e pertencimento a momentos ou épocas precisos. (...) A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que o indivíduo possa se considerar como pertencente.²³

abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos” Ver HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 197.

²¹ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.* p. 331-402.

²² Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.* Ver também ROSENFELD, Anatol. *Op. cit.* ver especialmente o capítulo 3: “O futebol no Brasil”.

Uma das questões centrais a ser aqui analisada é o sentimento nacional atrelado aos usos políticos do futebol entre as décadas de 1930 e 1950 por parte, respectivamente, dos diferentes segmentos da sociedade brasileira – em especial, a imprensa - e de representantes do poder público nos jogos da seleção de futebol do Brasil, sobretudo nos jogos dos campeonatos mundiais, iniciados em 1930.

Desde o campeonato sul-americano realizado em 1919, quando se confrontavam seleções desta região da América, misturavam-se sentimentos do torcedor²⁴ de futebol com os de nacionalidade. Torcer pela seleção de futebol, significaria “torcer pelo Brasil”. Tão significativo quanto conquistar um troféu continental, seria se sentir orgulhoso por “ser brasileiro”, ainda que a vitória fosse apenas “dentro de campo”.²⁵ O orgulho da nação estaria simbolizado também neste esporte. Tal cenário foi objeto de críticas por parte de vários intelectuais e literatos das primeiras décadas do século XX, o que não modificou o interesse popular despertado pelo futebol. Dentre os mais veementes críticos desta dinâmica, destaca-se Lima Barreto.²⁶

Dizer, todavia, que o futebol se constituiu ao longo do século XX como um dos símbolos da identidade não basta. Pretende-se, no decorrer deste trabalho, demonstrar esta questão. Conceitos como os de identidade podem ser

²³ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 90-91.

²⁴ Sobre o comportamento das torcidas de futebol, ver o trabalho de TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcida organizada de futebol*. Campinas: ANPOCS, 1996. Cf. também do mesmo autor: “A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer”. In: COSTA, Márcia Regina da. (et ali.) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999. p. 146-166.

²⁵ Existem vários autores que escreveram sobre esta questão. Vale pontuar aqui, além de Luiz Henrique de Toledo, os textos do teatrólogo e cronista esportivo Nelson Rodrigues denominados: *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Além de *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. Ambos trabalhos foram organizados pelo jornalista Ruy Castro.

²⁶ Cf. BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956. Ver também do mesmo autor *Os bruzudangas*. São Paulo: Ática, 1985. Alguns outros literatos, entretanto, avalizavam esta “paixão” popular que o futebol despertava. Pode-se citar, entre outros, Coelho Neto. Tal questão foi discutida nos trabalhos de FILHO, Nelson Rodrigues. “Lima Barreto: jogando contra o futebol”. In: MURAD, Maurício. (org.) *Brasil: futebol tetracampeão do mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. Ver também SOARES e LOVISOLO. “O futebol é fogo de palha: a profecia de Graciliano Ramos”. In: MURAD, Maurício (Org.) *Futebol e cidadania*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

considerados e interpretados de diferentes maneiras. A percepção do futebol brasileiro como identidade nacional, será tomada como componente especialmente das populações circunscritas nos grandes centros urbanos, o que não se exclui, necessariamente, sua extensão para outras regiões do país. As práticas cotidianas podem ser diferentes de acordo com a população para a qual se analisa determinadas práticas.

Com dimensões continentais, não se pode dizer que o futebol teve, entre as décadas de 1930-1950, a mesma absorção popular em todo território brasileiro. O que se pode afirmar é que em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Recife, Belém, por exemplo, a prática e o acompanhamento do futebol adquiriram dimensões de atividade fortemente presente no cotidiano desses centros urbanos.

Em outras partes do país, tal fenômeno também aconteceu, todavia este processo foi mais lento. As palavras de Ortiz são importantes quando o ele aponta que a “identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro”.²⁷

Conforme mencionado anteriormente, esta construção caracteriza diferentes leituras do sentimento nacional, de acordo com o período histórico em que tal construção é realizada, seja pelo próprio Estado, seja por intelectuais, seja pela imprensa que interpretam estas construções. Foi a partir da Copa do Mundo de 1938 que se estabeleceram vínculos maiores entre o futebol compreendido como símbolo da nacionalidade, conforme será visto ao longo do texto. Foi neste período que se refletiu acerca da (re) definição da identidade do povo brasileiro, a partir

²⁷ Cf. ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 8

também dos novos elementos de manifestação da cultura popular urbana, tais como o futebol.

Como esporte popular de massa, o futebol suscitou a análise - ainda que de forma subliminar - de alguns intelectuais da primeira metade do século XX, dentre eles Gilberto Freyre. Sobre o esporte de modo geral, várias personalidades colaboraram em uma edição de *Estudos e Conferências*, cuja produção foi realizada pela Associação Brasileira de Educação Física em 1941, com o intuito de discutir a função dos esportes no Brasil. Esta publicação tinha o apoio e acompanhamento do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP. Tal edição contou com colaboradores como Lourenço Filho, Ari de Azevedo Franco, João Lyra Filho, Peregrino Júnior, Major Inácio Rolim, além de Artur Ramos, o qual analisou a associação entre miscigenação, corpo sadio e esporte.²⁸

Como personagem ativo da trajetória do futebol brasileiro, a participação do negro nos clubes de futebol foi objeto de reflexões acerca da sua importância para o êxito nas conquistas dos clubes e mesmo da seleção brasileira. Num país recém-liberto da mão de obra escrava, a presença dos negros nos selecionados nacionais foi importante para a aproximação de camadas sociais mais humildes aos jogos de futebol.

A cor da pele no Brasil está ligada também às condições sócio econômicas. Deste modo, os negros visualizaram no futebol, um elemento que poderia lhes oferecer alguma forma de "igualdade", ainda que ela fosse amplamente simbólica e momentânea, isto é, durante os jogos e instantes imediatamente anterior e/ou posterior às partidas futebolísticas.²⁹ Tal fato também contribuiu, desta maneira,

²⁸ CF. *Estudos e Conferências*, DIP, Rio de Janeiro, n. 14. Ago/set/out - 1941.

²⁹ Sobre esta questão ver os trabalhos de FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

para a construção do futebol como identidade nacional, na medida em que ele era algo que “pertencia” a todos, indistintamente.

Embora não seja objetivo central deste trabalho analisar aspectos étnicos no Brasil, discutir problemas a eles relacionados se tornam pertinentes, com a necessidade de se interpretar algumas de suas nuances. Como seria possível pensar uma identidade nacional tendo como premissa a pluralidade racial que caracteriza o país? Como discussão inicial, vale dizer desde já que o brasileiro apresenta identidades múltiplas, construídas em diversos períodos de nossa História, e praticadas por diferentes grupos sociais, tal como observou Ortiz.³⁰

Ao escrever o prefácio da primeira edição do livro de Filho: “O negro no futebol brasileiro”, publicado pela primeira vez em 1947, Freyre diz que as idéias nele apresentadas confirmam uma de suas principais teses em relação à mestiçagem, a saber, transformar o que seria “negativo” do mestiço em algo bastante positivo. Para ele, o futebol foi um dos elementos que melhor pôde demonstrar esta dinâmica. Tal fato caracterizaria a aproximação do futebol com o maior conjunto da sociedade brasileira, independentemente da origem étnica e/ou econômica.

Não se pode avaliar determinadas afirmativas de Freyre quando ele diz que no Brasil havia uma “democracia racial”. Já foi analisado e demonstrado em vários trabalhos que tal condição não existia tal como Freyre defendia. O que se quer dizer, isto sim, é que as considerações deste autor em relação ao futebol são importantes, na medida em que, neste esporte, de fato, houve uma possibilidade simbólica de igualdade entre negros e brancos, ao menos dentro de campo, o que significaria uma igualdade momentânea tão somente. Por outro lado, cremos que

³⁰ Cf. ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Freyre foi um dos poucos intelectuais que, na tentativa de interpretar o Brasil da década de 1930, percebeu no futebol a sua condição de um dos componentes de nossa cultura popular urbana.

Era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato,³¹ o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede em importância ao futebol.³¹

Desde o início do século XX, o futebol ia adquirindo, gradativamente, uma condição de fenômeno da cultura popular urbana, embora, num primeiro momento, ele fosse somente praticado de forma oficial nos clubes e nos colégios frequentados pelas camadas sociais mais abastadas. À medida que as décadas avançavam, a prática do futebol em terrenos baldios constituindo as “peladas”³², se tornavam mais recorrentes.

De esporte inicialmente destinado às elites³³, o futebol passou a fazer parte dos hábitos do cotidiano também dos mais humildes. Ao analisar a instalação da República, e as novidades que grandes centros urbanos trouxeram no limiar do século XX, Carvalho disse que

(...) O mundo subterrâneo da cultura popular engoliu aos poucos o mundo subterrâneo da cultura das elites. Das repúblicas renegadas pela República foram surgindo os elementos que constituiriam uma primeira identidade coletiva da cidade, materializada nas grandes celebrações do carnaval e do futebol.³⁴

³¹ Ver prefácio escrito por Gilberto Freyre no livro de FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. O prefácio ao qual se faz referência diz respeito à mesma obra, porém redigida na primeira edição do livro em 1947.

³² Pelada significa jogo de futebol disputado de forma não oficial, e em campo improvisado, isto é, em locais os mais diversos, praticado por número variado de jogadores, independentemente da sua quantidade e qualidade.

³³ Sobre a definição de elite para a qual se faz referência, tomamos a reflexão de NEDDEL, Jeffrey. *A belle époque tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 272-273. Neste trabalho, o autor faz um mapeamento da elite carioca, contudo, cremos ser possível – ainda que com algumas variações – estender a reflexão de Neddel para também a elite circunscrita em outras regiões do Brasil no período enfocado.

O fato é que se desde as duas primeiras décadas do século XX, o futebol vinha se constituindo como um dos símbolos de identidade nacional, na década de 1930, esta condição foi assumida, sendo motivada por representantes do próprio governo federal. Com a implantação do “Estado Novo” em 1937, discussões que implicassem a negação da presença de pluralidade étnica na população brasileira, não tiveram maiores espaços, se comparadas com décadas precedentes.³⁵

A miscigenação no país foi entendida por alguns dos intelectuais da primeira metade do século XX como uma característica da formação do povo brasileiro.³⁶ Tal percepção permitiu que se compreendessem identidades que já vinham sendo construídas em períodos anteriores. O próprio “Estado Novo” orientou estas novas perspectivas.³⁷ A este respeito, Ortiz escreveu que

A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pôde difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional.³⁸

Um dos pressupostos mais defendido pelo regime instaurado em 1937 foi a ideologia do trabalho. O “trabalhismo” constituiu-se como algo que deveria

³⁴ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 41.

³⁵ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Da mesma autora, ver também sobre este tema “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 4. p. 173-244.

³⁶ Há uma vasta bibliografia acerca da discussão referente à formação do povo brasileiro, considerando-se a multiplicidade racial da qual o país é caracterizado. Embora já bastante citados em vários estudos, optamos por mencionar mais uma vez aqui os trabalhos de Freyre e Holanda, produzidos na década de 1930, por considerá-los precursores destas discussões. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. e FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Ver também, mais recentemente, RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

³⁷ Sobre esta questão ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Cf. especialmente o capítulo que trata da busca do “homem novo”, escrito por Ângela de Castro Gomes. p. 151-164.

³⁸ Cf. ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 41.

substituir a idéia de que o povo brasileiro era indolente e preguiçoso.³⁹ A música popular, por exemplo, foi um instrumento explorado pelo regime instaurado como forma de propagandear o culto ao trabalho, e negar o seu inverso.⁴⁰

Ao estudar a exploração da música como instrumento de legitimidade do Estado Novo, Antônio Pedro disse que “ (...) a conexão entre o enaltecimento do trabalho revestido de ato de patriotismo só aumenta a importância que tem a ideologia do trabalho, a ponto de impregnar vários setores da produção cultural, em especial da canção”.⁴¹

O atleta de futebol, e o esporte de modo geral, também foram objetos explorados pelo poder público na busca de um Brasil “novo”. A percepção do valor do trabalho era, na perspectiva do chamado Estado Novo, uma condição imprescindível para o país que se anunciava. Houve, neste período, uma intensa política de valorização do trabalho e do trabalhador, motivada também pelo DIP.

(...) A preocupação com o ócio e a desordem era muito grande e educar um indivíduo pobre era principalmente criar nele o hábito do trabalho.⁴² (...) O trabalhismo brasileiro manteve laços com as iniciativas governamentais no campo da política social, fossem elas voltadas para as condições de trabalho, educação, saúde, habitação, lazer ou quaisquer outras.⁴³

A música também teria, ao lado do rádio e do cinema, um papel central neste esforço educativo e de mobilização, onde a linha divisória entre a cultura e a propaganda tornava-se tão difícil de estabelecer. A presença de Heitor Villa-Lobos foi fundamental, principalmente através do canto orfeônico, em que se creditava a capacidade de desenvolver um espírito de cooperação contra o individualismo e de nacionalidade.⁴⁴

³⁹ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. Ver também GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.

⁴⁰ Cf. MATOS Cláudia. *Acertei no milhar. Samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Ver também SALIBA, Elias Thomé. “A dimensão cômica da vida privada na República”. In: SEVCENKO, Nicolau. *A história da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 3. p. 290-365.

⁴¹ Cf. PEDRO, Antônio. *O samba da legitimidade*. São Paulo: USP/Dissertação de mestrado, 1980. p. 31. Ver também a este respeito CONTIER, Arnaldo Dayara. *Brasil novo, música, nação e modernidade: os anos 20 e 30*. São Paulo: USP/Tese de Livre-Docência, 1988.

⁴² Cf. GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 25.

⁴³ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 31.

⁴⁴ Cf. SCHWARTZMAN, Simon. (org.) *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 1984. p. 90.

Se o futebol no Brasil seria compreendido como símbolo de identidade nacional, e caracterizado como esporte popular de massa na década de 1930, em âmbito internacional (especialmente na Europa) ele já era um esporte praticado por diferentes camadas sociais no século XIX, como aponta Hobsbawn, ao fazer referência aos operários da Inglaterra da década de 1870. Diz ele: “O jogo [futebol] tinha o domínio quase completo dos atletas de origem proletária (...) O futebol já possuía uma vida subterrânea como esporte para o espectador proletário da década de 1870.”⁴⁵

Tal como determinados estilos musicais como o samba, por exemplo, o futebol foi concebido pelo Estado com o caráter de “nacional”, ainda que inicialmente elementos como o samba e o futebol não eram compreendidos como símbolos de nossa identidade. Importante observar que samba e futebol constituem manifestações culturais fortemente marcadas pela presença de negros e mais humildes em seu universo.

Existem músicos e atletas com muito talento pertinentes a diferentes etnias e setores sócio econômicos nestas duas manifestações, porém, é certo a constatação de que os negros foram absolutamente importantes na trajetória de ambos elementos ao longo do século XX.

No caso do futebol, deve-se afirmar que os atletas mais vitoriosos do país até a década de 1950 eram predominantemente negros. Dentre eles, mencione-se Arthur Friedenreich (décadas de 1910 e 1920), Domingos da Guia (década de 1930), Leônidas da Silva (décadas de 1930 e 1940), Pelé e Garrincha (décadas de 1950 e 1960). É certo que vários atletas de outra origem étnica e social também

⁴⁵ Cf. HOBBSAWN, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 262.

foram importantes em vitórias do futebol brasileiro, mas é certo também que estes atletas tiveram um papel apenas de coadjuvante, se comparados com os jogadores anteriormente mencionados.⁴⁶

A presença e os ocasionais êxitos desses atletas em campo, contribuíram para uma maior aproximação entre boa parte da população e o futebol. Nas mais variadas interpretações dos diversos períodos históricos, o conceito de cultura popular se liga ao de identidade nacional. As diferentes manifestações da cultura popular poderiam - ou não, necessariamente -, se apresentarem como símbolos de identidade nacional.

Para Burke, a cultura popular pode apresentar diferentes significados de acordo com a sociedade e com o período em que ela está sendo pensada. No caso brasileiro (assim como na Europa), o futebol constituiu-se como um elemento da cultura popular urbana. Não obstante ter-se em conta que este conceito é um tanto difuso, o aplicaremos entendendo que, num primeiro momento, a cultura popular é criada e vivenciada por segmentos populares e/ou subalternos; de outro modo, entendemos o futebol como cultura popular urbana e de massa, a qual atrelada ao desenvolvimento de sociedades urbanas e industriais, ou com perspectivas de urbanização e industrialização, alcançaram diversas camadas sociais, independentemente de suas origens étnicas e/ou condições econômicas. Segundo Burke:

(...) Uma questão hoje levantada frequentemente é que o termo cultura popular dá uma falsa impressão de homogeneidade e que seria melhor usá-la no plural(...) A fronteira entre as várias culturas de um povo e as culturas da elite (e estas tão variadas quanto aquelas) é vaga e por isso a atenção de estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas(...) Concorde, por exemplo, que o termo cultura popular tem um sentido diferente quando usado por historiadores para referir-se: 1) à Europa por volta do ano de 1500, quando a elite geralmente

⁴⁶ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

participava da cultura do povo, e 2) ao final do século XVIII, quando a elite geralmente tinha se retirado.⁴⁷

A historiografia não deveria mais prescindir de estudos que visem discutir práticas que simbolizem a cultura popular de uma sociedade qualquer. Os novos paradigmas, as novas concepções metodológicas, a maior amplitude de utilização de fontes documentais e novas linguagens condicionaram novas perspectivas e abordagens temáticas para os historiadores. Autores como Chartier, Burke, Foucault, Certeau, Ginsburg, dentre outros, demonstraram em seus trabalhos que são cada vez mais freqüentes as possibilidades e variedades de inúmeros temas que podem e devem ser submetidos à análise historiográfica, o que concorre, por certo, para uma maior produtividade dos trabalhos de história.

A perspectiva de se investigar temas que foram, relativamente, negligenciados pelos historiadores, apresenta-se como um fato muito importante e promissor para as ciências humanas e sociais. O resultado disso poderá caracterizar o crescimento de produções científicas, cujas abordagens vinculam-se a possibilidades antes pouco exploradas pelos historiadores. Acreditamos que o estudo sobre o futebol brasileiro e todo o universo que o circunda, insere-se nestas perspectivas.

Os diferentes jogos de futebol entre as equipes nacionais, mas fundamentalmente, os confrontos de seleções por ocasião da realização das copas do mundo, sobretudo a de 1950 realizada no país, evidenciaram um fenômeno: houve um sentimento nacional em torno do futebol. Como decorrência, movimentou-se a economia e a política da capital federal, através – entre outras

⁴⁷ Cf. BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1981. p. 20-21.

coisas - da construção do Maracanã, complexo arquitetônico que contou com dinheiro público para que fosse erguido.

Este conjunto de circunstâncias também foi suficiente para que vários segmentos sociais e poder público visualizassem no futebol uma das formas de representação da nacionalidade. Neste sentido, órgãos institucionais apoiaram-se neste esporte identificando-o como essencialmente “brasileiro”. Aqui também reside sua importância como elemento da história cultural, a qual “tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.⁴⁸

Com a percepção de que a prática do futebol, e todo o universo que o rodeia, seria uma componente de importância na ocupação do tempo livre de boa parte da população brasileira, sua representação foi fortemente explorada como símbolo do sentimento nacional, tanto pelo poder público quanto pelos periódicos aqui pesquisados. O discurso de ambos indicava esta perspectiva, conforme demonstraremos ao longo do trabalho. A este respeito, acreditamos ser possível retomar o que disse Chartier. Segundo o autor,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (...) As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.⁴⁹

⁴⁸ Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p. 16-17.

⁴⁹ Cf. CHARTIER, Roger. *Op. Cit.* p. 17.

Como esporte que foi gradativamente praticado também por diferentes camadas sociais, acreditamos na associação do futebol como uma cultura popular de massa. Atentos a essa dinâmica, vários veículos de comunicação circunscritos nas primeiras décadas do século XX, passaram a cotidianamente noticiar os acontecimentos do futebol, conforme se observará nos jornais “O Estado de S. Paulo”, da cidade de São Paulo e o “A Noite”, da cidade do Rio de Janeiro. Além da imprensa escrita, o rádio foi muito importante para a “massificação” do futebol. Sobre esta questão vale pontuar o que disse Magnane:

Seria um absurdo associar as palavras esporte e cultura se nos tivéssemos (...) aos conhecimentos sancionados por títulos ou diplomas universitários (...). É enquanto fato social de massa que o esporte nos parece capaz de exercer uma influência cultural de alguma importância. Convém portanto avaliar a popularidade do esporte, procurar as suas causas e caracterizar suas principais manifestações.⁵⁰

Ao se transformar num esporte que fazia parte do cotidiano nos grandes centros urbanos das primeiras décadas do século XX (e, especialmente, a partir de 1930), o futebol pressupunha uma tendência ou possibilidade que seria corroborada: Tornar-se um dos símbolos de identidade nacional.⁵¹ Nos jogos da seleção brasileira, conforme demonstraremos ao longo deste trabalho, havia um sentimento nacional, ainda que este fosse amplamente incentivado e estimulado pelos diferentes veículos da imprensa (escrita e falada – em que pese toda a orientação ideológica destes veículos, especialmente as do “O Estado de S. Paulo” e do “A Noite”), e pelos representantes do governo federal o que, aqui, nos interessa discutir.

⁵⁰ Cf. MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 75.

⁵¹ Sobre esta trajetória que resultaria na efetiva possibilidade do futebol se tornar uma das práticas populares mais presentes no cotidiano dos centros urbanos, ver, entre outros, SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/ Dissertação de Mestrado, 2000.

Compreendendo a cultura popular e a identidade como elementos abstratos, e definidos a partir de épocas e espaços temporais distintos, concordamos com Ortiz, quando ele se refere especificamente ao caso brasileiro, ao dizer que é mais adequado referirmo-nos à “cultura popular no plural”, portanto em “culturas populares”.⁵² Nesta perspectiva, outras manifestações dos elementos componentes de nossa cultura popular poderiam ser encontrados, por exemplo, no samba ou no carnaval.

É importante observar que, ao lado do futebol, os elementos exemplificados passaram a ser entendidos como manifestações de nossa cultura popular justamente nas primeiras décadas do século XX, período em que se refletia acerca da (re) definição de nossa identidade, pensada por personalidades representantes do poder público e por alguns intelectuais.

Poder-se-ia, deste modo, supor que a recepção de determinados elementos culturais guarda vínculos com interesses do governo federal quanto a sua propaganda. Isso foi perceptível pela própria “cultura política”⁵³ empreendida pelo “Estado Novo”, por ocasião de sua implantação. As diferentes manifestações de cultura popular, tal como símbolos de identidade são passíveis de diferentes interpretações, especialmente se as mesmas forem dirigidas por órgãos institucionais que agem com parcialidade. Oportunamente, voltaremos a esta questão.

O paradigma de culturas populares não apresenta, em princípio, um caráter de atendimento a um projeto político, seja ele qual for. O futebol, neste sentido, não

⁵² Cf. ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 134.

⁵³ As questões que dizem respeito às manifestações culturais foram compreendidas em termos políticos durante o Estado Novo, o qual criou seus próprios modelos de cultura, e o propagavam em meio à sociedade. Existia uma revista chamada “Cultura Política”, a qual tinha como objetivo difundir estes modelos. Almir de Andrade foi o responsável por esta revista. Cf. entre outros. GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

pode ser responsabilizado em si (tal como várias vezes o foi), como instrumento que estaria a serviço desta ou daquela ideologia política.⁵⁴ Discordar que o esporte, em vários momentos, de fato foi instrumento de manipulação política, seria um engano. Todavia, ele apenas teve, circunstancialmente, este papel durante alguns períodos após a década de 1930, justamente por ele representar um amplo alcance popular. Consideramos ser um equívoco supor que o futebol significa, peremptoriamente, um instrumento de imobilidade política, ou o seu inverso.

Para além do significado político que o futebol poderia expressar em determinados períodos da história republicana brasileira, ele significou uma das manifestações das práticas do cotidiano de uma sociedade, a qual rapidamente absorveu o esporte em seu seio. Os diferentes sujeitos que participaram inicialmente desta cadência, não poderiam supor que o esporte por eles praticado, se tornaria um dos símbolos da cultura popular. Novamente, retomaremos o que disse Burke:

(...) A história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construído” socialmente e portanto requer explicação e interpretação social e histórica. Essa nova história cultural é às vezes chamada história “sócio-cultural” para distingui-la das histórias mais tradicionais da arte, da literatura e da música.⁵⁵

A História cultural veio, durante o século XX, propor novos paradigmas para a interpretação dos diferentes fenômenos, sem a necessária preocupação com perspectivas apenas políticas e/ou econômicas. Estas possibilidades de leituras de diferentes aspectos da História são importantes, mas devem ser associadas a elas novas abordagens, as quais passam pela cultura, entendida não como uma

⁵⁴ Em vários momentos o futebol, e o universo que o circunda, foi acusado de ser o ópio do povo. Dentre inúmeros autores que assim procederam, mencione-se RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis, Vozes. 1984.

manifestação de grupos restritos e/ou de um grupo dominante, seja pelo poder político-econômico, seja pelas condições intelectuais.⁵⁶

Desta maneira, não se pode separar, por exemplo, “cultura erudita” de “cultura popular”, ou “cultura dos ricos” e “cultura dos pobres”⁵⁷. Cabe ao pesquisador investigar os aspectos culturais de uma comunidade qualquer, sem a necessidade de, antecipadamente, estabelecer os códigos de convivência deste ou daquele grupo social. Vários destes códigos de determinadas culturas são construídos em tempos e espaços diferentes, e portanto, são reconstruídos.

O futebol foi inicialmente praticado por um grupo social definido. Posteriormente, foi amplamente recebido por outros grupos sociais, distintos daqueles para os quais ele foi difundido num primeiro momento. Especialmente os jovens filhos de camadas sociais mais humildes visualizaram na prática do esporte, uma possibilidade momentânea de igualdade em relação aos jovens de origens sociais mais abastadas. Não obstante, o futebol ser essencialmente uma forma de lazer, estudá-lo significa, a nosso ver, entender aspectos singulares, mas importantes na vida do povo brasileiro quanto aos hábitos do cotidiano no século XX. Desse modo, a história cultural não impõe obstáculos na tentativa de se interpretar o significado e a representação de elementos como o futebol e temas correlatos.

Não se trata de fazer uma História do pensamento ou de uma História intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar

⁵⁵ Cf. BURKE, Peter. *Op. Cit.* p. 25.

⁵⁶ Cf. BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. Neste trabalho, encontram-se artigos de vários historiadores que escrevem sobre a história numa perspectiva da história cultural. Sobre a questão colocada, ver especialmente o texto de Peter Burke denominado “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. p. 7-37.

⁵⁷ Cf. CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e o outras falas*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 39-83.

a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.⁵⁸

Os “significados construídos” aos quais fizemos referência, podem ou não, ser (re) construídos à medida que o tempo avança. O cenário sócio-cultural e o espaço e tempo nos quais o homem está inserido é que poderá estabelecer novos modelos de construções de práticas sociais. Não se pode, por exemplo, falar categoricamente de futebol como símbolo de identidade nacional no século XIX. Os fatos poderão ser reescritos e reinterpretados de acordo com as questões que o presente apresenta em relação a diferentes períodos da história.

As pessoas e/ou grupos de diferentes camadas sociais atribuem significados ao universo em que vivem através de representações que são construídas no meio que os cerca. Neste sentido, cada uma dessas pessoas, ou cada um desses grupos, poderá conferir interpretações diversas sobre o significado imputado a determinados elementos.

A representação é conceito dos mais importantes na história cultural. Através dela, pode-se pressupor leituras acerca de diferentes temáticas, todavia, correndo-se o risco iminente de cometer equívocos, diante da ambigüidade da “representação” que poderíamos pressupor. Considerando que a representação envolve também processos de identificação, sentimentos, legitimação e exclusão,⁵⁹ cremos que o futebol significou - a partir da década de 1930 – tanto para setores da imprensa (importante divulgador da prática do futebol, o que contribuiu para a sua

⁵⁸ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

⁵⁹ Chartier é um dos principais intelectuais que dedicou suas análises acerca da representação. De maneira sintética, porém bastante pertinente, Pesavento escreveu em 2003 um trabalho fazendo um balanço de vários conceitos fundamentais para a história cultural. Dentre estes conceitos, está o da representação. Na sua argumentação, estão presentes não apenas análises de Chartier, mas também de outros intelectuais, que, igualmente, trabalham com temáticas da história cultural, como Burke, Certeau, Geertz, Ginzburg, Hunt, Levi, Le Goff, dentre outros. Sobre representação, ver

condição de esporte popular de massa), quanto para o governo federal, algo que poderia simbolizar o sentimento nacional, num período em que tanto se buscava esta possibilidade, fosse ela originada de uma prática esportiva, de uma canção popular de ritmos diversos, ou de outra manifestação qualquer.

A trajetória do futebol brasileiro esteve associada a novos códigos de comportamentos, sobretudo dos jovens circunscritos no início do século XX, mas não somente a essa faixa etária. Ao se constituir como algo presente no cotidiano também de pessoas mais velhas, fossem homens ou mulheres, ricos ou pobres, a sociedade de modo geral, e a imprensa e poder público de modo particular, visualizaram no esporte um elemento que também fazia parte da vida de grande número de pessoas.

O interesse pelos jogos de futebol era uma realidade. Este interesse vinha de diferentes segmentos sociais,⁶⁰ ocasionando um sentimento coletivo em torno do esporte, cabendo-lhe novo sentido, a saber o da nacionalidade. As copas do mundo que serão aqui estudadas revelarão isto, sobretudo a de 1950, realizada no Brasil.

Diante do acompanhamento das partidas de futebol através dos periódicos, e da representação a ele conferida a partir da década de 1930, o esporte se expressava de várias maneiras, dentre elas, como prática social e esportiva de alcance para diferentes camadas sociais, vindo a ser representado pela imprensa e pelo governo federal como símbolo de identidade nacional. A orientação político-ideológica de determinados periódicos foi importante nesta representação conferida ao futebol na década de 1930. Isto será verificado nas leituras dos dois principais matutinos pesquisados neste trabalho: “O Estado de S. Paulo” e o “A Noite”.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. ver também PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 39-68.

Mesmo verificando que as matérias sobre o futebol aparecem de forma “periférica” nos jornais das décadas de 1930 a 1950, é possível entender o interesse dos editores dos matutinos em noticiar a prática do futebol, uma vez que, segundo a própria ênfase dada às informações neles contidas, supõe-se que havia um público leitor relativamente numeroso, das notícias.

Isto é importante ao imaginarmos que a atenção direcionada ao futebol pelos periódicos, e demais veículos de informação contribuíram sobremaneira para a popularização do esporte, o que nos leva a crer que a importância dada ao futebol pelos matutinos se devia também ao fato do esporte revelar aspectos singulares do cotidiano do brasileiro, mas que estruturalmente, eram significativos quanto ao acompanhamento que as notícias futebolísticas representavam. Em entrevista concedida à Revista “Pós-História” da UNESP/Campus de Assis, Chartier, indagado acerca das “possibilidades da História Cultural”, disse que

(...) O que me parece definir a história cultural nos últimos anos, ou uma aproximação cultural da história, o que me pareceria quicá uma formulação melhor, é justamente entrar na complexidade de uma sociedade a partir de um elemento particular – uma biografia, uma existência singular, um evento, uma prática particular. A partir deste destino individual, desta prática específica, ou deste evento, se pode reconstruir a totalidade dos laços, interdependências, relações que definem o mundo social.(...) ⁶¹

Creemos que entender a trajetória do futebol no Brasil, e algumas de suas nuances, permite compreender as razões de sua rápida absorção popular num país marcado pelo recém passado escravista, e pela exclusão social. O futebol significou também a possibilidade concreta – ainda que bastante restrita a alguns poucos – de ascensão social a negros e brancos pobres. Além disso, possibilitou a condição do país ser ovacionado por outros continentes como o “país do futebol”,

⁶⁰ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁶¹ Ver Entrevista com Roger Chartier In: *Pós-História: Revista de Pós-graduação em história.* UNESP/Assis, 1999. p. 11.

em razão das suas vitórias dentro de campo, proporcionadas pela boa habilidade do atleta brasileiro. O resultado disso foi o reconhecimento do país, em âmbito internacional, como um daqueles que mais eficientemente pratica o esporte mais popular do mundo, conforme se verá no desenvolvimento dos capítulos seguintes.

Conforme mencionado, veículos da imprensa e representantes do governo federal foram importantes neste processo de sentimento nacional via futebol, embora ambos não tivessem interesses apenas esportivos nesta dinâmica. O jornal, a revista, a entrevista, sejam eles quais forem, não são completamente imparciais na veiculação das notícias, tampouco na análise das mesmas. Cabe ao historiador avaliar o sentido e o direcionamento pelos quais tais notícias são veiculadas e caracterizadas.

Um aspecto notório na leitura dos jornais e revistas, é que à medida que os anos avançavam, e especialmente, por ocasião da realização das copas do mundo de futebol iniciadas em 1930, houve um maior interesse no acompanhamento do futebol. Cremos que tal fato decorre do gradativo alcance popular despertado pelo esporte. Conforme se verá, o poder público ao se aperceber disto, destinou a ele mais atenção.

Não é tarefa fácil compreender e interpretar fontes originadas de crônicas esportivas, tal como buscamos fazer neste trabalho. Invariavelmente se percebe a orientação clubística e mesmo político-ideológica de quem emite a notícia. Um exemplo disto será observado na associação entre “movimento constitucionalista de 1932”, e a participação dos atletas nesse movimento, na perspectiva de “O Estado de S. Paulo”.

A performance da seleção brasileira no campeonato sul-americano de 1937 disputado na Argentina, e na copa do mundo de 1938, disputado na França, foram

amplamente explorados pelos periódicos e pelo poder público, no sentido de se propagar que a vitória da seleção brasileira *de futebol* seria a “vitória do Brasil”, contribuindo para a busca do sentimento nacional, também através do esporte.

Ao contactar a secretaria do jornal o “O Estado de S. Paulo”, a fim de saber quem escrevia as colunas de esportes desse matutino, com o objetivo de traçar, minimamente, um perfil daquele que escrevia, fomos informados de que o periódico não tinha esclarecimentos mais precisos sobre quem redigia as colunas esportivas. Contrariamente ao que se vê em décadas mais recentes, as colunas, sejam elas relativas à economia, política ou esportes, não eram assinadas, o que dificulta supor, de forma mais precisa e adequada, as motivações para que tais colunas fossem publicadas.

De qualquer modo, as poucas referências sobre aqueles que escreviam colunas esportivas nos levaram, então, a leituras sobre a orientação ideológica da própria direção dos jornais pesquisados no espaço temporal que abarca este trabalho. Ao longo do texto, será observado que em várias ocasiões, os colunistas reproduziam aquilo que era orientado pelos representantes do governo federal, em especial após a instauração do Estado Novo, quando a imprensa era fiscalizada pelo DIP. Ao referirmo-nos às matérias, isto poderá ser verificado.

Diante do golpe do Estado Novo, desfechado em 10 de novembro de 1937, o jornal anunciou “profundas alterações na ordem político-social do país”. (...) A partir daí, contudo, o jornal foi gradualmente limitando a amplitude de sua atuação política, pressionado pelo estreito controle da censura. O noticiário voltou-se para festas de formatura, reformas de militares, reuniões religiosas, reportagens policiais e notícias do estrangeiro. Cresceu a seção esportiva e a “seção livre” praticamente desapareceu. A censura examinava todos os dias as provas tipográficas do jornal, devolvendo-as com um visto ou, como era frequente, cortando com tinta vermelha trechos ou mesmo artigos inteiros.⁶²

⁶² [Http://www.FGV.CPDOC.com](http://www.FGV.CPDOC.com) Disponível em *Verbetes temático*, DHBB do CPDOC, “O Estado de S. Paulo”. Acesso em 14-06-2004.

Não obstante, as matérias veiculadas nos periódicos serem ocasionalmente caracterizadas pelas orientações político-ideológicas, elas foram importantes quanto às questões que buscamos no desenvolvimento deste trabalho: verificar a exploração do futebol como símbolo de identidade nacional entre as décadas de 1930-1950.

Todavia, é preciso atentar-se para a visível subjetividade/parcialidade demonstrados pelos periódicos pesquisados. Os jornais, revistas e publicações avulsas tratam questões relacionadas ao esporte (assim como outro assunto qualquer) sob o “calor da hora”, e, deste modo, isto deve ser considerado. É preciso ter em conta que o cronista lida com as notícias do cotidiano, o que poderá levá-lo a vários equívocos.

A utilização do jornal como fonte é algo relativamente recente na historiografia.⁶³ De fato, ele não é um instrumento que expõe os fatos de forma isenta. Muitas vezes, ele desempenha o papel inverso, sob a forma de orientar determinados noticiários, vindo mesmo a induzir o leitor nas suas argumentações. Por outro lado, não há como supor uma fonte plenamente imparcial, seja ela qual for. cremos, contudo, que a imprensa constitui uma possibilidade importante quanto às interpretações que possamos fazer quanto ao acompanhamento dos fatos do cotidiano, e, o que mais aqui nos interessa, da trajetória do futebol brasileiro.

(...) O jornal tem uma forma de olhar e registrar as coisas do cotidiano da sociedade. Todo jornal tem uma perspectiva que orienta o modo de produzir a notícia, a informação, as idéias e os valores da cultura nas suas diversidades e contradições. É certo que o jornal, em todas as épocas, pregou o culto à objetividade, tal como faziam os positivistas que defendiam o fato-verdade como a razão de ser da análise histórica. Ainda hoje, para muitos

⁶³ Dentre alguns trabalhos que se caracterizaram pelo uso de jornais como fontes, um dos que se destaca é o de Maria Helena Capelato. Nele, a autora, essencialmente, lançou mão de jornais como fonte para suas investigações. Trata-se de “Os arautos do liberalismo - imprensa paulista: 1920-1945”; publicado pela editora brasiliense, em 1989.

historiadores, tudo que está no documento tem que ser verdadeiro, e para isso, dizem equivocadamente que é preciso examinar a veracidade do que está escrito. (...) O fato construído pelo jornal tem implicações ideológicas, devem ser consideradas pelo historiador. Há que se considerar também a opinião do jornal, pois por trás do fato produzido subjaz uma visão de mundo dos jornalistas e do proprietário do jornal que interfere fortemente na notícia (...).⁶⁴

Além de periódicos, várias outras modalidades de fontes vêm sendo trabalhadas pelo historiador, como imagens e sons, por exemplo.⁶⁵ Não obstante a compreensão dos riscos relativos à forma como as colunas esportivas nos transmitem a informação, o que pode caracterizar equívocos na sua leitura e interpretação, é necessário pontuar que estudos relacionados ao futebol brasileiro permaneceram distantes dos historiadores por muito tempo.

Tal fato poderá ser verificado, se observarmos o que tem sido produzido por eles acerca desta temática. As colunas esportivas dos periódicos constituem um importante instrumento da memória do nosso futebol, o que não encontramos, de forma significativa, em outras possibilidades de investigação de fontes no período do qual trata este estudo.

Aliás, dois dos principais trabalhos por nós utilizados foram escritos por “memorialistas” do futebol brasileiro (Thomaz Mazzoni e Mário Filho⁶⁶), além de

⁶⁴ Cf. ALVES, Paulo. “Experiência de investigação: pressupostos e estratégias do historiador no trabalho com as fontes”. In: CREDDO, Maria do Carmo Sampaio Di. (org.). *Fontes históricas: abordagens e métodos*. Assis: UNESP, 1996. p. 34-35

⁶⁵ Com relação a estudos que tiveram a imprensa como objeto de pesquisa, mencione-se CAPELATO, Maria Helena, e PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino - imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980. CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo – imprensa paulista: 1920/1945*. BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a oligarquia paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1974. CONTIER, Arnaldo Daraya. *Imprensa e ideologia em São Paulo.: 1822-1842*. Petrópolis: Vozes, 1979. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como instrumento de trabalho*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1975. Além dos autores mencionados, vale destacar o trabalho de Sevcenko, o qual muito explorou os periódicos para analisar a mudança dos hábitos e do comportamentos do paulistano nas primeiras décadas do século XX. Ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

⁶⁶ Os livros aos quais fazemos referência, são *A história do futebol no Brasil – 1894/1950*, e *O negro no futebol brasileiro*. Escritos, respectivamente, por Thomaz Mazzoni e Mário Filho.

diletantes. Cremos, deste modo, que os periódicos são importantes no processo de acompanhamento dos aspectos inerentes ao futebol. Segundo Le Goff,

(...) O documento que, para a escola histórica positivista do fim do séc. XIX e do início do XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. (...) A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com idéias pré-concebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar tudo o que eles contêm. (...)⁶⁷

A leitura das colunas esportivas dos jornais e revistas esportivas nos revelou alguns aspectos fundamentais para os objetivos almejados, dentre eles um dos que mais aqui nos interessa: a da condição do futebol transformar-se, na década de 1930, como um esporte popular de massa. À medida que os anos avançavam, percebia-se um maior espaço destinado às notícias esportivas, justamente pelo fato delas despertarem mais atenção e interesse nos leitores.

Um dos papéis dos periódicos é o de relatar aspectos da vida cotidiana de uma sociedade, ou de uma comunidade qualquer. Os registros feitos por eles poderão revelar o sentimento coletivo e/ou individual de diferentes grupos sociais, ainda que estes registros nos cheguem, eventualmente, de forma “dirigida” e/ou equivocada. As informações neles contidas devem ser submetidas à interpretação acerca das notícias que foram produzidas, quais seus significados, enfim quais as representações que estão ou não expressas na informação, e mesmo, por detrás delas.

É fundamental que se avalie as circunstâncias de espaço e tempo nos quais as emissões de opiniões foram dadas. Em princípio, o periódico não é um veículo que tem como meta mentir ou enganar. Como fonte histórica, o periódico se mostra como instrumento de trabalho do historiador que busque perceber as diferentes situações vividas, as tensões, os conflitos, as práticas sociais da vida dos

moradores de uma localidade qualquer. No caso brasileiro, jornais, revistas e similares exerceram um papel importante quanto ao acompanhamento diário da trajetória do futebol, o que contribuiu para sua massificação.⁶⁸

A suposta isenção nas abordagens pelos historiadores e outros profissionais no estudo de um tema, não é tarefa das mais fáceis. Neste sentido, a leitura dos periódicos como fontes considera a perspectiva da imparcialidade sob vários aspectos na interpretação das informações. Veículos da imprensa, em vários momentos, apresentaram suas informações e opiniões de modo a manipular quem as recebia.

Segundo Capelato, desde a década de 1920, tanto imprensa quanto partidos políticos, foram utilizados pelas “elites dirigentes” como instrumentos que formariam a consciência nacional.⁶⁹ Dentre os matutinos, um dos que mais teve influência nesta dinâmica foi o “O Estado de S. Paulo”. Este periódico, ao lado do jornal “A Noite” do Rio de Janeiro (ambos por nós utilizados neste trabalho) além de outros tantos, tiveram um papel importante ao enfatizar, diariamente, que a prática do futebol representaria a “garantia do físico saudável”, “pureza do espírito” e “símbolo da nação”.

Este discurso foi bastante difundido, sobretudo após a instalação do “Estado Novo” em 1937, quando na perspectiva do poder público, se explorou mais a idéia do futebol como símbolo da nacionalidade. Optamos por explorar as notícias veiculadas principalmente nos jornais “O Estado de S. Paulo”, no “A Noite”, e no “Correio da Manhã”, por considerar que eles tinham ampla circulação nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, localidades de maior importância no que tange a

⁶⁷ Cf. LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. Lisboa: imprensa nacional, 1984. p. 95-96.

⁶⁸ Sobre a comunicação de massa, ver, entre outros: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

número de clubes e de torcedores entre as décadas de 1930, 1940 e 1950. Por outro lado, temos a devida medida da orientação político-ideológica dos periódicos mencionados. Eles exerceram papel igualmente importante no processo de massificação do futebol.

Muitas das matérias que chegavam aos periódicos continham idéias de “segunda mão”, posteriormente escritas pelos cronistas esportivos, para então serem publicadas. Este fato, por si só, deve ser relativizado quando se utilizam tais matérias como fontes, razão pela qual, a postura da direção do jornal deve ser avaliada.

Valendo-se de sua experiência no trato com os assuntos diversos, os cronistas escreviam suas impressões acerca dos fatos. Por isso mesmo é perceptível, no caso do futebol, como as informações por vezes eram vagas e redundantes. Tanto Mazzoni, como Filho,⁷⁰ por exemplo, escreviam colunas esportivas em jornais. O próprio Mazzoni escreveu um trabalho em 1941, encomendado pela “Biblioteca da Escola de Educação Física”, cujo objetivo precípua era o da valorização do esporte, através dos benefícios que ele poderia conferir à sociedade.⁷¹

É importante dizer que não somente a imprensa escrita se orientava a partir de suas “conveniências”. No rádio, houve uma difusão da idéia de representação da nação também via futebol. Não obstante dirigir suas palavras a outras questões que não estão diretamente ligadas ao futebol, é possível retomar o que disse

⁶⁹ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo – imprensa paulista: 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁷⁰ O Maracanã, gigantesco complexo arquitetônico construído para abrigar a Copa do Mundo de futebol em 1950, teve inicialmente o nome de “Estádio Mendes Moraes”. Moraes foi prefeito da capital da República, à época da construção. Posteriormente, o estádio passou a se chamar “Mário Filho”, em homenagem a um dos jornalistas que mais se envolveu com o futebol brasileiro. Mário Rodrigues Filho é de uma família de jornalistas, da qual faz parte seu irmão, e também cronista esportivo (além de teatrólogo), Nelson Rodrigues.

⁷¹ Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941.

Capelato com relação à imprensa circunscrita no período aqui abarcado. Segundo ela,

Os representantes da imprensa tinham objetivos bem determinados, mas a luta social e política os obrigava a se desviarem do caminho preestabelecido. (...) Os diferentes grupos dominantes (em que se integravam os periódicos) uniram-se e se separaram de acordo com as conveniências do momento; seus projetos se interpenetravam, mesclaram-se e foram matizados.⁷²

Desde o início do século XX, a direção do jornal “O Estado de S. Paulo” ora apoiava, ora se opunha às medidas do governo federal. Em 1932, por exemplo, o “Movimento Constitucionalista” teve ampla sustentação do “O Estado de S. Paulo”. Na manchete do dia 10 de julho estava estampada a frase: “Está vitorioso em todo o Estado o movimento revolucionário constitucionalista”. Com respeito ao esporte, invariavelmente eram publicadas matérias intituladas “A mobilização esportiva”, numa referência à participação dos atletas no movimento. Isto será mostrado no primeiro capítulo deste trabalho.

Sobre as “mudanças de perspectivas” (mudanças estas, nem sempre voluntárias) político-ideológicas de alguns dos periódicos entre as décadas de 1920 e 1940, Capelato apontou que:

Na década de 20 [1920], o jornal “O Estado de S. Paulo” se destacou como órgão de oposição. Foi durante esse período que o campo de ação da imprensa oposicionista se ampliou. (...) Cumpre notar que esses jornais inicialmente se opuseram ao poder constituído, mas tal posição seria modificada no ano que antecedeu à Revolução de 30, quando, após a saída de Pedro Cunha, o jornal se colocou ao lado das forças governamentais. A Revolução de 30 liquidou praticamente a imprensa que apoiava o governo anterior.⁷³

Os cronistas esportivos, em especial, legitimavam a idéia da importância da prática da educação física estimulada pelo poder público, sobretudo após 1937. Ao lado de alguns políticos e intelectuais, os jornalistas de modo geral (estes, em

⁷² Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 13-14.

⁷³ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 25-26.

menores proporções), contribuíram para o projeto de “reforma da sociedade” da década de 1930, do qual a prática de esportes era parte integrante.

Ao proceder à leitura dos periódicos aqui investigados, percebemos que a partir de 1937, a seção de “esporte” ganhou mais espaço em detrimento da página de política, motivada pelo controle da censura. Ao lado dos esportes, aumentou também o espaço para outras notícias como “reformas militares” e “educação”. Atente-se ao fato de que estas alterações nas pautas de “O Estado de S. Paulo” ocorreram também em vários outros periódicos, dentre eles, o “A Noite”, do Rio de Janeiro.

Com referência especificamente à atividade esportiva, as matérias publicadas pelos periódicos, bem como os discursos de representantes do governo federal, (sobretudo aqueles ligados à educação), mantinham um discurso semelhante em relação à representação do futebol como símbolo de identidade nacional. Se na política, na economia, os discursos ocasionalmente não se encontravam (mesmo que por parte da imprensa, eles estavam submetidos ao Departamento de Imprensa e Propaganda, e, deste modo - ao menos aparentemente - deveriam seguir a “cartilha” do DIP, sob pena de sofrer intervenção), no futebol, via de regra, os discursos se combinavam. Interessa-nos aqui, analisar estes discursos. Todavia, conforme será visto, o estímulo à prática de esportes não foi um fenômeno apenas brasileiro. Ele ocorreu em vários países do mundo, sobretudo nos da Europa e nos da América.

Além do futebol, outros elementos de manifestação da cultura popular foram, na década de 1930, objetos de exploração política, o que motivou a reflexão de alguns intelectuais quanto à sua constituição como identidades da nação. O samba e o carnaval, por exemplo, através de seus ritmos e “marchinhas”, também foram

componentes deste conjunto de identidades, as quais caracterizariam o país ao longo do século XX.

Tanto o futebol, quanto o samba e o carnaval são manifestações que contam com a participação de diferentes camadas sociais e étnicas, nas suas práticas. Indagado sobre as identidades (no plural) existentes no Brasil, em função das diversas culturas localizadas em diferentes espaços sociais e geográficos, Chartier respondeu:

Na questão pode-se ver a idéia da fragmentação de uma realidade cultural no Brasil, contextualizada nos níveis regionais ou sócio econômicos. Implicitamente também está a idéia de uma sociedade que, a partir do entrecruzamento das culturas, tem produzido formas de alianças, de mestiçagens, de hibridações culturais que existem de maneira reduzida na Europa. A questão quer opor esta situação à realidade europeia e ver se essa diferenciação não deve conduzir também a diferenças de metodologias, de conceitos, de categorias. (...) Parece-me que o percurso é o mesmo: reconstruir, com os critérios de diferenciação, a diferença entre as práticas e as representações de cada comunidade. (...) Certamente há no Brasil uma dimensão que vem da história e que imediatamente se vincula à dimensão étnica das populações diversas que constituíram a sociedade brasileira.⁷⁴

A compreensão do futebol como algo que representasse o sentimento nacional, deve ser submetida às perspectivas que supõem a nacionalidade⁷⁵. No período aqui estudado, cremos que o futebol, até a década de 1930, atingia populações predominantemente urbanas,⁷⁶ residentes em grandes centros como, por exemplo, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Entretanto, foi objetivo do governo federal fazer com que o futebol chegasse a todos os “torcedores” brasileiros, independentemente das regiões geográficas em que eles se encontrassem. Conforme se verá, a partir da copa de 1938, mas sobretudo na copa de 1950, as disputas do selecionado brasileiro mobilizava

⁷⁴ Cf. Entrevista com Roger Chartier. In: *Pós-História: Revista de Pós-graduação em História*. Assis: UNESP, 1998. p.13-14.

⁷⁵ A este respeito, ver o importante estudo de OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

populações das diferentes regiões do país. Reitere-se que uma das principais ações da propaganda política do governo de Getúlio Vargas durante o “Estado Novo”, foi a de criar um sentimento nacional através também das manifestações populares.⁷⁷

Ao lado de periódicos, a transmissão radiofônica exerceu papel importante para a popularização do futebol. Tal constatação fez com que o governo federal explorasse também o rádio para sua própria propaganda. Esta postura estava associada especialmente à condição da irradiação constituir-se como uma mediadora das relações que o governo pretendia estabelecer com a construção do “homem novo” afeito ao trabalho. “Seguindo nesse ritmo acelerado de expansão nacional, no final da década de 1930 surgiria um tipo de samba que exaltaria nossas ricas peculiaridades culturais como um dado da magnitude e pujança de nossa nação (por exemplo, *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso).”⁷⁸

As transmissões radiofônicas e as matérias publicadas nos periódicos acerca do futebol sob a orientação do poder público demonstram esta cadência, mesmo que, eventualmente, não fosse esse o desejo dos torcedores, ou daqueles que, sequer, tinham apreço pelo esporte. O que interessava, na perspectiva do governo federal, era a manipulação e a defesa dos seus interesses.

Na década de 1930, o futebol se configurou como o esporte mais popular do país. Isto condicionou dois aspectos que, imbricados, são complementares. Os periódicos impressos e as transmissões radiofônicas foram fundamentais como veículos de comunicação para a popularização do futebol, da mesma maneira que

⁷⁶ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁷⁷ Sobre esta questão ver, entre outros, LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1992. CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.

o esporte contribuiu sobremaneira para que houvesse mais interesse pelos periódicos e pelas irradiações. Neste sentido, ambos foram importantes reciprocamente, o que concorreu para novas linguagens estabelecidas nessa relação com reflexos em meio aos “torcedores”.⁷⁹

A presença e o desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa, na década de 1930, foram tão marcantes que Getúlio Vargas e o Estado Novo tornaram-se seu principal meio de interlocução com as multidões. Assim como procedeu em relação ao rádio, o populismo getulista também tentou regravar e se aproximar da música popular, do carnaval e do futebol.⁸⁰

Para além da condição do futebol ser entendido como símbolo de identidade, existia a idéia de que o esporte moralizaria e concorreria para a busca do físico forte e saudável, importantes características do “homem novo”, pensadas pela ideologia do “Estado Novo”⁸¹. “Se ainda não afirmamos o predomínio físico do homem que interessa ao Brasil, não podemos acreditar em que se tenham estabelecido tendências duradouras, que influenciam uma definição moral e espiritual para a soma dos homens que compõem a unidade populacional do Brasil”.⁸²

Seja sob a forma profissional, seja sob a forma amadora, a atividade futebolística fazia parte do cotidiano, e ocupava um considerável espaço nas horas de lazer de diferentes camadas sociais, a partir da década de 1930. Esse cenário o caracterizou como uma manifestação da cultura popular de massa. Como tal,

⁷⁸ Cf. MORAES, José Geraldo Vinci de. *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994. p. 92. A este respeito, ver, entre outros, TOTA, Antônio Pedro. *Samba da legitimidade*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1983.

⁷⁹ Cf. SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. Segundo a autora, “O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida desse processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. A narração coube a Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de São Paulo, fundada em 1923), durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, em 1931”. p. 17.

⁸⁰ Cf. MORAES, José Geraldo Vinci de. *Op. Cit.* p. 105.

⁸¹ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 151-164.

acreditamos ser possível perceber o futebol como componente das práticas do cotidiano no Brasil, retomando o que Ginsburg disse a respeito de cultura, compreendendo-a como um conjunto de hábitos, de atitudes, crenças e códigos próprios de uma determinada população, independentemente da origem social.⁸³

A maior aproximação do diálogo entre as ciências humanas contribuiu para que o estudo de práticas e representações de determinados eventos ganhasse relevância na historiografia. Através da “abertura” de fronteiras entre, por exemplo, a história, a psicologia, a sociologia, a economia e a antropologia, é possível entender aspectos singulares, os quais, estruturalmente, permitem melhor compreender as práticas populares de diferentes sociedades.

Burke, Levi, Ginzburg, Chartier, estão entre tantos outros que refletiram a esse respeito, e vêm contribuindo para uma maior produtividade historiográfica. Carlo Ginzburg admite que usou de sua própria experiência para melhor “explorar o distanciamento como forma de revelar o que está oculto pelas convenções do presente”.⁸⁴

Chartier demonstra em seus trabalhos que não há hierarquia, ou maior/menor relevância temática entre as reflexões nas quais se inserem a economia, a política ou a cultura. Não há ainda prioridades entre estes campos de estudo, mas sim campos de práticas e de produção científica em todas elas, as quais conjuntamente são práticas econômicas, políticas, sociais e culturais. Toda análise circunscrita numa destas possibilidades, estarão submetidas às representações e aos significados que lhes serão conferidos.⁸⁵

⁸² “A explicação do desporto no Brasil”. In: *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, ano I, 10-10-44.

⁸³ Cf. GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

⁸⁴ Jornal do Brasil, *A história sob microscópio*, 18-08-2001. Caderno Idéias. p. 01.

⁸⁵ Cf. CHARTIER, Roger. *Op. Cit.* p. 13-89.

Cabe ao historiador, refletir sobre os diferentes significados que um objeto qualquer poderá apresentar em determinadas sociedades. Estamos aqui, objetivando compreender qual foi o sentido da trajetória do futebol no Brasil. Cremos que seu estudo permite-nos perceber algumas das práticas sociais no país. A lógica do seu sentido de implantação foi modificada. Como atividade inicialmente de caráter amador, ele passou a ser também profissional na década de 1930, exatamente por ele apresentar um amplo sentido de popularidade. O interesse por ele despertado alcançou tal nível, a ponto de provocar agitações nos corações e mentes daqueles que o acompanhavam.⁸⁶

Um outro aspecto importante para se entender o interesse nutrido pelo esporte, reside no fato de que além de proporcionar a perspectiva de emoções e distração, ele apresentou-se como condicionante das possibilidades de se manter um físico saudável, uma das razões pelas quais ele foi aqui difundido no final no século XIX. Para o sociólogo Domenico de Masi, a prática de esportes é “determinante para a sociedade pós industrial”⁸⁷. Segundo ele, através dos jogos foi possível ter o “ócio criativo”.

Importante observar que o universo esportivo passou a obter maiores proporções (quanto a sua prática), e pensado por representantes do governo federal, justamente no período entre as duas guerras mundiais. Tal fenômeno, contudo, não se restringiu ao Brasil, mas à maioria dos países.⁸⁸

Com relação à prática de esportes como “ócio criativo”, o próprio Domenico De Masi considera que “ócio criativo não é inércia, preguiça; mas sim todas

⁸⁶ A este respeito, ver TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcida organizada de futebol*. Campinas: Anpocs, 1996. Ver também do mesmo autor. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Sobre a catarse dos torcedores ver ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 73-106.

⁸⁷ Jornal do Brasil, *O esporte virou mercantilismo*, 16-09-2001. Caderno de Idéias, p. 29.

aquelas atividades em que coexistem trabalho [com o qual se criaria a riqueza], o estudo [com o qual se criaria conhecimento] e o jogo [com o qual se criaria alegria]. Quando um desses três componentes prevalece sobre o outro, cai-se na alienação e na degradação de nossas reservas psico-físicas.”⁸⁹ A referência a De Masi se explica pelo fato das idéias defendidas por ele em relação à prática de esportes, estarem ligadas às idéias do poder público nas décadas aqui estudadas. O “trabalhismo”, a “educação” e a boa “saúde” (aos quais De Masi faz referência) foram elementos dos mais destacados, defendidos pelo Estado na busca do “homem novo”.

Na Copa do Mundo de 1950 houve uma série de fatos, nos quais se percebem situações que elucidam a interpretação da postura da prefeitura da capital da República frente ao campeonato, sob a forma, por exemplo, do seu imediato apoio para a realização do torneio no país. Como esporte que mobiliza o povo, todos os motivos eram justificados – na perspectiva do poder público – para a construção do maior estádio futebolístico do mundo, a fim de abrigar os confrontos entre as seleções.

A eventual conquista do campeonato contribuiria para a propaganda de um governo “forte e empreendedor”. Numa sociedade que buscava sua própria afirmação, o potencial dos atletas de futebol poderia apresentar-se como um dos símbolos desta “busca”, na medida que as vitórias fossem ocorrendo.

Num país fortemente marcado pela exclusão social de toda espécie, pelo recém passado escravista, e onde a democracia remontava a um “grande mal entendido”⁹⁰, o título de campeão do esporte mais popular do mundo, poderia

⁸⁸ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos.” In: *Revista USP: Dossiê Futebol*. São Paulo. n. 22. jun/jul/ago de 1994. p. 30-37.

⁸⁹ *Jornal do Brasil*, *O esporte virou mercantilismo*, 16-09-2001. Caderno de Idéias. p. 29.

⁹⁰ CF. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

condicionar – mesmo que simbolicamente, e na perspectiva do governo – a situação de um país com um futuro promissor, fosse no aspecto político, fosse no aspecto econômico, e com a devida exploração desta conquista. Este aspecto será aqui abordado.

Uma das principais motivações que tivemos para executar um trabalho sobre a exploração do futebol como símbolo de identidade nacional entre as décadas de 1930-1950, diz respeito ao fato de que há uma constatação central: nosso objeto de estudo ainda insere-se em pesquisas que se situam à margem de nossa historiografia, embora este quadro venha mudando paulatinamente.

Consideramos que é oportuno o estudo do nosso futebol, tendo como uma das perspectivas de análise a influência do poder público em seu seio, sobretudo em ocasiões de realização de copas do mundo, evento que ocorre periodicamente a cada quatro anos, desde 1930. Constatamos que houve um forte interesse do governo federal nas copas do mundo aqui estudadas: 1930/1934/1938/1950/1954/1958. A não realização das copas de 1942 e 1946, se deve à eclosão da segunda guerra mundial.

A produção historiográfica sobre o futebol brasileiro no período temporal aqui recortado é relativamente escassa. Desse modo, vale reiterar que não tem havido o interesse de historiadores em relação ao estudo deste esporte, embora ele represente uma das importantes manifestações da cultura popular de massa do país.

Vários trabalhos sobre esta temática foram feitos por jornalistas, memorialistas, diletantes, além de alguns sociólogos, antropólogos e profissionais afins, o que não diminui, por certo, a qualidade e a importância destes trabalhos. Todavia, de modo mais regular, apenas recentemente o futebol tem despertado o

interesse especialmente de mestrandos e doutorandos (além de alguns já titulados mestres e doutores) em história nas universidades do país.

Dentre os trabalhos realizados sobre o futebol na primeira metade do século XX, destacam-se “O negro no futebol brasileiro” de Mário Filho, e outros dois escritos por Thomaz Mazzone, denominados “História do futebol no Brasil – 1894/1950” e “O esporte a serviço da pátria”. Estes autores, ambos cronistas esportivos⁹¹, acompanharam a trajetória do nosso futebol, e escreveram sobre ela de forma eminentemente narrativa, e sem maiores problematizações nas suas afirmativas.

Trabalho publicado pela primeira vez em 1947, “O negro no futebol brasileiro” é uma referência – a nosso ver – de muita importância para quem irá se ocupar do estudo acerca do futebol, embora tenha causado um debate interessante, provocado por Antônio Soares, o qual discutiu a ampla “reprodução” das idéias de Filho nos estudos feitos mais recentemente. Esta discussão foi publicada pela “Revista Estudos Históricos” em sua edição de 1999, cuja proposta temática foi “esporte e lazer”.

Soares dedica boa parte de sua tese de doutorado em Educação Física (defendida em 1998 pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro) à crítica ao que ele chamou de “novos narradores” do livro de Mário Filho. Em suas palavras, encontra-se:

Os cientistas sociais que utilizam a obra de Mário Filho, a qualificam de verdadeira, objetiva e completa. Parecem anunciar que, de fato, pouco teríamos a dizer sobre o período por ela coberto. Contudo, a utilização acrítica dos dados e interpretações do “O negro no futebol brasileiro” faz com que os novos narradores

⁹¹ Além dos trabalhos escritos por estes autores, cujas referências já foram feitas, tanto um como outro, escreviam colunas diárias nos jornais “A Gazeta” da cidade de São Paulo, e “Jornal dos Sports”, da cidade do Rio de Janeiro. Mazzone colaborava no primeiro periódico, enquanto Filho, não somente escrevia no segundo, como era o proprietário do jornal. A este respeito, ver ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1999.

acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho (...) deixam de considerar que “O negro no futebol brasileiro” e seu autor, sofreram as influências dos anos 30 e 40, narrados, sobretudo, pela mentalidade e pela esperança da conciliação racial.⁹²

Soares bem observou que o trabalho de Filho se caracteriza por apresentar equívocos metodológicos quanto a forma que o mesmo narra a história do futebol em seus primeiros momentos no país. Desse modo, há uma contribuição positiva na tese de Soares sobre “O negro no futebol brasileiro”, a partir de sua crítica ao que ele chamou de “narradores” do livro de Mário Filho.

Em contrapartida, há um aspecto que deve ser pontuado, em razão de se perceber sutilmente nas críticas de Soares, uma impressão de que o estudo de Filho não é, ou não deveria ser na sua essência, uma fonte tão utilizada pelos seus “narradores”. Para Soares, “Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas se utilizou da memória de amigos, de fatos de sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas de futebol”.⁹³

Como é perceptível na afirmação, seu autor sugere que Filho teria tratado o futebol como romance, fato de que discordamos. Compartilhamos as idéias de Soares quando ele diz que Filho não se utiliza de critérios teórico-metodológicos em seu trabalho. Entretanto, é de se constatar que Filho acompanhou vários aspectos inerentes ao futebol na primeira metade do século XX. Se suas análises, de fato, carecem de um sentido minimamente crítico nas argumentações, não podemos por isso, caracterizá-las como um “romance”, tal como sugere Soares.

A boa e bem ordenada narrativa é um dos elementos importantes da história cultural, da qual o historiador não deve prescindir. Todavia, é necessário que não sejam apenas descritivas as suas colocações. A crítica que se faz a autores que

⁹² Cf. SOARES, Antônio Jorge. “História e invenção de tradições no campo de futebol”. In: *Estudos*

escreveram sobre o futebol na primeira metade do século XX é justamente esta, conforme Soares aponta. Por outro lado, não podemos desconsiderar o que estes autores escreveram, sob a forma, inclusive, de perceber um outro elemento importante da história cultural presente nos discursos dos cronistas esportivos: o da representação.

A narrativa da qual o historiador se utiliza deve estar submetida a critérios epistemológicos e empíricos. O que se pretende neste trabalho é demonstrar como o futebol foi sendo construído como símbolo de identidade nacional, utilizando-se, fundamentalmente, os apontamentos apresentados nas colunas esportivas das revistas e jornais acerca do significado que foi adquirindo o futebol no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950.

Narrar determinados períodos da trajetória do futebol brasileiro, permite perceber as mudanças de sentidos às quais o esporte foi submetido, sobretudo no período aqui abarcado. Ao pesquisá-lo, verificamos que práticas sociais urbanas foram alteradas através dos discursos e dos hábitos da sociedade, interferindo em medidas do próprio governo federal, além de ser motivada pelos diferentes veículos da imprensa. “Esta última condição é extremamente importante para a história cultural. (...) É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias (...).”⁹⁴ Diante disto, cremos que nas crônicas redigidas pelos cronistas esportivos, é possível observar as tensões, conflitos e práticas sociais do universo esportivo das primeiras décadas do século XX.

Históricos, Rio de Janeiro, vol. 13, n.23, 1999. p. 121.

⁹³ SOARES, Antônio Jorge. *Op. Cit.*

⁹⁴ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 56-57. Sobre a narrativa na história, ver, entre outros, os trabalhos de VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da UNB, 1982. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Vários autores que estudaram as mudanças e/ou surgimento dos hábitos e comportamentos de determinados períodos e sociedades, lançaram mão de periódicos como fontes, o que lhes possibilitou uma maior amplitude analítica em seus trabalhos. Jornais, revistas e publicações avulsas vêm sendo cada vez mais trabalhados, o que permite uma narrativa mais qualificada, em face do material empírico à sua disposição. Sevcenko é um dos autores que, para analisar os ritmos e hábitos do cotidiano da cidade de São Paulo no início do século XX, se utilizou de vários periódicos e redigiu um texto narrativo muito bem construído.⁹⁵

Cabe a todos aqueles que estudam ou que venham a estudar o futebol, confrontar fontes supostamente “verossímeis” (ou não) como contraponto das idéias apresentadas nos periódicos, a fim de que as reflexões possam, ocasionalmente, adquirir maior fundamentação. Ademais, conforme lembra a “Escola dos Annales”, a história se baseia numa multiplicidade de documentos: figurados, orais, escavações, uma fotografia, um filme, uma ferramenta, um ex voto, dentre outros.⁹⁶

Mas, no plano da documentação não oficial, se situam outras fontes, como as crônicas de jornal, os almanaques e revistas, os livros didáticos, os romances, as poesias, os relatos de viajante, as peças teatrais, a música, os jogos infantis, os guias turísticos, todos os materiais relativos às sociabilidades dos diferentes grupos, em clubes, associações, organizações científicas e culturais. Tal documentação, riquíssima, é complementada por aquelas fontes saídas do âmbito do privado: correspondência, diários, papéis avulsos, livros de receitas (...) Das imagens às materialidades do mundo dos objetos, o historiador da cultura se dispõe a fazer as coisas falarem.⁹⁷

O fato é que atribuir automaticamente o uso do livro de Mário Filho como um romance é, a nosso juízo, um equívoco, assim como também o seria, dirigir esta

⁹⁵ A este respeito ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

⁹⁶ Cf. LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

⁹⁷ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 97-98.

mesma crítica às matérias dos periódicos. Os jornalistas que cobriam diariamente as notícias do futebol, tal como Filho (ou mesmo como Mazzoni) o fazia, informam ao leitor de forma supostamente imparcial. O uso de suas informações acerca de um estudo, seja ele qual for, é que deve ser criterioso.

A questão da veracidade ou não dos fatos apresentada pelo jornalista ou por outro profissional, deve ser submetida a outros critérios. É isto que buscamos fazer na leitura e interpretação dos periódicos aqui pesquisados. O que importa saber numa pesquisa que utilize informações de jornais, revistas e similares como fontes, não é, fundamentalmente, se eles estão narrando a “verdade”, mas sim, as condições em que estas supostas “verdades” foram construídas, quais foram as circunstâncias em que elas vieram à tona, e quais as suas consequências.

O questionável e perceptível tom nacionalista apresentado por vários cronistas esportivos, que cobriam os esportes entre as décadas de 1930 e 1950, como Mário Filho e Thomaz Mazzoni, e, mais especificamente, os cronistas dos jornais, “O Estado de S. Paulo” e o “A Noite”, reflete a tendência da imprensa da época, quando a mesma era orientada, em determinados momentos, pela cartilha do Departamento de Imprensa e Propaganda durante a vigência do Estado Novo. As matérias que seriam publicadas (não somente as relativas ao esporte, mas também a qualquer outro assunto) tinham que ser submetidas à aprovação do DIP, sob pena de não serem veiculadas, caso não estivessem de acordo com aquilo que este órgão institucional estabelecia.

Um dos trabalhos escritos por Mazzoni chamado “O esporte a serviço da pátria”, demonstra fortemente a intenção do poder público em sugerir que a prática esportiva prepararia o brasileiro para suas “obrigações civis e patrióticas”. Não obstante ter este aspecto como uma evidência, o texto escrito por Mazzoni

apresenta qual deveria ser um dos significados que se dava ao esporte nesse período, qual seja o de também contribuir para a construção de um “homem novo”.

Nesse sentido, as informações de cronistas, ainda que certamente discutíveis, refletem as representações dadas ao esporte pelo poder público e por alguns órgãos da imprensa. Em 1941, Mazzoni disse que “O Estado novo acaba de reconhecer a utilidade, as finalidades do esporte, oficializando-o em primeiro lugar, em S. Paulo onde passou a ser uma atividade útil ao Estado. O esporte enquadrou-se, pois, entre as forças do Brasil novo”.⁹⁸

Creemos que, para estudar o futebol brasileiro no período aqui recortado, não se deve abrir mão dos periódicos. Provavelmente não há outras modalidades de fontes que oferecerão melhores possibilidades de interpretação. Infelizmente não há trabalhos historiográficos sobre o futebol com critérios metodológicos, pertinentes ao período da realização das primeiras copas do mundo, iniciadas em 1930. O que se tem, conforme mencionado, são textos de jornalistas e diletantes, fundamentalmente.

Com relação às discussões sobre o esporte em âmbito internacional, importa dizer que em 1910 foi produzido na Alemanha um trabalho que abordou a prática esportiva numa perspectiva sociológica. Segundo Piltz, “Já no século XIX a Sociologia se ocupava do esporte, colocando-se diante de questões como a sua origem, as relações entre cultura e esporte (...) A primeira vez que a temática foi tratada de forma mais completa foi por Steinetzner (1910), que em seu livro “Esporte e Cultura”, já fazia inclusive uma abordagem crítica do esporte de rendimento”.⁹⁹

Sob a direção de Pierre Bourdieu, o número 103 da “Actes de la Recherche en Scinces Sociales”, do Collège de France, ocupou-se em analisar os esportes,

⁹⁸ Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941. p. 27.

privilegiando-se especialmente o futebol. Este número contou com a colaboração do brasileiro José Sérgio Leite Lopes.¹⁰⁰

O interesse pelo estudo do esporte vem sendo despertado em diferentes países.¹⁰¹ De modo permanente, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ – conta em seu Departamento de Ciências Sociais, com a “Revista do Núcleo de sociologia do Futebol”. Nela, encontram-se artigos de historiadores, sociólogos, jornalistas, antropólogos, profissionais da educação física, das letras, da literatura, dentre outros¹⁰², cujas reflexões são voltadas exclusivamente para o futebol.

Por ocasião da Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos, a “Revista USP” publicou o “Dossiê Futebol”. Nesta edição, encontram-se artigos de alguns autores que também se ocuparam da referida temática como Nicolau Sevckenko, Décio de Almeida Prado, Waldenyr Caldas, José Sérgio Leite Lopes, dentre outros.¹⁰³ Tendo a compreensão do futebol como um importante elemento da cultura popular de massa, supomos ser necessário aprofundar mais o diálogo que diga respeito aos significados desse esporte no país. De qualquer modo, os trabalhos que visam a esta discussão vêm aumentando gradativamente¹⁰⁴,

⁹⁹ Cf. PILTZ, Gunter. “A sociologia do esporte na Alemanha”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 23, 1999. p. 3.

¹⁰⁰ Cf. BOURDIEU, Pierre. (Org.). “Les enjeux du football”. In: *Actes de la recherché en sciences sociales*. Paris: Écoles des hautes études en sciences sociales, n. 103, 1994.

¹⁰¹ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.* p. 111-130. O autor faz um mapeamento das percepções sobre o esporte na Inglaterra, Alemanha, Noruega, Portugal e Itália.

¹⁰² Cf. *Revista do Núcleo de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: UERJ, n. 0 a 5.

¹⁰³ Cf. *Revista da USP*: “Dossiê Futebol.” São Paulo. jun/jul/ago. 1994.

¹⁰⁴ Valem menção aqui os trabalhos de ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa: Crônicas de futebol e identidade nacional*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1999. FRANZINI, Fábio. *As raízes do futebol: Estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 2000. SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho/Tese de Doutorado, 1998. SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede- o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000. Um importante estudo de Doutorado que discutiu a trajetória do futebol foi publicado em 2000. Trata-se de PEREIRA,

inclusive sob a forma de estudos de Mestrado e Doutorado em História e áreas afins.

A performance da participação da seleção brasileira na copa de 1938, na França, a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, bem como a conquista do campeonato mundial da Suécia, em 1958, foram eventos que seguramente contribuíram para que o futebol se constituísse como símbolo da nacionalidade. Neste sentido, essas copas serão especialmente analisadas (além de outras, ocorridas entre 1930-1958), uma vez que tanto os periódicos quanto o poder público perceberam nelas, a efetiva possibilidade de delas explorarem como símbolos da nação, produzindo discursos e ações que corroborassem estas condições.

Elucidativo sobre esta questão é compreender as motivações para que fossem erguidos dois dos mais importantes estádios futebolísticos do Brasil na primeira metade do século XX. Trata-se do Pacaembu, na cidade de São Paulo, e do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. O Maracanã, imponente complexo arquitetônico, foi construído na capital federal para receber seleções de países de todo o mundo, a fim de que o campeonato mundial de 1950 obtivesse o êxito necessário. Tanto o estádio do Pacaembu quanto o do Maracanã, foram construídos contando com dinheiro público. Isto é significativo para que se compreenda a influência da política no futebol. Tal questão será aqui analisada.

Entre as décadas de 1930 e 1950, existia a idéia de que o país deveria se inserir nos modelos de modernização. Desse modo, o país tinha - na perspectiva do governo federal - que se adequar a essa dinâmica. As grandes construções

poderiam representar esse modelo pretendido.¹⁰⁵ No âmbito esportivo, as construções de alguns estádios foram exemplos desse processo.

A realização da Copa do Mundo em 1950, no Brasil, refletiu esta tendência.¹⁰⁶ Valendo-se da suposição de que a Europa vivia problemas da recém final de segunda guerra mundial, a Federation International de Futebol Association - FIFA – (Instituição esportiva oficialmente encarregada de organizar o futebol mundial),¹⁰⁷ concedeu ao Brasil a possibilidade de sediar o maior evento futebolístico do mundo. As posturas de cronistas esportivos e de representantes do governo federal que acompanharam esse evento são esclarecedoras quanto aos objetivos deste trabalho.

Para a concretização do estudo sobre o futebol, não se pode eximir das leituras e das interpretações acerca das características que o fenômeno esportivo vinha apresentando no período recortado, bem como proceder às leituras de trabalhos inerentes a esse período. Privilegiamos, deste modo, a leitura de autores que investigaram tais perspectivas.

Paralelamente trabalhamos com fontes, fundamentalmente originadas de periódicos, a fim de compreender o significado do futebol brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950. Lançamos mão, em especial, dos jornais “O Estado de S. Paulo”, o “A Noite” (da cidade do Rio de Janeiro), o “Correio da Manhã” (também

¹⁰⁵ Sobre esta questão, ver PARADA, Maurício B. A. “A fundação do museu de arte moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens de modernidade no Brasil dos anos 50”. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 1994, n. 27. p. 113-128.

¹⁰⁶ Na Revista “O Cruzeiro”, há uma grande quantidade de matérias que dão conta do acompanhamento da copa do mundo de 1950, realizada no Brasil. Ela será explorada no capítulo 5 deste trabalho.

¹⁰⁷ A FIFA foi criada em 1904. Neste ano de 2004, comemora-se um século da sua fundação. Circula pelo mundo afora, uma moeda referente a este centenário, a qual está sendo comercializada. Nela aparecem referências a quatro países. A França, por ter sido a primeira sede desta instituição esportiva; a Suíça, por ser a atual sede em 2004; o Uruguai, por ter sido o primeiro campeão mundial na copa de 1930; e o Brasil, por ser o país que mais venceu a Copa do Mundo nestes cem anos, em cinco de suas edições: Suécia (1958), Chile (1962), México (1970). Estados Unidos (1994), e Coréia/Japão (2002).

do Rio de Janeiro), “Jornal dos Sports”, “A Gazeta Esportiva” (de São Paulo), além de outros jornais utilizados com menor frequência; algumas revistas foram objetos desta pesquisa. As mais utilizadas foram a “Revista Brasileira de Educação Física”, Revista “O Cruzeiro”, Revista “Cultura Política” e “Revista do Esporte”.

Algumas publicações avulsas foram pesquisadas, como o número 14 de “Estudos e Conferências”, publicação orientada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP – em 1941. Neste número, foi elaborado um estudo que tratou de assuntos exclusivamente ligados ao esporte, contando com artigos de João Lyra Filho e Artur Ramos. “Estudos e Conferência”, compõe uma série de publicações que se destinavam a propagandear o Estado Novo. Com a mesma orientação dessa publicação, o DIP encarregava-se de fiscalizar e dirigir as revistas “Cultura Política” e “Ciência Política”.¹⁰⁸

Importa destacar que em várias matérias apresentadas pelos periódicos mencionados, verifica-se a “representação” que foi dada ao futebol como símbolo de identidade nacional e como instrumento explorado pelo poder público, como forma de sua legitimidade.

Trabalhamos com o arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea – CPDOC - do Rio de Janeiro. Ele contém um importante acervo sobre a temática nas décadas aqui estudadas, além do “Arquivo Getúlio Vargas” e o “Arquivo Gustavo Capanema”, ambos em microfilme. Há, neste centro de pesquisa, um série de textos de autores que pesquisaram/pesquisam temas relacionados ao período que nosso estudo abrange. Dentre esses autores, mencione-se, entre outros, Ângela de Castro Gomes, Lúcia Lippi de Oliveira e Mônica Pimenta Veloso.

¹⁰⁸ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1982. Ver especialmente o capítulo “Cultura e poder político”. p. 71-108.

A consulta a dois dos jornais pesquisados foi feita no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa), localizado nas dependências da UNESP, Campus de Assis. Neste órgão de pesquisa, encontra-se um importante acervo de microfilmes dos periódicos estudados, a saber o jornal “O Estado de S. Paulo” , bem como o “Correio da Manhã”. A pesquisa ao jornal “A Noite” e do “Jornal dos Sports” também foi feita através de microfilmes, porém, a instituição na qual trabalhamos, foi o acervo da hemeroteca pública do Arquivo Público Mineiro, localizado em Belo Horizonte.

Recorremos, também, aos arquivos da Confederação Brasileira de Futebol – CBF (antiga Confederação Brasileira de Desportos – CBD), a alguns dos clubes de futebol considerados de “maior popularidade” no Brasil, tais como o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Clube Atlético Mineiro, o Cruzeiro Esporte Clube. Embora a leitura às informações correspondentes a estas agremiações não tenha nos levado às possibilidades de análise de que gostaríamos, o manuseio de seus arquivos se revelaram sintomáticos, sob a forma de se refletir como os dados apresentados sobre os mesmos, caracterizam-se por posturas unilaterais e dirigidas em relação à sua própria trajetória, bem como da trajetória do futebol brasileiro.

A partir do diálogo entre a leitura da referência bibliográfica, dos periódicos, do acervo do CPDOC, das instituições de pesquisa consultadas, pretendemos dar substância a um trabalho, objetivando que o texto produzido redundasse neste texto apresentado.

Para tanto, o trabalho está dividido em cinco capítulos, além desta introdução. No primeiro deles, há uma tentativa de situar a tese no seu objetivo. Neste sentido, há uma discussão do surgimento de idéias que buscaram (re) definir o caráter da

identidade nacional, à luz de alguns autores que (re) interpretaram esta discussão na década de 1930.

Discutimos a identidade a partir do pressuposto de que o futebol no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, significou uma construção simbólica de sentidos individuais e coletivos, nos quais o esporte, gradativamente, adquiriu um caráter de “pertencimento” da sociedade brasileira como se, de fato, o futebol fosse essencialmente nacional. Tal fato foi motivado por vários setores sociais, em especial pela imprensa esportiva e por representantes do governo federal.

Paralelamente, há uma discussão sobre a realização e as justificativas do primeiro campeonato mundial, realizado no Uruguai, em 1930. A performance da seleção brasileira de futebol foi bastante tímida em relação ao número de vitórias nesse certame. A insignificante colocação atingida pela seleção brasileira se explica, em grande medida, pelo fato de, no ano de 1930, ainda não existir no país uma estrutura minimamente profissional no nosso futebol. Deste modo, há, neste capítulo, uma discussão sobre tal profissionalização, ocorrida oficialmente em 1933, embora somente em 1937 o poder público tenha atribuído um maior interesse a essa condição ao esporte.

No segundo capítulo, localiza-se uma discussão que diz respeito a uma constatação: o bom êxito alcançado nos campeonatos mundiais poderia concorrer para uma boa visibilidade interna e externa do país, quanto aos aspectos políticos. O governo alemão e o Italiano, por exemplo, ao disto se aperceberem, se utilizaram das eventuais conquistas no esporte, para delas fazerem objeto de sua propaganda como regime político “vencedor”.

O nazismo alemão e o fascismo italiano investiram fortemente no esporte com o objetivo de legitimar seus regimes políticos, através também, das conquistas

esportivas destes países. Não por acaso, a Itália sagrou-se campeã mundial de futebol em 1934 e 1938, consecutivamente, enquanto a Alemanha foi vitoriosa nos jogos olímpicos de Berlim em 1936. Tal percepção dos esportes em âmbito mundial teve influência na compreensão do esporte no Brasil, sobretudo após a instauração do “Estado Novo”.

O terceiro capítulo visa demonstrar que a copa de 1938 foi crucial para o entendimento da representação do futebol como símbolo de identidade nacional, através do interesse do poder público na performance da seleção brasileira de futebol em tal campeonato. Os periódicos também assim procederam, em especial o jornal “O Estado de S. Paulo” e o “A Noite”. Após o término do campeonato, e a boa terceira colocação do Brasil na copa, houve uma nítida perspectiva do esporte compreendido como elemento que deveria estar a “serviço da pátria”, bem como a sua exploração como símbolo da identidade nacional.

No capítulo quatro, há uma discussão acerca da construção dos estádios do Pacaembu e do Maracanã, à luz da “necessidade destas construções”, na concepção do poder público. Nos jornais pesquisados, bem como na “Revista Brasileira de Educação Física”, há uma infinidade de crônicas e artigos que dão conta dessa possibilidade. A leitura deste material nos levou a conduzir o trabalho de forma a consolidar a idéia da influência direta de representantes do governo federal, nas questões esportivas.

Foram discutidos no capítulo cinco, os diferentes aspectos que envolveram a realização e os resultados da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Houve uma mobilização marcada pelo governo da capital federal, para que o país vencesse este campeonato. Não obstante, a seleção brasileira ter chegado à final, o Uruguai sagrou-se campeão ao derrotar o Brasil por 2X1. A derrota da seleção

brasileira sugere uma série de leituras em relação a ela. Uma delas é de que o jogador brasileiro não teria condições “psíquicas” para enfrentar os estrangeiros. Tal idéia de “impotência” foi estendida do atleta para o próprio torcedor.¹⁰⁹ Nesta perspectiva, o insucesso da seleção brasileira significaria, simbolicamente, para alguns autores, o fracasso pelo qual o povo brasileiro seria caracterizado. É certo que tal fato supõe várias interpretações.

Creemos que uma das teses centrais do trabalho está localizada neste capítulo, na medida em que houve (como raras vezes se pôde observar no país), uma movimentação que atingiu grande parte da população. No início da década de 1950, o governo brasileiro, com o propósito de difundir o espírito do nacionalismo, percebia que a eventual conquista do campeonato mundial se prestaria a ser um dos símbolos de afirmação deste nacionalismo. Atente-se ao fato de que toda esta discussão resultou no reforço da construção do futebol como símbolo de identidade nacional, iniciada na década de 1930.

As repercussões da derrota do Brasil para o Uruguai na final do campeonato mundial de 1950, bem como a primeira conquista nacional de uma Copa do Mundo em 1958, realizada na Suécia são apresentadas na parte final deste capítulo. O Presidente Juscelino Kubtschek à época, anunciava o crescimento econômico. Proliferava o número de empresas pelo país, fossem elas de capital nacional, ou estrangeiro. Mais uma vez, o futebol brasileiro foi explorado como símbolo de um país “forte e empreendedor”, em face do cenário político que se desenhava.

Entretanto, diferentemente das copas disputadas anteriormente, neste campeonato o Brasil, pela primeira vez foi vitorioso, razão pela qual a perspectiva do desenvolvimentismo e do nacionalismo adquiriram contornos ainda maiores,

¹⁰⁹ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *16 de julho de 1950 – Brasil X Uruguai: Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1996.

tendo-se o futebol como um dos elementos desta possibilidade. O teatrólogo e também cronista esportivo Nelson Rodrigues, escreveu após a conquista do campeonato mundial disputado na Suécia em 1958:

Dizem que o Brasil tem analfabeto demais. E, no entanto, vejam vocês: - a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com "X" iam ler a vitória no jornal. (...) Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. (...)¹¹⁰

É perceptível nas palavras de Rodrigues o mesmo tom nacionalista e excessivamente "entusiasmado" ao relacionar, equivocadamente, a vitória da seleção brasileira de futebol a diversos outros aspectos característicos da sociedade brasileira como o analfabetismo, por exemplo. Estas observações apresentadas por Rodrigues se assemelham às argumentações de cronistas esportivos circunscritos à década de 1930. Vale lembrar que Rodrigues escrevia nos jornais "O Globo" e "Manchete Esportiva". Era irmão de Mário Filho, o qual também se expressava em tom nacionalista ao referir-se ao futebol, conforme se verá ao longo da tese. A conquista desta copa do mundo revelou Pelé, considerado o principal atleta do século XX. A revista "O Cruzeiro", bem como outros veículos de imprensa, noticiou "entusiasticamente", a vitória da seleção brasileira.

Diante do exposto, encontram-se as considerações finais da tese. Cremos que ao retomar os campeonatos mundiais iniciados em 1930, verificar as diferentes

¹¹⁰ Cf. RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 60. Como o próprio nome do livro indica, o trabalho em questão diz respeito a uma coletânea de crônicas escritas por Rodrigues, publicada pela Cia. das Letras sob a seleção e organização de Ruy Castro. A crônica citada chama-se "É chato ser brasileiro!". Um outro livro desse autor com as mesmas características é "A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol", publicada pela mesma editora em 1994. Um importante estudo sobre estas e outras crônicas é o de

características que nortearam as Copas do Mundo de 1934, de 1938, e, especialmente a realizada no Brasil em 1950, bem como a primeira conquista do torneio pela seleção brasileira em 1958, apresentamos elementos que nos permitam melhor entender, as razões de se dizer que o futebol representa um dos símbolos de identidade nacional.

CAPÍTULO 1

O SIGNIFICADO DO FUTEBOL NA DÉCADA DE 1930

(...) Em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em insituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol.¹

O início da década de 1930, no Brasil, foi marcado por várias transformações. Num tumultuado cenário político, Júlio Prestes venceu a eleição para Presidente do país, contudo, não assumiu. Em contrapartida, impulsionado pelo movimento denominado “Aliança Liberal”, cuja liderança coube especialmente a políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, mas que agregava apoio de outros Estados brasileiros, o candidato Getúlio Vargas, sustentado por tal aliança, foi nomeado chefe do governo provisório, e, posteriormente, se tornou o Presidente do país.

A reflexão acerca da (re) definição do caráter da identidade nacional foi uma das discussões que presidiu as análises de alguns intelectuais na primeira metade do século XX, e, em especial na década de 1930, período em que o novo governo instaurado prometia mudanças. A questão a ser analisada diz respeito à identidade nacional, tendo-se como foco a construção da idéia do futebol no Brasil, entendido como símbolo da nacionalidade, sobretudo nas ocasiões de realização dos campeonatos mundiais, ocorridos entre 1930 e 1958.

O interesse de representantes do governo federal nas atividades esportivas manifestou-se, inicialmente, sob a forma do mesmo participar do processo de profissionalização do futebol no país, justamente durante o chamado governo

provisório. A reflexão sobre este e outros aspectos relacionados à trajetória da atividade futebolística no país, guarda vínculos com interpretações das manifestações populares, compreendidas como símbolos de identidade nacional.

O novo Presidente anunciava novos tempos, ao afirmar que significativas mudanças no Brasil aconteceriam. A prática dos esportes de modo geral, e do futebol de modo particular (e todo o universo que o circunda), não ficaram alheios às mudanças prometidas. Foi neste período que o futebol deixou de ser apenas atividade de lazer, para ser também atividade profissional,² em que pesem todos os problemas inerentes a esta “profissionalização”.

Ao assumir a presidência da República, Getúlio Vargas apresentou um documento, no qual constava o “Programa de Reconstrução Nacional”. Nele se encontravam dezessete medidas, compreendidas como muito importantes para vários segmentos sociais.³ Dentre os dezessete tópicos redigidos, o item número quinze chamou particular atenção, posto que o mesmo dizia respeito ao futebol brasileiro.

Ressalte-se que não somente a profissão do atleta de futebol seria regulamentada na década de 1930, mas também inúmeras outras atividades, as quais no período compreendido entre 1930 e 1936 (apesar de sequer serem cogitadas como passíveis de se tornarem profissão regulamentada, como por exemplo, padeiros, barbeiros e demais atividades), foram objeto de atenção da nova Legislação Social e Trabalhista, do governo de Getúlio Vargas.

¹ Essas afirmativas foram feitas por Gilberto Freyre, ao escrever o prefácio da primeira edição do livro de FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

² Cf. SILVA, Eliazar João da. *Bola na Rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

³ O “Programa de Reconstrução Nacional” ao qual se faz referência encontra-se no trabalho de CARONE, Edgar. *A Segunda República*. Rio de Janeiro: Difel, 1974. Em tal texto, encontra-se também o discurso completo do Presidente da República.

Embora a prática do futebol desde meados da década de 1920, fosse tema de intensos debates (ao menos no âmbito das crônicas esportivas) como atividade que deveria se tornar profissional,⁴ foi a partir do “documento” apresentado por Getúlio Vargas que a discussão se acirrou ainda mais, razão pela qual se modificou a estrutura do futebol, além do mesmo adquirir novos significados em nossa sociedade, conforme pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho.

No conjunto das profissões que foram regulamentadas pela nova legislação trabalhista, a prática do futebol não ficou de fora. Valed Perry, um dos juristas desportivos mais atuantes do futebol brasileiro, e também ex Vice-Presidente do Conselho Nacional de Desporto, assim escreveu sobre o episódio da profissionalização do futebol

O futebol profissional no Brasil, de forma oficial, foi instituído em 1933, quando da célebre cisão dos clubes, federações e confederações, sabido que já havia o chamado amadorismo “marrom”, propugnando os dissidentes pela profissionalização regulamentada, o que, efetivamente aconteceu. Embora não reconhecida a profissão, era uma situação de fato, regulamentada pelas leis desportivas das entidades dissidentes. Tal situação perdurou, mesmo após a pacificação, em 1937, quando foi adotado o profissionalismo pelos clubes principais do país.⁵

A década de 1930 foi marcada também por reflexões acerca das características que nossa formação social, política, econômica e cultural pudesse apresentar, e que, de alguma maneira, influenciaram na compreensão e interpretação das leituras que poderíamos fazer em relação ao futebol, como esporte de apelo popular. Dos estudos feitos nesse período (na perspectiva, sobretudo, da História Cultural) vale menção os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda ao escrever o clássico “Raízes do Brasil” , e o de Gilberto Freyre, com o livro “Casa Grande e Senzala”. Estes autores publicaram tais obras,

⁴ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁵ PERRY, Valed. *Futebol e Legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973. p. 67.

respectivamente em 1936 e 1933, portanto no bojo deste novo cenário, e destas novas discussões que se desenhavam no início da década de 1930.

A tentativa de entender este período é importante no exercício de se buscar a compreensão de identidades que foram construídas. Ao ser criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, iniciou-se de forma mais efetiva a escrita da história do país, cuja idéia central foi discutir a nacionalidade brasileira, tendo-se o incentivo direto do imperador e da colaboração de Francisco Adolfo Varnhagen.⁶

Dos diferentes trabalhos produzidos na época, alguns deles analisaram a questão da presença de índios, brancos e negros, na formação étnica do povo brasileiro, tal como apresentado no trabalho publicado em 1845, de Carl Friederich Von Martius, cuja denominação é “Como se deve escrever a história do Brasil”.⁷ Desde então, inúmeros textos foram produzidos, visando analisar a identidade nacional. Todavia, foi no início do século XX, e, sobretudo a partir da década de 1930, que tal discussão se tornou mais recorrente.

Especialmente durante o Estado Novo – portanto um século após a criação do IHGB – o governo federal, através do DIP e outros órgãos institucionais, buscou propagandear positivamente sua ideologia, lançando mão, entre outras coisas, de elementos que divulgassem a “cultura nacional”. Um dos instrumentos do qual o DIP se utilizou nesse processo foi um periódico chamado “cultura política”.

(...) Getúlio Vargas, então chefe do Estado Novo, toma algumas iniciativas paradigmáticas. Dando prosseguimento a um projeto de propaganda governamental mais nitidamente conformado pela criação, em 1939, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), define uma das prioridades do órgão: a publicação de um periódico que teria como objetivo básico divulgar a proposta política do novo regime. A revista *Cultura Política*, cujo primeiro número circulou em março de 1941, seria, no dizer de seu

⁶ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Ver em especial o cap. “os institutos históricos e geográficos, guardiões da história oficial. p. 99-140.

⁷ Este trabalho concorreu com tantos outros, num concurso promovido pelo IHGB, cujo objetivo foi o de eleger o melhor texto que integrasse a idéia da nacionalidade brasileira.

diretor, Almir Bonfim de Andrade, “um espelho do Brasil” em tempo de renovação.⁸

Os artigos publicados nesta revista buscavam, entre outros aspectos, apresentar as mudanças pelas quais passava o universo cultural do país, a partir da década de 1930, motivadas sobretudo por representantes do poder público, além de intelectuais.⁹ Houve, deste modo, uma conjuntura cultural que permitiu a proliferação e absorção de novos paradigmas culturais. Estudos como os de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, por exemplo, integraram estas novas perspectivas.

A revista “cultura política” era submetida ao Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão institucional divulgador da nacionalidade, da qual o futebol fez parte. Seu diretor, Lourival Fontes, ocupou também o cargo de chefe da delegação da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1934, disputada na Itália,¹⁰ o que nos leva à suposição da influência dos usos políticos neste esporte. “(...) As preocupações de Vargas quanto ao uso de técnicas modernas de propaganda política não datavam do Estado Novo, o que se evidencia ainda mais quando se observa que, de 1934 a 1942, a direção dessa tarefa esteve nas mãos de um mesmo homem: Lourival Fontes.”¹¹

Ao lado do futebol, diferentes manifestações da cultura popular circunscritas em diversas regiões do país, foram tomadas como símbolos da nacionalidade. Deste modo, costumes religiosos, hábitos alimentares, estilos musicais, danças,

⁸ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 15-16.

⁹ Colaboraram com artigos, nesta revista, autores como Francisco campos, Azevedo Amaral, Almir de Andrade, Lourival Fontes. Além destes, outros intelectuais de diferentes correntes ideológicas que também colaboravam com a revista, foram Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e Nelson Werneck Sodré. A este respeito, ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estado Novo: ideologia e poder*. Petrópolis: Vozes, Zahar Editores, p. 71-108.

¹⁰ MAZZONI, Thomaz. *A história do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 248. Esta interferência do poder público nas copas do mundo será analisada nos capítulos seguintes.

foram algumas das manifestações que adquiriram significados de identidades do brasileiro, de acordo com as regiões em que estas manifestações eram presentes. Um dos ideais do poder público no período foi explicitado de forma emblemática na revista “Cultura Política”. “Um só pensamento nos une: o Brasil grande e unido, como uma só alma”.¹² Tal afirmativa nos remete ao ideal do governo, cujo objetivo era o da sua legitimação, através também da absorção popular dos símbolos da nacionalidade.

Foi na década de 1930 que se oficializou a comemoração de datas e de personalidades, as quais deveriam ser lembradas pelo povo brasileiro, de forma que o mesmo pudesse se orgulhar de seu passado.

A recuperação do passado histórico passara a integrar também um verdadeiro calendário de comemorações de centenários de acontecimentos, de nascimento ou morte dos mais notáveis vultos e instituições da história do Brasil. Em 1937, o centenário da fundação do Colégio Pedro II; em 1938, o primeiro século do Arquivo Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a exposição, organizada pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico nacional. (...)¹³

Este conjunto de circunstâncias, deste modo, sugeria a perspectiva de se compreender elementos que surgiam e/ou que afirmavam sua condição de simbolizar a identidade nacional, tal como foi o caso do futebol. Contudo, para esta compreensão, havia a necessidade de se utilizar novas modalidades de interpretação deste novo cenário. Conforme mencionado, a conjuntura cultural da década de 1930 demandava essas novas discussões, ou reinterpretações dos fenômenos apresentados.

Gilberto Freyre se valeu de novos instrumentos metodológicos na busca de interpretação da cultura brasileira. Para apresentar leituras até então relativamente

¹¹ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 126

¹² *Problemas políticos e sociais*. “Revista Cultura Política”. Rio de Janeiro, 05/03/1941.

controversas, de temas relacionados por exemplo a festas, amor, família, sexo, culinária, infância, práticas esportivas, e temas similares, Freyre não hesitou em se utilizar de diários, correspondências familiares, notas de jornais, escritos de viajantes, cantigas de rodas, fotografias, pinturas, livros de receitas, enfim, uma variedade de modalidades de fontes que lhe permitisse refletir sobre os hábitos e os comportamentos do brasileiro.¹⁴ Tanto as modalidades de fontes utilizadas por Freyre, quanto os temas por ele tratados, representaram inovações na perspectiva de possibilidades de novas leituras, acerca do cotidiano dos brasileiros.

Diferentemente de alguns “estudiosos de seu tempo”, Freyre propunha que a mestiçagem teria se mostrado benéfica para o Brasil, em que pese toda a necessária problemática que deve presidir a discussão em torno da “democracia racial”. O que deve ser pontuado contudo, é que Freyre não passou despercebido da leitura sobre a trajetória do futebol brasileiro, tendo como premissa a sua importância como um dos elementos característicos de nossa cultura popular, e, fundamentalmente, da participação dos negros no universo futebolístico.

Não será demais lembrar que, no Brasil, já nos anos 30 do século XX, pensadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se apresentaram com uma postura *avant la lettre* para o seu tempo. (...) marcaram uma perspectiva culturalista na maneira de abordar a realidade brasileira e de repensar a identidade nacional. (...) No cotidiano da vida, nas sociabilidades da vida privada, Freyre resgatou as mentalidades e sensibilidades do passado. (...)¹⁵

Outras atividades como a capoeira e o samba, que seriam específicas ou mais difundidas na comunidade negra, foram objetos de reflexão de alguns outros estudiosos, e não apenas por Freyre, embora ele tenha sido um dos mais

¹³ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 146. Ver também CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados, escritos de história e história política*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1998.

¹⁴ Além do livro “Casa Grande e Senzala”, publicado pela primeira vez em 1933, mencione-se “Sobrados e Mocambos” e “Nordeste”, publicados, respectivamente, em 1936 e 1937. Todos esses trabalhos foram produzidos na década de 1930, e tiveram os elementos acima descritos, como instrumentos utilizados para a leitura e interpretação da miscigenação.

destacados. “Para além do debate intelectual, tudo leva a crer que, a partir dos anos 30, no discurso oficial “o mestiço vira nacional”, ao lado de um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como um ‘prato típico da culinária brasileira’. A princípio conhecida como ‘comida de escravos’, a feijoada se converte, em ‘prato nacional’.¹⁶

Dada a escassez de reflexões de intelectuais que não estavam preocupados com o estudo do futebol para além da sua utilização como legitimidade da política implementada por Getúlio Vargas, consideramos que Freyre, diferentemente de cronistas esportivos do período, apresentava suas idéias sobre os esportes de forma não essencialmente comprometida com as proposições do governo federal, razão pela qual, algumas delas são aqui tomadas, embora tenhamos como premissa os aspectos discutíveis argumentados por Freyre, em relação a sua compreensão acerca do significado do futebol e de outras manifestações populares.

Ao admitir como positiva a miscigenação no Brasil, Freyre destacou que no país havia uma originalidade de hábitos de comportamento, de costumes, de credos, de hábitos culinários e práticas cotidianas. Dentre estas práticas, o jogo de futebol merece realce, segundo Freyre. Para ele, o brasileiro mestiço encontrava no futebol uma forma de sua “sublimação”. Em prefácio à primeira edição de 1947, de um dos mais importantes livros publicados na primeira metade do século XX, sobre o esporte, cuja autoria é do jornalista Mário Filho, Freyre afirmou:

(...) Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 102.

¹⁶ Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. “Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade.” In. SCHWARCZ, Lília Moritz. (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: 1998. Vol. 4. p. 196.

condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação. Essa sublimação estava outrora apenas na oportunidade para feitos heróicos ou ações admiráveis que o Exército, a Marinha e as Revoluções mais ou menos patrióticas abriam aos brasileiros brancos e, principalmente, mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais (...) O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo governo, pela igreja, pela opinião pública, pelo belo sexo, pela imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje (...) ¹⁷

É possível verificar nas afirmações de Freyre, um certo exagero quando ele se refere ao futebol como prática que se prestaria, automaticamente, à “sublimação” do atleta, no que discordamos. Todavia, nota-se nas palavras do autor que ao menos no esporte, poderia haver momentaneamente, condições de “igualdade” entre os brasileiros, independentemente de suas origens sociais.

Neste mesmo texto, Freyre afirma que o “jeito” de jogar do atleta brasileiro, seria particularmente distinto dos demais jogadores de outros países, pelo fato de, no Brasil, a habilidade do atleta se confundir com a capoeira e com o samba, elementos típicos da cultura brasileira. Além disso, Freyre cita Leônidas da Silva¹⁸ e Domingos da Guia (dois dos atletas mais reconhecidos da década de 1930, e de todo o futebol brasileiro do século XX) como jogadores que conseguiram seu reconhecimento social, mesmo sendo eles de origem humilde e de cor negra. Atente-se ao fato de que este “reconhecimento” seria caracterizado especialmente

¹⁷ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. Prefácio à primeira edição em 1947.

¹⁸ Leônidas da Silva, considerado o inventor da “bicicleta”, jogada realizada no futebol que exige grande habilidade do atleta que queira fazê-la, faleceu no dia 25 de janeiro de 2004. É apontado, ao lado de Edson Arantes do Nascimento (o Pelé), como o atleta mais hábil da história do futebol brasileiro. Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

pela exposição desses atletas, através das referências a eles feitas pelos veículos de comunicação. Freyre continua afirmando que

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos [da Guia], admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mário filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis está para nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um apolíneo entre dionisíacos. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa de concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado (...) Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca.¹⁹

A “autenticidade brasileira”, à qual Freyre faz referência, está ligada aos elementos buscados pelos representantes do governo federal como um reforço da identidade brasileira circunscrita em diferentes regiões do país, tal como lembrada pelo autor, quando ele fala do jeito de jogar futebol, do brasileiro como sendo o resultado do conjunto da “molecagem baiana, da capoeiragem pernambucana e da malandragem carioca”. Continua Freyre:

Com esses resíduos que é o futebol brasileiro, afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas [da Silva], e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo, dança. Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol.²⁰

¹⁹ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

De maneira controversa, Freyre apresentou suas interpretações sobre o Brasil. Nestas leituras, inscreve-se também o futebol. Todavia, não se pode direcionar ao esporte a dimensão a ele dada por Freyre, embora já existisse na década de 1930, uma importância e influência do futebol em vários segmentos sociais, dentre eles, imprensa, operariado e o próprio poder público. Apesar de, eventualmente, as reflexões de Freyre serem caracterizadas por objeções que possamos fazer, e mesmo por mascarar incoerências, é possível supor que três das obras escritas pelo autor pernambucano na década de 1930, foram importantes para futuros estudos sobre este período, na perspectiva da interpretação da cultura brasileira.²¹

Se Freyre foi um dos pioneiros da chamada “história das mentalidades e da nova história cultural” ambientada na década de 1930 no Brasil, Sérgio Buarque de Holanda foi um dos seus criadores, paralelamente ao que fizeram os historiadores da França no mesmo período. Para Laura de Melo Souza é possível detectar,

Mais do que influência propriamente dita, uma surpreendente afinidade e coincidência temática e metodológica entre Sérgio e os fundadores da moderna historiografia francesa, os homens dos *Annales* – Marc Bloch, Lucien Febvre e, já na segunda geração, Fernand Braudel. A vida material, as mentalidades, o imaginário foram objetos que se impuseram a um e a outros na mesma época, e certamente em decorrência das leituras semelhantes que todos faziam então, combinando história, sociologia, e antropologia. Gilberto Freyre foi um precursor da moderna história das mentalidades e da nova história cultural; Sérgio foi um dos seus criadores, e o fez simultaneamente aos franceses, mesmo que os autores a guiarem-no tenham sido diferentes.²²

De posse de novos modelos de abordagens inaugurados na década de 1930, algumas visões deste “novo” Brasil vieram à tona. Além dos trabalhos de Freyre e de Holanda, emergiram no país diferentes perspectivas analíticas com o propósito

²⁰ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

²¹ Referimo-nos a “Sobrados e Mocambos”, “Nordeste” e “Casa grande e senzala”.

de se pensar quem era o brasileiro, quais eram suas práticas cotidianas (alimentação, vestuário, moradia, lazer, religião), enfim, qual era sua mentalidade, suas expectativas e anseios no país que se anunciava. As manifestações populares fizeram parte deste processo. O futebol se transformou num dos instrumentos explorados quanto à legitimidade do governo federal, no momento em que este constatou a sua condição de esporte popular de massa.

Para além de uma questão meramente esportiva, o futebol se tornou, ao longo dos anos, um dos elementos ativos da cultura popular de massa. Na década de 1930, ele constituía algo presente no cotidiano da população brasileira. De origem inglesa, e, num primeiro momento praticado pelas camadas mais abastadas, posteriormente o futebol foi também praticado pelas camadas mais humildes da sociedade. De maneira surpreendente, ele caiu no gosto popular.²³

A miscigenação (a qual Freyre analisou como componente da sociedade brasileira), foi entendida na década de 1930 como algo “nacional”. Deste modo, a compreensão desta característica da formação étnica do brasileiro, foi também atrelada ao surgimento de novos modelos de manifestações da cultura popular no país. Da mistura racial, resultaria a habilidade do brasileiro em práticas como o samba e o futebol. “Na representação vitoriosa dos anos 30, o mestiço transformou-se em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol”.²⁴

À medida que novas manifestações da cultura popular foram se consolidando como elementos presentes no cotidiano da população brasileira, em especial dos

²² Cf. SOUZA, Laura de Mello. “Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial”. In: FREITAS, Marcos César de. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto. p. 23-24.

²³ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. cit.*

negros e/ou mais pobres, houve a percepção do próprio poder público, o que motivou mudanças em suas posturas diante da prática dos esportes. Não foi somente o futebol que adquiriu *status* de atividade legal na década de 1930. Outras manifestações populares também foram objeto desta “oficialização”.

A capoeira, reprimida pela polícia no final do século passado [19] e incluída como crime no Código Penal de 1890, é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937. Também o samba passou da repressão à exaltação, de “dança de preto” a “canção brasileira para exportação”. Definido na época como uma dança que fundia elementos diversos, nos anos 30 o samba sai da marginalidade e ganha as ruas, enquanto as escolas de samba e desfiles passam a ser oficialmente subvencionados a partir de 1935. Não é também por feliz coincidência que o novo regime introduz, nesse período, novas datas cívicas: (...) o Dia da Raça – 30 de maio de 1939 -, criado para exaltar a tolerância de nossa sociedade. Da mesma maneira, a partir de 1938 os atabaques do candomblé passam a ser tocados sem interferência policial. Até o futebol, esporte de origem inglesa, foi progressivamente associado a negros. (...) O momento coincide, ainda, com a escolha de Nossa Senhora da Conceição Aparecida para padroeira do Brasil. meio branca, meio negra, a nova santa era mestiça como os brasileiros.²⁵

Essa valorização de elementos da cultura brasileira já vinha, desde a primeira década do século XX, sendo objeto de atenção de literatos, intelectuais e de representantes do governo federal, em especial a partir da década de 1920.²⁶ De fato, havia na década de 1930 uma idéia de que não seria possível ignorar as características da constituição do povo brasileiro, na qual se percebia a miscigenação. Através dela, se (re) construiria a identidade do povo brasileiro. Não obstante, é certo a existência de preconceitos em relação aos negros e aos mais pobres no país, verificados em diferentes espaços sociais.

Diferentemente de períodos anteriores, seria bastante complicado a qualquer pessoa e/ou instituição se posicionarem publicamente de maneira a desconsiderar determinadas camadas sociais num país como o Brasil. A democracia racial, à qual

²⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.* p. 178.

²⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.* p. 196-197.

Freyre faz referência, teria uma sobrevivência apenas aparente, e de acordo com certas particularidades.

Ao longo do século XX, percebeu-se, por exemplo, que a discriminação contra negros, poderia ocasionalmente não existir, caso determinado(a) negro(a), ocupasse alguma “posição de destaque” na sociedade. Um reconhecido e bem remunerado atleta de futebol, inseria-se neste contexto, ainda que esta questão fosse de forma momentânea como foram os casos de Domingos da Guia e Leônidas da Silva, os quais tiveram algum prestígio social, conforme se verá adiante. Na década de 1950, surgiu Edson Arantes do Nascimento, o *Pelé*, considerado o futebolista mais destacado do planeta, no século XX.

No Brasil, a cor da pele adquiriu vários significados físicos, sociais, políticos, psíquicos, econômicos e culturais. Nesse sentido, a cor da pele pode variar segundo o “lugar”, ou o espaço no qual as relações são estabelecidas. É singular e bastante elucidativo tal afirmação, se utilizarmos uma narração de Filho acerca desta problemática. Tal narrativa diz respeito a um episódio ocorrido na rua Soares Cabral, na cidade do Rio de Janeiro, quando dois atletas do Fluminense Futebol Clube (o “branco” Orlando, e o “preto” Robson), tiveram um contratempo com duas pessoas negras, e supostamente bêbadas.

Ocorreu que os atletas mencionados (juntamente com Benício Ferreira Filho) transitavam de carro próximo às duas pessoas que estavam andando pela rua Soares Cabral, quando quase houve um acidente, no que Orlando, o atleta “branco”, se irritou com os dois pedestres, esbravejando com seu colega “preto” Robson, o qual imediatamente disse uma frase que vale ser apontada. Mas quem narra o episódio é Filho:

²⁶ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. Ver especialmente o capítulo intitulado “Da

(...) Uma noite Benício Ferreira Filho levava, no seu cadillac, Robson e Orlando, o pingo de ouro, para o Fluminense. A rua Soares Cabral, como sempre, mal iluminada. (...) No volante Benício Ferreira Filho não parava de falar e de rir, satisfeito da vida. (...) E com dois jogadores do Fluminense ao lado dele, no banco da frente, Benício Ferreira Filho se sentia mais feliz. Pode ter sido culpa da satisfação descuidada dele, da má iluminação da rua Soares Cabral. E pode ter sido também a cor do casal de pretos, de roupas escuras, que surgiu, como do chão, ou de dentro da noite, diante do cadillac. O preto e a preta, enlaçados, estavam bêbados. Tanto que zig-zagueavam, lentamente, como se a rua Soares Cabral fosse deles. Benício Ferreira Filho viu o casal de pretos ainda a tempo. Enterrou o pé no freio até o fundo. O cadillac parou de estalo. Quer dizer: os pneus do cadillac se grudaram nos paralelepípedos da rua Soares Cabral. Mas a carroceria foi para frente antes de vir para trás. Orlando foi projetado fora do banco. Bateu com a cabeça no parabrisa do cadillac, quando passou a mão pela testa um galo estava lá. Então Orlando teve um explosão. O mínimo que gritou para o casal de pretos foi: - *Seus pretos sujos*. – E por aí afora. O preto e a preta que tinham parado, ainda enlaçados, nem ligaram. Trocando pernas foram até a outra calçada como se nada tivesse acontecido. Orlando enfureceu-se ainda mais. Quem o acalmou foi Robson: - Não faz, Orlando. *Eu já fui preto e sei o que é isso.*²⁷

Diante de situações como a descrita por Filho - o que, por certo, faziam parte do nosso cotidiano - residem algumas constatações. Trata-se, num primeiro momento, do fato de que na década de 1930, surgiram interpretações da formação do povo brasileiro, entendendo a mestiçagem e os elementos culturais dela resultante, como um dos símbolos componentes da identidade. Um dos resultados dessa mestiçagem, segundo Freyre, é a “inigualável” boa habilidade do brasileiro através de duas manifestações populares: a música e o futebol. Através destas resultantes - além de outras, como por exemplo, a culinária e as festas religiosas - residiria a receptiva aceitação do brasileiro em relação à mestiçagem.

Conforme o atleta Robson afirma “Eu já fui preto e sei o que é isso”, a cor da pele remeteria a uma questão de prestígio social. Ao se “embranquecer” através do futebol, Robson deixaria de reconhecer sua origem étnica. Segundo Schwarcz, “não há como esquecer, por fim, os nomes que usam a raça como uma situação

passageira, quase uma circunstância. ‘Queimada de praia, queimada de sol, tostada...’ são definições que sinalizam como no Brasil, muitas vezes, não se é alguma coisa, mas se *está*.²⁸

Neste sentido, o processo da mencionada “democracia racial” no país, pensada por Freyre é discutível. cremos, entretanto, que o autor percebeu no futebol uma possibilidade de igualdade entre brancos e negros, ainda que ela fosse momentânea, e apenas “dentro de campo”. Talvez a convencional e complexa constatação de que no Brasil, o racismo é melhor porque “mais brando que os outros”, configure equívocos quanto à suposta democracia racial. Novamente, retomaremos o que disse Schwarcz:

(...) Não é mais tão fácil sustentar publicamente a igualdade de oportunidades em vista da grande quantidade de dados que comprovam o contrário. Talvez hoje em dia seja até mais fácil criticar o mito da democracia racial do que enfrentar sua manutenção. (...) Reconhecer a existência do racismo, porém, não leva à sua compreensão, tampouco à percepção de sua especificidade. Se a mestiçagem não é “atributo” exclusivo e inventado no Brasil, foi aqui que o mito da convivência racial harmoniosa ganhou sofisticação e penetração ímpares, o que lhe assegurou um lugar de modelo. Foi também no Brasil que a cor virou a “somatória” de muitos elementos físicos, sociais e culturais, e parece variar conforme o dia (pode-se estar mais ou menos bronzeado), a posição de quem pergunta e o lugar de onde se fala (dos locais públicos à intimidade do lar).²⁹

Se Freyre foi um dos principais autores que analisou a idéia de que no Brasil conviveu-se com a democracia racial,³⁰ há, de outro lado, interpretações diametralmente diversas, especialmente compreendidas por autores como Florestan Fernandes. Para ele, o que ocorreu no Brasil não foi uma incorporação e absorção tácita de diferentes povos na sociedade brasileira. Ao contrário, há,

²⁷ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 359. Sobre as diferentes classificações de cor tão disseminadas pelo país, ver o levantamento de SCWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.* p. 227.

²⁸ SCWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.* p. 228.

²⁹ SCWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.* p. 238.

³⁰ Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz – casa grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1994.

segundo Fernandes, um invisível e impiedoso desrespeito pelas diferenças, sejam elas de qualquer espécie, inclusive quanto à questão da cor.³¹ Nesta mesma direção, trabalhos mais recentes reforçam as análises de Fernandes.³²

Paralelamente às discussões das características étnicas do povo brasileiro, o governo federal, do ponto de vista da concepção dos esportes, seguia rumos relativamente semelhantes ao que estava acontecendo em alguns países da Europa (especialmente aqueles que experimentavam o regime políticos totalitários, como a Alemanha e a Itália) no terceiro decênio do século XX³³. Foi no cenário internacional deste período, que foram formuladas teorias da proposta autoritária do “Estado Novo”,³⁴ o qual não hesitou em se utilizar também do esporte como forma de sua afirmação, como um dos elementos da “nacionalidade”. Foi exatamente neste período que a educação física, e por extensão as atividades esportivas, passaram a efetivamente fazer parte do conjunto de preocupações do Estado. voltaremos a esta questão em momento posterior.

Um dos objetivos desse governo foi o de difundir uma noção de cultura a partir de sua própria perspectiva, sob a forma de valorizar os elementos culturais do país que lhes poderiam ser mais úteis quanto à legitimidade da política

³¹ Ver especialmente dois trabalhos de Florestan Fernandes, a saber: *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Nacional, 1965. E também: *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

³² Cf. entre outros: SCWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.* SCWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. SANTOS, Ventura. (org.) *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. SKIDMORE, Thomaz. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. SEYFERTH, Giralda. *A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil*. São Paulo: Revista do museu paulista, 1985. D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

³³ Embora com algumas semelhanças do Estado Novo com regimes políticos totalitários da Europa quanto à concepção dos esportes, não se pode comparar o regime político brasileiro instaurado em 1937, com aqueles experimentados pela Alemanha e pela Itália. A este respeito, ver, entre outros, CAPELATO, Maria Helena. *Estado Novo: novas histórias*. In: FREITAS, Marcos Cézar. “Historiografia brasileira em perspectiva”. São Paulo: Contexto, 2001. p. 183-213.

³⁴ Dentre as principais personalidades na formulação da doutrina do Estado Novo estão Almir de Andrade e Azevedo Amaral. A este respeito ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

implementada por Getúlio Vargas. Tal concepção estava atrelada ao que o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – determinava. Desse modo, todos os instrumentos de comunicação (rádio, teatro, cinema, revistas, jornais) deveriam estar afinados à cartilha do DIP. “As mais diversas manifestações sociais, sejam elas artísticas, intelectuais, políticas, devem obrigatoriamente ser referendadas pelo Estado. Assuntos como educação sexual, eugenia, alcoolismo, lazer e higiene passam a constituir área de interesse do Estado, que se coloca como a instância mais competente para educar o conjunto da sociedade”.³⁵

Vários veículos de comunicação eram subordinados ao DIP. Elementos como o futebol e a música foram amplamente explorados pela transmissão radiofônica, como manifestações da cultura popular. Sobre esta questão, Sodré escreveu que

O rádio, a essa posição de vanguarda alicerçou-se, em nosso caso, na sua associação a dois grandes motivos, já capazes de mobilizar multidões: o futebol e a música popular. Desde que colocado em associações e a serviço dessas duas extraordinárias forças, o rádio cresceu e se expandiu depressa, cobrindo todo o território nacional e tornando-se instrumento especial para a universalização do gosto, dos costumes e até das paixões. Política, futebol, música popular – ao lado da crescente matéria publicitária – constituíram as preocupações dominantes do rádio. (...) O futebol se profissionalizou em 1933, e, desde então, começou a girar com investimentos crescentes, particularmente ligados à construção de estádios, impulsionada após a segunda guerra mundial.³⁶

Também, na década de 1930, ocorreram algumas conquistas trabalhistas. Em 1931, foi criado o Departamento Nacional do Trabalho. No ano seguinte, algumas das reivindicações da classe operária obtiveram êxito. Lembramos, por exemplo, do decreto que garantia a jornada de oito horas aos trabalhadores do comércio e da indústria. Paralelamente, foi legalizado o trabalho das mulheres, guardando-se algumas distinções em relação ao dos homens, como a restrição do trabalho noturno. Ainda em 1932 foi criada a carteira de trabalho, um instrumento importante

³⁵ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.). *Op cit.* p. 90

para as batalhas judiciais que eventualmente poderiam ocorrer envolvendo empregados e empregadores.³⁷

Essas mudanças anunciadas pelo governo brasileiro, foram consagradas pela Constituição de 1934, a qual determinou – entre outras coisas – a criação do salário mínimo. Tal rendimento prometia atender satisfatoriamente ao trabalhador, a fim de que o mesmo pudesse dispor de “mínimas” condições financeiras para sua sobrevivência. O salário mínimo passou a vigorar, contudo, em 1940.³⁸ A Justiça do Trabalho também foi criada por esta Constituição, embora ela passasse a funcionar de modo relativamente mais efetivo somente em 1941.

É significativo verificar que vários dos discursos, anunciando alguma medida do Presidente Vargas, eram feitos no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, time de futebol com muito prestígio popular, não somente no Rio de Janeiro, mas também fora dele.³⁹ Naquele estádio, Vargas anunciou a instituição do salário mínimo. “Diante da multidão que foi ao estádio do Vasco da Gama, Getúlio Vargas anunciou a criação do salário mínimo, calculado para suprir as necessidades básicas com alimentação, higiene, transporte, habitação e vestuário. O piso vai variar de acordo com o custo de vida de cada Estado.”⁴⁰ Cremos que a opção do Presidente da República em discursar e/ou anunciar alguma medida importante do governo num estádio esportivo, é revelador para a compreensão da medida do alcance popular do futebol.

Não se pode afirmar que até 1930, a sociedade garantiu minimamente os direitos sociais. Segundo Carvalho, um dos grandes problemas quanto à concreta

³⁶ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 86-87.

³⁷ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 87-153.

³⁸ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.* p. 87-153.

³⁹ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

afirmação dos direitos do cidadão, é o de que no Brasil houve uma inversão das garantias dos direitos. Para o autor, ao invés de se experimentar direitos civis, políticos e sociais (nesta ordem), experimentou-se no país, primeiro – e de forma tardia - alguns direitos sociais, políticos e civis, em que pesem todos os problemas inerentes à “garantia desses direitos”. Dito de outra forma, o que houve no país foi exatamente o inverso do que se esperava.⁴¹

Foi durante os primeiros quinze anos do governo Vargas, que se pôde considerar que os brasileiros puderam ter garantidos alguns dos direitos sociais básicos. Nesse período foram implantadas as legislações trabalhista e previdenciária. Foi também nessa época que os poucos movimentos sindicais obtiveram maior e melhor organização, se comparados a períodos anteriores.⁴²

Neste cenário, o futebol brasileiro passou pela transição de esporte de elite para esporte popular, bem como de esporte amador para esporte profissional.⁴³ Esse conjunto de mudanças sociais e políticas foram importantes neste processo, especialmente se tivermos em conta que a prática do futebol se transformou na década de 1930, num fenômeno de massa. A Copa do Mundo realizada no Uruguai exatamente em 1930, caracterizou-se por apresentar algumas especificidades em relação às competições futebolísticas internacionais, e também em relação ao futebol brasileiro, sobretudo se considerarmos a acirrada discussão em torno do amadorismo e do profissionalismo no futebol brasileiro.

O ano de 1930 significou um marco para o futebol internacional, uma vez que pela primeira vez foi disputado um campeonato que visou reunir as principais

⁴⁰ Jornal do Brasil. *Trabalhadores do Brasil têm salário mínimo*, 01-05-40

⁴¹ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.* Neste livro, Carvalho discute o que se considera como direitos civis, políticos e sociais. Sobre a questão da cidadania, vale menção um estudo do mesmo autor intitulado: *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴² Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.*

seleções nacionais da América e da Europa, a fim de disputarem a Copa do Mundo. Esse evento foi importante para a profissionalização do futebol no Brasil, em momento posterior à realização do campeonato mundial. Não fossem os sucessivos conflitos envolvendo as duas principais associações desportivas do país, na década de 1920, provavelmente teria havido a profissionalização do futebol em momento anterior a 1933, o que contribuiria para uma melhor performance da seleção brasileira, neste campeonato de 1930.⁴⁴ As associações às quais fazemos referência são a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), e a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), localizadas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Embora a prática do futebol ter se tornado também atividade profissional a partir de 1933, somente em 1937 tal condição manifestou-se de forma mais efetiva, conforme se verá adiante, através do movimento denominado “pacificação nacional”. Esse movimento contou com a intervenção do próprio Presidente da República.

Em razão dos conflitos envolvendo a APEA e AMEA, a composição da seleção ficou descaracterizada na medida em que os melhores atletas de São Paulo que participariam da Copa do Mundo de 1930, não viajaram para a disputa. Tal cenário foi preponderante para que a APEA se indisputasse também com a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), localizada na cidade do Rio de Janeiro. Esta entidade administrava o futebol em todo o território nacional. Posteriormente a CBD passou a se chamar CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Infelizmente, a desavença entre a APEA e a CBD levou o Brasil a uma figura apagada no I Campeonato Mundial, realizado

⁴³ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op, Cit.*

⁴⁴ Cf. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

em 1930, em Montevideu (...) A CBD arrumou a seleção de qualquer maneira e enviou-a ao campeonato (...) a turma que nos representou no I Campeonato Mundial foi uma das mais fracas, improvisadas e ineficientes de todas que até então saíram do Brasil. Para completar o fracasso, basta dizer que o conjunto faltava, além de outros fatores favoráveis, um, importantíssimo: a confiança. (...) A lição foi dura e causou prejuízos incalculáveis ao nome do futebol do Brasil.⁴⁵

Os maus resultados obtidos pela seleção brasileira no Uruguai em 1930, foram amplamente noticiados pelos periódicos. Invariavelmente, os argumentos apresentados encontravam basicamente uma explicação para tal insucesso: os diversos desentendimentos entre a APEA e a AMEA. Finalizado o campeonato, houve a profissionalização do futebol em vários países da Europa e da América, dentre eles, na Argentina. Essa profissionalização iria mudar os rumos do esporte,⁴⁶ sobretudo em relação às participações da equipe brasileira, em torneios mundiais.

Porém, se a atividade futebolística oficialmente se tornou também uma profissão somente na década de 1930, no período anterior, atletas que apresentavam melhor talento e habilidade com a “bola no pé”, já recebiam algum tipo de compensação financeira através de premiações as mais diversas, o que constituiu, nas palavras de Antunes, os “operários jogadores”.⁴⁷

Além do pagamento a alguns atletas, a cobrança de bilhetes para que se assistisse aos jogos vinha se tornando uma prática por ocasião dos confrontos envolvendo as consideradas melhores equipes que disputavam o campeonato na cidade de São Paulo. Tal fato foi também importante na discussão relacionada à

⁴⁵ Cf. MAZZONI, Thomaz. *A história do futebol no Brasil – 1894/1950*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 222-223.

⁴⁶ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁴⁷ Cf. ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. “O futebol nas fábricas”. *Revista USP: Dossiê Futebol*, n. 22. 1994. p. 108.

futura profissionalização do esporte. Esse movimento, contudo, não teve a imediata aceitação de parte da imprensa como foi o caso de “O Estado de S. Paulo”.

(...) O nosso futebol, de deturpações em deturpações, se converteu para alguns indivíduos, em empresas de ganho. E toda empresa de ganho, tem vários e perniciosíssimos inconvenientes, sendo o de maior monta o burocratismo luxuoso e estéril, que asfixia toda e qualquer iniciativa. Quando os nossos futebolistas eram simples amadores, tirando de sua bolsa o indispensável para se desenvolverem no físico, São Paulo se colocava em primeiro plano. Mas esses futebolistas, obumbrados pelas rendas da porta, abandonaram seus hábitos e começaram a pensar exclusivamente nos proventos materiais. E ficaram em posição subalterna (...).⁴⁸

Se por um lado o futebol passava a adquirir novas características econômicas, por outro havia um significativo número de atletas que não vislumbravam a condição de se tornarem profissionais do futebol. Atletas que buscavam essa condição, via de regra, eram pessoas de origem mais humilde, enquanto que os de origem mais abastada, na maioria das vezes, não tinham esta mesma perspectiva.⁴⁹ Segundo Rosenfeld, para os atletas mais pobres “as chances do futebol os envolvia e os canalizava, eles não eram estudantes de medicina ou de direito e frequentemente não tinham profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo (...) levavam o jogo mais a sério e não tinham nada a perder”.⁵⁰

No momento em que o futebol poderia significar uma remuneração regular aos atletas, vários deles se lançaram na profissão. Tal movimento pôde ser observado não apenas no Brasil, mas também nos “vizinhos” Uruguai e Argentina, além de alguns países europeus. Os jogadores que não se profissionalizaram, vivenciaram o que se convencionou chamar de “profissionalismo marrom”.⁵¹

⁴⁸ Jornal “OESP”. *A renda e o esporte*. 14-10-31.

⁴⁹ Cf. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894/1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

⁵⁰ Cf. ROSENFELD, Anatol. *Op. Cit.* p. 85.

⁵¹ Entende-se por profissionalismo marrom a situação em que o atleta recebe premiações de qualquer natureza (seja em dinheiro, seja com empregos “fictícios” nas fábricas, indústrias,

Na medida em que atletas do Brasil despertavam a atenção de clubes de outros países, sob a forma da oferta de contratações desses jogadores, o esporte passou por um processo de sua “internacionalização”, que veio se confirmando a cada Copa do Mundo que se realizava. Os primeiros campeonatos mundiais da década de 1930, ocorreram paralelamente ao movimento da profissionalização do futebol no Brasil. O esporte significava uma das formas de se propagar o “nome do país” quando ocorriam confrontos envolvendo equipes nacionais, além da seleção brasileira. Em 1924, por exemplo, houve uma excursão do Clube Atlético Paulistano à Europa, quando aconteceram uma série de confrontos com clubes desse continente.⁵²

Ao participar de jogos internacionais, a cada vez mais o atleta brasileiro demonstrava seu “jeito peculiar de praticar o futebol”, como Freyre posteriormente iria indicar ao escrever o prefácio do livro de Mário de Filho.⁵³ A boa habilidade com a “bola nos pés” demonstrada pelos futebolistas, fez com que vários deles fossem atuar em clubes da Argentina, Uruguai e países da Europa. A promessa desses clubes aos jogadores brasileiros era a de que eles passariam a ter uma “vida de profissional”. Segundo Caldas, “a situação iria se modificar a partir desse momento. Começa o êxodo de jogadores para a Europa e alguns países sul-americanos. Os motivos para deixarem o Brasil são sempre os mesmos: o falso amadorismo e a conseqüente exploração de seu trabalho”.⁵⁴

comércios, etc), em troca de que o mesmo defendia determinados clubes amadores de futebol, que os premiam. Tal situação foi bastante recorrente não somente nas décadas de 1920 e 1930, mas também por toda a extensão do século XX. A este respeito, ver ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992.

⁵² Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁵³ Cf. Prefácio de FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

⁵⁴ Cf. CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. *Revista USP: Dossiê Futebol*. São Paulo. n. 22. 1994. p. 44-45.

Este conjunto de circunstâncias verificado no futebol internacional foi importante para que se justificasse a realização de um campeonato mundial, uma vez que as disputas entre clubes de diferentes países e continentes demonstravam o interesse pelo qual o futebol vinha despertando em âmbito mundial. Neste sentido, a FIFA – Federation Internationale de Football Association – principal entidade a organizar e administrar o futebol mundial, iniciou os trabalhos de preparação para que se realizasse a primeira Copa do Mundo em 1930. Vale pontuar algumas das características desse torneio, através de “O Estado de S. Paulo:

Encontramos em “O Jornal”, do Rio de Janeiro, as normas do campeonato Mundial de Futebol a ser disputado pela primeira vez em 1930, no Uruguai como homenagem ao país que ganhou o campeonato olímpico em 1924, em Paris, e em 1928, em Amsterdã.

Artigo 1º - A Federation Internationale de Football Association, organizará no espaço de 4 em 4 anos, sendo a primeira em 1930, uma competição internacional de futebol denominada “Copa do Mundo” e que consistirá num objeto de arte, oferecido pelo dirigente do futebol internacional à filiada nacional vitoriosa, logo após o término do jogo final (...)

(...) Artigo 3º - As regras do jogo são as da International Board. Em caso de divergência de interpretação, só o texto inglês merecerá fé (...)

(...) Artigo 5º - Todos os jogadores que tomarão parte no campeonato, deverão pertencer à nacionalidade do país, cujas cores defenderam, estando regularmente qualificados pela agremiação nacional a que pertencerem. Estas deverão dirigir um mês antes da realização dos primeiros jogos uma lista de 22 jogadores (...)

(...) Artigo 9º - cada jogo terá a duração de hora e meia (dois tempos de 45 minutos), com o descanso previsto nas regras do “Association” (...).⁵⁵

Conforme mencionado, a seleção brasileira compareceu ao primeiro campeonato mundial, embora não tenha sido representada pelos considerados melhores futebolistas do país, em razão dos conflitos envolvendo as associações esportivas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, APEA e AMEA. Os previsíveis resultados de que a seleção nacional não obteria êxito, acabariam

⁵⁵ Jornal “OESP”, *As normas do campeonato mundial*. 04-04-29.

sendo confirmados, dado o “enfraquecimento” do conjunto de atletas que viajaram ao Uruguai. Sobre os prováveis maus resultados no campeonato mundial de 1930, o cronista escreveu:

Realizam-se hoje, em Montevideú, as primeiras provas do grande campeonato mundial (...) os esportistas que promoviam as olimpíadas, entenderam separar o futebol, por julgarem que o mesmo estava achacado de vícios, entre os quais, o profissionalismo (...) O Uruguai, graças a sua brilhante ação em duas olimpíadas, conseguiu que o primeiro campeonato fosse em Montevideú. A vizinha República da banda oriental alegou que festejava, naquele ano, o centenário de sua independência política, e não lhe foi difícil convencer os delegados de outras nações (...) A Confederação Brasileira de Desportos, que dirige as relações internacionais, desde o começo se mostrou de uma morosidade alarmante. Em outubro do ano passado, observando essa atitude, dissemos que talvez houvesse o propósito de estabelecer um monopólio da atividade. Consideravam uma pilheria o nosso reparo – e a pilheria se converteu numa deplorável realidade.

Numa referência a atletas do selecionado brasileiro, apenas do Rio de Janeiro, e portanto, com a exclusão de jogadores paulistas, a nota do periódico em questão prossegue revelando antipatia ao que o cronista chamava de “perseguição da CBD aos paulistas”. Nesta mesma nota, há uma referência ao então Ministro das Relações Exteriores Lauro Muller, quando em 1917, chamava a atenção para a participação de atletas de todo o país na seleção brasileira, o que simbolizaria uma maior “unidade nacional”. Vale destacar que um dos significados adquiridos pelo futebol brasileiro na década de 1930, foi justamente uma “torcida nacional” pelo esporte brasileiro. O cronista continua dizendo,

(...) Porque motivo, nas provas internacionais realizadas lá fora, o selecionado brasileiro vai sempre desfalcado dos paulistas? Não se pense que essa coincidência é de ontem ou de hoje; ela se verifica desde 1917, um ano depois de fundada a Confederação Brasileira. No primeiro ano, alguns paulistas foram incluídos na seleção, não por vontade dos cariocas, porém porque exigiu o sr. Lauro Muller, saudoso Ministro das Relações Exteriores (...) A conclusão a tirar destes fatos é a seguinte: a Confederação Brasileira, devido a cegueira dos seus membros, não tem a capacidade de dirigir o nosso popular esporte (...) Não nos digam que este desabafo é inoportuno. Ele tem toda a oportunidade, pois

da injustiça de nossa ausência não de resultar consequências desastrosas de nosso prestígio.⁵⁶

Terminado o campeonato mundial de 1930, não houve qualquer saldo positivo da seleção brasileira dentro de campo. A equipe cumpriu um papel de mero coadjuvante neste torneio. O principal aspecto que caracterizou uma inovação no futebol nacional, foi a crescente procura por atletas que atuavam no país para defenderem clubes estrangeiros, o que motivou a discussão acerca da profissionalização do esporte.

(...) [houve] a presença constante de empresários italianos em São Paulo e Rio de Janeiro para contratar nossos jogadores. O fato é que clubes brasileiros, especialmente os de São Paulo, foram apanhados de surpresa com a verdadeira “invasão” italiana para levar atletas brasileiros. E todo esse processo, aliás, seria bastante facilitado, entre outras coisas, porque não havia profissionalismo no futebol brasileiro.⁵⁷

Paralelamente às discussões em torno desta questão, o Brasil vivia, politicamente, um cenário em que se prometiam mudanças relacionadas a leis trabalhistas, cujas implementações atingiriam também o futebol como atividade profissional. Neste período anunciavam-se garantias de direitos sociais, políticos e civis, ao cidadão.⁵⁸ Na prática, viu-se que tais direitos foram apenas tímida ou parcialmente garantidos. Embora oficialmente o jogo futebol tenha se transformado também numa profissão, somente em 1937, tal condição se mostrou mais efetiva a partir do movimento da “pacificação nacional” no esporte.⁵⁹

O interesse do governo federal, nos rumos da mais popular prática esportiva do país, foi fortemente manifestado a partir do início dos campeonatos mundiais. Como principal evento futebolístico do século XX, a primeira Copa do Mundo,

⁵⁶ Jornal “OESP”, *O primeiro campeonato mundial – a ausência dos paulistas*. 13-07-30.

⁵⁷ Cf. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. p. 201.

⁵⁸ Dentre os trabalhos que tratam desta questão, ver especialmente CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

realizada em 1930, não contou com a participação de grande número de países. Do reduzido número de países que disputaram este campeonato, o Brasil fazia parte.

Apenas treze países estiveram presentes no Uruguai, em 1930. Muitas seleções européias tão esperadas para o torneio (como a Espanha, por exemplo), não compareceram, o que causou surpresa e decepção aos uruguaios e à comunidade esportiva sul-americana. Dos treze participantes, somente quatro vieram da Europa, a saber: Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia. Da América, estiveram presentes Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, México, Estados Unidos, Peru, Paraguai, além do anfitrião e futuro vencedor da disputa, o Uruguai. Sobre a ausência de alguns países europeus ao campeonato mundial, escreveu o colunista esportivo do “O Estado de S. Paulo”:

Desde que a cidade de Montevidéu foi designada para a sede do campeonato mundial de futebol de 1930, os esportistas uruguaios, particularmente, e os sul americanos em geral, começaram a trabalhar com muito entusiasmo para que o certame tivesse o maior sucesso possível, pois acreditava-se, a princípio, que os países do mundo onde o futebol está adiantado, mandariam os respectivos selecionados (...) Porém, com o correr dos tempos, com grande decepção, o Uruguai foi tendo conhecimento da desistência de muitas nações, que por motivo de natureza vária, declararam a impossibilidade de participar do torneio internacional. Entretanto, com fortes razões pensava-se que ao menos os países que mantêm contínuo e cordialismo intercâmbio futebolístico com a América do Sul, viriam até nosso continente, dando com a sua presença uma prova da consideração que o nosso futebol merece dar parte aos esportistas europeus, mercê das muitas vitórias que obtivemos sobre quadros do velho continente. Assim, a notícia de que a própria Espanha, cujos clubes visitam tão frequentemente o novo mundo, havia resolvido não ir ao Uruguai, encheu de descontentamento os meios esportivos locais, tanto mais que a presença dos representantes desse país era tida como certa.⁶⁰

Creemos que a condição de um país da América do Sul sediar o primeiro campeonato mundial contribuiu para o seu relativo esvaziamento. Tal fato fez com

⁵⁹ Cf. PERRY, Valed. *Op. Cit.*

⁶⁰ Jornal “OESP”, *Campeonato mundial de futebol: a maioria dos países não comparecerá ao certame de Montevidéu*, 06-02-30.

que não houvesse o esperado êxito nesta Copa do Mundo, caso tivessem comparecido mais países da Europa, em especial a Espanha, a Itália e a Inglaterra. O futebol nestes países vinha sendo sistemática e oficialmente praticado há mais tempo, se comparado com países sul-americanos como o Brasil, por exemplo. Nesse sentido, ingleses, espanhóis e italianos estavam mais habituados às regras estabelecidas pela FIFA. Todavia, a partir da copa de 1934, houve uma predominância de países europeus nos campeonatos, quanto ao número de participantes.⁶¹

Os uruguaiois do futebol estão muito desgostosos com o procedimento da maioria dos quadros europeus, que, alegando pretextos fúteis, se esquivaram de comparecer ao grande certame mundial, combinado e aprovado no congresso de Barcelona de 1928. E não é para menos. Os distintos esportistas do sul trabalharam incessantemente durante um ano e pouco para o brilho do referido torneio. Gastaram dinheiro, despenderam energias preciosas, construíram um belo estádio, adestraram seus patrícios para os encontros. E os futebolistas do velho mundo, esquecendo-se dos seus compromissos, não deram fé dessa atividade, e, na hora em que deviam embarcar, com destino a este continente, começaram a enxergar uma porção de inconvenientes e tropeços (...).⁶²

Mesmo com número reduzido de países a participarem da primeira Copa do Mundo, a seleção brasileira sequer figurou entre as primeiras colocações. Mazzoni afirma que “a turma que nos representou no I Campeonato Mundial foi uma das mais fracas, improvisadas e ineficientes de todas que até então saíram do Brasil”.⁶³ Porém, apesar de não ter obtido sucesso, a participação da equipe de futebol do Brasil foi importante por dois aspectos básicos, os quais iriam modificar os rumos do esporte. Trata-se, num primeiro momento, num maior reconhecimento dos atletas brasileiros em âmbito internacional. Tal fato foi preponderante para que se

⁶¹ Sobre os países que sediaram as copas do mundo durante o século XX, ver TOUGUINHÓ, Oldemário, e VERAS, Marcus. *As copas que eu vi*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

⁶² Jornal “OESP”. *Momento internacional: ameaça de uma cisão*, 18-03-30.

discutisse de forma mais ampla a possibilidade de profissionalização dos clubes do país, uma vez que clubes do exterior ofereciam essa possibilidade.

Um outro efeito que se pôde observar a partir da realização da primeira Copa do Mundo – e bastante relacionado ao primeiro aspecto apontado – é o de que o governo federal passou a se interessar mais diretamente na organização do esporte, através também da institucionalização dos cursos de educação física, conforme veremos adiante.

Como manifestação da idéia de que na Copa do Mundo o futebol deveria ser representado por clubes e atletas de todo o território nacional, e não apenas do Rio de Janeiro e/ou São Paulo (embora, devemos constatar que os principais clubes se concentrassem nas cidades mencionadas, no que tange a número de torcedores), a Confederação Brasileira de Desportos alertava para o fato de que as associações esportivas de São Paulo e Rio de Janeiro (APEA e AMEA), deveriam concentrar esforços em torno da seleção brasileira, e não o contrário, como acabou acontecendo. Sobre esta questão, Mazzoni reproduziu um telegrama enviado à APEA, por Renato Pacheco, então Presidente da CBD. Diz o telegrama:

Confederação Brasileira de Desportos – Rio de Janeiro, 7 de maio de 1930 – of. 883.30 – Exmo. sr. Presidente da Associação Paulista de Esportes Atléticos – Apresso-me em acusar o recebimento do ofício dessa entidade, participando sua patriótica resolução em suspender, após o dia 9 do corrente, os jogos do Campeonato de Futebol, dos clubes dessa Associação, que deram elementos para os jogos do Campeonato Mundial de Futebol. Tenho grande satisfação em transmitir v. excia. a plena satisfação causada pelo ato da Associação de sua presidência, que aliás já era esperado, ante as tradições dessa benemérita filiada (...) Sendo desejo desta Confederação concentrar desde os amadores que irão a Montevideú, peço também, a v. excia. o obséquio de empregar seus bons ofícios no sentido de tornar efetiva aludida concentração, a partir da data acima citada. Para governo e segura orientação desta presidência, solicito-lhe se digne v. excia., informar-me pelo telefone ou telegrama o êxito de sua ação, a fim de poder em tempo útil, cuidar da hospedagem dos amadores que aqui permanecerão sob os cuidados imediatos desta Confederação. Aguardando suas

⁶³ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.* p. 78. Note-se que este trabalho de Mazzoni foi publicado em 1950. Deste modo, a comparação de Mazzoni vale para o conjunto de atletas que disputaram as copas de 1934 e 1938, realizados na Itália e na França, respectivamente.

notícias, prevaleço-me do ensejo de renovar os meus protestos de estima e apreço. – Renato Pacheco – Presidente.⁶⁴

Entretanto, a APEA não autorizou que clubes a ela filiados disponibilizassem seus atletas para a disputa da Copa do Mundo no Uruguai. Diante disso, a CBD viajou a Montevideu com jogadores que atuavam apenas em clubes do Rio de Janeiro. Não obstante, bastante descaracterizada, três atletas se destacaram pelo seu “requintado” estilo da prática futebolística. Trata-se de Fausto, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, os quais passaram a ser conhecidos respectivamente como a “Maravilha Negra”, o “Divino”, e o “Diamante Negro”. A boa qualidade desses e de outros atletas que atuavam na década de 1930, concorreu sobremaneira para que houvesse maior atenção de clubes de outros países ao futebol brasileiro, quanto à contratação de atletas em regime de trabalho profissional.⁶⁵

Um dos principais responsáveis pela idéia e pela organização de um campeonato mundial de futebol foi o francês Jules Rimet. Como presidente da Federation Internationale de Football Association – Rimet percebeu o alcance popular que o esporte vinha alcançando ao longo das primeiras décadas do século XX. Tal alcance atingiu sobretudo países da Europa e da América nesse período.⁶⁶

A discussão acerca da possibilidade da realização de copas do mundo de futebol surgiu nas olimpíadas de Paris, em 1924. Nos jogos olímpicos de 1928, realizados em Amsterdã, tal discussão voltou à tona com maior amplitude. Naquele

⁶⁴ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.* p. 98.

⁶⁵ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

⁶⁶ Cf. ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

mesmo ano, foi criada oficialmente a primeira Copa do Mundo,⁶⁷ que seria disputada no Uruguai, por uma série de motivações.

Dentre as razões apresentadas para que o campeonato ocorresse no Uruguai, uma delas dizia respeito ao fato de que o vizinho país da América do Sul estava celebrando o centenário de sua Constituição. Outro aspecto estava amparado na constatação de que, invariavelmente, o Uruguai figurava entre os países de melhor performance em jogos de futebol, dada à relativa boa qualidade técnica apresentada pelos seus atletas. Basta verificar que os uruguaios foram vitoriosos no campeonato olímpico de Paris em 1924, vindo a repetir essa conquista em Amsterdã, em 1928.

Para além dessas questões - e não menos decisivo - houve o comprometimento do governo federal do Uruguai, de que seria construído um estádio especialmente para abrigar aquele que seria o evento futebolístico mais importante do mundo. Sugestivamente, o nome dado ao complexo esportivo foi “Estádio Centenário”.⁶⁸

Ao fim de várias sessões, efetuadas em Zurich, a comissão designada pela “Federation Internationale de Football Association” para estudar e resolver a questão de um campeonato mundial de futebol, conseguiu assentar bases para a realização deste certame mundial. Assim, por exemplo, o campeonato vai ser disputado de quatro em quatro anos, a começar em 1930, isto é, dois anos depois de uma olimpíada e dois anos antes da que imediatamente a segue. Os jogos desenvolver-se-ão entre 15 de maio e 15 de junho, num mês completo portanto, devendo os encontros ser disputados se possível, num só local. Caso haja mais de 32 inscritos, torna-se necessário jogar partidas eliminatórias. Estas bases do campeonato mundial deverão ser discutidas e aprovadas pelo congresso internacional marcado para 18 de maio próximo, em Madrid.⁶⁹

⁶⁷ Existem vários trabalhos de jornalistas esportivos que tratam da trajetória das copas do mundo realizadas no século XX. Um trabalho publicado recentemente, cuja discussão não aborda especificamente os campeonatos mundiais, mas que narra fatos importantes da história do futebol, além dos campeonatos mundiais é o texto de MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

⁶⁸ MURRAY, Bill. *Op. Cit.* p. 90. Ver também GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L & PM, 1995.

⁶⁹ Jornal “OESP”. *O campeonato mundial em 1930*, 25-01-29.

Discutidas as regras e condições em que seriam disputados os jogos, iniciou-se a execução das idéias apresentadas. O que chamou particular atenção para as copas do mundo, foi o envolvimento popular de diferentes países nesses torneios, o que resultou na percepção de que a conquista desses campeonatos poderia contribuir, momentaneamente, para o espírito da nacionalidade, quando da vitória em uma partida e/ou de um campeonato.⁷⁰

Na citação a seguir, é flagrante a movimentação ocasionada pelos campeonatos mundiais, sob a forma – entre outras coisas – da mobilização do país sede, quanto à propaganda feita em torno do evento, contando, também, com financiamento do poder público. A justificativa para tal fato é a de que esse momento seria privilegiado para que o país anfitrião tivesse mais visibilidade ao organizar o maior campeonato de futebol do mundo. No caso do Uruguai, todas essas questões se tornavam particularmente especiais em razão da comemoração do centenário de sua constituição.

Na última sessão realizada pelo comitê executivo do Campeonato Mundial de futebol de 1930, estiveram presentes os drs. H. Baqué, que presidiu os trabalhos, G. Usera Bermudez, R. J. Pasaca, R. Mibelli e o dr. C. Penadés. Foram adotadas as seguintes resoluções:

A propaganda do campeonato: A comissão financeira fez uma consulta ao Comitê executivo sobre a propaganda a ser feita por ocasião do Campeonato mundial de Futebol de 1930. Ficou resolvido que, no caso da organização do campeonato conseguir auxílio das autoridades nacionais e municipais, a propaganda não será limitada.

Estampilhas: A Comissão de Propaganda deu conta da resolução que tomou de mandar imprimir alguns milhares de estampilhas de propaganda, assim como cartazes com dizeres sugestivos e referentes ao futebol, em dois tamanhos. O Comitê Executivo autorizou os gastos nesse sentido, o que permite à Comissão de Propaganda, dentro em breve, realizar pelo mundo toda uma propaganda eficaz.

Selos Postais: O Comitê Executivo concedeu ao sr. Raimundo J. Pascal autorização para em seu caráter de membro da comissão de propaganda, combinar com a direção dos correios todos os passos necessários para uma emissão de selos postais alegóricos.⁷¹

⁷⁰ Cf. HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁷¹ Jornal "OESP". *Campeonato mundial de futebol – o comitê executivo reuniu-se em Montevideu*. 26-01-30.

Não obstante, os esforços dispensados pelos uruguaios, a fim de que o torneio por eles organizado obtivesse pleno êxito, não foi o que se viu, a começar pela inexpressiva presença de seleções européias. Acrescente-se a isso o fato de seleções como a do Brasil, enviar sua equipe de forma não representativa do que se dispunha de melhor qualidade técnica, em face dos problemas envolvendo as associações esportivas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

É certo que o número reduzido de países europeus ao primeiro campeonato mundial, contribuiu decisivamente para a relativa falta de competitividade, bem como para a frustração da expectativa criada em torno do mesmo. A própria Inglaterra, considerada uma das maiores potências do futebol mundial nesse período, desistiu poucos meses antes da disputa, sob a alegação de que estaria havendo “controle político no esporte”, justificativa igualmente apresentada por outros “vizinhos” da Europa.

Inversamente às motivações expressas pela Inglaterra, as quatro nações européias a participarem da Copa do Mundo de 1930 – França, Romênia, Iugoslávia e Bélgica – tinham razões até certo ponto “favoráveis” para que elas se fizessem representar. Desses quatro países, a França não poderia, em princípio, deixar de participar, tendo em vista que o presidente da FIFA, era justamente o francês Jules Rimet, idealizador do torneio. Deve-se destacar que a partir desse campeonato, foram inauguradas algumas práticas de governos que julgavam a presença de seus países em competições internacionais como algo de interesse público.

A Romênia e a Iugoslávia viajaram ao Uruguai, ambas com forte apoio político. o Rei Carol acabara de ascender ao trono da Romênia, e visto que desde seus dias de príncipe estimulava o futebol e outros esportes com obstinação, agora podia impor sua vontade. Anistiu todos os jogadores que estavam suspensos e

pressionou as companhias petrolíferas britânicas a liberar todo empregado que fizesse parte da equipe. Em 1929, o rei da Iugoslávia declarou a consolidação da indefinida federação dos países eslavos do Sul em uma nação unificada pela sua ditadura. O sucesso futebolístico podia ajudar a dourar a pílula em relação às minorias étnicas que se sentiam ameaçadas por suas ambições – na década de 1920, a Iugoslávia começava a gerar alguns dos melhores jogadores e treinadores do mundo, que exportaria com uma profusão equiparada só pela Hungria e Escócia. Os belgas foram a Montevideu não só para comemorar o centenário da sua independência dos países baixos, mas também por causa da influência do presidente de sua associação de futebol, Rodolphe William Seeldrayers, que se distinguiu em vários esportes, mas cuja maior paixão era o futebol. Em 1927, tornou-se vice-presidente da FIFA e em 1954 sucedeu Rimet como Presidente.⁷²

Iniciou-se então o primeiro campeonato mundial. O jogo de abertura ocorreu no dia 13 de julho de 1930, confrontando-se, de uma lado, a seleção da França e, de outro, a do Chile.

Realizam-se hoje, em Montevideu, as primeiras provas deste campeonato mundial, organizado sob os auspícios da confederação de Amsterdã. Não nos cabe aqui, historiar a origem do campeonato do esporte em particular, tão generalizado na Europa e na América. Sabe-se como ele nasceu. Os esportistas, que promoviam as olimpíadas, entenderam separar o futebol, por julgarem que o mesmo estava achacado de vícios, entre os quais, o profissionalismo (...) O Uruguai, graças a sua brilhante ação em duas olimpíadas, conseguiu que o primeiro campeonato fosse em Montevideu. A vizinha República da banda oriental alegou que festejava, neste ano, o centenário de sua independência política. E não lhe foi difícil convencer os delegados de outras nações. O que foi difícil foi unir todos os grandes competidores. Apesar da energia dos seus esportistas e do trabalho de sua diplomacia, várias nações comunicaram que não podiam participar do certame. Assim, não concorrem ao mesmo a Inglaterra, a Holanda,⁷³ a Itália, a Hungria e a Espanha, onde o futebol já está desenvolvido.

A primeira Copa do Mundo, realizada em 1930, teve o Uruguai como campeão. A condição de apenas coadjuvante nesse campeonato, rendeu à seleção brasileira uma discreta colocação entre os treze participantes. Como evento que poderia difundir em âmbito mundial, o nome do Brasil, representantes do governo federal desde a primeira disputa em 1930, começavam a se interessar diretamente pelo sucesso da seleção brasileira nessas copas, como forma – entre outras coisas

⁷² Cf. MURRAY, Bill. *Op. Cit.* p. 90-91.

– de estabelecer vínculos entre os eventuais sucessos do futebol com questões que não dissessem respeito apenas ao esporte, como educação e saúde. Especialmente nos momentos de experiência de regimes políticos autoritários, tal situação pôde ser percebida, como nos períodos de 1937/1945 e 1964/1985.⁷⁴

Essa discussão acerca dos usos políticos do esporte, adquiriram novas dimensões a partir da presença da seleção de futebol do país nos campeonatos mundiais. Conforme mencionado anteriormente, a participação da seleção brasileira nesses campeonatos reforçou a idéia – na perspectiva do governo federal – da exploração do futebol como símbolo da nacionalidade em face de sua popularidade.⁷⁵

O Ministério da Justiça e dos Negócios Exteriores do governo do então Presidente Washington Luís, não hesitou em direcionar recursos financeiros à seleção brasileira de futebol, a fim de que ela pudesse participar do campeonato mundial de 1930.⁷⁶ É importante lembrar que a atenção dispensada pelo poder público não foi exclusividade do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Tal

⁷³ Jornal “OESP”. *O primeiro campeonato mundial*, 13-07-30.

⁷⁴ Sobre a relação futebol e política no período compreendido entre 1964/1985, ver entre outros, TAVARES, Maria da Conceição. *Carro-zero e pau de arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHUARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 4. p. 320-321

⁷⁵ O esporte se difundiu especialmente em meio aos jovens, pelo país, a partir do final do século XIX, como possibilidade de se manter um físico saudável e de se acompanhar os ritmos da Europa, conforme já mencionado. A rápida aceitação do futebol, e consequente popularidade à qual fizemos referência, se explica pelos motivos explicitados, embora exista um outro bastante simples, porém significativo. Ao se referir ao jogo de futebol não oficial, isto é, às “peladas”, Dias afirmou que, “A prática de futebol encerra muita facilidade. Pode ser jogado em campo improvisado, com qualquer número de jogadores, com traves simuladas por pedras, pedaços de madeira e uma bola que pule ou não. Assim, podemos presenciar um jogo de futebol em qualquer lugar por que passamos: ruas, praias, terrenos baldios, beiras de estradas, fazendas. Basta uma bola, dois ou mais garotos, para se iniciar um jogo. (...) Pode ainda ser praticado ao ar livre com qualquer tempo. Apresenta ainda a possibilidade de ser jogado por qualquer tipo morfológico, jogadores principiantes ou profissionais, sem que se faça caso do desnível de idade de seus praticantes. Porém, quanto melhores forem, tecnicamente, as condições de seus participantes, este jogo torna-se mais atraente e agradável tanto para os espectadores, como para os jogadores, aos quais proporciona popularidade e altos rendimentos financeiros. Qualquer cidade, por menor que seja, possui uma igreja, um campo de futebol e uma pracinha. Aos domingos, pela manhã, o povoado vai à igreja, à tarde, assiste ao jogo, à noite vai à praça comentar as jogadas”. Cf. DIAS, Délio da Silveira. *Futebol Total*. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1980. p. 8-9.

situação também ocorria em outros países sul americanos, além de países europeus.⁷⁷

Em determinados movimentos políticos ocorridos ao longo do século XX, dirigentes e atletas de modo geral, manifestaram suas opiniões acerca de situações políticas ambientadas no período mencionado. Esse foi o caso, por exemplo, da “Revolução Constitucionalista” de 1932, ocasião em que esportistas de São Paulo vieram, publicamente, declarar apoio ao movimento paulista de 1932. Caracterizado por uma postura que oscilava entre apoiar e se opor aos governos das primeiras décadas do século XX, o jornal “O Estado de S. Paulo”, naquele ano, manifestava sua oposição ao governo do Presidente Getúlio Vargas.

Posicionando-se de forma inteiramente favorável ao movimento, deflagrado em 9 de julho de 1932, o número de páginas desse jornal foi diminuído, no qual se via repetidamente fotos do conflito, além de afirmações referentes ao apoio de esportistas ao movimento. Com seguidas matérias diárias, cujas denominações foram de “Esporte Mobilizado”, o cronista de “O Estado de S. Paulo”, assim escreveu:

Por iniciativa do Departamento de Educação Física foi iniciada ontem a mobilização dos esportistas de São Paulo. Na sede do Departamento efetuou-se, a noite, uma reunião, à qual compareceram quase todos os representantes das grandes entidades esportivas de São Paulo e dos principais clubes desta capital, sendo expostos pelo dr. Antônio Bayma, diretor do Departamento, os fins da assembléia, que eram assentar as bases para a imediata e positiva cooperação do esporte no movimento constitucionalista (...) Antes de se encerrar a reunião, os presentes redigiram um apelo que sai publicado noutra seção desta folha, chamando todos os esportistas de São Paulo para fazer suas inscrições nos respectivos clubes, com o fundamento de que o esporte precisa demonstrar que não somente robustece o corpo, mas também dá têmpera às almas.⁷⁸

O esporte paulista está sendo mobilizado desde ontem. Por iniciativa do Departamento de Educação Física que obteve pronta e total cooperação das grandes entidades e dos principais clubes da

⁷⁶ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: 2002. p. 56.

⁷⁷ A esse respeito, ver MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. Ver especialmente o capítulo II: “Pelo mundo afora”. p. 43-65.

⁷⁸ Jornal “OESP”. *A mobilização esportiva*, 13-07-32.

capital (...) Isto mostra que mesmo sem qualquer apelo específico, os nossos esportistas souberam cumprir o seu dever, que no caso se duplica de um verdadeiro direito, pois a defesa do Brasil e de São Paulo é o exercício da mais elementar função cívica, é uma afirmação lógica do próprio ato de existir (...) Aos que tendiam a considerar o esporte como um espetáculo e os esportistas como uma espécie de figurantes desse espetáculo, vem a organização esportiva e seus elementos demonstrar, do modo mais incontestável, que esta modalidade da educação física não é apenas um fim, e sim um meio. Um meio para robustecer o corpo, iluminar a inteligência e dar têmpera ao moral (...) Diante de tão significativas afirmações, perguntamos como é possível deixar de reconhecer no esporte uma das bases da nossa consciência cívica.⁷⁹

A movimentação de esportistas em torno da Revolução Constitucionalista de 1932, foi caracterizada também por uma “convocação” aos esportistas das colônias estrangeiras ambientadas em São Paulo. Vale lembrar que vários clubes desse Estado eram de origem européia, sobretudo da Itália e da Alemanha,⁸⁰ além da Espanha e Portugal. Na perspectiva dos ideólogos dessa revolução, aderi-la seria um ato de “nacionalismo” daqueles que adotaram São Paulo como sua terra.

O esplêndido surto de ideal e de energia que é a mobilização esportiva está dando motivo a que conheçamos melhor os mais significativos aspectos de nosso esporte. Um destes aspectos é o seu caráter profundamente nacionalista, verdadeiramente notável num Estado como São Paulo, onde há muitos e fortes clubes da colônia, isto é, compostos na sua maioria de estrangeiros aqui adaptados ou de brasileiros filhos de estrangeiros. A despeito do ótimo pretexto que teriam esses clubes, se não quizessem colaborar no movimento constitucionalista, são eles os primeiros a correr ao encontro dos que estão defendendo a causa paulista ambientada na realidade brasileira.⁸¹

Sob a idéia de que o esportista deveria ter “caráter” e “civildade”, o Departamento de Educação Física de São Paulo transmitia pelo rádio a

⁷⁹ Jornal “OESP”. *O esporte mobilizado*, 14-07-32.

⁸⁰ Cf. ARAÚJO, José Renato Campos de. *Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000. Como exemplo do sentimento do nacionalismo também através do futebol, houve uma situação elucidativa a esse respeito. Por ocasião da Segunda Guerra mundial, o Presidente da República Getúlio Vargas, exigiu que todos os clubes esportivos de orientação italiana ou alemã deveriam mudar de nome, sob pena de serem extintos, caso não obedecessem a essa ordem. Neste sentido, o Palestra Itália, de São Paulo, e o Palestra Itália, de Belo Horizonte (recentemente denominados, Palmeiras e Cruzeiro, respectivamente) mudaram o nome. Além desses clubes, outros de “menor expressão” espalhados pelo país, também assim tiveram que proceder.

⁸¹ Jornal “OESP”. *O esporte mobilizado*, 18-07-32.

“importância e necessidade” de que os atletas teriam de reconhecer no movimento político de 1932. O colunista do “Estadão” reproduzia o discurso do diretor de tal Departamento, de forma a avaliar o ideal de participação dos atletas nas justificativas apresentadas pelo governo estadual paulista. Segundo Borges, “a crise que explode entre a oligarquia paulista e Vargas, chefe do Governo provisório, é uma crise de poder, que vai ser colocada pelos jornais no plano ideológico.”^{82,}

Mas não foi apenas o jornal “O Estado de S. Paulo” que manifestou publicamente seu apoio ao movimento desencadeado em 1932. A Rádio Record da cidade de São Paulo (importante divulgadora da prática futebolística) assim também procedeu, tal como relata Soares: “A Rádio Record passou a ter grande prestígio em São Paulo a partir da Revolução de 1932. Durante o Movimento Constitucionalista, a emissora desenvolveu uma grande campanha a favor dos paulistas, tendo se tornado ‘A Voz de São Paulo’. As iniciativas da emissora repercutiram muito bem junto aos ouvintes do Estado”.⁸³

Esse movimento teve a participação e apoio político da direção do jornal “O Estado de S. Paulo”, razão pela qual, o periódico em questão se manifestava de forma contundente quanto à participação dos atletas no “movimento constitucionalista”.⁸⁴ A citação a seguir é elucidativa sobre esta questão:

Palavras do dr. Antônio Bayma, diretor do Departamento de Educação Física, transmitidas ontem pelo rádio: “A mobilização esportiva é uma afirmação de civismo do esporte de São Paulo. É um testemunho que vem dar, perante a consciência do público, de que há nele uma grandeza moral a altura da sua eficiência técnica. É a concentração de todos os esportistas sob sua própria bandeira

⁸² Cf. BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a oligarquia paulista – História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926/1932*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 192.

⁸³ Cf. SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. p. 37.

⁸⁴ Sobre a ideologia política do “O Estado de S. Paulo”, ver, entre outros, CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino – imprensa e ideologia: O jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

especial, que é a do esporte. Isoladamente, um por um, já os esportistas de São Paulo demonstraram que sabem ser brasileiros, sendo bons cidadãos paulistas. Eles foram dos primeiros que correram a se alistar. E mostraram tal ânsia para lutar pela causa de seu país e do seu Estado que conseguiram ser dos primeiros, também, a ir para a frente da ação. Individualmente, fizeram o seu dever como homens, como brasileiros, como paulistas. Esta grandiosa afirmação foi uma esplêndida prova da têmpera do caráter individual de cada esportista.⁸⁵

Se o futebol, desde o primeiro decênio do século XX mobilizava alguns dos segmentos sociais, a partir da década de 1930 ele passou a ser, de modo mais efetivo, um fenômeno de massa que acompanhou a expansão de outros elementos da cultura de massa, dentre eles o rádio e periódicos de grande circulação, os quais foram fundamentais na divulgação dos aspectos relacionados ao futebol, não apenas como prática esportiva, mas também como símbolo da nacionalidade.

O futebol, dessa forma, iniciava um processo de sua transformação por toda a extensão do século XX, no qual ele foi entendido não apenas como uma atividade esportiva, mas também uma das importantes manifestações culturais do Brasil. Em ocasiões de realização de Copa do Mundo de futebol, tal processo pôde ser verificado.

A transição de esporte amador a esporte profissional, e a realização da Copa do Mundo no Uruguai, colocaram o futebol como algo que a sociedade e o próprio governo federal se aperceberam, em que pesem os “usos” políticos que tal esporte foi objeto. Reitere-se que representantes do poder público participaram de decisões relacionadas tanto no que diz respeito à profissionalização do futebol, quanto no apoio à delegação brasileira que participou do primeiro campeonato mundial no Uruguai.⁸⁶ Ademais, jornais de grande circulação destinava um espaço diário

⁸⁵ Jornal “OESP”. *A mobilização esportiva*, 22-07-32.

⁸⁶ Cf. MAZZONI, Thomaz. *A história do futebol no Brasil – 1894-1950*. São Paulo: Olympicus, 1950.

específico à atividade futebolística, em decorrência do interesse popular a ela conferida.

A década de 1930 se iniciou com o prenúncio de mudanças sociais. O poder público não relutou em buscar também no esporte, um dos instrumentos de legitimidade de seu governo, sobretudo durante o chamado “Estado Novo”. Atente-se ao fato de que em âmbito mundial, a atividade esportiva vinha sendo amplamente explorada por governos de regimes políticos totalitários como também uma das formas de sua legitimidade.

A prática esportiva e a sua disciplinarização não poderiam ser tratadas isoladamente, pois outros elementos apresentam-se como as questões do corpo e a educação. Por outro lado, não se poderia perder de vista que o Estado Novo faz parte do processo da chamada Revolução de 1930, na qual novas camadas assumem o poder e passam a reestruturar o Estado, com novas preocupações e interesses. Portanto, nesse período, a educação passou a ser vista de forma diferente, tornando-se um espaço estratégico na consolidação do Novo Estado, com a presença desses novos personagens. Paralelamente a essa questão, ocorreu a preocupação dos novos setores hegemônicos em construir uma idéia de nação e povo. Nessa construção, o futebol adquiriu uma grande importância.⁸⁷

A partir da compreensão de que os esportes de modo geral, e o futebol de modo particular, cada vez mais alcançava o interesse popular no Brasil, e também nos países vizinhos da América do Sul (sobretudo na Argentina e no Uruguai), não havia mais como ignorá-lo. O governo federal visualizava no futebol – entre outros aspectos – uma das possibilidades de preservação e manutenção da saúde, bem como das suas relações com a construção do “homem novo”.

Tal fato foi também verificado em países europeus, especialmente na Alemanha e na Itália. Nesses países, os esportes foram concebidos como símbolos de “orgulho nacional”, além de serem explorados para causar impacto com o êxito do regime através das inúmeras vitórias em competições internacionais, como a

boa performance da Alemanha, nas olimpíadas de 1936, e com as conquistas consecutivas das copas do mundo de futebol pela Itália, em 1934 e 1938. “O regime fascista de Mussolini foi o primeiro a usá-los como política de governo, e Hitler adotou muitas idéias do ditador italiano em seu regime. Por outro lado, Stálin, utilizando os esportes para a unificação nacional e para a preparação de defesa, relutou em submeter os atletas soviéticos ao teste das competições internacionais até ter certeza da vitória. Em cada uma dessas três ditaduras, e em outras que ameaçavam o regime democrático na década de 1930, o futebol era o principal vínculo cultural entre o regime e o povo”⁸⁸.

Foi durante os conflitos internacionais de maiores proporções ambientados na primeira metade do século XX, que a atividade esportiva obteve mais interesse, tendo como premissa que o esporte prepararia o jovem para os eventuais confrontos bélicos.⁸⁹ Isso pôde ser verificado durante a primeira e a segunda guerra mundial, além do período de intervalo entre elas.

Desse modo, a relação entre esporte e a idéia de nação se tornou mais consistente, exatamente no período entre guerras, sobretudo na década de 1930. Nos eventuais conflitos internacionais nos quais se confrontavam diferentes países, o espírito do nacionalismo se tornaria mais agudo. Nesse sentido, especialmente durante tais conflitos, torcer pelas seleções nacionais significaria, simbolicamente, torcer pela nação.⁹⁰

O reforço da construção da imagem da nação e do homem brasileiro na década de 1930 buscou também, nas atividades esportivas - com destaque para o

⁸⁷ NEGREIROS, Plínio José Labriola. “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40”. In: COSTA, Márcia Regina da. (et. ali.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999. p. 217.

⁸⁸ MURRAY, Bil. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 96.

⁸⁹ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópole e desatino”. *Revista USP: Dossiê Futebol*. São Paulo. n. 22. 1994.

futebol - um dos aspectos de legitimidade de um projeto no país que se anunciava. A educação física passou a atrair “novos olhares” por parte do governo federal. O esporte assumiu um significado que, até então, lhe era direcionado apenas de modo relativamente tímido.

As copas do mundo de futebol de 1934 e de 1938, ocorridas, na Itália e na França, respectivamente, bem como as olimpíadas realizadas na Alemanha em 1936, atreladas a algumas experiências de regimes políticos totalitários em países da Europa, trouxeram novas leituras e interpretações para a atividade esportiva, razão pela qual novas reflexões acerca de suas funções, vieram à tona na década de 1930.

⁹⁰ A este respeito, ver HOBBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CAPÍTULO 2

A CONQUISTA DO CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL EM 1938 COMO UMA DAS FORMAS DE PROPAGANDA DE REGIMES POLÍTICOS.

(...) Pela Avenida Rio Branco, em frente aos jornais, massas de povo entoavam o Hino Nacional, seguidos de “viva o Brasil”, enquanto que pelos ares zuniam foguetes ao espoucar barulhento das bombas. Dos arranha-céus, despencavam nuvens de confetti e serpentinas. (..). Os marinheiros, operários e funcionários da nossa marinha de guerra enviaram para Bordeus um expressivo telegrama aos brasileiros que atuam no campeonato mundial de futebol. “mantenham inatingível o nome do Brasil.”¹

O campeonato mundial de futebol, disputado no Uruguai em 1930, deixou algumas certezas. Uma delas é a de que as vitórias nos jogos de futebol, sobretudo envolvendo seleções nacionais em torneios internacionais, poderia efetivamente contribuir para a visibilidade interna e externa do país vencedor desses torneios, independentemente se o país fosse da Europa ou da América.

As duas copas subsequentes, à realizada no Uruguai, foram disputadas na Europa; respectivamente na Itália, em 1934, e na França, em 1938. Tanto num, como noutro campeonato mundial, o cenário internacional de emergência de experiências de regimes políticos totalitários, influenciou nos rumos que o esporte passaria a trilhar diante dos bons e/ou dos maus resultados obtidos nos confrontos. Não por acaso, a decisão da FIFA em indicar a Itália como país sede do campeonato mundial de 1934, foi imediatamente bem recebida pelo governo

¹ Jornal “OESP”. *A vitória da seleção brasileira foi recebida com vivas manifestações de entusiasmo*, 15-06-38. O texto citado é uma referência ao comportamento de torcedores, por ocasião de vitória da seleção brasileira em um dos jogos da Copa do Mundo, em 1938.

italiano, o qual explorou este torneio, na perspectiva de ver nele uma oportunidade de propagandear o regime fascista.²

Na copa do mundo de 1934 - mas sobretudo na copa seguinte - a participação da seleção brasileira resultou na exploração do futebol quanto ao processo de (re) construção da identidade nacional também pela via do esporte. A análise dos significados da atividade futebolística, associada aos modelos sócio-culturais pretendidos pelo governo do período, desemboca numa reflexão que passa por essa (re) construção.

Antes da discussão sobre a exploração política por parte de representantes do governo federal no campeonato mundial de 1938, realizado na França, é necessário entender alguns aspectos da copa de 1934, e suas consequências. Tal como em 1930, na Copa do Mundo de 1934 a seleção brasileira não contou com os melhores atletas do país. Por motivos semelhantes aos do torneio realizado no Uruguai, cisões envolvendo dirigentes do Rio de Janeiro e de São Paulo, contribuíram para a discreta e fracassada participação do selecionado brasileiro na copa da Itália. A esse respeito, o cronista do “O Estado de S. Paulo” escreveu que,

Há mais de um ano que, na imprensa estrangeira, se fala no campeonato mundial, a realizar-se em maio próximo na cidade de Roma. Vários países da Europa tomaram a sério a tarefa de organizar o seu quadro representativo. E trabalharam com afinco para que a sua participação fosse a mais brilhante possível. No Brasil, porém, conforme velha praxe, não se ligou muita importância a esse certame internacional (...) o futebol estava e está cindido, como também é uma velha praxe, em vésperas de torneios dessa natureza (...) Sempre que se tornou necessário cuidar de nossa representação no estrangeiro, as ligas ou entidades diretoras se encontraram separadas e irreconciliáveis. Foi o que sucedeu em 1916, em 1919, em 1922, e nos anos seguintes até os campeonatos mundiais de 1930 e de 1934. Parece que esta é a sina do futebol brasileiro.³

² Cf. MURRAY, Bil. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. Ver especialmente o capítulo 4: “A década dos ditadores”. p. 95-120.

³ Jornal “OESP”. *Campeonato Mundial*, 30-03-34.

Embora sucessivas cisões envolvessem a AMEA e a APEA, representantes do poder público visualizavam no futebol uma das possibilidades de sua propaganda em face do apelo popular que o esporte representava.⁴ A profissionalização do futebol em 1933, contando com o apoio do governo federal demonstrou esta perspectiva⁵. Desse modo, a seleção brasileira dispunha da sustentação do então governo provisório instaurado em 1930, a fim de que os atletas obtivessem êxito na Copa da Itália, em 1934. Singular nesse aspecto, foi a indicação de Lourival Fontes como chefe da delegação, que viajou com a seleção para o campeonato mundial. Durante a década de 1930, o Presidente da República “ao tomar para si a tarefa de organizar e proteger o futebol brasileiro, ele ia consolidando a imagem de grande patrono do esporte nacional.”⁶

Uma das iniciativas tomadas pelo governo, foi a de motivar ações que permitissem que não mais houvesse problemas de qualquer natureza que afetassem as boas relações entre as entidades esportivas que cuidavam do futebol brasileiro, a saber, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Ressalte-se, todavia, que tal iniciativa não caracterizou a unidade entre essas entidades esportivas.

Os jornais noticiaram que o chefe do governo provisório estava disposto a interferir na contenda entre a Confederação de Desportos e a Federação Brasileira de Futebol a fim de evitar o fracasso da representação no segundo campeonato mundial [1934], a disputar-se nos estádios italianos. Informariam ainda os mesmos jornais que seriam chamados para uma conferência, os srs. Luiz Aranha e Arnaldo Guinle, os dois esportistas mais em evidência naquelas duas entidades esportivas (...) O que desejamos assinalar é que a Confederação de Desportos, tendo o bafejo do governo federal, havia mesmo de levar vantagem sobre as demais instituições, não só do Rio, como São Paulo e demais Estados. Representou a Confederação em todos os tempos, os elementos

⁴ Cf. NEGREIROS, Plínio José Labriola C. “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40”. In: COSTA, Márcia Regina da. (org.) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 214-239.

⁵ Cf. PERRY, Valed. *Futebol e legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973.

⁶ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 336.

esportivos do país? Nem sempre. Nela dominaram oligarquias de clubes regionalistas, que trataram de defender, como era natural, os seus interesses particulares, ou de satisfazer as possíveis vaidades ou ambições de seus diretores.⁷

A tentativa do governo federal era que os clubes da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro reunissem suas melhores forças para que a seleção brasileira, por conseguinte, se tornasse mais competitiva. Atente-se ao fato de que os atletas de habilidade mais apurada atuavam, via de regra, nos clubes dessas duas cidades. É preciso lembrar também que o projeto do “Brasil novo” pressupunha a unidade nacional, cujas condições passavam também pelos esportes⁸, com destaque para o futebol.

Tal como em 1930, na copa de 1934, a seleção brasileira não contou com os melhores atletas do país. Mais uma vez, em virtude de conflitos envolvendo as instituições esportivas de São Paulo e do Rio de Janeiro, o selecionado brasileiro não se fez representar com o que de melhor poderia se esperar dos atletas, em relação a sua boa qualidade técnica.

Apesar de implantado o profissionalismo no futebol em 1933, sua estrutura permanecia amplamente inalterada. Invariavelmente, confrontavam-se associações esportivas de diferentes Estados brasileiros com a CBD, sobretudo a APEA, uma das mais importantes do país (no que tange ao número de clubes e atletas afiliados). Diante disso, a composição da seleção brasileira, que viajou para disputar a Copa do Mundo da Itália em 1934, contou com apenas quatro jogadores que atuavam em clubes paulistas: Armandinho, Luizinho, Sílvio Hoffman e

⁷ Jornal “OESP”. *A primeira lição*, 02-05-34.

⁸ Sobre o processo de inclusão dos esportes no projeto de um “país forte”, ver especialmente o trabalho de BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Ser forte para fazer a nação forte: A educação física no Brasil (1932-1945)*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1991.

Valdemar de Brito. Era uma seleção fundamentalmente “carioca”. “A base da seleção era constituída pelo Botafogo do Rio de Janeiro”.⁹

Diferentemente da copa de 1930, a qual teve apenas treze países inscritos, o campeonato de 1934 contou com maior participação de países europeus. Da América estiveram presentes o Brasil, a Argentina e Estados Unidos. O Uruguai, uma das importantes agremiações futebolísticas do período, não enviou sua delegação em protesto à não participação de vários países europeus que, de igual modo, não participaram da copa de 1930, sediada no vizinho país sul americano.¹⁰

A seleção brasileira foi muito mal nesse torneio. Ficou em 14º lugar, na classificação final. Logo na sua primeira partida contra a Espanha, perdeu por três a um. O colunista do “Estadão” escreveu que a equipe brasileira tinha vários motivos para não ir bem no certame. Dentre os motivos, a já mencionada divisão entre dirigentes esportivos de São Paulo e do Rio de Janeiro, conforme matéria do “Estadão” apontou dias antes do início do campeonato.

Quatro dias antes do embarque com destino a Gênova da delegação brasileira futebolística, que participará do campeonato mundial, será de toda conveniência saber quais serão os responsáveis diretos ou indiretos, do nosso inevitável fracasso naquele certame. Porque não duvidem um instante: o selecionado, que irá a Europa, não poderá competir com antagonistas preparadíssimos. Ora, a nossa opinião sobre o assunto já é bastante conhecida. Alheios às divergências de grupelhos que mandam no popular esporte, e não desejando, por nobres patriotismos que o nome esportivo do Brasil fique manchado como já aconteceu em Los Angeles no ano de 1932, tudo temos feito para evitar que se consuma esse autêntico atentado ao bom senso. E de que maneira se evitaria? Não consentindo que realizem seus anseios os fúteis dirigentes, que jamais pensaram a sério na educação física da juventude nacional.¹¹

⁹ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 53

¹⁰ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

¹¹ Jornal “OESP”. *A confederação e o campeonato mundial*, 09-05-34.

Intrigas, vaidades, interpretação “pessimista” do cronista de “O Estado de S. Paulo”,¹² falta de planejamento e de estrutura minimamente profissional, demonstravam as possibilidades de insucesso da seleção brasileira. A copa de 1934 não está entre aquelas que normalmente são lembradas quando se pensa nas melhores performances que a equipe nacional já obteve em todas as disputas das quais participou. O resultado, nesse campeonato, nem de longe foi o esperado. A equipe atuou desfalcada, e perdeu seu único jogo contra a Espanha, o que lhe valeu a desclassificação sumária do torneio. Sobre o malogro da equipe brasileira na copa da Itália de 1934, o jornalista Mazzoni escreveu:

Para não falhar ao seu compromisso de participar do II campeonato Mundial, na Itália, a CBD teve que apelar para todos os seus recursos na situação em que se achava. Em primeiro lugar, faltava-lhe força técnica. Todos os melhores craques daquele tempo militavam na FBF e, somente o Botafogo, dos grandes clubes do Rio, estava ao lado da CBD. Era preciso, pois, investir-se contra os clubes profissionalistas e tirar-lhes os jogadores. Em vão a imprensa, pondo acima de tudo os interesses do futebol brasileiro, clamou por um acordo. Porque ambas as facções não deveriam se unir para o XI do Brasil comparecer forte e unido no magno certame mundial? Não seria sequer necessária a pacificação, bastaria uma trégua, os clubes dariam seus elementos e, na volta da Itália, a trégua terminaria. Nada foi obtido. A paixão partidária cegou a todos... Nenhum acordo. A CBD, então começou a tratar particularmente com os jogadores visados.¹³

Dois dos principais responsáveis pela delegação brasileira, eram diretamente ligados ao Presidente da República. Enquanto o então Presidente da CBD era Luiz Aranha, irmão do ministro da Fazenda do governo de Vargas (Osvaldo Aranha), o chefe da delegação, que viajou à Itália, foi Lourival Fontes, diretor da secretaria geral do gabinete do interventor do Distrito Federal. Posteriormente, por ocasião da

¹² Para além de uma interpretação “pessimista” do cronista, reside a antipatia ao futebol carioca por parte dos cronistas de São Paulo, assim como existia o inverso, isto é, o mesmo sentimento dos cronistas cariocas em relação ao futebol paulista. Tal situação pôde ser verificada nas leituras dos jornais veiculados nas duas cidades. Vale lembrar que a sede da CBD localizava-se na capital federal, o que seria mais um motivo para se criticar a entidade, na perspectiva da crônica esportiva de São Paulo.

¹³ MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil (1894-1945)*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 247.

instauração do “Estado Novo”, o mesmo Fontes se tornou diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP. Tal composição da equipe brasileira reforça a idéia de aproximação, já na década de 1930, de poder público e prática esportiva.

Dias antes do campeonato mundial de 1934, o próprio Getúlio Vargas foi citado em “O Estado de S. Paulo” como alguém que estaria pessoalmente se envolvendo na seleção brasileira com vistas a “reforçar o time”. No título da matéria publicada, fazia-se referência a Vargas como um “ditador”. Ressalte-se que tal envolvimento prendia-se ao fato de que o Presidente brasileiro estaria solicitando ao Presidente do Uruguai, a liberação do passe de Domingos da Guia, um dos melhores jogadores do país na década de 1930. Mesmo com a intervenção de Vargas, Domingos da Guia não participou do campeonato em 1934.

Ao que se afirma aqui, o sr. Getúlio Vargas intercedeu junto ao sr. Gabriel Terra, Presidente do Uruguai, no sentido de conseguir do Nacional a cessão do passe de Domingos, para integrar a seleção brasileira. O Nacional [clube defendido por Domingos da Guia] teria solicitado para isso, porém, o pagamento de 45 contos.¹⁴

As disputas das copas do mundo de 1934 e a de 1938 guardam semelhanças quanto à concepção do esporte pelo poder público. A matéria a seguir, publicada pelo mesmo periódico, mostra a tendência do que seria a percepção dos esportes de modo geral – e do futebol de modo particular – na compreensão do regime instaurado no Brasil em 1937. O evento no Palácio da Guanabara, ocorreu no momento da viagem da seleção brasileira para a Itália, país que desde a década de 1920, mas sobretudo na década de 1930, buscava também no futebol, justificativas para a aceitação popular do regime fascista.

Acompanhado dos srs. Luiz Aranha e Lourival Fontes, estiveram a tarde no Palácio Guanabara, onde apresentaram despedidas ao chefe do governo provisório, os jogadores brasileiros que vão disputar em Roma o campeonato mundial de futebol e que

¹⁴ Jornal “OESP”. *Os preparativos para a participação do Brasil no certame mundial de futebol – uma intervenção do ditador*, 10-05-34.

partirão amanhã. Logo após a chegada ao Guanabara, a embaixada esportiva foi recebida pelo sr. Getúlio Vargas, que se achava acompanhado do ministro [da viação e obras públicas] José Américo e do interventor [do Distrito Federal] Pedro Ernesto. Depois de fazer a apresentação dos jogadores, o sr. Luiz Aranha expôs as *démarches* feitas para a organização da embaixada, descrevendo as dificuldades encontradas pela Confederação, em vista da oposição de vários elementos. O sr. Getúlio Vargas falou em seguida dizendo aos esportistas que a missão não era somente de caráter esportivo, mas envolvia o desempenho de um dever cívico em prol da apresentação brasileira no estrangeiro. “ides para um país – diz o chefe do governo provisório – que se renova moral e materialmente. O italiano, que se sentia deprimido antes do advento do fascismo, sente-se agora orgulhoso de sua própria raça. É esse o exemplo que deve guiar os esportistas brasileiros”.¹⁵

Ao se referir ao fascismo como regime que enaltece a “raça nacional” e remete aos “deveres cívicos”, Vargas anunciava, de forma sutil, uma certa afeição a determinados posicionamentos de Benito Mussolini. Em 1937, houve a instalação do Estado Novo, cuja proposição política em relação aos significados dos esportes guardam algumas semelhanças com os governos totalitários da Europa, em especial o da Itália e o da Alemanha. A competição realizada na Itália em 1934, caracterizou-se pelo direto apelo de Mussolini para que seu país organizasse o torneio.¹⁶ Situação análoga ocorreu nas olimpíadas realizadas em Berlim, em 1936.

A interpretação dos eventuais êxitos nos jogos de futebol, ou em qualquer confronto envolvendo outras modalidades esportivas foram amplamente explorados também, por outros países da Europa, simpáticos aos regimes de inspiração totalitária, e não apenas pela Itália e Alemanha. Os jogos olímpicos realizados em Berlim em 1936, revelaram essa perspectiva. Aliás, foi exatamente na Copa do Mundo de futebol de 1934, e nos jogos olímpicos de 1936 que Itália e Alemanha, se proclamaram como “países fortes”, a partir também das conquistas do campeonato mundial e das olimpíadas, respectivamente.

¹⁵ Jornal “OESP”. O sr. Getúlio enaltece o fascismo esportivo, 12-05-34.

¹⁶ Cf. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto alegre: L & PM, 1995. p. 69.

Segundo Murray, Benito Mussolini, presente no estádio de Roma por ocasião da final da copa de 1934 entre Itália e Tchecoslováquia, prometeu “uma grande recompensa aos jogadores italianos se vencessem, e um terrível castigo se perdessem”.¹⁷ De modo similar ao comportamento de Mussolini na Copa do Mundo de 1934, Adolf Hitler “convocou” os atletas da Alemanha para que se dedicassem ao máximo, a fim de que eles demonstrassem, através dos esportes, a “superioridade racial” dos alemães.¹⁸

Na disputa do campeonato mundial de 1938, novamente Hitler se utilizou do futebol como um instrumento de propaganda política do regime nazista. Tal como em outras circunstâncias, a prática do futebol foi objeto dos interesses políticos da Alemanha nazista. Em 1999, Ulrich Lindner e Gerhard Fischer publicaram um livro chamado “Os atacantes de Hitler”, no qual são narradas as várias situações da relação entre futebol e nazismo na Alemanha.¹⁹

Embora explorado por Hitler, como elemento de legitimidade do seu governo, o futebol alemão não conquistou a medalha de ouro, nem na olimpíada de Berlim (Nos esportes, de modo geral, a Alemanha foi muito bem) , tampouco o campeonato de futebol de 1938. Coube à Itália, a conquista dos dois torneios.

A seleção alemã não conseguiu conquistar nenhuma vitória notável nos gramados, mas o regime nazista usou o futebol para alcançar alguns sucessos fora do campo. O maior triunfo do futebol alemão no plano internacional foi o bronze na copa do mundo de 1934. Em Berlim, em 1936, e na França, em 1938, o time foi logo eliminado. Porém, o esporte podia ser usado de outras maneiras; para os nazistas, havia muito a ganhar quando mostravam aos outros regimes – cujas políticas desprezavam – que estavam felizes em recepcioná-los como amistosos adversários esportivos.²⁰

¹⁷ Cf. MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 99-100.

¹⁸ Cf. MURRAY, Bill. *Op. Cit.*

¹⁹ LINDNER, Ulrich e FISCHER, Gerhard. *Hitler's Striker's*. Munique: Verlag Dae Uvirkstaat, 1999.

²⁰ MURRAY, Bill. *Op. cit.* p. 106-107. Uma prática recorrente ao longo do século XX, foi a postura dos diferentes governos em incentivar a prática esportiva, tendo em vista as possibilidades de reforço do nacionalismo através das conquistas nos jogos olímpicos.

É possível constatar que os regimes políticos ditatoriais ambientados na década de 1930, utilizaram-se das vitórias obtidas no esporte com dois objetivos básicos: como forma de exprimir supostamente a “superioridade racial”, e como forma de sua própria propaganda. No âmbito do “Estado Novo”, tais perspectivas - guardadas as proporções – também foram pretendidas pelo Presidente Getúlio Vargas. A própria orientação do DIP, demonstrava esse anseio.

A idéia da militarização da prática esportiva no Brasil guarda algumas semelhanças com os países de regime totalitário. O próprio ensino da educação física nas escolas brasileiras, esteve associada a essa militarização²¹. Segundo Lenharo, “o avanço na produção de corpos fortes e dóceis, esteio da ‘higiene da raça’, requeria uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do ‘patrimônio hereditário’ (...) Foi através do exército e de sua primeira escola de educação física que o Ministério da Educação e Saúde moldou a Escola Nacional de Educação física e Desportos.”²²

Na década de 1930, o governo federal empenhou-se na massificação do esporte como elemento que poderia contribuir para o “fortalecimento da raça”. Os veículos de comunicação estiveram a esse serviço. Novamente retomaremos o que disse Lenharo a esse respeito.

A presente escalada toma um país e sua experiência de militarização do esporte como modelo: a Alemanha nazista. O elogio do “povo da educação física” principia com a observação de que a pujança militar dos alemães está associada à política de massificação do esporte no país a partir de 1933. Desde criança, o futuro cidadão alemão dedica-se ao esporte, o que vai se intensificando especialmente em outros lugares e momentos da vida nacional. (...) A educação do “novo homem” cabia à Liga Nacional-Socialista pró Educação Física e a Adolf Hitler. (...) o chefe dos

²¹ Cf. LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986. p. 75-105. Ver também BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Op. Cit.*

²² Cf. LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p. 79-80.

desportos do Reich dissera certa vez “que os seus desportistas serão os melhores soldados”.²³

Em entrevista ao jornal “Folha de S. Paulo”, Lindner (um dos autores do livro “Os atacantes de Hitler”), perguntado se os esportes para os nazistas significou um objeto de disciplina, se como a mídia foi envolvida nos planos que os líderes nazistas tinham para o futebol, e se as derrotas da seleção alemã incomodava a cúpula nazista, Lindner respondeu, respectivamente, às três questões mencionadas nos parágrafos transcritos a seguir:

O esporte foi reforçado nos currículos escolares como uma forma de “militarizar” a educação. Acho que o futebol se prestava a isso por ser muito popular em várias camadas da população.

Recolhemos relatos de locutores que recebiam ordens de usar uma linguagem de tom militar. Acho que a cúpula nazista queria também “traduzir” o futebol para seu código, era uma forma de controle. Havia uma preocupação em não falar muito da guerra, para não colocar as pessoas contra ela. O futebol era uma opção que cabia muito bem nesse objetivo. Falava-se da guerra e das vitórias, é claro, mas era preciso camuflar os mortos, a carestia e todas as consequências ruins.

Desde o princípio, Goebbels e Hitler reconheceram a importância do futebol para a propaganda nazista, mas sabiam que o time precisava ganhar. Eles acharam que dando ordens e fazendo ameaças conseguiriam que jogassem bem. O que eles pareciam não saber é que o futebol é acaso, sorte, fatores incontroláveis, até para o Führer.²⁴

Se a Alemanha não conquistou a Copa do Mundo de futebol disputada na França em 1938, a Itália venceu o torneio. Esta copa foi bastante tumultuada em face do iminente conflito internacional. A vitória da equipe italiana foi explorada como mais um argumento do regime fascista italiano para “comprovar a superioridade de sua raça”, tal como o fez na conquista da Copa do Mundo em 1934.

²³ Cf. LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p. 81-82. Sobre esta questão, ver, entre outros, PEREIRA, Júlia Sales. *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: UFMG/Dissertação de Mestrado, 1999.

²⁴ Jornal “Folha de S. Paulo”. *Atacantes de Hitler*, 15-08-99

Na Copa do Mundo de 1938, a participação da seleção brasileira foi a melhor entre aquelas das quais havia participado (1930 e 1934). A constatação dessa boa performance teve como uma de suas consequências, a maior aproximação na relação poder público/futebol. O Estado Novo explorou amplamente esses bons resultados. Pela primeira vez os atletas nacionais chegaram à fase semifinal do campeonato, e jogando um futebol que agradou.²⁵ O governo federal manteve-se muito interessado nos resultados dos jogos da seleção brasileira na França. A copa de 1938 representou uma nova etapa para o esporte nacional, uma vez que novos “olhares” caracterizaram esse período. Não se quer dizer que antes de 1938, já não houvesse essa perspectiva. Importa dizer, isso sim, que a partir de 1938 estes interesses aumentaram ainda mais.

Paralelamente a tais questões, existem outras duas não menos importantes. Um delas está ligada à “consagração e o reconhecimento” de dois daqueles que viriam a figurar entre os melhores jogadores de futebol do Brasil por toda extensão do século XX: Domingos da Guia, o *Divino*, e Leônidas da Silva, o *Diamante Negro*. Um outro aspecto importante é que, embora a atividade futebolística tivesse sido profissionalizada em 1933, vários clubes de futebol de diferentes Estados do país, ainda mantinham uma estrutura absolutamente amadorística na organização das suas equipes. Somente em 1937, o governo federal participou diretamente das discussões envolvendo o profissionalismo do futebol.²⁶

Consideramos significativas as questões apontadas pelo fato de que a instauração do regime político de 1937, coincide com mudanças na estrutura da organização dos clubes quanto à profissionalização - sobre a qual, jornalistas como Thomaz Mazzoni chamou de “pacificação nacional” - bem como na motivação de

²⁵ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

²⁶ Sobre esse aspecto ver PERRY, Valed. *Futebol e Legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973.

representantes do poder público para que o esporte fosse compreendido como algo nacional, em especial o futebol (atividade atlética de maior visibilidade no mundo pelo seu amplo alcance popular).

A boa apresentação dos atletas brasileiros na França em 1938, nesse sentido, esteve também ligada ao movimento desencadeado em 1937, chamado pelos jornalistas de “Pacificação Nacional”. “Está vencida nova etapa das mais importantes na pacificação dos esportes nacionais. A ação dos presidentes do Vasco e do América no próprio meio do futebol paulista foi coroada do maior sucesso, conseguindo os dois paredros a almejada pacificação entre os clubes da veterana APEA e da nova LPF”.²⁷ Acreditamos que essa “pacificação nacional” foi impulsionada pelo momento político do país no final da década de 1930, uma vez que a “unidade nacional” deveria ser também representada no futebol por essa pacificação.

Tal movimento consistiu basicamente na convergência dos clubes de todo o país, no sentido de que deveriam efetivamente profissionalizar o futebol, sob pena de deixar de contar com os melhores atletas brasileiros, em virtude destes buscarem nos países vizinhos da América do sul, e também da Europa, melhores condições e “oportunidades de trabalho”. Ao ser instaurado, o regime político do Estado Novo contribuiu sobremaneira para a interferência do poder público nos esportes. A copa de 1938 representou essa dinâmica.²⁸

Finalmente, chegou o ano de 1937 e tivemos a solução do conflito esportivo que vinha perdurando desde 1933 [ano da profissionalização do futebol]. Entretanto, antes da pacificação, houve cisão no Rio Grande do Sul e no Paraná, não sendo encontrada solução para o dissídio no Pará. Enfim, a família futebolística esteve conflagrada até o último momento do acordo (...) Nesse ano, aumentou extraordinariamente o reforço dos quadros

²⁷ Jornal “A Noite”, *Harmonizam-se os sports*, 12-08-37.

²⁸ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Ver especialmente o cap. 4: “Do football ao futebol”. p. 303-345.

cariocas, não só com o novo desfalque a dano dos clubes de São Paulo, como em prejuízo dos clubes de Minas, e voltou também a intensificar a importação de jogadores estrangeiros. Assim, os clubes de Minas começaram a não poder evitar o engajamento de Perácio, Zezé, Niginho, Alfredo. Os clubes de paulistas sofreram novo e grave desfalque. Foram-se Brito, etc. da Argentina, chegaram para os clubes do Rio, os Santamaria, Cosso, Munt, etc. (...) fato de relevo de 1937 foi ainda a vinda ao Brasil do treinador húngaro, Dori Kruchner. Este técnico, sem dúvida um elemento de muita capacidade, foi contratado pelo Flamengo, do Rio e pôz em prática as técnicas que trouxe da Europa acerca de táticas, promovendo um mundo de polêmicas. A defesa cerrada ou o *W.M.* começou a ter mais inimigos que amigos. No entanto, Kruchner vinha trabalhando com seguros resultados e trazendo ótima contribuição para a evolução do futebol brasileiro.²⁹

Paralelamente a esta “pacificação” (a qual caracterizou avanços na profissionalização do futebol), pela primeira vez clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo (além dos outros Estados brasileiros), não estiveram em confronto a propósito de liberar seus atletas para que participassem do terceiro campeonato mundial. Não podemos perder de vista que essa “união” em torno da seleção brasileira de futebol fora amplamente motivada pelo poder público do período. A ele interessava o espírito de nacionalidade, no qual o esporte deveria integrar-se.

Personalidades como Lourival Fontes se faziam presentes na composição daqueles que organizavam a estrutura das atividades esportivas. Tal fato foi preponderante para essa “unidade”. Para além da “pacificação nacional”, a perspectiva do Estado Novo era a de que a boa performance dos atletas brasileiros contribuiria para a propaganda do Brasil diante dos demais países.

O emissário da Federação Francesa de Futebol está na América do Sul para conseguir a participação dos países do continente (...) Com a pacificação do futebol em nosso país, as nossas possibilidades para o sensacional certame aumentaram extraordinariamente (...) O interesse político ao lado do esportivo do III campeonato mundial é manifesto. Os governos, e não as entidades, devem considerar a sua repercussão e indiscutivelmente as condições do nosso futebol permitem a confiança no sucesso das cores nacionais. Com o auxílio oficial, e o tempo necessário à preparação técnica da equipe, não há dúvida que entraremos no certame como candidatos sérios ao título máximo. E isso sem sacrificar os clubes. Bastaria um jogador ou dois em poucos casos,

MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 269-270.

de cada clube: Fluminense, Flamengo, Vasco, América, Palestra, Corinthians, São Cristóvão, Botafogo, Santos, Madureira, estudantes de São Paulo, o Paraná, o Rio Grande e Minas (...) Depois, a preparação racional e rigorosa e, por fim, a atuação surpreendente que poderíamos desempenhar, provocando comentários em todos os países a propósito do nosso futebol e do nosso país.³⁰

A oficialização do futebol não se restringiu apenas a essa modalidade como esporte profissional. Outras práticas esportivas também foram objeto de possibilidades de mudanças quanto à estrutura de sua prática, embora o futebol, em relação a outros esportes, representasse maior interesse.

A notícia publicada em primeira mão, ontem, pelo 'A Noite', em suas últimas edições de que o projeto de oficialização dos esportes do país se encontrava nas mãos do Presidente da República, para ser encaminhado ao legislativo despertou a mais intensa curiosidade. Inúmeros foram, por isto, os pedidos de novos detalhes que recebemos. Fomos hoje procurar o ministro João Alberto, em sua residência a fim de obter melhores esclarecimentos sobre o projeto em questão, uma vez que foi autorizado pelo sr. Getúlio Vargas a estudar o assunto e apresentar sugestões para sua imediata solução.³¹

O ano de 1938 representou um dos marcos importantes na história do futebol brasileiro. Seja porque não houve cisão entre as principais ligas de futebol do país, seja pelo fato de se conviver com uma estrutura relativamente profissional para o atleta, ou pelo interesse do governo federal, e de diferentes setores sociais no esporte, seja, fundamentalmente, pela boa performance da seleção brasileira na copa de 1938, alcançando o terceiro lugar na classificação final. Uma afirmação do Presidente Getúlio Vargas, sobre a derrota do Brasil para a Itália na disputa de quem iria para a final da copa de 1938, mostra bem a medida do significado do futebol. "Despacho com os ministros militares. Não houve audiências. O jogo monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma

³⁰ Jornal "A Noite". *A grande oportunidade que se oferece ao futebol brasileiro*, 24-07-37.

³¹ Jornal "A Noite". *Por um Brasil forte: as consequências esperadas da oficialização da pacificação esportiva*, 14-04-37.

grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional”.³²

Os veículos de comunicação acompanharam esses novos rumos do esporte brasileiro, bem como o “projeto de oficialização dos esportes”, tal como várias matérias jornalísticas denominavam. Esse projeto foi coordenado pelo Departamento Nacional de Educação Física, órgão institucional vinculado e subordinado ao governo federal. De maneira objetiva, 1938 foi o ano que pode ser entendido como o momento em que representantes do governo federal interferiram diretamente no futebol em relação ao período precedente. “Por ter concedido à delegação brasileira uma subvenção de 200:000\$00, o próprio presidente passava a receber após a primeira vitória brasileira contra os poloneses ‘muitos telegramas de congratulações’ de indivíduos que já identificavam a vitória brasileira à sua pessoa.”³³ Essa situação se repetia a cada vitória conquistada durante a copa de 1938.

Não somente o Presidente Vargas recebia mensagens, mas também a própria delegação brasileira. Os atletas representariam, simbolicamente, o “homem novo” que o regime pretendia: saudável, vencedor e patriótico. Apesar de não ter chegado à conquista do campeonato, a boa colocação da seleção brasileira resultou na preocupação do governo federal em construir um estádio esportivo que pudesse, no futuro, abrigar uma Copa do Mundo. No final da década de 1940, tal projeto foi efetivado com a construção do Maracanã, conforme veremos adiante.

Em telegrama enviado ao prefeito da capital federal, durante o campeonato da França, Átila Soares, secretário geral do interior e da segurança, justificando a

³² Getúlio Vargas, *Diário*, Rio de Janeiro: FGV, 1995. V.2. p. 140.

³³ Jornal “Correio da Manhã”, *Para a conquista do campeonato mundial de football*. 09-06-38. O jogo contra a Polônia foi em disputa pela Copa do Mundo de 1938.

necessidade de se propagandear o país via futebol, sob a forma de sediar um campeonato mundial (o que aconteceu em 1950), disse:

Todos os países modernos possuem, hoje, estádios [sic] grandiosos onde não só fazem realizar suas competições desportivas como também suas realizações cívicas de caráter imponente. O Brasil não conta ainda com essa organização, tão necessária à sua formação cívica e física. São essas razões fundadas, aliás, nas linhas mestras da estrutura do Estado Novo que me impelem de [sic] sugerir a v. ex. a construção pela prefeitura de um estádio monumental onde esse e outros certames internacionais e nacionais possam ser realizados condignamente.³⁴

Com a sinalização de que o governo federal apoiaria a construção de um estádio de futebol, cujo financiamento seria com dinheiro público, o futebol ia consolidando seu caráter “nacional”, na medida em que o Presidente da República e seus aliados visualizavam no esporte (além de outros elementos) uma forma de legitimidade do regime político instaurado, dada a associação verificada entre entusiasmo popular pelo futebol e orgulho cívico, ambos importantes para o espírito de nacionalidade.

O governo federal reconhecia no esporte um papel “social” fundamental para seus propósitos. O futebol reunia em torno de si brancos, negros, pobres e ricos, homens e mulheres. João Lyra Filho, nomeado o primeiro presidente do CND – Conselho Nacional de Desportos - em conversa com Vargas, o aconselhou a estreitar ainda mais seus vínculos com o futebol,³⁵ por conferir a ele a representação de unidade nacional. Cremos, desse modo, não ser coincidência o fato de inúmeros discursos de Getúlio Vargas serem realizados no Estádio do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, conforme mencionado anteriormente.

³⁴ Jornal “Correio da manhã”. *Para o caso de realizar no Brasil o futuro campeonato do mundo*. 08-06-38. De fato, na copa seguinte em 1950, o Brasil foi sede do torneio.

³⁵ Cf. FILHO, João Lyra. *Cachimbo, pijama e chinelo*. São Paulo: Edalgit, 1963. p. 264. Além de primeiro presidente do CND, João Lyra Filho, invariavelmente, colaborava com artigos sobre as relações entre esportes e governo federal em diversos periódicos, dentre eles, dois por nós aqui pesquisados: “Revista Brasileira de Educação Física”; e “Estudos e Conferências”. Sobre a questão

É de se supor que esse tipo de postura foi adotada na perspectiva de se projetar uma idéia de que os eventos oficiais pelo governo proporcionado, se confundiam com as grandes festas ocasionadas pelos jogos de futebol que lhes eram próprios, aos quais as massas compareciam. Tal como no Rio de Janeiro, o estádio de futebol do Pacaembu, em São Paulo, foi várias vezes, palco de celebrações oficiais.³⁶

Se o jogador de futebol brasileiro chamava a atenção pela sua forma hábil de praticar o esporte, a partir de 1938, ele já figuraria entre aqueles de melhor qualidade técnica em relação aos demais atletas europeus e sul-americanos. Domingos da Guia e Leônidas da Silva foram representantes desse período. Ambos eram recorrentemente convidados a atuarem em clubes nacionais e estrangeiros.³⁷ Anteriormente à copa de 1938, contudo, a seleção brasileira vinha realizando bons jogos no campeonato sul-americano de 1937, uma das razões pelas quais se percebia o interesse posterior do poder público nos jogos da seleção da Copa do Mundo, realizada no ano seguinte.

O periódico “A Noite” do Rio de Janeiro (também subordinado às proposições do Estado Novo quanto à concepção dos esportes), foi um dos jornais que, invariavelmente, relacionava a ligação entre futebol e política, o que também contribuiu para a massificação do esporte. Num dos jogos do campeonato sul-americano de 1937, o jornal mencionado publicou “entusiasticamente” os reflexos da vitória brasileira diante do Uruguai, campeão mundial da copa de 1930. Tal

da criação do Conselho Nacional de Desportos, ver MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

³⁶ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. p. 235. Além de discursar em estádios de futebol, Getúlio Vargas aproximou-se de jornalistas esportivos que defendiam o futebol como sendo um instrumento de unidade nacional. Dentre esses jornalistas, distingue-se Mário Filho. A esse respeito, ver CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 224.

³⁷ MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

vitória credenciou a seleção brasileira a disputar a final do torneio contra a Argentina.

O sr. Luiz Aranha comunica-se, pelo telefone internacional, com os rapazes da delegação brasileira – o entusiasmo contagioso e muito brasileiro que a vitória do nosso selecionado que ora disputa o campeonato sul-americano obteve ante-ontem sobre o onze representativo do Uruguai, constitui uma das provas mais evidentes do valor que o quarto feito consecutivo de nossos patrícios naquele certame, possui. Ainda ontem, falando pelo telefone internacional com Buenos Aires, o sr. Luiz Aranha, presidente da CBD, teve ocasião de dizer de viva voz ao chefe da delegação brasileira para que ele a transmitisse aos valentes defensores do nosso renome esportivo, toda a emoção com que a cidade, o país inteiro, acompanhou as mínimas frases da memorável luta e a vibração com que recebeu o resultado final, ainda uma vez favorável às cores nacionais (...) E a seguir, o sr. Castello Branco fala, também emocionado: - A rapaziada está radiante com os triunfos obtidos. A todo momento sou procurado pelos jogadores que querem saber como estão sendo recebidos aí seus feitos. O entusiasmo de todos os players é indescritível e tanto os efetivos como os reservas trabalham como se fossem uma só cabeça e um só corpo. Disciplina rígida e tanto técnica como socialmente a figura do Brasil vem sendo modelar, sucedendo-se as homenagens. A representação diplomática brasileira acompanha carinhosamente a atuação da nossa equipe e os nossos últimos jogos têm sido assistidos pelo embaixador. O interesse pelo sul-americano de futebol já deixou de ser restrito aos partidários de uma facção, porque juntamente com a possibilidade, agora amplamente justificada, de um triunfo final, desapareceu também qualquer animosidade, para dar lugar apenas ao interesse maior que é o do bom nome esportivo do Brasil. Vibrou, sem distinção de classes nem de partidos e todos os pensamentos dos esportistas se voltaram para Buenos Aires, onde onze compatriotas escreviam mais uma página de energia frente aos ex-campeões do mundo.³⁸

Mais uma vez (como na maioria das matérias publicadas) se percebe neste e em outros jornais, a representação, cuja criação também recaía sobre eles através das crônicas esportivas, quanto à compreensão do futebol entendido como um dos símbolos de identidade nacional, o que iria adquirir mais consistência na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil.

Com a legalização profissional do futebolista em 1933, e a sua maior consistência em 1937, através do movimento da “pacificação”, os clubes se

³⁸ Jornal “A Noite”. *Falam os cracks de Buenos Aires*, 21-01-37.

mostravam mais fortalecidos técnica e taticamente. Os jogos empolgavam a todos. As transmissões radiofônicas e as matérias publicadas nos periódicos popularizariam ainda mais o futebol, o que o massificaria. A seleção brasileira mediu forças com a Argentina em 1937. Apesar do empate favorecer o time brasileiro, a Argentina sagrou-se campeã, vencendo o jogo por um a zero.³⁹

Antecedendo ao jogo final, as impressões de cronistas esportivos davam conta de que o Brasil seria o campeão. Para tanto, o “patriotismo” foi amplamente difundido, a fim de que os atletas se “entregassem” em campo pelo “amor ao Brasil”. Mas não somente jogadores foram convocados a defenderem a “pátria”. Na perspectiva de cronistas esportivos, a torcida também assim deveria se comportar.

O interesse pelo desfecho do XII campeonato sul-americano de futebol saiu da esfera esportiva. A colocação privilegiada do nosso quadro, no grandioso certame a que concorreram os esportes de seis países, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Peru, interessou muito de perto todos os círculos sociais brasileiros. É que um time de futebol, grangeando no estrangeiro renome ou desempenhando um papel saliente, consegue para a terra que representa, prestígio e propaganda produtiva. Não se pode afastar da competição esportiva, uma certa dose de nacionalismo. O atleta, numa prova internacional, luta, e se esforça com o pensamento voltado pelas cores da bandeira de sua pátria. E comunica, imediatamente, o seu entusiasmo aos patrícios. É justificável o entusiasmo do Brasil inteiro, pela sorte de nosso selecionado em Buenos Aires.⁴⁰

É reveladora a citação, ao verificar que os periódicos apresentavam seus textos justamente como o governo federal pretendia, sob a forma de se inculcar no torcedor a idéia de que torcer pela seleção significaria torcer pelo Brasil. Para além de uma questão meramente esportiva, o futebol significaria um importante instrumento de propaganda da nação, e do próprio regime. Vários veículos da imprensa deveriam ajustar-se a tais orientações. Segundo Capelato, “Os periódicos acabaram sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais (...) A imprensa

³⁹ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

⁴⁰ Jornal “A Noite”. *O Brasil será o detentor do campeonato.* 27-01-37.

desempenhou as tarefas que lhe foram atribuídas sem nenhuma independência (...).⁴¹ Nesse sentido, várias das matérias publicadas nos periódicos, aparecem de forma a avaliar os objetivos do governo federal em relação à função do futebol.

Terminado o torneio sul-americano de 1937, e envolto num espírito de nacionalismo propagado pelo poder público, via imprensa, os jogadores foram recebidos na capital da República como “soldados da pátria”, embora não tivessem vencido a partida final contra a Argentina. Houve uma grande “festa cívica” na chegada dos atletas ao Rio de Janeiro: eles foram recepcionados como heróis⁴² da nação. Vários periódicos enaltecem a disposição dos jogadores brasileiros. Na segunda citação a seguir, o programa de rádio “Hora do Brasil” encarregou-se de levar a outros Estados brasileiros, a notícia de recepção dos atletas da seleção brasileira.

(...) A esposa de Nariz [atleta brasileiro] desfraldou a bandeira do Brasil e nesse momento a multidão prorrompeu em aplausos ensurdecedores: - Viva o Brasil! (...) Nesse momento era incalculável a multidão que se aglomerava na praça Mauá. (...) Assim, Adhemar desceu, fê-lo nos braços dos torcedores que o carregavam em triunfo. Também Roberto, Tim e Afonsinho apareceram nos braços da multidão.(...) Em seguida, o sr. Luis Aranha cedeu a palavra ao chefe da delegação brasileira, sr. Castello Branco, que agradecendo as carinhosas homenagens que se prestavam aos jogadores, ressalta que o feliz êxito obtido pela representação se devia à disciplina, patriotismo e perfeita compreensão esportiva de todos os seus componentes.(...) Após o discurso de Roullien foi praticamente encerrada a solenidade na Esplanada do Castelo, tocando as bandas militares o hino nacional.⁴³

Quando os nossos valorosos patrícios pisarem a terra brasileira, tão cobertos de glórias, uma fortaleza, a um sinal combinado, dará uma salva de 21 tiros, finda a qual todos os navios, barcos, lanchas, trens, autos, sirenes, apitos de fábricas, tocarão durante um minuto em homenagem aos que realmente souberam representar nossa pátria (...) Atingido o cortejo o final do itinerário a ser seguido, os homenageados serão saudados pelo doutor Teixeira

⁴¹ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena; propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998. p. 75.

⁴² Sobre a questão de personalidades da história concebidos como heróis, ver CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p 55-73.

⁴³ Jornal “OESP”. *Os futebolistas brasileiros tiveram entusiástica recepção no Rio, 07-02-37*.

de Lemos, orador oficialmente designado. Esta saudação será irradiada para todo o Brasil, pela hora do Brasil. Possantes auto-falantes serão colocados na esplanada do Castelo, onde a multidão, que ficará sob cordão de isolamento, poderá ouvir sem dificuldade. Terminada a saudação, a banda de música tocará o hino nacional que terminará com um viva ao Brasil e que será correspondido pela multidão.⁴⁴

Além de se tocar o hino nacional na recepção dos atletas, a bandeira do Brasil também esteve presente no evento, o que nos leva à constatação de uma forte presença de um dos principais símbolos da nação num acontecimento meramente futebolístico. Daí para frente, a bandeira nacional e o hino brasileiro invariavelmente aparecem nos jogos da seleção, o que sugere os vínculos entre a nação e o futebol.⁴⁵

Desde a copa de 1938, mas sobretudo nas copas de 1950 (realizada no Brasil), de 1958, 1962, 1970, 1994, e 2002 (campeonatos em que o Brasil sagrou-se campeão mundial), houve no país uma euforia popular capaz de suscitar questões sobre o papel que o futebol adquiria no Brasil. Surpreendentemente, na disputa de uma Copa do Mundo, ficava caracterizada a ligação que os brasileiros – em sua maioria – estabeleciam, momentaneamente, entre nação e futebol. Oportunamente, voltaremos a esta questão.

Como instrumento de “integração nacional”, foi realizado em 1938 um movimento denominado “Campanha do Selo”, cujo objetivo foi o de buscar renda para a então CBD, a fim de que a seleção brasileira pudesse dispor de mais recursos financeiros, além daquele já proporcionado pelo governo federal.

Além dessa campanha, a imprensa esportiva da época conclamava diferentes setores da sociedade, sobretudo o empresariado, para que eles participassem do movimento de apoio à seleção brasileira, e por conseguinte de “propaganda do

⁴⁴ Jornal “A Noite”. *A recepção*, 03-03-37.

Brasil” perante aos outros países, através da Copa do Mundo, conforme se percebe nas citações a seguir:

A “Campanha do Selo”, a tão bem inspirada iniciativa, teve um sucesso invulgar, ao se iniciar há dias, no Rio. Está quase esgotada a emissão de 100 mil selos. Com essa campanha os afeiçoados podem se interessar diretamente pela viagem de nossa seleção, pois adquirindo um selo o “torcedor” faz sua fezinha de ir também à Taça do Mundo. É a sorte que designará o feliz afeiçoado que acompanhará a delegação. Melhor iniciativa para interessar os nossos afeiçoados não poderia surgir. Os que adquirissem o “selo cebedense” não só auxiliariam patrioticamente o comparecimento do Brasil na III Taça do Mundo como se tornarão, igualmente, candidatos a um lugar por 500 réis. Assim, enquanto os fans gastarão a quantia tão modesta, a CBD, para cada emissão, arrecadará 50 contos, uma quantia que muito contribuirá para a nossa seleção viajar com mais comodidade, para melhor se hospedar na França, etc. E tudo isso importa na melhor disposição dos nossos azes para lutar naquele importante torneio dentro de suas reais possibilidades. Sendo assim, maior será nossa chance de vitória. Quanto melhor conforto tiver o “XI” brasileiro, tanto melhor será a margem que teremos para impor nosso valor. Adquirir o selo não é, pois, somente a esperança própria de se ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servir nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional que seria a conquista da Taça do Mundo⁴⁶.

O sentimento do patriotismo difundido pelos periódicos, bem como o “convite” para que as pessoas e/ou instituições contribuíssem com a seleção brasileira, estava ligado ao fato de que o êxito esperado concorreria para o reconhecimento do país internacionalmente, não apenas no âmbito esportivo. A boa performance do futebol brasileiro, desse modo, representaria uma oportunidade singular neste sentido.

Anteotem, a entidade máxima nacional, dirigida pelo sr. Luiz Aranha, já deu início aos treinos da representação. Dado o grande vulto de despesas para que a nossa seleção representativa tenha todo o conforto indispensável, a CBD houve por bem angariar entre os interventores federais nos Estados, no comércio especial, os muitos indispensáveis e, assim, já se dirigiu por ofício aos interventores nos seguintes Estados: Amazonas, Pará, Maranhão (...) aos diretores da Companhia Light, Instituto do Açúcar e do Alcool, Banco do Brasil (...) Concorrerão também o alto comércio e as indústrias de São Paulo (...)⁴⁷

⁴⁵ Sobre os símbolos da nação, ver CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.

⁴⁶ Jornal “A Gazeta”. *Pode-se ir a Paris por 500 réis*, 06-04-38.

⁴⁷ Jornal “A Gazeta”. *Para que o Brasil compareça condignamente à Taça do Mundo*, 26-03-38.

Diante dessa mobilização, esperava-se que a equipe brasileira não apenas realizasse um bom campeonato, mas fundamentalmente, “propagandeasse o país” através do esporte. Independentemente da afeição ao futebol, havia um espírito de “brasilidade”, ou de “sentimento nacional” quando a seleção media forças contra outros países dentro de campo. Tal sentimento foi incentivado pela política do Estado Novo em todas as circunstâncias, e não somente nos eventos esportivos. Ao se aproximar a realização da terceira Copa do Mundo em 1938, revelou-se a importância que o esporte adquiria na sociedade.

Torcer pela seleção brasileira significaria, simbolicamente, demonstrar “amor ao país”. Ademais, pela primeira vez na história das copas, poder-se-ia contar com os considerados melhores atletas, independentemente das tensões que sempre marcaram as associações paulista e carioca de futebol, ao contrário das edições anteriores da copa de 1930, realizada no Uruguai, e de 1934, realizada na Itália.

Todos os Estados brasileiros poderiam ser representados no campeonato, após a “pacificação”. Diante disso, foi inevitável a grande expectativa em torno da possibilidade de êxito da seleção nacional. Décio de Almeida Prado, um dos “contemporâneos” da copa de 1938, participou dessa “torcida” pela seleção brasileira, durante os confrontos; Prado disse que “raras vezes, a pátria terá exigido tanto de seus filhos, nunca tantos sofreram por tão poucos”.⁴⁸ A presença da seleção brasileira na copa da França, seria uma oportunidade singular para se divulgar o futebol brasileiro. Um ano antes de se realizar a copa de 1938, havia, em vários periódicos, notícias da preparação do Brasil para o campeonato.

O Brasil inscreveu-se no campeonato do mundo, a se realizar no próximo ano, em junho, na maior e mais atraente cidade da

⁴⁸ PRADO, Décio de Almeida. *Latejando com o futebol, Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 203.

Europa, em Paris, a decantada capital da inteligência, e do turismo. A confederação brasileira de Desportos, filiada à FIFA, a entidade máxima do futebol no mundo, remeteu por via aérea, a sua inscrição. Os cracks do nosso país já estão convencidos de que a entidade da rua sete dispõe de recursos econômicos para organizar as excursões e de que a filiação internacional vale muito no esporte (...) Quem não deseja viajar, conhecer novas terras, atuar contra quadros estrangeiros?⁴⁹

Ao final de 1937, todos os esforços foram mantidos para que a seleção brasileira pudesse apresentar seu melhor futebol durante a copa na França. Várias personalidades do país aproximaram-se ainda mais do esporte nesse período. Mazzoni e Filho não pouparam noticiários sobre as repercussões de apoio ao selecionado nacional.

Tanto Mário Filho, quanto Thomaz Mazzoni enalteciam a presença de Domingos da Guia e Leônidas da Silva, dois dos principais jogadores da seleção de 1938. Os dois eram especialmente lembrados pelos cronistas, por também serem de “cor negra”. Tal fato condicionaria uma virtude para o atleta, o que daria ao jogador brasileiro, um “estilo de futebol nacional”, segundo Filho.⁵⁰

A presença de atletas negros na equipe nacional, possibilitaria também a consolidação da idéia de que no Brasil se vivia a dita “democracia racial” pretendida por autores como Gilberto Freyre. Para ele, o modo particular de se jogar o futebol era o resultado da mistura racial e cultural da formação do país, o que lhe conferia uma “legítima expressão” da nacionalidade.⁵¹ Tal cenário caracterizaria também o apoio do governo federal, dadas as condições étnicas do

⁴⁹ Jornal “A Noite”. *O campeonato do mundo, e o que ele representa para os nossos cracks*, 16-02-37.

⁵⁰ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947. Ver também essa questão sobre o estilo nacional de jogar, tendo-se atletas como Domingos da Guia e Leônidas da Silva como referência, o trabalho de LOPES, José Sérgio Leite, FAGUER, Jean Pierre. *L'invention du style brésilien*. In: “Actes de la Recherche”, n. 103. Juin 1994. p. 33-35. Segundo Da Matta, “É sabido no Brasil que o futebol nativo tem ‘jogo de cintura’; ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu”. Cf. DA MATTA, Roberto. *Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. *Universo do futebol; esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 28.

conjunto da seleção brasileira, bastante similar ao conjunto da sociedade. Não obstante, a equipe nacional que iria disputar a copa de 1938, contar com atletas de toda origem social, a predominância do time, em termos quantitativos, era de atletas negros e mais humildes, o que aproximaria a seleção da maioria do povo brasileiro.⁵²

A Federação Brasileira de Futebol, através do seu Presidente Castelo Branco, convidou Alzira Vargas, filha de Getúlio Vargas, para ser a “madrinha” da seleção brasileira. A nossa suposição é de que, diante do interesse do poder público pelo esporte, contar com a filha do “chefe da nação” na delegação do selecionado brasileiro que viajaria à França, seria uma boa “estratégia política”. Alzira Vargas, por sua vez, aceitou prontamente o convite.

O sr. Castelo Branco (...) esteve em Caxambu, em viagem de inspeção. Esse paredro aproveitou a oportunidade e foi a São Lourenço, como antecipamos, para convidar a senhorita Alzira Vargas, filha do Presidente da República, para madrinha do selecionado. Logo após o desembarque, *A Noite* ouviu o sr. Castelo Branco. O Presidente da FBF retornou bem impressionado com o regime disciplinar dos cracks na concentração e treinos. – “Voltei satisfeito com os resultados da concentração em Caxambu. Fiz o convite à senhorita Alzira Vargas, que servirá de madrinha do escrete, e pude verificar que ela aceitou satisfetíssima.”⁵³

Diante dessa e de outras estratégias similares, concomitantemente aos eventuais resultados positivos do esporte brasileiro em âmbito mundial, a ideologia do Estado Novo, que acabara de ser instalado no país, haveria de tirar proveito em situações como essas. Um governo supostamente “forte” pressupõe êxito também nas práticas esportivas.⁵⁴ “Cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo seu governo após a implantação do

⁵¹ Cf. estas e outras interpretações dadas por Freyre ao futebol, em prefácio por ele escrito no livro de FILHO, Mário Filho. *Op. Cit.*

⁵² FILHO, Mário. *op. Cit.* Ver também PEREIRA, Leonardo Affondo de Miranda. *Op. Cit.* p. 303-345.

⁵³ Jornal “A Noite”. *Convite à senhorita Alzira Vargas*, 16-04-38.

⁵⁴ Sobre esta questão, ver os trabalhos de Oliveira, Lúcia Lippi. (org.) *Op. Cit.* e LENHARO, Alcir. *Op. Cit.*

Estado Novo, o futebol servia como um grande aliado na disseminação do projeto político que planejava implementar – intensificando e dando um sentido mais claro ao interesse que, desde seus primeiros anos, as autoridades governamentais manifestavam em relação ao jogo”.⁵⁵

Nesse cenário, a Copa do Mundo de 1938 iria começar. Exatamente aqui, representantes do governo federal assinalaram, de forma mais definitiva, a vinculação entre o poder público e o futebol. Após maciça movimentação para que a seleção brasileira pudesse ter à sua disposição, condições favoráveis para participar do campeonato mundial, a diretoria da CBD recebeu uma considerável ajuda de custo do governo. A “ordem” era a de que atletas e população deveriam representar o Brasil, jogando e torcendo, respectivamente.

Meses antes da viagem para a França, a seleção brasileira passou uma temporada na pequena cidade mineira de Caxambu. O objetivo era o de que, através da estada nesta cidade, os jogadores pudessem ficar melhor entrosados. Em entrevista ao jornal “A Noite”, Alarico Maciel, chefe da delegação brasileira, que viajaria à França, e que se hospedou em Caxambu, assim respondeu:

Acredito que a permanência da delegação em Caxambu surtirá os efeitos desejados e servirá para a identificação e aproximação de todos os jogadores que deverão se constituir numa grande família, para o alto interesse de defender o Brasil no maior certame do mundo (...) Sou dos que pensam que o nosso êxito em Paris depende mais da disciplina do que, propriamente da técnica. Nesse ponto, acho que reside nossa esperança de sucesso, e para esse fim não medirei sacrifícios de colaborar com o entusiasmo da minha fé para que o Brasil possa, no estrangeiro, honrar as tradições de nosso futebol, da nossa educação esportiva e do nosso alto grau de civilização (...) Por fim, são meus votos de que amanhã, quando regressarem de Paris, os nossos esportistas, cobertos das maiores glórias para o futebol nacional e para o Brasil, possa afirmar que colaborei com um pouco de sacrifício e entusiasmo e assisti aos primeiros passos da caminhada gloriosa.⁵⁶

⁵⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 335.

⁵⁶ Jornal “A Noite”. *A palavra do Dr. Alarico Maciel*, 07-04-38.

Verifica-se nas palavras de Maciel um discurso, no qual o futebol brasileiro deveria integrar-se. Alguns dos anseios do Estado Novo estão expressos na citação, quando observamos que nela há uma passagem que remete à idéia de que os jogadores (como de resto, o cidadão brasileiro), deveriam “constituir uma família em defesa do Brasil”.⁵⁷

Invariavelmente, porém, esse tipo de afirmação poderá ser vista ao longo do trabalho, e, desse modo, poderemos ir compreendendo a forma como foi sendo construída a idéia do futebol como símbolo de identidade nacional, a partir também do que os cronistas esportivos apresentavam em suas matérias. Nesse sentido, é preciso atentar-se para o fato de que, embora não se avalize aquilo que os cronistas apresentam, consideramos importante reproduzir seus apontamentos, sobretudo durante o período chamado Estado Novo.

Por ocasião da visita a São Lourenço (vizinha cidade mineira de Caxambu), o próprio Presidente Getúlio Vargas, e o então Governador mineiro Benedito Valadares, agendaram reunião com atletas e demais componentes da delegação brasileira, a fim de que se “conscientizasse” ainda mais a referida delegação de que os jogadores estariam representando a própria nação, no campeonato mundial; eles eram “os soldados da pátria”, nas palavras dos diferentes veículos de imprensa, expressos pelos cronistas.

O Governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, nessa oportunidade, enviou ofício ao prefeito de Caxambu, dizendo que os jogadores eram “hóspedes oficiais do Estado” durante o tempo que estivessem treinando e concentrados na cidade.

A delegação foi oficialmente cientificada pelo prefeito local que o governador Benedito Valadares deliberou considerar os

⁵⁷ A esse respeito, ver LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986. Cf. o cap. “Pátria como família”. p. 19-51.

players nacionais, hóspedes oficiais do Estado enquanto permanecessem em Caxambu (...) Convidada especialmente pelo Presidente Getúlio Vargas, a delegação seguirá hoje no trem das 9 horas para São Lourenço, onde almoçará com s. ex., no Brasil Hotel.⁵⁸

Na reunião, em São Lourenço, o Presidente da República não hesitou em conclamar os jogadores do país a defenderem o Brasil a todo custo. Como esporte que havia adquirido expressão internacional, ficariam mais evidente os esforços da política implementada no Estado Novo, em incentivar e apoiar a seleção brasileira na copa de 1938. Assim transcorreu o encontro entre Getúlio Vargas e os atletas:

Os chefes da delegação brasileira fizeram as apresentações, depois, entretanto, de agradecerem as inúmeras atenções que têm tido o Presidente da República e o Governador do Estado, sr. Benedito Valadares, para com os cracks do selecionado. Disse o sr. Alarico Maciel que a Confederação Brasileira de Esportes e a Federação Brasileira de Futebol estavam gratíssimos ao apoio encontrado nos trabalhos preparatórios da apresentação do escrete em Paris. A seguir, então, um a um, foi se apresentando os futebolistas ao chefe da nação. (...) Passou então o sr. Getúlio Vargas a falar do seu contentamento pela rigorosa concentração dos esportistas. Disse que conhecera as desinteligências surgidas há tempo entre entidades esportivas, desinteligências, entretanto, resolvidas com a pacificação. A propósito – acrescentou – julgava conveniente recordar as responsabilidades dos esportistas brasileiros no campeonato mundial de Paris. Ali não se tratava de representar entidades, porventura adversários no terreno esportivo, mas representar o Brasil, como brasileiros. Cumpria assim, agir unicamente como brasileiros, defendendo nas partidas o bom nome nacional, batendo-se por uma boa colocação e sobretudo pelo renome do país na fidalguia da prática do esporte (...) Suas esperanças, que eram de todos os brasileiros, seriam integralmente realizadas pelos que fossem integrando a embaixada esportiva à Europa.⁵⁹

A interferência do poder público na profissionalização do futebol em 1937, chamada de pacificação, à qual Getúlio Vargas faz referência, constituiu-se como um dos episódios em que a figura do Presidente exercera importante papel para a legalização da profissão de jogador de futebol. A função de mediador da questão, tomada pelo próprio Getúlio Vargas, criou um bom diálogo entre os

⁵⁸ Jornal "A Noite". *Hóspedes oficiais do governo de Minas*, 09-04-38.

⁵⁹ Jornal "A Noite". *Um apelo do chefe da nação aos cracks*, 09-04-38.

clubes/federações que mantinham posições opostas quanto a essa profissionalização. Esses diálogos tiveram como resultado o movimento da “pacificação” em 1937. Desta maneira, o Presidente construiria também uma imagem de “patrono do esporte nacional”, após este episódio de 1937, e, especialmente, a partir da copa de 1938.

Como o Presidente afirma na citação, era necessário que dirigentes e federações esportivas esquecessem os “regionalismos” e as vaidades pessoais, em nome da unidade nacional. Vale lembrar que tanto no campeonato mundial de 1930, quanto no de 1934, um dos fatores – seguramente o mais decisivo – que implicou na performance do selecionado brasileiro nas copas do Uruguai e da Itália, foi justamente a cisão entre as duas principais federações esportivas do Brasil (de São Paulo e a do Rio de Janeiro). Tal como Getúlio Vargas pretendia, o futebol fez parte da proposta da unidade nacional.

Para a disputa do campeonato mundial, a torcida não deveria ser para clubes e/ou atletas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, e demais Estados. Não se deveria discutir se o profissionalismo ou o amadorismo no esporte era bom ou ruim. Ser um atleta negro ou branco, não poderia caracterizar a discussão dos afeicionados ao futebol. Discussões como essas, e tantas outras que caracterizaram o futebol brasileiro dos anos anteriores, não deveriam presidir as preocupações das pessoas e instituições esportivas que acompanhavam e legislavam, respectivamente, o futebol.

Nessa perspectiva, a oportunidade de participar da Copa do Mundo foi um momento privilegiado de se aguçar o sentimento de unidade nacional. O Brasil deveria reconhecer sua formação social e étnica. As representações conferidas ao futebol, desse modo, caminhavam em direção à idéia de sua condição de símbolo

da identidade nacional. Para tanto, havia um conjunto de fatores que contribuíam para essa representação, tal como estamos pretendendo demonstrar.

Operários, empresariado, instituições, homens, mulheres, todos enfim, deveriam – na perspectiva do poder público - estar imbuídos no “espírito da pátria”, através também das disputas futebolísticas. A torcida pelo time de futebol composto por jogadores brasileiros se confrontando com atletas de outras nacionalidades, representaria, simbolicamente, o “amor pelo Brasil”.

Desse modo, os meses que antecederam à disputa do campeonato da França foram caracterizados pelo otimismo e pela conclamação ao povo brasileiro para que entrasse “no clima” da Copa do Mundo. Vários periódicos e cronistas esportivos estiveram a este serviço, conforme estamos percebendo. Artur Friedenreich, considerado um dos melhores jogadores brasileiros de todos os tempos, jogando pela seleção brasileira (atuou na década de 1910, 1920 e até meados de 1930), foi a público manifestar seu apoio à equipe nacional, através do jornal “A Noite”.

A delegação brasileira que se encontra em São Paulo tem sido alvo de constantes manifestações de simpatia. Muito procurados, os cracks receberam com emoção a visita de Artur Friedenreich (...) O autor do memorável gol que deu ao Brasil a inesquecível vitória do campeonato sul-americano de 1919. O player que nos campos da Europa assombrou, com suas jogadas espetaculares e nos gramados platinos mereceu o apelido consagrador de “El Tigre”, falou aos novos com a experiência de seus vinte e cinco anos de atividades esportivas. “Camaradas: se o meu tirocínio de 25 anos de futebol me recomendam a vos falar e a vos pedir algo, eu vos peço simplesmente que defendais nossa pátria, com ardor, com fibra, mas com cavalheirismo, com elegância, com nobreza, com honra. Vencer é belo, mas saber vencer, é nobre”.⁶⁰

No dia da viagem da seleção brasileira para a França, a nota de otimismo do jornal “A Noite”, foi marcada - entre outros aspectos – pela afirmativa de que o civismo deveria acompanhar o sentimento dos atletas e de todos no país.

A representação brasileira no campeonato mundial de futebol, que hoje embarca, constitui a nata de uma modalidade esportiva em que nosso país se tem destacado universalmente, e leva aquele grande torneio responsabilidades relacionadas com o sentimento cívico e a fama da nação. A seleção foi probidosamente escolhida mediante ótimo critério técnico, por forma a inspirar a todos os brasileiros a confiança em sua ação quando houver de defrontar poderosos adversários, em outro clima social, e diante de assistências que lhe podem outorgar consagração mundial. Essa confiança (...) se estende, por outro lado, a força moral dos bravos rapazes, que partem convencidos da magnitude de sua missão, orgulhosos das cores que vão defender e animados pelo alto (sic) de conquistas que se refletirão diretamente sobre o nome de sua pátria. No momento em que, adestrados e confiantes, os componentes do esquadrão brasileiro tomam rumo do campeonato mundial, não representam apenas a elite expressiva do soccer nacional. Levam sob a responsabilidade de sua coragem e de seu brio o anseio de vitória de todos os brasileiros, que neles estimam e aplaudem uma alta expressão de afirmação do nome do Brasil.⁶¹

Várias das “virtudes” difundidas pelo Estado Novo, na Perspectiva da construção do “homem novo”, haveriam de ser necessariamente compartilhados pelos atletas. Dessa maneira, esperava-se que o jogador fosse respeitador da ordem, corajoso, disciplinado, obediente, mas acima de tudo patriótico. Esse conjunto de “qualidades” permitiria as conquistas tão almejadas. Essas características dos brasileiros, fossem atletas ou não, levariam o país a ser uma grande nação, forte e preparada para o futuro.⁶² “Nunca o Brasil enviou ao estrangeiro uma delegação tão bem preparada, quer pelo apuro técnico, quer pela absoluta disciplina, quer pelo apoio moral de que dispõe”.⁶³

Motivados pelos órgãos da imprensa, sobretudo pelo rádio e pelos periódicos, “valores” pretendidos pelo governo federal foram invariavelmente perseguidos, explorando-se as disputas da Copa do Mundo da França, como canal direto da mensagem do governo à sociedade brasileira. Neste sentido, o futebol se tornava ainda mais massificado. Exemplo disso foi o interesse e a exaltação popular que

⁶⁰ Jornal “A Noite”. *O apelo de Friedenriech aos cracks*, 23-04-38.

⁶¹ Jornal “A Noite”, *Partem os cracks levando as esperanças do Brasil*, 30-04-38.

⁶² Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (Org.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

houve no momento da despedida da delegação brasileira, rumo à França, em 1938.

A esta hora já o Arlanza singra o oceano, levando a seu bordo o selecionado brasileiro, que, em Paris, disputará a copa do mundo. o embarque dos jogadores patricios esteve concorridíssimo, comparecendo ao cais não só os parentes e amigos dos que partiam, como também grande massa de aficionados, que foram representar a torcida brasileira no adeus aos que vão defender o bom nome esportivo do Brasil (...) Todos, sem discrepância, acreditam entusiasticamente na vitória das nossas cores, e se declaram prontos a dispender todos os esforços para vencer. A partida dos brasileiros que defenderão o renome esportivo do nosso país no campeonato mundial de futebol foi uma verdadeira consagração popular e um testemunho evidente da confiança que o público nacional deposita no esquadrão (...) A multidão que se comprimia desde a estação de passageiros do Touring Club até o Armazém 2, onde estava atracado o Arlanza, não conteve um instante sequer o seu entusiasmo, vivendo os players à medida que iam dando entrada no porto. Os uniformes que traziam – calça de flanela, paletó azul claro e gravata com as cores brasileiras – destacavam-nos imediatamente aos olhos dos fans, que em pouco os cercavam e os levavam de roldão, sob palmas e aleguás.⁶⁴

Tal euforia e interesse popular ocorreu durante a viagem, em todas as localidades pelas quais a seleção brasileira percorria, ao longo do território nacional. Seja em Salvador, seja em Recife, por exemplo, a população dos demais Estados brasileiros iria ver de perto aqueles que seriam os “defensores da pátria” na Copa do Mundo de 1938. Diante disto, os objetivos políticos pretendidos pelo poder público, através do futebol, iam sendo alcançados, à proporção que se associava a imagem do governo federal à do universo futebolístico.

Mas antes de iniciar a viagem para a França, a qual teve como escala algumas cidades de outros Estados do país, o chefe da delegação brasileira fez questão de comunicar tal viagem a Alzira Vargas, “madrinha” da equipe

Antes de deixar o porto do Rio de Janeiro, o chefe da nossa representação esportiva enviou o seguinte telegrama à madrinha do selecionado: Senhorita Alzira Vargas – Palácio Presidencial – Tenho a elevada honra de apresentar a v. excia., as atenciosas despedidas

⁶³ Jornal “A Noite”. *Queremos a vitória para o Brasil*, 30-04-38.

⁶⁴ Jornal “A Noite”. *Partiram os cracks*, 30-04-38.

da delegação brasileira de futebol, no momento em que partimos para a Europa, em defesa do nome esportivo do Brasil.⁶⁵

Após despedidas a autoridades e saudações à população, o navio partiu. O transporte da delegação brasileira tinha suas escalas, o que ocasionava – segundo a imprensa – o surpreendente interesse das pessoas residentes em locais onde o navio momentaneamente estacionava. Tal cenário reforçava a idéia do futebol como símbolo da unidade nacional. Assim foi em Salvador, bem como em Recife. O jornalista de “A Noite” que cobria a viagem, chamou esses momentos de “apoteose”

(...) A chegada dos craks se fez debaixo de copiosa chuva. O Arlanza atracou precisamente às 15:30 e, apesar do mau tempo, enorme multidão se aglomerava para saudar a delegação (...) A chegada a Salvador constitui verdadeira apoteose. Desprezando a chuva torrencial que castigava a cidade, estavam presentes delegações de todas as entidades esportivas locais, jornalistas e inúmeros fans que aplaudiam calorosamente os ases da pelota. Leônidas, Batataes, Domingos e Martim são os jogadores do escrete mais populares aqui na Bahia. Desembarcando, os componentes do time dirigiram-se ao palácio do governo, onde foram recebidos muito cordialmente pelo interventor. Os jogadores eram acompanhados por entusiásticos vivas e aclamações as mais rumorosas em todo o processo (...) O Arlanza, a cujo bordo viaja a delegação esportiva brasileira ao campeonato mundial de futebol, chegou a este porto às cinco horas de hoje. E, não obstante só atracar às sete, às seis horas os jogadores patricios conseguiram desembarcar, sendo recebidos no cais por uma comissão da Federação Pernambucana de Desportos e jornalistas, além de inúmeros fans que conseguiram até uma banda de música para solenizar o desembarque (...) Apesar da hora matinal, milhares de pessoas assistiram ao treino, saudando com vivo entusiasmo os jogadores (...) Para se avaliar do interesse que o ensaio suscitou na cidade, embora a hora em que foi realizado, basta dizer-se que o comércio retardou a abertura de suas portas, abrindo depois do ensaio para que seus auxiliares pudessem ver os craks.⁶⁶

Creemos que a expansão dos meios de comunicação de massa, ocorrida na década de 1930, permitiu uma maior divulgação dos jogos realizados na copa de 1938. Não se pode perder de vista que esse foi um momento “privilegiado” de exploração das irradiações para que se associasse a propaganda política do

⁶⁵ Jornal “A Noite”. *A despedida dos jogadores a sua madrinha*, 01-05-38.

Estado Novo, atrelado à ocasional boa performance da seleção brasileira. “O rádio firmou-se nessa década, adquirindo grande prestígio entre os ouvintes graças a programas humorísticos, musicais, transmissões esportivas, radiojornalismo e às primeiras radionovelas. Em 1937 havia 63 estações e em 1945, 111.”⁶⁷

Houve ampla cobertura dos principais periódicos do Brasil nessa copa de 1938. O governo tinha interesse em que as notícias da seleção fossem exaustivamente divulgadas. Havia também o interesse da imprensa, em que os produtos por ela divulgados fossem vendidos. O próprio Thomaz Mazzoni, ao lado de Afrânio Vieira (do jornal “A Noite”) e Everardo Lopes, viajaram para a França, como membros oficiais da delegação, o que denota o comprometimento com as proposições do regime do Estado Novo em relação aos esportes, demonstradas nas matérias publicadas, em que pesem os interesses particulares e econômicos dos periódicos.

Além da imprensa escrita, as transmissões radiofônicas também estiveram presentes no acompanhamento do selecionado brasileiro. Juntamente com os cronistas mencionados, o radialista esportivo Leonardo Gagliano Neto fez parte da delegação oficial que viajou à França. Na copa de 1938, aconteceu a primeira transmissão dos jogos pelo rádio, aos brasileiros.⁶⁸

⁶⁶ Jornal “A Noite”. *A multidão riu-se com inesperado espetáculo*, 04-05-38

⁶⁷ Cf. CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 76.

⁶⁸ Cf. AQUINO, Rubens Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 59. Esta primeira transmissão se refere a jogos pela Copa do Mundo. Em momento anterior a 1938, porém, já haviam sido transmitidos jogos pelo campeonato brasileiro de seleções dos Estados, cuja primeira transmissão ocorreu em 1931. Cf. SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. p. 17. Segundo Soares, “Nicolau Tuma é o locutor pioneiro das irradiações diretas de futebol, lance por lance. Isto é, o primeiro locutor a irradiar uma partida de futebol continuamente, durante os 90 minutos do jogo e o que criou o estilo de narração que passou a fazer parte da programação esportiva do rádio”. Ver p. 18.

Foram enfrentadas várias dificuldades para que as primeiras transmissões esportivas fossem realizadas. Os entraves ligavam-se à escassez de equipamentos necessários para a boa qualidade das transmissões. Segundo Soares,

Gagliano narrou diretamente da França, onde estava em disputa a III Copa do Mundo. Ele irradiou os cinco jogos do Brasil, para a cadeia das Emissoras Byngton (formada pelas rádios clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo), em combinação com *O Globo* e *o Jornal dos Sports*. (...) Muitas pessoas que não tinham rádio se aglomeraram no Largo do Paissandu, em São Paulo, e diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro, para acompanhar as narrações de Gagliano, ampliadas por alto-falantes. A irradiação chegou com alguns chiados, mas foi possível entender bem o som que ligava Brasil e França (...) Com essa narração Gagliano Neto se consagrou na locução esportiva e também demonstrou que o rádio não tem limites.⁶⁹

Uma das peculiaridades dos locutores esportivos nos jogos da seleção brasileira, era o tom “apaixonado” e passional demonstrados por eles na irradiação dos confrontos. Seja como for, o rádio contribuiu sobremaneira para a difusão e melhor conhecimento do futebol e todo o universo que o circunda, além de transmitir ao ouvinte, de forma “bastante emocionada”, aquilo que estava acontecendo nos jogos. Sobre esta questão, Prado afirmou,

É verdade que o rádio, na voz exaltada dos locutores, dava aos jogos da época uma vibração que eles jamais tiveram, antes ou depois, com tamanha intensidade. É como se estivéssemos `a beira do campo, seguindo a bola de pé em pé, porém libertos das limitações que a realidade impõe à imaginação, e, sobretudo, sem o implacável testemunho da televisão. Não havia partida que não tivesse contornos épicos. Os nossos chutes (porque eles eram nossos, não dos nossos emissários em campo) raspavam as traves com infernal falta de sorte, os goleiros adversários faziam milagres, os juízes roubavam-nos dando pênaltis imaginários e deixando de consignar outros escandalosamente visíveis, “os nossos rapazes” – não havia ainda essa história ridícula de “garotinhos” – revelavam-se verdadeiros leões no terreno da luta, ou caindo feridos pela adversidade ou triunfando sobre os conhecidos fatores campo (geralmente enlameados nas derrotas), clima, alimentação, arbitragem e torcida.⁷⁰

⁶⁹ Cf. SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. p. 33. Vale destacar que Mário Filho dirigiu o mencionado jornal, cujas matérias diziam respeito exclusivamente aos esportes, a saber o “*jornal dos Sports*”.

As irradiações foram preponderantes para a massificação do futebol, o que possibilitou uma linguagem até então desconhecida no esporte.⁷¹ A partir da sistemática cobertura aos jogos de futebol, feitas pelo rádio no início da década de 1930, tanto locutores quanto o próprio jogo, tornaram-se bastante populares. Diante disso, acreditamos que os veículos de imprensa deram impulso ao processo de profissionalização do futebol, ocorrida em 1933.⁷² Segundo Levine, “A transição do amadorismo para o profissionalismo foi ajudada substancialmente pelo crescimento da divulgação do rádio em meados dos anos 30 (...)”⁷³

Esse novo cenário caracterizado pelo maior interesse aos jogos de futebol, criou condições para que jornais impressos e programação radiofônica, destinassem mais tempo de seus espaços diários ao esporte, em razão dessas novas características verificadas no futebol. Nesse sentido, a própria rádio record passou a destinar em 1933 (ano da profissionalização do futebol), um horário específico para informações sobre o esporte em todos os domingos, dia da semana em que os jogos eram realizados. “A 10 de junho, a Rádio Record faz, pela primeira vez no Brasil, coisa ainda não conseguida por nenhuma outra emissora, um serviço esportivo completo que durou mais de um ano, dando aos domingos, durante as competições de futebol, os resultados de todos os jogos que se realizaram em todos os campos de São Paulo e Rio (...)”⁷⁴

⁷⁰ PRADO, Décio de Almeida. *Latejando com o futebol, seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 204.

⁷¹ Cf. CAPINUNSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo; IBRASA, 1988. Ver também FEIJÓ, Luis César Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1994.

⁷² Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁷³ Cf. LEVINE, Robert M. *Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro*. In: MEIHY, José Carlos Sebe. (org.). “Futebol e cultura: coletânea de estudos.” São Paulo: Imesp, 1982. p. 29.

⁷⁴ Cf. MENDES, Edith Gabus. *Otávio Gabus Mendes: do rádio à televisão*. São Paulo: Lua Nova, 1988. p. 52. O próprio Otávio Gabus notabilizou-se como um dos radialistas esportivos da década de 1930. Ao seu lado, mencione-se Geraldo José de Almeida, Gagliano Neto, Blota Júnior, Araken Patuska, Jorge Amaral, Nicolau Tuma, Thomaz Mazzoni, dentre outros.

Marcados pelo demasiado exagero verificado nas transmissões dos jogos de futebol, realizados ao longo do século XX, tais locutores das rádios se tornariam também muito populares, o que demonstrava o gosto que boa parte da população nutria pelo esporte.

Suas transmissões tinham tons dramáticos e também cômicos. A torcida brasileira, que o ouvia, ria e chorava de emoção e pelo seu linguajar vibrante e patriótico. Às vezes, emocionado, dizia que o árbitro tinha sido culpado pela eliminação do Brasil. Até nas vitórias, Gagliano Neto recriminava a arbitragem e o povo acreditava em todas as suas palavras.⁷⁵

As rádios, entretanto, não apenas falavam de futebol. Os atletas tinham muito interesse pelas canções, e pelas notícias nelas narradas. Segundo Negreiros, quando a Copa do Mundo teve seu início, a população brasileira envolveu-se bastante no evento, tendo-se como elemento de acompanhamento dos jogos, as locuções de Gagliano Neto. A força do rádio tornava ainda mais popular o futebol, o que resultava na “mobilização da nação” nos confrontos do campeonato.⁷⁶

Um dos atletas integrantes da seleção brasileira na copa de 1938, levou consigo durante a viagem para a França uma vitrola portátil. Roberto, o ponta direita do São Cristovão do Rio de Janeiro, inovou com sua idéia de levar a bordo um aparelho radiofônico. A reportagem do jornal “A Noite”, presente no “Arlanza” que levava os atletas da delegação, acompanhou os desdobramentos dessa iniciativa de Roberto. O objetivo de se levar o aparelho - segundo o atleta - era o de não “esquecer o Brasil”.

Mirando o mar e maravilhado diante de sua beleza e de seu profundo mistério, o ponteiro Roberto teve uma idéia magnífica. Trouxera uma vitrola portátil e os discos de canções populares em voga no Rio. Roberto é um sentimental, um legítimo brasileiro (...) O ponta direita do escrete sul-americano explicou à “Noite”: - Precisamos nos dirigir ao céu do Rio, aos céus do Brasil. Estamos

⁷⁵ CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Abrade, s/d, p. 136. Sobre esta questão, ver também FEIJÓ, Luiz César Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UERJ, 1994.

⁷⁶ Cf. NEGREIROS, Plínio. *Op. Cit.*

sob a bandeira inglesa, no Arlanza e sentimos desde já muitas saudades dos nossos amigos e dos que nos estimulam nos campos de futebol. Sei perfeitamente que a potência do novel “Rádio Saudades do Brasil” não permitirá que todos nos ouçam, daqui de tão longe. Mas quando nossos patrícios pensarem na gente (...) pensem um pouquinho na estação que os nossos pensamentos e as nossas saudades se confundirão imediatamente (...)⁷⁷

Os jogadores demonstravam, nas palavras dos cronistas, que através do rádio eles poderiam se imaginar no país de origem, o que conferiria “saudades da pátria”. Todavia, não podemos perder de vista que as transmissões radiofônicas tinham como objetivo remeter o ouvinte ao “amor à pátria”. O sentimento nacional expressava-se nestas transmissões⁷⁸, o que poderia incorporar ainda mais o patriotismo nos atletas, conforme se percebe nas matérias dos periódicos.

O dia do descobrimento do Brasil, feriado nacional, não passou despercebido pelos jogadores brasileiros que participarão de sensacional torneio da taça do mundo. A “Rádio Saudades do Brasil” dedicou uma hora à data. Leônidas [o Diamante Negro], diretor da estação improvisada, reuniu a rapaziada, convidou os dirigentes da delegação e fez uma hora de música brasileira. Os demais passageiros tiveram assim, alguns momentos de distração e os cracks puderam revelar seus sentimentos patrióticos. A turma do samba compareceu na horinha. Roberto, Afonsinho, Leônidas, Perácio (...) Brito, Walter, Domingos [O Divino] deram as notas. Fizeram sucesso (...) Roberto teve então, uma idéia (sic) feliz. Adiantou que a mais nova estação de rádio do Brasil doravante encerrava as suas audições, com o Hino Nacional (...) Sugeriu que toda a delegação cantasse, embora baixinho, o Hino Nacional. Repercutiu muito bem no Arlanza tal iniciativa do ponteiro do São Cristóvão, pois todo o mundo ficou sabendo que os cracks brasileiros chegarão a Paris, sabendo cantar direitinho a nossa música oficial (...) Onde está o grupo irradiando, está também a pequena bandeira [nacional], como a dizer que a idéia é de um grupo de rapazes que têm sempre na cabeça a imagem da pátria que aos poucos vai ficando para trás (sic), à medida que o Arlanza vence a longa caminhada.⁷⁹

A boa classificação no campeonato sul-americano de 1937 credenciou a seleção brasileira a ser mais reconhecida no mundo esportivo, em especial na

⁷⁷ Jornal “A Noite”. *Rádio Saudades do Brasil*, 04-05-38.

⁷⁸ Cf. MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar: samba e malandragem nos tempos de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁷⁹ Jornal “A Noite”. *Uma hora de música brasileira*, 06-05-38.

Europa⁸⁰. Tal fato contribuiu para que a recepção dos atletas, por ocasião da chegada da seleção nacional a Paris fosse bastante concorrida pela imprensa francesa. Em nenhum momento anterior, a equipe de futebol do Brasil merecera tanta atenção, e de igual modo, não se imaginava que a seleção faria efetivamente bons jogos nessa Copa do Mundo, aspirando inclusive, ao título mundial.

A recepção e o carinho com que a delegação brasileira foi acolhida no território francês, principalmente por parte da imprensa parisiense, ultrapassou a expectativa. Todos se mostram gratos a essa demonstração de simpatia. Por essa razão é possível que amanhã todos os componentes da embaixada façam uma visita às redações dos jornais “L’auto” e “Paris Soir”, pelos continuados registros com que esses órgãos parisienses estão acompanhando nossa estada aqui.⁸¹

Supõe-se que a referência a “tão boa recepção” descrita pelo cronista de “A Noite” em relação à chegada da seleção brasileira à França, esteja caracterizada por uma “valorização excessiva” do evento. Não podemos perder de vista que houve esforços de toda espécie, quanto ao fato de se transmitir as notícias do campeonato de forma a enaltecer entusiasticamente a equipe nacional. Isso poderia concorrer para o sentimento de reconhecimento do Brasil diante dos outros países no âmbito esportivo. Ademais, o jornal em questão estava afinado aos propósitos do Estado Novo, dentre os quais o sentimento nacional.

Após a interferência de vários segmentos sociais quanto à perspectiva de bom êxito da seleção brasileira na França (como a “campanha do selo”), veio o primeiro confronto, tendo a Polônia como adversária. Os torcedores estavam mobilizados à espera da vitória. O jogo aconteceu em Estrasburgo no dia 5 de junho. Várias pessoas, ainda que não tivessem apreço pelo futebol, ou que até o desconheciam, acabaram, mesmo que a distância, mantendo alguma relação de

⁸⁰ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

⁸¹ Jornal “A Noite”. *Um abraço de Paris para o Brasil inteiro*, 19-05-38.

interesse pelos resultados da seleção brasileira, motivada, fortemente, pela propaganda feita pelos veículos da imprensa.

Faltam poucas horas para a mais sensacional peleja já disputada por jogadores brasileiros e para a qual se fizeram preparativos absolutamente inéditos, tal o rigor com que foram realizados. Tudo está pronto para a hora emocionante em que trilar o apito, dando a saída para o match Brasil-Polônia. Tem, portanto, a máxima expressão a saudação que agora transmitimos, a pedido de todos os cracks patricios aqui concentrados: - Os jogadores brasileiros saúdam o Brasil! Saúdam 45 milhões de fans, que deles tudo esperam. Quanto for possível fazer, com boa vontade, energia, ânimo, constância e – sobretudo – patriotismo, será feito. Do primeiro ao último homem, do primeiro ao último membro da delegação! Um instante sequer, onze corações que estarão no gramado não deixarão de lembrar que são brasileiros e que a pátria, em peso, deles tudo espera, porque neles confia como expoentes máximos do seu valor esportista.⁸²

A insistência dos cronistas quanto à condição de que o êxito da seleção nos jogos disputados teria o acompanhamento da população brasileira, reforça a idéia da manipulação pela qual se caracterizou a política do Estado Novo em relação ao futebol, e outras manifestações da cultura popular de massa. Por esta razão, percebem-se exaustivas matérias nos periódicos, corroborando esta perspectiva, uma vez que o DIP exercia o controle oficial dos instrumentos de comunicação social, difundindo o projeto ideológico do Estado Novo.⁸³

A organização política desse período apoiou-se nas diferentes manifestações culturais como forma de que elas legitimassem o regime do Estado Novo. Se anteriormente à sua implantação em 1937, o poder público já explorava alguns dos elementos culturais, a partir de 1937, esses elementos adquiriram maiores proporções quanto à sua exploração, e, desse modo, de forma oficial.

Ao desenvolver um trabalho sobre a música nas décadas de 1920 e 1930, Contier aponta que o músico Heitor Villa Lobos compôs uma série de canções que

⁸² Jornal "A Noite". *45 milhões de fans de nós tudo esperam*, 04-06-38.

enalteciam o projeto político ideológico do governo federal. Várias das apresentações musicais eram feitas em estádios de futebol e em praças públicas, com o objetivo de que as massas se integrassem no projeto.⁸⁴ Nesses eventos, buscava-se também, inculcar no povo brasileiro os ideais de trabalho, civismo e disciplina, “qualidades” necessárias para o “homem novo”⁸⁵.

Os atletas da seleção brasileira poderiam demonstrar esses ideais à medida que fossem vitoriosos. A conquista esportiva representaria trabalho, disciplina, corpo forte e sadio, civismo, enfim, várias das “virtudes” pretendidas para a construção do “homem novo”. A boa performance da equipe nacional em 1938, poderia simbolizar esse processo.

O resultado do primeiro confronto foi uma difícil e festejada vitória por 6x5 a favor do Brasil. O jogo foi caracterizado por um acirrado empate por 4x4 no tempo normal, isto é, durante os noventa minutos. Tal como o regulamento do campeonato previa, a partida tinha que ser decidida na prorrogação, uma vez que o jogo era eliminatório, e portanto haveria que dele sair, necessariamente, um vencedor para que se conhecesse aquele que seguiria adiante no campeonato.

Essa primeira vitória alcançada - como era de se esperar - causou euforia em várias partes do país, além de se propagar que o sucesso deveria “patrioticamente” ser exaltado. Décio de Almeida Prado, ainda estudante do curso de Filosofia, assim reproduziu essa vitória, quando andava pelas ruas da cidade de São Paulo, por ocasião deste jogo

⁸³ A esse respeito ver entre outros outros, OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1982. GARCIA, Nelson Jahar. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.

⁸⁴ Cf. CONTIER, Arnaldo Dayara. *Brasil novo: Música, nação e modernidade: os anos 20 e 30*. São Paulo: USP/Tese de livre docência., 1988. Ver também, CONTIER, Arnaldo Dayara. “Música brasileira e interdisciplinaridade: algumas reflexões”. In: CREDDO, Maria do Carmo S. Di. *Fontes históricas: abordagens e métodos*. Assis: UNESP, 1996. SEVERINO, Jairo. *Getúlio Vargas e a música popular*. 1983.

⁸⁵ Cf. GOMES, Ângela de castro. *Op. Cit.* e, OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*

Eu cursava o terceiro ano da Faculdade de Filosofia. Terminadas as aulas, dadas à tarde, na Praça da República, passávamos por uma confeitaria da rua Barão de Itapetininga. Era a hora do descanso, da confraternização, dos comentários, em que repassávamos filmes, livros, colegas, professores. Num Domingo à noite, só para andar um pouco, gastar a tensão nervosa acumulada, encaminhei-me para lá, sem a esperança de encontrar os amigos, já que não era esse o hábito nos fins de semana. Aos poucos, surpreendentemente, foram chegando os outros. Tentamos abordar os assuntos costumeiros, mas a prosa não pegava. Só nos reanimamos, só nos reencontramos, quando percebemos que todos, homens ou mulheres, fanáticos ou indiferentes ao futebol, havíamos compartilhado na tarde que passara da mesma experiência emocional, ouvindo a interminável partida em que o Brasil venceu a Polônia por 6 a 5. Tinham sido duas horas sofridas, de contínuas esperanças e desesperanças. Empatamos por 4 a 4 nos noventa minutos regulamentares e ganhamos por 2 a 1 nos trinta de prorrogação. Haverá quem aguente?⁸⁶

Embora com dificuldades, a vitória no primeiro jogo aconteceu. Para os otimistas, e excessivamente ufanistas, havia motivo bastante suficiente para que se projetasse a seleção ao seu objetivo maior: a conquista do título mundial. Leônidas da Silva, um dos jogadores da seleção brasileira da copa de 1938, foi o mais destacado atleta nesse primeiro jogo. Sua boa atuação fez com que ele saísse do estádio, carregado pelos colegas.

Com a memorável vitória de ontem sobre o escrete polonês, vitória árdua e brilhantemente conquistada, depois de uma prorrogação de meia hora além do tempo regulamentar, o selecionado brasileiro deu, perante o mundo esportivo, um atestado insofismável do valor do nosso "soccer", elevando bem alto o renome do futebol sul-americano e honrando as memoráveis tradições deixadas em campos europeus por outros conjuntos do continente. (...) Pela primeira vez mandamos ao estrangeiro uma equipe realmente representativa das nossas máximas possibilidades. (...) Daí a atmosfera de cega confiança e entusiasmo com que todo o Brasil acompanhava a delegação que ia defender num campeonato mundial o prestígio das nossas cores (...) No final do primeiro tempo, o score de 3 x 1 diz bem da nossa superioridade. Na Segunda fase, com a mudança de barra, passamos a lutar também contra o vento, que cada vez mais zunia violento. Ainda assim, mantivemos nossa posição. O quarto gol dos poloneses, conseguido no instante final da peleja, pode ser considerado mero golpe de acaso. Prorrogada a partida, os nossos jogadores, encharcados, exaustos e cobertos de lama, souberam magnificamente confirmar o triunfo, marcando mais dois gols, contra um dos poloneses. Estava o Brasil detentor da primeira vitória da copa do mundo de 1938. Os cracks deixam o campo carregando

⁸⁶ PRADO, Décio de Almeida. *Latejando com o futebol, seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 203.

Leônidas nos braços, enquanto ressoavam nos ares de Estrasburgo os acordes do hino nacional brasileiro.⁸⁷

A vitória brasileira teve grande repercussão no país. Idéias já defendidas por jornalistas como Filho e Mazzoni vieram à tona, no sentido de se constatar que o futebol brasileiro não tinha que se moldar a outras “escolas” futebolísticas, como a européia. Ao contrário, deveria valorizar mais a “forma original” como aqui se praticava o futebol, o que o qualificaria como melhor do que demais países, sobretudo os da Europa.⁸⁸

Para Freyre, o brasileiro tinha um estilo particular de jogar futebol. Conforme interpretações sobre o Brasil em outras questões, o autor considera bastante positiva a mistura racial no país, razão pela qual também no esporte, a positividade dessa miscigenação se faria presente. Desse modo, a “democracia racial” encontraria justificativas no universo da prática futebolística. É certo que não podemos tomar como determinantes as palavras de Freyre. cremos que a habilidade do jogador não está ligada à cor da pele. Supomos, entretanto, que pelo fato do futebol possibilitar momentaneamente um prestígio social, negros, e brancos pobres levavam a prática do esporte mais “a sério” em relação aos jovens de classes sociais mais abastadas. As profissões ditas mais “tradicionais” como medicina, direito, e outras tantas, estavam mais ao alcance dessas camadas sociais.⁸⁹

Por outro lado, consideramos importantes estes apontamentos, dadas as interpretações que podem ser feitas dos jogos, sobretudo num período como a

⁸⁷ Jornal “A Noite”. *Duas horas de jogo*, 06-06-38

⁸⁸ A este respeito, ver FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

⁸⁹ Cf. ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. Sobre esta questão, ver também MURAD, Maurício. (org.) “Corpo, magia e alienação – o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”. In: MURAD, Maurício. *Futebol: 100 anos de paixão brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

década de 1930, em que a mistura racial estava sendo discutida como característica típica da formação étnica do povo brasileiro. Em que pesem as recusas que possamos fazer no tocante às interpretações de Freyre acerca do futebol, vejamos o que ele disse

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o (sic) alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo, tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.⁹⁰

A vitória sobre os poloneses foi amplamente noticiada e irradiada pelo Brasil. Em diferentes Estados do país se observou o interesse pela Copa do Mundo. Uma situação elucidativa para o entendimento da importância “política” do futebol, reside – entre outros aspectos - no envolvimento de familiares de Getúlio Vargas na copa da França em 1938. Conforme mencionado, uma de suas filhas foi convidada a ser “madrinha” da seleção. Tanto a filha quanto a esposa do Presidente da República, vieram manifestar afeição pela seleção brasileira, tal como aconteceu em inúmeras partes do país. Alguns torcedores, após a vitória contra a Polônia, tiveram que ser encaminhados a enfermarias, tamanha foi a euforia despertada pela vitória, conforme relata o cronista

Quando se soube o resultado final do jogo Brasil X Polônia, toda Belo Horizonte se pôs a festejar a brilhante vitória, com aplausos, gritos, foguetes, calculando-se em quase uma dezena o número de torcedores residentes nesta capital que, não resistindo a emoção do prélio, guardam os respectivos leitos. (...) A população [de Salvador] esteve interessada intensamente pelo encontro dos brasileiros. Quando foi conhecido o resultado final, grupos de frenéticos torcedores percorreram a cidade (sic) ovacionando os brasileiros comunicando-se o entusiasmo aos pacatos e

⁹⁰ FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 431-432.

indiferentes, resultando que o resto da tarde foi de manifestações patrióticas vivendo o nome do Brasil e do escrete por toda a capital (...) A delegação brasileira de futebol, logo após o jogo de ontem, em que saíram vitoriosas as cores nacionais, recebeu da “madrinha” do selecionado brasileiro, senhorita Alzira Vargas, o seguinte telegrama: “O esplêndido jogo desenvolvido esta tarde veio fortalecer a esperança que todos depositamos na nossa vitória, no campeonato mundial”. (...) Também da sra. Darcy Vargas, esposa do Presidente da República, a delegação recebeu cumprimentos nos seguintes termos: “Entusiasmada, magnífica atuação. Envio cumprimentos”.⁹¹

Embora tenhamos a compreensão de que não se pode associar o fascismo europeu ao regime político instaurado no Brasil em 1937⁹², cremos que em relação aos esportes, o governo federal, em vários momentos, manteve algumas semelhanças quanto às posturas que governos da Itália e da Alemanha mantiveram no tocante ao esporte, sob a idéia de explorá-lo como uma das formas de sua legitimidade.⁹³ Dentre tantos outros exemplos, podemos lembrar aqui os discursos realizados por Getúlio Vargas nos estádios de futebol, tal como Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália, procederam.⁹⁴

Diante da boa performance da seleção brasileira, no torneio sul-americano de 1937, de toda a estrutura construída ao seu entorno nos meses que antecederam a Copa do Mundo da França, e do bom resultado contra a Polônia, o futebol atraía para si a importância de se tornar concretamente um dos símbolos da nacionalidade, capaz de unir e harmonizar, momentaneamente, pessoas de diferentes regiões do país.

O jogo seguinte seria contra a boa equipe da Tchecoslováquia. Mais uma vitória significaria a confirmação da “superioridade” da seleção brasileira, e, conseqüentemente, o aguçamento do espírito nacionalista. Desse modo, cada vez

⁹¹ Jornal “A Noite”. *Brasil x Polônia*, 06-06-38.

⁹² Sobre o entendimento “simplista” da associação entre o fascismo e práticas do regime do Estado Novo, ver OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*

⁹³ Ver, entre outros MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

mais havia, por parte da imprensa, a “inevitável” associação entre a performance do atleta brasileiro com os rumos da pátria. A idéia difundida pelos órgãos de imprensa e do governo federal, era de que o “sucesso da seleção seria o próprio sucesso do povo brasileiro”.⁹⁵

No jogo contra os tchecos, a seleção brasileira venceu novamente, e, guardadas as proporções, com as mesmas dificuldades enfrentadas no jogo anterior, contra a Polônia. Entretanto, antes desse jogo, Oswaldo Aranha, uma das personalidades marcantes da política brasileira do período, encaminhou suas impressões aos jogadores, utilizando o jornal “A Noite”

O Chanceler Oswaldo Aranha dirigiu hoje à delegação brasileira, por intermédio de “A Noite”, a seguinte mensagem: “As bandeiras dos clubes que os jogadores brasileiros, ora na Europa, representam, como as de todas as entidades esportivas do país tremularão hoje ao lado do pavilhão nacional – e o triunfo que alcançarem nas pugnas futuras desse esporte sadio serão igualmente vitórias brasileiras. O êxito obtido e o espírito de disciplina que os nossos patrícios têm mantido em terra estranha nos encham de satisfação.(...)”

Atente-se ao fato de que na sequência da citação fica demonstrada a idéia de que, ao menos no futebol, o Brasil poderia “medir forças” em igualdade de possibilidades de conquistas, em relação a outros países, sobretudo aos da Europa como França, Inglaterra e/ou Itália, por exemplo. Segue a citação:

Neste momento, quando os jogadores patrícios são alvo unânime da atenção pública, eu os saúdo por intermédio de *A Noite* e peço a esse prestigiado vespertino que transmita minha saudação a cada um dos valorosos rapazes que compõem o quadro brasileiro, augurando que este domingo, como o do último embate, fique assinalado por um novo sucesso e sirva de incentivo para as vitórias que ainda hão de vir, até a conquista final do campeonato.⁹⁶

⁹⁴ Cf. MURRAY, Bill. *Op. Cit.*

⁹⁵ Esta afirmação está apoiada na leitura de inúmeras matérias apresentadas nos periódicos que foram pesquisados ao longo deste trabalho, conforme poderá ser visto ao longo do texto. Sobre a utilização de matérias jornalísticas como instrumentos de legitimidade do poder público na década de 1930 e 1940, ver CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista – 1920/1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁹⁶ Jornal “A Noite”. *O Chanceler brasileiro se dirige aos cracks por intermédio de ‘A noite’*, 11-06-38.

Ao vencer a Tchecoslováquia, nova agitação popular tomou conta das ruas em grande parte do país. A “certeza” de êxito total no campeonato empolgava os torcedores, sendo fortemente motivada pelos veículos de comunicação. A imprensa de vários Estados do Brasil alimentava essa suposição. Na cobertura da Copa do Mundo, invariavelmente havia menção de que os atletas mais bem sucedidos do torneio teriam recompensas um tanto inusitadas ao regressar ao Brasil, como por exemplo, a admissão de determinados atletas a empregos públicos,⁹⁷ bem como, promoção da atividade exercida pelos mesmos atletas nas repartições oficiais do Estado, conforme relata a citação a seguir.

A equipe brasileira assinalou dois gols contra a Tchecoslováquia. Para os autores dos tentos, houve a “recompensa”. Assim aconteceu com Roberto, autor de um dos gols da vitória contra os Tchechos. A Leônidas da Silva, autor do outro gol, foi prometida premiação futura. Nessa vitória, o então Ministro da Educação Gustavo Capanema, também manifestou sua alegria, remontando tal êxito ao amor à pátria.

Roberto, o autor do segundo gol dos brasileiros na sensacional partida de ontem, e que decidiu a vitória contra os Tchechos, pertence, como se sabe, à Polícia Especial do Estado do Rio. Por ato de ontem mesmo, o comandante Amaral Peixoto, interventor fluminense, promoveu-o a sub-chefe daquela mesma corporação, a que Roberto pertence desde a fundação. Quanto a Leônidas, que igualmente nasceu no Estado do Rio, oportunamente será premiado pelo seu notável esforço no campeonato mundial de futebol. (...) O ministro Gustavo Capanema, terminado que foi o jogo de ontem enviou ao técnico da delegação brasileira o seguinte telegrama: - A vitória de hoje tem um sentido: tudo pelo Brasil. Peça levar aos nossos invencíveis lutadores a minha palavra de entusiasmo e louvores. (...) Belo Horizonte delira pelo entusiasmo

⁹⁷ Quando se faz referência a essa possibilidade, é necessário esclarecer mais uma vez que embora a prática do futebol tenha sido oficialmente reconhecida também como uma atividade profissional, a sua estrutura do amadorismo permanecia relativamente inalterada. Deste modo, era comum que vários atletas buscassem outros rendimentos além da sua atividade como atleta, mesmo que, eventualmente, fosse originado de um emprego em que o atleta apenas “assinava o ponto” sem, necessariamente, exercer sua função na empresa, na fábrica e/ou outra instituição pública ou particular, o que constituiu o chamado “profissionalismo marrom”. A esse respeito, ver os trabalhos de SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*, ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992, e PERY, Valed. *Futebol e Legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973.

dos brasileiros. Mais de mil salvas de foguetes coroaram a tarde de ontem, pela vitória de nossos patrícios. Todos os chauffers locais aderiram cheios de entusiasmos a homenagem da cidade, fazendo vibrar, a um só tempo, as buzinas de seus carros, sendo acompanhados pelos tímpanos dos bondes. Os desconhecidos abraçavam-se nas ruas, tomados de emoção.⁹⁸

Na citação descrita, o cronista afirmou que “pessoas desconhecidas abraçavam-se” independentemente de serem de origem sócio econômica e/ou étnica diversa.⁹⁹ Dessa maneira, as circunstâncias da massificação do esporte permitia, ocasionalmente, a integração social. Os jogos contribuíam para que houvesse uma promoção, ainda que momentânea, do encontro de diferentes camadas sociais. “(...) Foi através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares (...).¹⁰⁰

Tal conjunto de circunstâncias levou Freyre a dizer que o futebol ao longo dos anos ia se transformando - através não só dos jogadores, mas também daqueles que o acompanhavam - num dos elementos de fortalecimento da democracia social, na medida em que negros e brancos o absorviam “sem preconceitos”, o que não acontecia no momento de sua implantação no país. Negros como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, eram aplaudidos por torcedores de origem social diversa.

⁹⁸ Jornal “A Noite”. *Felicitações aos cracks*, 15-06-38.

⁹⁹ Sobre o comportamento dos torcedores, ver TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: ANPOCS, 1996.

¹⁰⁰ Cf. DA MATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista USP: Dossiê Futebol*. São Paulo. n. 22. Jun/jul/ago. 1994. p. 17. Esta análise de Da Matta se assemelha à de vários autores que colaboraram com artigos em edição da revista mencionada em seu número que tratou do futebol. Dentre estes autores, mencione-se José Sérgio Leite Lopes, o qual tratou desta mesma temática em seu artigo intitulado *L'invention du style brésilien: sport, journalisme et politique au Brésil*. In: “Lex enjeux du football: Actes de la Recherche en science sociales”. Paris: École des hautes études en sciences sociales, n. 103, 1994. Esta edição ficou sob a direção de Pierre Bourdieu.

Embora a tese de Freyre em relação ao futebol o suponha como um instrumento de “democracia racial”, o que é discutível (conforme já apontado neste trabalho), suas palavras são importantes quanto ao processo de ampla absorção do esporte. Suas idéias a seguir, foram publicadas em um texto produzido em 1938, e que foram reproduzidas em seu livro *Sociologia*, publicado em 1957.

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de organização interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandarização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. (...) Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha.¹⁰¹

A inspiração, a inventividade, a improvisação, enfim, as características particulares, e sobretudo a qualidade do atleta brasileiro, invariavelmente expressas nos discursos de Freyre, e vários cronistas esportivos como Filho e Mazzoni, estavam personificadas nas figuras de dois atletas negros: Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Ambos representavam a evolução e as inovações do futebol brasileiro através da habilidade de que dispunham. Diante disso, a seleção brasileira se tornaria “imbatível” para as partidas finais subseqüentes. Entretanto, tudo o que poder público e imprensa, especialmente, não esperavam, aconteceu. Leônidas da Silva teve séria lesão, o que o deixou de fora na partida semifinal.

A inesperada ausência do *Diamante Negro* para o decisivo jogo contra os italianos, causou uma “profunda tristeza” aos torcedores do país. O mais destacado atacante da equipe nacional não pôde entrar em campo. Mazzoni expressou o que alguns torcedores sentiam, confundindo-se paixão pelo futebol com outras

¹⁰¹ FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 432.

questões do país, quando o autor se refere à equipe nacional, como se estivesse se referindo ao Brasil, para além das questões esportivas.

Quando chegamos, ante-ontem, à noite, no hotel (a turma que iria jogar tinha chegado pela manhã) e nos puseram ao corrente das novidades, soubemos com grande surpresa que Leônidas não iria jogar. Era impossível que tal sucedesse. Distensão muscular, não poderia suportar um novo prélio – disse-nos Pimenta[técnico da seleção]. Logo, contra a Itália não alinharia Leônidas. Diremos, sinceramente, aos nossos caros leitores que uma profunda tristeza nos invadiu o coração, destino maligno do Brasil na taça do mundo. por que esse destino nos castigava, assim, tão impiedosamente, a ponto de tirar-nos do quadro justamente o homem mais preciso, o mais scintilante dos jogadores? Sem Leônidas, compreendemos que muito penosa devia ser nossa missão contra a Itália. Que ironia da sorte! Privar o XI de Leônidas, no prélio mais importante, contra o adversário mais temível! Até agora não nos podemos conformar por que o destino foi tão bárbaro contra o Brasil na semifinal, sem levarmos em conta o que aconteceu nos nossos jogos precedentes.¹⁰²

O confronto entre o Brasil e a boa equipe da Itália – então campeã mundial da copa anterior - revelou uma das fragilidades da seleção brasileira: demasiada dependência das jogadas de Leônidas da Silva. Embora o desgaste da viagem de Bordeaux (onde o Brasil disputara seu jogo anterior contra a Tchecoslováquia) à Marselha realmente fosse desgastante, ela não poderia surgir como a “vilã” da derrota, tal como muitos pretendiam.¹⁰³

Não se podia creditar à viagem, o insucesso dos atletas brasileiros. Ao lado da ausência de Leônidas (talvez o aspecto responsável por essa derrota), residia um suposto equívoco do árbitro da partida por ocasião da marcação de uma penalidade contra os brasileiros, o que de fato aconteceu, como o autor da penalidade, o próprio Domingos da Guia relatou: “Quanto ao foul, realmente confesso que o pratiquei. Piola [jogador italiano] desfechou-me violento pontapé e não pude conter o ímpeto de revidar a ofensa, pela mesma forma.”¹⁰⁴

¹⁰² MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na taça do mundo*. São Paulo: Ed. Publicações no Brasil, 1938. p.22

¹⁰³ MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.*

¹⁰⁴ Jornal “A Noite”. *Seríamos campeões*, 16-06-38.

Seja como for, o fato é que a derrota para a Itália coincidiu com o fim do sonho da conquista do campeonato, e por conseguinte rompeu, momentaneamente, com as “expectativas” construídas em torno dele. Todavia, em virtude dos jogos anteriores feitos e das próprias circunstâncias nessa semifinal, o governo federal imputou aos atletas a “luta e o patriotismo” demonstrados nos gramados, considerando a necessária reflexão em torno da idéia de que esse patriotismo que representantes do governo federal e imprensa reportavam, partia muito mais de suas interpretações do que dos jogadores. Supomos que esses atuavam nas partidas motivados especialmente pelo sucesso, e por conseguinte, pelos rendimentos dos quais sua performance em campo poderia resultar, e não propriamente pelo “patriotismo”.

Benedito Valadares e Lourival Fontes, dois dos políticos muito próximos a Getúlio Vargas, bem como diversos segmentos sociais, manifestaram seu apoio à seleção brasileira, e enalteceram a performance e o espírito de “civismo” dos brasileiros, apesar da vitória dos italianos. Após a derrota por 2x1 para a Itália, estas foram algumas das palavras publicadas pelo jornal “A Noite”, destacando-se, segundo o periódico, o surgimento de um “Brasil novo”¹⁰⁵ e o suposto erro cometido pelo árbitro por ocasião da penalidade assinalada contra a seleção brasileira.

O exemplo de nossos rapazes servirá para os brasileiros sentirem o seu valor na possibilidade de horas incertas e difíceis merecendo aqueles homens mais que os nossos aplausos, mas a nossa gratidão porque revelam um Brasil novo que não recua, não desanima e luta sempre. (...) Provada a parcialidade do juiz, iremos ao extremo de pedir sua eliminação do quadro de árbitros da FIFA (...) admitimos ser vencidos, mas nunca espoliados. (...)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Este Brasil novo ao qual se faz referência foi discutido por OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.* p. 109-164. e GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.*

Além das impressões do cronista de “A Noite”, Benedito Valadares (Governador de Minas Gerais) e Lourival Fontes (Diretor do Departamento Nacional de Propaganda), respectivamente, falaram sobre o jogo contra a Itália. Tanto Fontes quanto Valadares tinham como objetivo explorar a seleção brasileira para a difusão dos ideais do Estado Novo, cujos princípios estavam baseados no civismo, no patriotismo, na unidade nacional, enfim, nos diversos elementos que poderiam e “deveriam” ser explorados através dos jogos de futebol, em especial nas conquistas do selecionado nacional. O cenário do final da década de 1930 no país, supunha uma sustentação política através também, das manifestações da cultura popular de massa.¹⁰⁷

Verifica-se no discurso de Fontes e Valadares, uma preocupação em se utilizar o esporte como uma das formas de afirmação do nacionalismo e do patriotismo, duas marcas da ideologia do Estado Novo. É a partir desses e outros discursos de personalidades políticas do período (tal como veremos na Revista Brasileira de Educação Física, e em “Estudos e Conferências”, por exemplo), que não podemos deixar de reconhecer que o governo federal esteve muito interessado na associação política/futebol, desde a década de 1930, em especial a partir da Copa do Mundo de 1938, um ano após a instauração do novo regime político.

Respondeu aos manifestantes o Governador Benedito Valadares que proferiu as seguintes palavras: - “Vossa passeata esportiva tem a significação de verdadeira parada cívica. Ela sintetiza as vibrações que temos experimentado, ao ter conhecimento, pelas rádios-emissoras, dos lances heróicos com que os jogadores brasileiros, no campeonato mundial, vêm demonstrando que, em qualquer função exercida pelo homem, cumpre saber servir a pátria.

¹⁰⁶ Jornal “A Noite”. *Revelando um Brasil novo*, 16-06-38

¹⁰⁷ Dentre tantos trabalhos sobre esta questão, vale menção o de Capelato, por considerar que a autora fez um mapeamento das várias obras produzidas sobre a ideologia do Estado Novo, dentre as quais, algumas são aqui utilizadas para análise do período. Trata-se de CAPELATO, Maria Helena. “Estado Novo: novas histórias”. In: FREITAS, Marcos Cézár (org.) *Historiografia brasileira*

Na leitura da matéria publicada pelo periódico, observa-se a interpretação questionável daquilo que anteriormente mencionamos quando apontamos que não se pode, peremptoriamente, imputar aos atletas da seleção brasileira o sentimento de patriotismo quando estes defendiam uma seleção de futebol tão somente. Acreditamos que muitos dos jogadores sequer poderiam imaginar a atribuição que a eles fora direcionada. Por outro lado, a interpretação do discurso de personalidades do cenário político da década de 1930, resulta na busca do sentimento de unidade nacional via futebol, conforme era o desejo de Benedito Valadares, Lourival Fontes, dentre outros. Vejamos a sequência da citação:

Nossos jogadores não têm tido preocupações individuais, mas aparições patrióticas. Por isso, todo o povo se emociona, porque o que eles de fato defendem são as cores e o nome do Brasil. É, no domínio do esporte, uma das formas mais belas do patriotismo em ação. Exemplo digno de ser imitado, porque, dentro do espírito que anima, é que tornaremos a pátria maior e mais empolgante. (...) E é pela pátria, na pessoa de seu grande Presidente, Getúlio Vargas, que devemos volver olhos e corações, pronunciando o juramento de bem servi-la e defendê-la sempre" (...) Lourival Fontes, diretor do Departamento Nacional de Propaganda, teve uma palestra telegráfica com o sr. Luiz Aranha, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (...) O presidente da CBD manifestou sua satisfação pelos triunfos conquistados nas canchas européias, pelo selecionado brasileiro, dizendo textualmente: - "Não estando alegre, estou satisfeito com a atuação dos jogadores brasileiros. Nem poderia ser de outra forma: as derrotas são inevitáveis em pugnas desportivas, e não desonram a ninguém. Os nossos rapazes atuaram com brilho, conduzindo-se sempre com alta correção".¹⁰⁸

A repercussão do jogo Brasil x Itália em território nacional quase causou, segundo Mazzoni (e, seguramente, com exagero), uma "revolução no Brasil". Esta menção à "revolução" reforça a idéia de que o discurso da imprensa esportiva ligava-se ao discurso do governo federal em relação às leituras da participação da seleção na copa de 1938. A suposta superioridade do futebol brasileiro foi posta à

em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2001. Ver também o trabalho de GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

¹⁰⁸ Jornal "A Noite". *A atuação do selecionado brasileiro*, 17-06-38.

prova, levando em consideração todas as peculiaridades em torno da partida semifinal, já descritas.

O que deve ser destacado é que, independentemente do êxito ou do malogro da seleção brasileira, pôde-se constatar a influência do futebol no momento político vivido no país, no final da década de 1930. Nesse aspecto, talvez a vitória fosse tão emblemática quanto a derrota para a compreensão do universo do futebol e de seu significado no cotidiano desse período. Atente-se ao fato de que a seleção brasileira, embora não tivesse conquistado o campeonato mundial, chegou à 3ª colocação na classificação final, posição jamais alcançada. Diante da busca de elementos que expressassem a unidade nacional, tal classificação foi motivo de exploração quanto à idéia da representação da nação também através do futebol.

O jogo com a Itália que nos abria a porta do título, resultou na única derrota do Brasil. Muito se comentou. Aquele dia fatídico quase causou uma ... revolução no Brasil (...) pois foi um autêntico acontecimento que sacudiu o país de ponta a ponta, trouxe uma imensa decepção, quando nosso revés foi confirmado. (...) Os esforços e sacrifícios, desta feita, não foram em vão. Ao contrário, se não chegamos à final, devido ao mecanismo do torneio, é fora de dúvida que o Brasil, depois da Itália, colheu os maiores louros do torneio (...) Não se trata de uma simples “conversa fiada”, são os dados que falam sem sofisma.¹⁰⁹

Após conquistado o campeonato mundial de 1938 pela Itália, o governo fascista desse país veio a público enaltecer a vitória como confirmação do seu regime, tal como fez em 1934. Segundo ele, no jogo contra o Brasil, venceu “o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros”¹¹⁰. Após a partida final contra a Hungria, na qual se confirmaram as expectativas dos italianos, o resultado do bi-campeonato mundial significou “a apoteose do esporte fascista nesta vitória de raça”.¹¹¹

¹⁰⁹ MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 274-275.

¹¹⁰ Cf. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L & PM, 1995. p. 79.

¹¹¹ Cf. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L & PM, 1995. p. 79

O confronto contra a Suécia na disputa pelas primeiras colocações, teve como resultado a vitória do Brasil, o que o deixou em 3º lugar. Essa foi a melhor classificação da seleção brasileira nos campeonatos mundiais até então disputados. É certo que - na perspectiva dos órgãos de imprensa - tal fato deveria ser exaustivamente enfatizado. Consideramos necessário reforçar que, na leitura de matérias como a que se segue, observa-se a criação da representação do futebol como símbolo de unidade nacional. O jornal "A Noite" trouxe os seguintes comentários a respeito da vitória dos italianos na partida final:

Com a sua vitória final de hoje sobre os húngaros, a Itália consegue levar para Roma a taça do mundo, entregue a Meazza, capitão do team italiano, pelo próprio presidente Albert Lebrun, durante cerimônia realizada diante da tribuna oficial do estádio. (...) A oferta da taça do mundo ao team italiano foi feita depois que as bandas entoaram a "Marselheza", o hino italiano, e encerrou a série de jogos do campeonato mundial de futebol, na qual o Brasil conseguiu colocar-se honrosamente em terceiro lugar. (...) Brilhante a atuação de nossos players nos campos europeus. O dia de ontem trouxe o término da mais gloriosa jornada esportiva que já empreendemos. Mais uma vez, ao esplêndido sol de França, o pavilhão auri-verde subiu ao mastro do estádio que já assistira a um magnífico triunfo de nossas cores (...) Os jornais franceses e de toda a Europa passaram a considerar-nos com mais respeito, alinhando-nos entre os prováveis vencedores da copa do mundo. (...) Os nossos cracks caíram na simpatia não já apenas dos torcedores de futebol, mas de todo o Brasil. Como por encanto, uma poderosa corrente de sentimento patriótico que circulava por todo o país, tocará o cerne do coração brasileiro o esforço pugnaz de um pugilo de patrícios lutando esportivamente em terra estranha, fortes de corpo e de ânimo, dignos exemplares da nossa gente. (...) Finda a jornada, saudemos apenas, os brasileiros, sem ressentimentos, o vencedor, e saibamos também receber como campeões os que se mostraram dignos de o serem! Ave, Itália! Ave, campeões do Brasil!¹¹²

Como reforço da perspectiva do sentimento cívico e patriótico, os atletas brasileiros, por ocasião de retorno ao país, foram saudados como "heróis nacionais" (sobretudo pela imprensa esportiva), como aqueles que bem representaram a pátria perante outros países. Na perspectiva do governo federal, eles teriam contribuído sobremaneira para que seus compatriotas tivessem muitos

¹¹² Jornal "A Noite". *Embate final*, 20-06-38.

momentos de “emoção e de alegria”. Eles passaram a simbolizar novas perspectivas para o Brasil futuro, e do “homem novo” que o regime político queria construir.¹¹³

Nesse momento, novamente personalidades da política brasileira do período como Gustavo Capanema, Lourival Fontes, e tantos outros, vieram manifestar tal idéia. Um fato que corrobora a perspectiva de que o governo federal estava participando das questões relacionadas ao futebol no país, é a condição dele disponibilizar suas forças armadas no momento da chegada da seleção brasileira da copa da França à capital federal, tal como indica a citação a seguir.

Vale reiterar que vários dos apontamentos descritos corroboram a percepção acerca da insistência dos periódicos em afirmar que havia um grande interesse popular pelo futebol. Não obstante termos em conta que, de fato, o esporte mobilizava especialmente as populações dos centros urbanos (tal como já discutido por vários autores, e aqui já apontado) cremos que os textos apresentados pelos jornais quanto a esta popularidade não remonta à devida dimensão do esporte, em razão da forma como era apresentado pelos cronistas ao proceder à leitura das matérias.

Cerca das 15 horas e meia, o “Almazora” em que viajaram os esportistas brasileiros começou a manobrar para a atracação. Na praça Mauá via-se grande multidão que entusiasmamente aclamava os jogadores. A polícia a posto estabeleceu cordões de isolamento, a fim de facilitar o desembarque. (...) ¹¹⁴

Nota-se na redação do jornal, o enfoque direcionado à “grande multidão” a recepcionar a seleção brasileira, como a se imaginar que o atleta de futebol fosse um “herói nacional”, tal como a própria imprensa faz referência aos jogadores, em

¹¹³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (Org.) *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982. Ver especialmente, o capítulo escrito por Ângela de Castro Gomes: “A construção do homem novo”. p. 151-164.

¹¹⁴ Jornal “OESP”. *A recepção dos futebolistas brasileiros no Rio*, 12-07-38.

especial os mais destacados como Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Esse cenário nos leva a melhor compreender as razões pelas quais Getúlio Vargas realizava vários de seus discursos no estádio de futebol do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro.

A praça Mauá bateu esta tarde record verdadeiramente sensacional: o da vibração popular em hora de mais intenso trabalho, quando a cidade está entregue, comumente, aos últimos aprestos das tarefas diárias e todas as atenções se mobilizam nos diversos setores de atividade. Muito antes da hora em que se daria a atracação do “Almazora”, a cujo bordo viajaram os membros da delegação brasileira ao campeonato mundial, já o vasto logradouro se achava pejado de uma compacta multidão ansiosa pelo desembarque dos cracks. Não há mesmo memória, atendendo-se a quaisquer circunstâncias, de movimento de tão vastas proporções. (...) A vibração popular assume aspectos empolgantes. Todos querem ver os cracks e o povo vale-se de postes de iluminação e das árvores no afan de conseguir melhor posição. (...) O crack nº 1 do mundo [Leônidas da Silva] atravessou a avenida num corpo de fuzileiros navais. Quando se anunciou que Leônidas havia desembarcado, o entusiasmo da multidão atingiu o auge. Era um verdadeiro delírio. (...) O maior crack do mundo entrou na Avenida Rio Branco guardado por praças do corpo de fuzileiros, do exército, da polícia e da marinha. (...) A passagem do cortejo pela avenida foi um espetáculo de vibração raras vezes já observado nesta capital. Os cracks passaram entre aclamações frementes que culminaram em torno do carro do regimento de fuzileiros, em que Leônidas era conduzido, para poupá-lo a quaisquer excessos de entusiasmos.¹¹⁵

O que foi ficando evidente é que a performance do futebol brasileiro na copa de 1938, atrelada ao papel atribuído a ele pelo poder público no período, culminou na condição de se conceber o esporte como um dos instrumentos da unidade nacional.

Vários periódicos de grande circulação como por exemplo o “O Estado de S. Paulo”, “A Noite”, “A Gazeta”, “O Correio da Manhã”, e as transmissões radiofônicas acompanharam com muito entusiasmo a copa realizada na França, e mais do que relatar as notícias inerentes a ela, estabeleceram uma aproximação até então inigualável com o torcedor brasileiro. Suas matérias e transmissões

¹¹⁵ Jornal “A Noite”. *A cidade acolhe com uma apoteose*, 11-07-38.

caracterizavam, fundamentalmente, um patriotismo - via esporte - bem típicos dos interesses do Estado Novo.

Diante desse conjunto de circunstâncias, a prática do futebol e a “paixão” clubística, e também pela própria seleção brasileira adquiriram significados ainda mais fortes com a sociedade. Torcer pelo sucesso do futebol brasileiro, simbolizava envolver-se no sucesso da própria nação. Diferentes regiões do país participaram dessa nova perspectiva que o esporte passava a representar. O governo federal, sobretudo através da imprensa, não hesitou em não apenas se aproveitar, mas sobretudo incentivar e explorar esse momento.

O universo futebolístico não permitia que houvesse diretamente discriminações de qualquer espécie, tal como ele próprio se caracterizara no momento de sua implantação no país.¹¹⁶ Os jogos não se constituíam apenas como um lazer, mas como algo capaz de tornar as pessoas mais “patrióticas”. Como foi visto, os atletas considerados de melhor performance na Copa do Mundo da França eram negros. Trata-se de Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Tal fato é importante para a compreensão da idéia de que o futebol contribuiu para a possibilidade de ascensão social e econômica dos negros e dos brancos pobres.¹¹⁷

Ao contrário dos momentos iniciais do futebol no Brasil, gradativamente o esporte ia sendo preponderantemente praticado por atletas de modesta condição financeira e pelos negros. É certo que brancos, filhos das famílias mais abastadas também o praticavam, entretanto, constituíam um número relativamente mais reduzido. Negros e brancos pobres, visualizavam no futebol uma das poucas oportunidades de ascensão sócio econômica, o que não se aplicava aos outros jogadores de origem diferente deles. Domingos da Guia, o *Divino*, e Leônidas da

¹¹⁶ Ver SILVA, Eliazar João da. *Bola na Rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: Dissertação de Mestrado/UNESP, 2000.

Silva, o *Diamante Negro*, negros e filhos de famílias humildes, representaram este cenário que se desenhava no futebol brasileiro.

Domingos da Guia e Leônidas da Silva tiveram trajetórias bastante parecidas. Os dois moravam em subúrbios cariocas, e provavelmente teriam como destino uma vida mais modesta e de anonimato. O futebol pôde lhes oferecer a fama e a possibilidade de vislumbrarem a prosperidade. Atente-se ao fato de que os dois jogadores não representavam casos isolados.¹¹⁸ Inúmeros outros atletas de mesma origem seguiram, relativamente, os mesmos caminhos do *Divino e do Diamante negro*. Diante disso, jovens de diferentes camadas sociais poderiam se sentir “representados” quando atletas como os mencionados atuavam pela seleção brasileira. Isto contribuiria para a unidade no futebol. Tal unidade constituía uma das pretensões do governo federal quanto ao sentimento nacional.

Leônidas, o player patricio que assombrou as assistências européias com seu jogo espetacular, continua despertando a curiosidade dos fans, que desejam conhecer de perto o tão famoso forward. As suas memoráveis atuações na disputa da III taça do mundo colocaram-no como um dos jogadores mais populares do Brasil e as manifestações que tem recebido são uma prova eloquente do quanto é apreciado pela torcida.¹¹⁹

Logo após a sua chegada ontem ao estádio do América, onde foi presidir a inauguração dos jogos universitários, o sr. Getúlio Vargas, informado de que a delegação do Flamengo se encontrava naquela praça de esportes, manifestou desejo de saudar os cracks cariocas. E dirigindo-se para fora do recinto, s. ex. se aproximou dos players rubro-negros e fez questão de abraçar Leônidas. Esse abraço provocou por parte da multidão que ali se encontrava uma estrondosa salva de palmas. Separando-se então do Diamante negro, s. ex. foi cumprimentar Walter e Domingos, o que foi feito sob um “hurrah” da delegação carioca.¹²⁰

Tais manifestações de apreço a Leônidas da Silva e Domingos da Guia vinham de toda parte e de diferentes segmentos sociais. Leônidas se transformou num requisitado “garoto propaganda” de diversos estabelecimentos comerciais,

¹¹⁷ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

¹¹⁸ Cf. CALDAS, Waldenyr. *Op. Cit.*

¹¹⁹ Jornal “A Noite”. *Leônidas falará aos seus fans*, 16-07-38.

¹²⁰ Jornal “A Noite”. *O sr. Getúlio Vargas cumprimenta os cracks*, 19-07-38.

dada a sua extrema popularidade. Seu apelido foi sugestivamente exibido em nome de um chocolate: “Diamante Negro”.

A vitória sobre os suecos na semifinal parecia demonstrar que, ao menos no futebol, poder-se-ia medir força com os europeus, embora essa “força” ia além da pretensa superioridade para fora dos limites dos campos de futebol. Mais do que uma simples 3ª colocação no campeonato mundial, espalhou-se por grande parte do país um “orgulho nacional” que foi bastante incentivado e explorado pelo governo federal.

Os jogadores brasileiros eram descritos nos periódicos e nas transmissões radiofônicas como “os melhores do mundo”. O futebol nacional teria alcançado seu melhor estágio de desenvolvimento técnico, ao se confrontar em igualdade de condições com o da Europa. Representantes do governo Vargas se dirigiam aos atletas como “heróis nacionais”, embora não tivessem se sagrado campeões. Gustavo Capanema, após a derrota para a Itália, enviou telegrama à delegação brasileira dizendo que a participação dos brasileiros constituiu “uma afirmação admirável da fibra do Brasil, a cujo esporte estão asseguradas muitas e belas glórias futuras”.¹²¹

Como vimos, a imagem construída em torno não somente da seleção, mas do futebol como um todo, e por extensão do esporte brasileiro, foi amplamente discutida no âmbito do “Estado Novo”, do qual o Ministro Gustavo Capanema era integrante. Ele mesmo foi um dos que mais reorientou o sentido da prática esportiva no país, conforme se verá no capítulo seguinte. No final da década de 1930 e na década de 1940, o poder público, através do Departamento de Imprensa e Propaganda e dos órgãos a ele submetidos, buscaram criar e sedimentar alguns

¹²¹ Jornal “Correio da Manhã”. *Campeonato mundial de futebol*, 17-06-38.

valores da cultura brasileira. O esporte esteve contíguo a essa dinâmica. Ele fez parte desse processo da busca de um homem forte, saudável, trabalhador, vencedor, mas acima de tudo patriótico. O esporte deveria estar a serviço da pátria.

CAPÍTULO 3

A ATIVIDADE ESPORTIVA NO BRASIL: UM DOS INSTRUMENTOS DE FORTALECIMENTO DA NAÇÃO

Uma juventude doentia traz consigo a degeneração racial de um povo, assim como, uma juventude sã, física e moralmente, é a base para a manutenção e desenvolvimento da pujança de uma nacionalidade.¹

Desde instalada a República no Brasil no final do século XIX, a idéia de que seriam buscadas estratégias quanto a tentativas de se criar um “Brasil novo”, presidia vários dos discursos de representantes do poder público. Ainda que social e politicamente, a estrutura do governo permanecesse relativamente inalterada, sobretudo em relação às possibilidades de maior participação política dos cidadãos², o ideal do “homem novo” adquiria novas perspectivas no regime republicano instaurado. Mas foi a partir da década de 1930, especialmente após anunciado o regime do Estado Novo, que tal discurso obteve maiores proporções, a ponto da atividade esportiva (bem como outras manifestações da cultura popular de massa) também ter sido explorada com vistas à construção do novo homem brasileiro.³

Dentre as novas legislações que passaram a vigorar no país na década de 1930, algumas delas estiveram relacionadas à prática dos esportes⁴. Várias

¹ Cf. ROLIM, Inácio. “O papel das entidades desportivas na formação da juventude brasileira.” *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1940. p. 100.

² Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

³ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.) p *Op. Cit.*. 154-164. A esse respeito, ver também GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. Em relação à idéia de se buscar objetivamente também no esporte, a construção do “homem novo”, ver SOARES, Carmen. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. Cf. o cap: “A ciência e a construção do homem novo necessário ao capital: homem produtivo/homem biológico”. p. 9-26

⁴ Cf. PERRY, Valed. *Futebol e legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973.

personalidades tornaram-se importantes na execução de um projeto estratégico que visava a construção do “homem novo”. Dentre eles, mencione-se especialmente educadores, médicos, sanitaristas, dirigentes esportivos, eugenistas e higienistas. Todos convergiam para o ideal do civismo, da moral, da boa performance do físico e do sentimento patriótico. Estes elementos eram tidos como preponderantes para o discurso ligado ao Brasil “forte e saudável”. Neste sentido, a juventude brasileira deveria estar preparada para este novo cenário.⁵

A prática esportiva, desse modo, seria um dos elementos que deveria – na perspectiva do poder público - se prestar a estes objetivos. Não por acaso, a crescente popularidade e o interesse pelo futebol foram amplamente motivados pelo governo federal, não somente nesta década de 1930, mas também no período posterior. Vários esforços foram dispensados para que a Copa do Mundo de 1950 fosse realizada no Brasil, como de fato aconteceu. Dois imponentes estádios de futebol foram erguidos contando com dinheiro público. Trata-se do Pacaembu e do Maracanã. A institucionalização da educação física ocorreu exatamente durante o Estado Novo, embora nas décadas anteriores ela já merecesse especial atenção por parte do poder público.⁶

O papel da educação física, nesse período, foi importante para que se entendessem as “funções” dos esportes nos anos subsequentes. Uma das propostas do governo federal, consistiu na idéia de que a educação física deveria ajustar-se à doutrina do Estado Novo

A força de uma nação é o complexo da força física,
intelectual e moral de cada um de seus elementos. É a resultante

⁵ Ver entre outros, os trabalhos de BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Ser forte para fazer a nação forte: a educação física no Brasil (1932-1945)*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1991. MARINHO, Inezil Pena. *História da educação física e dos desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil império, Brasil República (documentário e bibliografia)*. Rio de Janeiro: DEF-MÊS. 1952, Vol. 4.

⁶ Cf. FILHO, Mário Ribeiro Cantarino. *A educação física no Estado Novo: história e doutrina*. Brasília: UNB/Dissertação de Mestrado, 1982.

das forças resultantes que a compõem.⁷ (...) O Brasil precisa de homens inteligentes e disciplinados: - deve cuidar, portanto, de tornar sadia e forte sua mocidade. Em todos os países do mundo civilizado, o esporte tem merecido dos governos a máxima atenção (...).⁸

Segundo Lenharo, o cuidado do corpo simbolizava uma das metáforas do país neste período. Nesta perspectiva, os ideólogos do Estado Novo buscavam “a moralização do corpo pelo exercício físico; o aprimoramento eugênico incorporado à raça; a ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no mundo do trabalho.”⁹ Tais suposições apresentadas por Lenharo, demonstravam quais seriam os aspectos que norteavam a exploração dos esportes pelo Estado Novo.

A valorização dos esportes como “atividade indispensável” para se manter um físico saudável, buscando-se prepará-lo também para eventuais conflitos internacionais, foi uma realidade na Europa do final do século XIX. Entretanto, ainda em meados da década de 1910, sobretudo após a primeira guerra mundial, a educação física foi objeto de especial interesse por parte do governo federal.

Sobre a atividade esportiva durante e após os conflitos internacionais, Sevcenko afirmou que “(...) nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu *boom*, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas em vista das condições de combate. O final da guerra foi simbolicamente celebrado com uma grande Olimpíada militar, envolvendo todos os efetivos dos exércitos vitoriosos. (...)”¹⁰

⁷ Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1945. p. 7.

⁸ Cf. MAZZONI, Thomaz. *Op. Cit.* p. 32.

⁹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986. p. 77-78.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópole e desatino”. *Revista USP – Dossiê futebol*, São Paulo. n. 22. 1994. p. 33. Sobre esta temática, ver também de Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Cf. especialmente o capítulo 1: *A abertura em acordes heróicos dos anos loucos*. p. 23-88. A guerra à qual Sevcenko faz referência foi a ocorrida entre 1914-1918.

No caso brasileiro, foi no final do século XIX que aconteceram as primeiras formas de se praticar o esporte de modo minimamente organizado. Na maioria das vezes, ele o era praticado em colégios, nos quais se convivia com a presença de vários alunos, filhos de imigrantes europeus. Antevendo os benefícios que a educação física poderia trazer à sociedade, Rosenfeld disse que “seu triunfo está estreitamente ligado, também à Europa, à industrialização e ao surgimento das grandes cidades. Já em 1882, Rui Barbosa, como relator da comissão estatal de ensino, tinha salientado a necessidade de exercícios físicos nas escolas primárias (...) Onde faltou a iniciativa do Estado, entrou em ação o impulso dos imigrantes e de numerosos brasileiros que haviam estudado na Europa”.¹¹

A atividade esportiva foi absorvida especialmente pelas camadas sociais mais abastadas, não apenas como um elemento que proporcionava lazer e integração entre as pessoas, mas sobretudo porque seria um instrumento que seria remetido ao exercício de “educação e de dinamismo”. Sobre o futebol, Fernando de Azevedo, um dos principais estudiosos da trajetória da atividade esportiva no Brasil da primeira metade do século XX, afirmou que “a juventude parece ter tido a intuição de que este esporte era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico, e por isso recebeu-o de braços e corações abertos como se tivesse esperado por ele desde há muito tempo.”¹² Contudo, além do caráter educacional, o esporte adquiriu outros tantos significados.

Um dos aspectos da valorização da educação física residia na condição de se conferir aos esportes um importante instrumento para a construção de um

¹¹ ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 76. Sobre a absorção do futebol nos grandes centros urbanos, ver também SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: Dissertação de Mestrado/Unesp, 2000. p. 47-91

¹² AZEVEDO, Fernando de. *A evolução dos esportes no Brasil (1822-1922)*. São Paulo: Melhoramentos, 1953. p. 31.

projeto de eugenia da sociedade. Azevedo foi um dos mais destacados idealizadores desse projeto.¹³ Além de Azevedo, tal proposição contava com outros adeptos, dentre os quais, profissionais da educação, da medicina e do direito. Em 1918, foi fundado em São Paulo, o “Instituto Brasileiro de Eugenia”. O médico Renato Ferraz Kehl dirigiu esta instituição até 1929. Em vários países da Europa, existiam associações, cujos objetivos vinculavam-se aos projetos de “fortalecimento” da população. Na Inglaterra, por exemplo, existia um associação fundada em 1907, cujo diretor foi Leonardo Darwin, filho de Charles Darwin.¹⁴ A estrutura da educação física no Brasil teve inspiração no modelo europeu, em especial no francês e inglês.¹⁵

Entre a primeira e a segunda guerra mundial, a atividade esportiva adquiriu maior importância no cenário internacional. A associação do esporte com as transformações que vinham acontecendo, foram imediatamente refletidas por alguns autores. Atrélaram-se também à recepção das atividades esportivas, fenômenos como os da militarização, da remodelação dos centros urbanos, e dos progressos científicos e tecnológicos. Segundo Sevcenko,

(...) Não apenas em função das exigências do ritmo de produção cadenciado pelas máquinas e de situações de emergência como as guerras ou grandes evacuações, é que as autoridades desde cedo começaram a investir pesado em educação física, atletismo, esportes de disciplina coletiva. Há aí até um sutil jogo de polarizações, dado que, uma vez postas as condições tecnológicas que exigiam uma automação das reações físicas e reflexos humanos, houve uma tendência adaptativa no sentido de buscar um novo condicionamento corporal partindo da própria população, que se predispôs a uma intensificação e diversificação de seus

¹³ Cf. AZEVEDO, Fernando de. *A poesia do corpo*. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. Este trabalho é resultado de uma tese apresentada ao concurso à vaga de professor da cadeira de ginástica e educação física do ginásio mineiro. Em 1922, a tese apresentada por Azevedo foi ampliada, e se transformou em livro intitulado *Da Educação Física*, publicado pela editora José Olympio.

¹⁴ A esse respeito, ver os trabalhos de BIZZO, Nélio Vicenzo. “O paradoxo social eugênico, genes e ética”. *Revista USP: Dossiê gênero e ética*, São Paulo. n. 24 1994-1995. p. 28-37. KEHL, Renato Ferraz. “A eugenia no Brasil”. In: *Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro: s/e, 1929. p. 45-62. MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

¹⁵ Cf. MARINHO, Inezil Pena. *Op. Cit.*

dispêndios físicos, os quais em muitos casos só posteriormente foram direcionados e formalizados em termos institucionais pelas autoridades ou pela nascente indústria das diversões e entretenimentos baratos.¹⁶

A perspectiva da militarização da juventude, tendo a educação física como um dos elementos de sua afirmação, é singular no processo de implantação institucional das atividades esportivas em meio ao serviço militar. Em 1908, iniciou-se uma campanha pela lei do serviço militar obrigatório, apoiada por Olavo Bilac, poeta e filho de militares. Bilac tinha a simpatia de vários setores da sociedade brasileira, razão pela qual, ele foi importante neste movimento. Na década seguinte, tal campanha obteve maiores dimensões, estimulada especialmente, pela eclosão da primeira guerra mundial.¹⁷

Além de Bilac, outras personalidades da literatura brasileira manifestaram, em vários momentos, seu apoio às práticas esportivas, com exceção de alguns ferrenhos críticos a algumas destas práticas, como o futebol. Lima Barreto e Graciliano Ramos, por exemplo, estão entre aqueles que, invariavelmente, escreviam sobre os “males” que o futebol poderia trazer à sociedade brasileira, sobretudo aos negros e aos mais pobres.¹⁸ Contudo, existiam outros tantos que difundiam os “benefícios” da atividade física, dentre os quais, Olavo Bilac e Coelho Neto.

Está fora de dúvida que as finais inteligências, quer se apliquem às mais requintadas expressões artísticas, quer se dediquem aos grandes surtos literários sempre encontraram nas formas superiores do esporte motivos dos mais abundantes e sugestivos para inspiração de alguns dos seus melhores trabalhos. Conhece-se bem, por exemplo, o decidido pendor que o festejado literato Coelho Neto tem por tudo que diz respeito ao esporte, do qual vem sendo, há muitos anos, um dos mais brilhantes paladinos. Poucos hão de conhecer, porém, a brilhante página que os jogos

¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópole e desatino”. *Revista USP: Dossiê Futebol*. São Paulo. n. 22. 1994. p. 34.

¹⁷ Sobre o serviço militar obrigatório, ver HORTA, José Silvério Baia. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

¹⁸ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.* p. 122-173.

olímpicos da época clássica, quando a Grécia era realmente grande tanto em pensamentos como em ação, inspiraram a Olavo Bilac, o saudoso príncipe dos poetas brasileiros. Esta página é a seguinte: “Jogos Olímpicos ... é impossível escrever ou ler essas duas palavras sem evocar a idade de ouro da humanidade, no berço daquela Grécia divina, cuja misteriosa e indizível saudade arde perpétua, por um milagre físico na alma de todo homem que pensa. Tal é o prestígio da Hélade antiga, que cada um de nós, fechando os olhos, vê reproduzirem-se todo o cenário, toda a gente, toda a história, todos os costumes dessa remotíssima idade. É que cada um de nós, artistas e poetas, sempre tem dentro da própria alma um pouco da gente de Peloponeso”.¹⁹

É tenaz a relação entre educação física e serviço militar, entendido também como um instrumento de “defesa nacional”. Estes deveriam preparar os jovens para eventuais conflitos internacionais, e para tanto, a juventude deveria ser forte fisicamente. Desse modo, a possibilidade da implementação dos cursos de educação física obteve mais importância justamente nesse contexto. Tal compreensão, todavia, esteve presente, fundamentalmente, nos países europeus.²⁰

Deste modo, a idéia da militarização dos esportes e da própria juventude foi diretamente influenciada pela Europa. Aliás, o modelo de associação da educação física com o serviço militar brasileiro, guarda similaridades em relação ao modelo francês. “No Brasil, já em 1921 foi aprovado o regulamento de Instrução Física Militar, destinado ao Exército e calcado no *projet* francês, por influência direta da Missão Militar Francesa, recentemente chegada ao Brasil. No ano seguinte, uma portaria do Ministro da Guerra (10/1/1922) criou um Centro Militar de educação Física, destinado a dirigir, coordenar e difundir o novo método da educação física e suas aplicações desportivas.”²¹ Embora tal centro militar não chegasse a ser instalado em 1922 (conforme se previa), a associação da educação

¹⁹ Jornal “OESP”. *O que diz o grande Bilac dos jogos olímpicos*, 24-01-29.

²⁰ SOARES, Carmen. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

física militar a partir de uma orientação francesa, norteou as práticas esportivas estabelecidas pelo exército.

Ao final da década de 1920, o General Nestor Sezefredo Passos, Ministro da Guerra, assinou uma portaria (prevista para 1922) em 11 de janeiro de 1929, que consistiu na organização do Centro Militar de Educação Física. Um dos aspectos desta portaria, dizia respeito à obrigatoriedade do ensino de educação física para homens e mulheres, a partir dos seis anos de idade, em todos os estabelecimentos de ensino do país, quer fossem públicos ou particulares.²²

O conjunto de professores dos colégios receberam, sem maiores restrições, a idéia da implantação e da “necessidade” da educação física nas escolas e em outros espaços sociais. A imprensa não esteve alheia a este processo. Jornais de grande circulação nesse período, acompanharam essa dinâmica. Foi o caso de “O Estado de S. Paulo”, ao valorizar em suas notícias diárias, os benefícios da educação física.

Para o adestramento da criança, é preciso estabelecer-se que, todos os que educam os meninos: professores, preceptores, mestres de escola, instrutores de ginástica e de jogos e exercícios físicos, estejam compenetrados da sua alta missão e inspirados no mesmo espírito levantado. Com tal objetivo, é forçoso que, cada país, na medida do possível se fundem uma ou algumas escolas esportivas, nas quais possam os alunos não só aperfeiçoar a técnica dos diversos esportes, como sobretudo, a moral que a deve inspirar. (...) A comissão [Olímpica Internacional] desejaria que fosse declarada obrigatória a frequência às escolas citadas, por período de duração mais ou menos longa, conforme a necessidade, para todos os que desejassem, de qualquer forma, ocupar-se da educação infantil. (...) Assim, criar-se-ia em todo o magistério uma atmosfera de veracidade, de camaradagem e de espírito esportivo, cuja influência produziria, pouco a pouco, inclusive entre os meninos, uma opinião pública, que condenaria todos os quantos se afastassem dos princípios esportivos e importaria a lealdade, a honra e o respeito ao próximo. (...) Para a educação esportiva do adulto, conviria que os diversos clubes elegessem para diretores de esporte elementos que se hajam preparados em semelhante escola. A comissão está convencida de que, para alcançar tais resultados, será necessário muito tempo e o emprego de muita boa vontade;

²¹ Cf. CASTRO, Celso. “In corpore sano – os militares e a introdução da educação física no Brasil”. *Revista Antropológica*. Niterói. n. 2. 1997. p. 5.

²² Cf. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1991. p. 130-146.

mas tenho a certeza de que, para a maior parte dos povos, este é o único meio capaz de difundir e generalizar o espírito esportivo.²³

Sob a orientação do Primeiro Tenente, Inácio de Freitas Rolim, as atividades iniciais do Centro Militar de Educação Física ocorreram nas dependências da Escola de Sargentos de Infantaria da Vila Militar no Rio de Janeiro. Posteriormente em 1930, tal centro estabeleceu-se na Fortaleza de São João, também no Rio de Janeiro. O curso tinha como objetivo precípua, preparar profissionais para lecionar educação física. Além de militares, civis tornaram-se também professores, os quais lecionavam em escolas públicas e privadas. Difundia-se pelas principais cidades do país, no ano de 1929, a idéia da necessidade de busca do físico saudável, utilizando-se também os cursos de educação física, oferecidos pelas escolas. Iniciaram-se, inclusive, vários eventos alusivos à atividade esportiva.

A comissão de ensino particular, que é encarregada de conseguir a adesão dos colégios particulares à semana da Cultura Física, apresentou aos representantes destes estabelecimentos de ensino o seguinte programa: Desfile, no local previamente indicado de todas entidades educativas que houverem aderido ao programa. Usará cada uma o uniforme que deliberar, e será acompanhada do respectivo professor de ginástica; execução de pequeno programa de ginástica coletiva racional, ou segundo o método que o professor houver adaptado para o ensino. (...) haverá alguns exercícios com aparelho racional, que oportunamente se escolherá, efetivados por turmas de alunos dos colégios que aderirem. (...) A comissão de ensino particular, segundo nos comunica, deseja que nesta competição tomem parte os alunos de ambos os sexos. Já aderiram à demonstração os seguintes estabelecimentos: Colégio Stanfford, Colégio Pedro II, Colégio Mackenzie, Instituto Dante Alighieri e Liceu Franco-Brasileiro.²⁴

Tal como na compreensão do futebol nas primeiras década do século XX, parte da imprensa avalizava o sentido para o qual os esportes, de modo geral, deveriam ser praticados, na perspectiva do governo federal. Nas matérias publicadas, havia não somente uma condição de se noticiar os aspectos inerentes

²³ Jornal "OESP". *Educação esportiva*, 10-01-29.

à educação física, mas sobretudo um incentivo e divulgação dos supostos benefícios da prática dos esportes.

Não é de hoje que temos simpatia pelos esportes escolares. Já nos batemos, por várias vezes, pela organização de campeonatos entre alunos dos colégios secundários e das faculdades. A nossa campanha, embora não tivesse sido insistente, se não calou fundo em todos os estabelecimentos de ensino, todavia encheu de coragem vários abnegados, que se dedicam com afinco para a preparação,²⁵ mais lógica e mais regular, dos futuros expoentes do esporte.

Como um grande número dos periódicos eram afinados aos propósitos do que o governo federal deliberasse, a imprensa teve, mais uma vez, um papel importante quanto à divulgação dos “benefícios” da educação física. Ademais, a idéia de que a atividade esportiva significava uma “boa saúde”, teve o apoio de diferentes segmentos sociais, em especial, dos órgãos institucionais, e estabelecimentos de ensino. Nesta perspectiva, as escolas foram espaços privilegiados para a difusão da importância da educação física. Segundo Capelato,

No Brasil da década de 20, a escola foi idealizada, acima de tudo, como lugar de definição da ordem. (...) Renovar o ensino significava renovar a sociedade dentro da ordem. E foi com esse objetivo que jornalistas e educadores lançaram-se na campanha pela reformulação educacional. O *OESP* tomou a iniciativa de abrir amplo debate sobre o tema: a idéia de promover um inquérito sobre a instrução pública de São Paulo partiu de Júlio de Mesquita Filho, que encarregou Fernando de Azevedo, membro da equipe de redação do periódico, de realizá-lo.²⁶

A educação física, e por extensão as atividades esportivas se tornariam efetivas e institucionalmente, um pressuposto básico da garantia de lazer, do físico saudável, e da própria educação. Durante a década de 1930, ela significaria o “corpo da nação”, com o acompanhamento e intervenção do Estado. “Governo forte, relações sociais disciplinadas, indústria: estão dadas as condições da

²⁴ Jornal “OESP”. *A semana de cultura física*, 16-04-29.

²⁵ Jornal “OESP”. *O esporte nas escolas*, 23-10-29.

gestação de um novo tempo”.²⁷ Cremos que, para além dos benefícios anunciados pelo poder público (os quais a sociedade deveria usufruir), estava subjacente a idéia da construção de um projeto de eugenia do povo brasileiro, via atividade esportiva.²⁸

Desde o final do século XIX, as teses que justificam o projeto da eugenia são presentes, embora fosse no âmbito do Estado Novo que tal idéia obtivesse maiores contornos. Foi nesse período que se perseguiu, de forma objetiva, a construção do “homem novo”, cujo espírito da nacionalidade, e da valorização do trabalho como um dever moral, constituíam alguns de seus pressupostos básicos. O discurso do Estado era o da ampla associação do “corpo forte” significando um “Brasil forte”.²⁹

Essa construção do “homem novo” foi fundamental para o projeto do progresso do Brasil nas suas diferentes perspectivas. Gustavo Capanema, então Ministro da Educação, apresentava um discurso durante o Estado Novo em que havia uma indicação de que o processo educacional tinha o papel de controle social e disciplinarização de crianças e adolescentes do Brasil³⁰.

A escola seria o espaço ideal de diálogo entre a família e a sociedade. Nessa perspectiva, o exército e a educação física tinham papel significativo quanto

²⁶ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo - imprensa paulista: 1920-1945*. p. 147-148. Vale observar que embora houvesse um grande número de periódicos afinados às medidas adotadas pelo governo, havia outros tantos que a ele se opunham.

²⁷ Cf. LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986. p. 67.

²⁸ Segundo Lenharo, “O avanço na produção de corpos fortes e dóceis, esteio da ‘higiene da raça’, requeria uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do ‘patrimônio hereditário’”. Cf. LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p. 79. São relativamente numerosos os trabalhos que investigam o projeto de eugenia e fortalecimento da “raça” brasileira, utilizando-se o esporte para a execução desse projeto. Vale menção aqui, um importante trabalho de Mestrado, defendido na UFMG em 1999 por PEREIRA, Júlia Sales. *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado/UFMG, 1999.

²⁹ A esse respeito ver BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Ser forte para fazer a nação forte: a educação física no Brasil (1932-1945)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado/USP, 1991.

³⁰ Cf. SCWARTZMAN, Simon, (org.) *Tempos de Capanema* São Paulo: Paz e Terra, 1984.

à absorção desse ideal, e sobretudo, de legitimidade das ideologias anunciadas por esse Estado.

(...) Hoje, mais do que nunca, a ginástica constitui uma das maiores preocupações dos povos que possuem uma “raça”, ou pretendem formá-la racionalmente. Como contribuição do elevado espírito patriótico, “A Noite S/A Editora”, acaba de publicar, expondo à venda, em todas as livrarias do Brasil, o grande livro de Heini Wenzel [alemão]. (...) Contém ensinamentos utilíssimos para todos os esportes, em particular. Vale a pena ler e seguir a orientação racional que Heini Wenzel recomenda, com a autoridade de seu nome.³¹

As forças armadas, numa demonstração vibrante de brasilidade, pelas suas figuras de maior prestígio nos meios do esporte, estão empenhadas num magnífico trabalho de desenvolvimento do esporte base. Objetivando o aprimoramento eugênico dos soldados nacionais, tanto o exército quanto a marinha, pelas suas entidades especializadas, cuidam, com interesse, da difusão do atletismo. (...) Integrando-se nesse surto de entusiasmo, A Noite orgulha-se de ver, mais cedo do que era de esperar, correspondidos os seus esforços no sentido de aprimoramento racial.³²

O fortalecimento da “raça brasileira”, associado ao ideal da valorização da atividade esportiva durante o Estado Novo, caracterizaram a orientação do poder público com vistas à construção do chamado “homem novo”: trabalhador consciente do sentimento do patriotismo, educado de acordo com as novas propostas pedagógicas que legitimavam o Estado, receptivo e apto às perspectivas da eugenia como sentido da “grandeza da nação”. Conforme vamos percebendo, estes pressupostos – dentre outros - também foram importantes para a representação do futebol como símbolo de identidade nacional. Este processo atingirá seu auge na realização da copa do mundo de 1950 no Brasil, conforme se verá posteriormente.

Em trabalho sobre a educação física no Brasil, Soares apresenta um texto em que a prática esportiva - e por extensão a educação física – impõem-se como um dos principais instrumentos do Estado na busca desse homem novo. Segundo

³¹ Jornal “A Noite”. *Educação física científica*, 12-01-37.

³² Jornal “A Noite”. *Soldados fortes: belos soldados do Brasil*, 19-01-37.

Soares: “No caso do Brasil, a educação física aparecerá colada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça, figurando em congressos médicos, em propostas pedagógicas e em discursos parlamentares”.³³ A educação física levaria, desta maneira, ao ideal da regeneração com a negação do ócio, da preguiça, da indolência, entraves à “ordem e ao progresso” do Brasil.

Vemos, deste modo, claramente a idéia de que, para um país supostamente “civilizado e educado”, seu governo haveria de implementar políticas que condenassem comportamentos sociais considerados “negativos”. Para tanto, dever-se-ia buscar o fortalecimento do físico, e da valorização do trabalho.³⁴

O Estado se encarregaria de desenvolver novas formas de controle ideológico. A extensão da escolarização primária, assim como dos serviços de saúde, representariam duas importantes formas de controle ideológico inovadas pelo Estado. (...) É elaborado mais uma forma de intervenção na realidade social, a qual operará tanto em nível corporal dos indivíduos isoladamente, quanto ao nível do “corpo social”, quando tornada hábito. Estamos nos referindo à educação física, que já no século XIX chega aos foros científicos com seu conteúdo médico-higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao “corpo biológico”. (...) Os médicos higienistas, imbuídos da certeza que detinham uma maior competência para redefinir os “hábitos” da família moderna, não poderiam ter deixado de influenciar de maneira decisiva o referencial de conhecimentos necessários para o desenvolvimento da educação física, um mecanismo a mais utilizado na construção do homem novo.³⁵

O “desenvolvimento e o progresso” da nação passavam, necessariamente, pela difusão de elementos propagados pelo Estado Novo. Tais elementos estavam baseados numa “cultura política” encaminhada oficialmente pelos ideólogos do regime.³⁶ Para estes, o Estado deveria intervir na prática de esportes como

³³ Ver SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física: raízes européias e o Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. p. 25.

³⁴ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.*

³⁵ SOARES, Carmem Lúcia. *Op. cit.* p. 41-42.

³⁶ Em trabalho sobre esta perspectiva do Estado Novo, ver OLIVEIRA, Lúcia Luppi (org.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Cf. especialmente os capítulos III e V, denominados, respectivamente, “Cultura e poder político” e “A construção do homem novo”. Entre os ideólogos do Estado Novo, destacam-se Azevedo Amaral e Almir de Andrade. Sobre esta questão ver também GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

garantia da melhoria da saúde do povo. O Departamento de Imprensa e Propaganda, encarregava-se do processo de divulgação e de legitimidade do novo regime, cujo objetivo precípua seria o de enaltecimento da imagem do governo,³⁷ através também da exploração de diferentes manifestações da cultura popular, entre elas, o futebol e a música³⁸.

Embora tenhamos a compreensão da importância do DIP quanto à propaganda política do Estado Novo, ele não pode, essencialmente, ser caracterizado de forma semelhante ao que foi feito em países como a Alemanha e Itália³⁹, cujos meios de comunicação eram mais incisivos quanto à exploração do esporte, por exemplo. Consideramos, todavia, que várias de suas publicações remetiam à legitimidade do governo, como foi o caso das atividades esportivas através da coletânea de textos produzidos no “Estudos e Conferências.”⁴⁰

Seja como for, O DIP teve papel destacado nesse período. A radiodifusão e a imprensa escrita tinham o seu acompanhamento. Tanto um, como outro veículo de informação, comportavam-se de acordo com o entendimento das orientações deste departamento. A revista “cultura política” foi uma das mais importantes publicações oficiais do Estado Novo. Um dos objetivos de “cultura política” era justamente propagar e registrar as “realizações” do governo quanto aos aspectos políticos, econômicos e culturais. Personalidades como Francisco Campos e o

³⁷ Dentre os trabalhos já citados que discutiram a questão da propaganda política do Estado Novo, tendo-se o DIP como órgão oficial incumbido de organizar esse processo, mencione-se, GARCIA, Nelson Jahar. *Estado Novo, ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982. GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. Fazendo um levantamento sobre os trabalhos produzidos sobre a ideologia política do Estado Novo, ver CAPELATO, Maria Helena. “Estado Novo: novas histórias”. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 183-213.

³⁸ Villa Lobos, um dos mais importantes músicos do século XX, compôs várias canções, cujas letras enalteciam o regime do Estado Novo. Segundo Garcia, Villa Lobos aproximava os cantores e as canções populares à ideologia política do governo Vargas. Cf. GARCIA, Nelson Jahar. *Op. Cit.* p. 109.

³⁹ CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 212-213.

próprio Lourival Fontes, diretor do DIP, e ex-chefe da delegação brasileira de futebol, que disputou a Copa do Mundo da França em 1938, dentre outros, colaboravam com artigos na mencionada revista.⁴¹

(...) De um lado os teóricos da educação física demonstram clara e objetivamente a “não homogeneidade do nosso povo brasileiro”, argumentando (...) que somente será realizado o “milagre integral do homem brasileiro” com a “preparação cultural das elites” e “formação eugênica das massas”, de outro os ideólogos do Estado Novo, que escrevem na *Cultura Política*, tentam argumentar aparentemente o contrário, ou seja, que apesar de sermos “raça de mestiços”, com a “inteligência, a atrocidade e a avidez do branco”, com a “servilidade do preto” e a “altivez indômita do índola”, argamassas do cadinho psicológico do jesuíta, possuímos uma nacionalidade brasileira”.⁴²

Nessa análise de Lima, observa-se a busca da homogeneidade racial marcada por rótulos do etnocentrismo, caracterizados em interpretações sobre o país. De outro lado, procura-se justificar a heterogeneidade racial através da miscibilidade racial, da qual é formada a sociedade brasileira. Entretanto, percebe-se nesses discursos, a idéia da formação e a construção do homem brasileiro.

Deste modo, leituras e interpretações que foram feitas acerca da formação do Brasil, paralelamente à construção do ideal do homem trabalhador, sadio e forte, foram utilizados pelo poder público, o qual intervinha diretamente nos elementos culturais propagados pelo DIP. Era necessário que se conhecesse e que se reconhecesse a nossa trajetória. Nesse sentido, não somente a educação física, mas outros elementos do cotidiano como as canções populares deveriam ser fiscalizadas pelo Estado.

⁴⁰ Cf. *Estudos e Conferências*, Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. Nesta coletânea, encontram-se artigos, discutindo a importância do esporte como elemento de “fortalecimento do povo brasileiro”. Posteriormente, discussões nesses artigos são aqui apresentadas.

⁴¹ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.* p. 71-104. Sobre esta questão, ver o importante texto de GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* Nesse trabalho, a autora analisou minuciosamente as publicações da revista “cultura política”, em especial a partir do capítulo 4: “O Estado Novo e a recuperação do passado brasileiro”. p. 125-210.

⁴² Cf. LIMA, Magali Alonso. *Formas arquiteturas esportivas no estado Novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. p. 35.

(...) O esforço educativo do Estado Nacional ultrapassava as fronteiras do ensino sistemático, engajando-se em uma dimensão cultural de valorização e de preocupação com a arte nacional. (...) A atuação do Estado para com a arte e particularmente com a arte popular destacava-se, por exemplo, no reconhecimento do valor e do “poder de sugestão” da música popular. E os efeitos da nova política social já podiam ser sentidos em um grande número de composições. (...) O rádio e a música popular eram, desta forma, instrumentos valiosos de propaganda e doutrinação políticas. Além do programa *A Hora do Brasil*, O DIP tinha um controle absoluto sobre tudo o que se relacionava a música popular. (...)⁴³

Também sob a orientação do DIP, foi especialmente publicado um trabalho chamado “Estudos e Conferências”, cuja apresentação consistiu em descrever reflexões de algumas das personalidades da educação física e do esporte brasileiro nesse período, dentre eles, Lourenço Filho, Ari de Azevedo Franco, João Lyra, Artur Ramos, Peregrino Júnior, e o Major Inácio Rolim. Invariavelmente, estes professores se referiam à educação física como algo necessário para o “maior e mais brilhante futuro do Brasil”.⁴⁴ Essa perspectiva presidia os ideais do Estado Novo quanto às funções dos esportes.

Conforme estamos percebendo, o poder público, através de seus órgãos oficiais como o DIP, foi construindo, a partir da década de 1930, o sentido da identidade nacional conferido especialmente ao futebol. Nas décadas seguintes, esse processo atingiu seu ápice, sobretudo na década de 1950, após a conquista do primeiro campeonato mundial em 1958. Diante de eventos ditos “nacionais” como as participações da seleção brasileira de futebol em copas do mundo, símbolos que remetem à pátria, eram invariavelmente lembrados, como bandeiras,

⁴³ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Luppi (org.). *Op cit.* p. 159.

⁴⁴ FRANCO, Ari de Azevedo. “Aspectos jurídicos da prática desportiva”. *Revista Estudos e conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. p. 39.

estampas e hinos. Capelato afirma que “a bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo”.⁴⁵

Não somente nas décadas de 1930 e 1940, mas por toda a extensão do século XX, símbolos da pátria permaneceram sendo recorrentemente lembrados em ocasiões de copas do mundo, ou de olimpíadas. Foi (e continua sendo) nestes momentos, que a população brasileira, seguidas vezes, ouvia e visualizava, respectivamente, o hino e a bandeira nacionais, embora este fenômeno não tenha sido restrito ao caso brasileiro. O nacionalismo se expressava durante as competições em diversas partes do mundo.⁴⁶ Ao conquistar o campeonato mundial em 1958, na Suécia, o sentimento de unidade nacional foi amplamente explorado pelo governo federal, conforme será visto adiante.

Ao perceber a interpretação dúbia que cantar e admirar símbolos nacionais poderia ocasionar, o governo federal não hesitou em disso tirar proveito. Procurou aproximar a paixão popular pelo futebol ao amor à pátria. Torcer pela equipe de futebol do Brasil, significaria, simbolicamente, lutar pelo progresso do país para além das questões esportivas. Embora não seja objetivo deste trabalho avançar no período posterior à década de 1960, consideramos importante apontar que em períodos mais recentes, essa aproximação foi sendo construída pelo poder público, em especial na conquista do tri-campeonato mundial pelo Brasil, quando o presidente Emílio Garrastazu Médici explorou a conquista como um das formas de legitimar seu governo durante o período da ditadura militar.⁴⁷

⁴⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 48.

⁴⁶ Cf. HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 170.

⁴⁷ Cf. SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1994. Sobre o desencadeamento de posturas como estas do Presidente Médici, ver ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. & WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da opção de classe média ao regime militar”. In: SCWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 4. p. 319-409.

Como vimos anteriormente, os atletas que participaram da copa de 1938, eram chamados de “heróis nacionais” quando conquistavam alguma vitória futebolística importante e/ou algum campeonato. Segundo Carvalho, “heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva . São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto aos seus heróis e não possua seu panteão cívico”.⁴⁸

Os atletas de futebol da seleção brasileira da década de 1930 – e das décadas subsequentes - eram, em sua maioria, de origem humilde, e de cor negra. Representavam, dessa maneira, do ponto de vista étnico e da condição social e econômica, boa parte do povo brasileiro. As pessoas que acompanhavam os jogos sabiam que, ao menos no futebol, o pobre e/ou o negro poderiam obter alguma ascensão social. Direcionar ao atleta condições de heroísmo não era tarefa das mais difíceis. “Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”.⁴⁹

A partir do conjunto de propostas ideológicas visando ao desenvolvimento e ao progresso da nação, através também do “fortalecimento do físico” da população brasileira, e também de emergência de alguns regimes totalitários na Europa, a prática de esportes se tornou um instrumento importante para a legitimidade destas ideologias, e de afirmação dos regimes políticos. Vale reiterar, contudo, que os regimes políticos autoritários da Europa não podem ser

⁴⁸ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 55.

comparados ao Estado Novo. Com relação especificamente aos esportes, o que se pode afirmar, é que eles podem apresentar alguma semelhança quanto a exploração de determinadas práticas esportivas como forma de simbolizar a “força” de sua ideologia política.

No caso do futebol brasileiro, tal cenário se caracterizou de forma mais categórica na década de 1930, especialmente com a instauração do Estado Novo em 1937, e a partir da Copa do Mundo da França. Esse processo, conforme vimos, iniciou-se na década anterior e atingiu maiores proporções quando o então Presidente Washington Luís aprovou projeto sobre a educação física, afirmando que ela seria uma atividade paralela a do serviço militar.

(...) O problema da educação física não se circunscreve ao Exército; e a sua solução deve proceder mesmo à entrada do brasileiro para o serviço militar. Deve esta educação começar nos primeiros anos de existência, de modo que o recruta seja recebido em condições de desenvolvimento e resistência que o tornem apto a suportar as exigências da vida militar. (...) Brilhantemente justificado, o projeto condensa demorados estudos feitos no Ministério da Guerra pelos órgãos próprios. (...) Visa ele estender a todos os brasileiros, desde a primeira infância, os benefícios da educação física, de acordo com os princípios comuns racionais e científicos já aplicados.⁵⁰

Os militares exerceram papel de destaque no governo provisório instalado em 1930. Diante disso, seu reconhecido desejo quanto a incorporação da educação física nas escolas militares ficou mais consistente. Com a criação em 1930, do Ministério da Educação e da Saúde Pública, essa questão adquiriu maiores dimensões. Em 1931, o então Ministro Francisco Campos procedeu à reforma do ensino, na qual constava a obrigatoriedade do exercício da educação

⁴⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*

⁵⁰ LUÍS, Washington. “Mensagem apresentada ao Congresso Nacional em 30 de maio de 1930.” Apud. HORTA, José Silvério *Bahia. O sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. p. 65.

física nas escolas militares. Todavia, foi com Gustavo Capanema como Ministro da Educação, que a atividade atlética passou a ser obrigatória em todas as escolas.⁵¹

A educação física e a prática de esportes, antes de qualquer coisa, deveriam estar a serviço da defesa da nação. A partir de 1937, direta e objetivamente, o governo federal e os ideólogos do regime instaurado, concebiam o esporte como prática que deveria estar fundamentalmente a “serviço da pátria”. Para tanto, invariavelmente se destinava a esse governo, os avanços do esporte.

(...) Desde o advento do governo de 1930, o esporte no Brasil tem evoluído muito, devendo não pouco dessa evolução à nova mentalidade política que começou a dominar o país desde aquela data. (...) Neste decênio, o esporte e a cultura física, fora do ambiente político de modalidade, teve muitas conquistas, tais como: a ida do dr. Luiz Aranha para a CBD; a Escola superior de Educação Física do Exército; a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo (...) todas instituições oficiais; (...) criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; o apoio moral e material do Ministro Gustavo Capanema a todos os movimentos esportivos de caráter nacional; as felizes iniciativas do Comte. Amaral Peixoto, Interventor do Estado do Rio, em prol do esporte fluminense; os beneméritos serviços do Prefeito Henrique Dodsworth ao esporte carioca; o firme impulso do governo de Minas à vida esportiva local; o grande amparo oficial para que o Brasil se tornasse campeão de atletismo, de natação e de cestobol na América do Sul, e mais a tutela das autoridades consulares, graças ao interesse do Ministro das Relações Exteriores à delegação que esteve na III Taça do Mundo, etc.⁵²

O enaltecimento às medidas adotadas pelo Estado Novo em relação aos esportes, que, na perspectiva do autor, não teria avançado, faz parte de uma condição de se divulgar que o próprio Presidente da República se envolvia diretamente em questões esportivas, o que o qualificaria como o seu “defensor”. Thomaz Mazzoni, autor de “O esporte a serviço da pátria”, (cuja citação de parte de seu texto foi acima descrita), escreveu este texto sob a orientação e acompanhamento do DIP. Vale mencionar, entretanto, que vários dos

⁵¹ A esse respeito ver CASTRO, Celso. “In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil”. *Revista Antropológica*. Niterói. n. 2. 1997. p. 61-78. Ver também HORTA, José Silvério Bahia. *Op. cit.*

⁵² Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941. p. 15-16

posicionamentos tomados pelo poder público, fizeram parte de um cenário internacional esportivo, dentre eles, a necessidade de se legalizar a profissão do atleta de futebol.

(...) Com essa nova realização do seu governo, o Brasil se orgulhará de ser a primeira nação da América do Sul a dar ao esporte uma função oficial, marcando nesse terreno um avanço extraordinário sobre os demais países do continente. É fácil compreender o que representa para o esporte brasileiro estar integrado nas leis e no espírito do Estado Novo. Passará a colocar-se a serviço da pátria, eis tudo! (...) Hierarquia, disciplina, ordem, idealismo, responsabilidade e competência, eis o que deve garantir a oficialização para o esporte nacional! (...) Daremos vida nova, sã e patriótica ao nosso esporte, porque assim se colocará verdadeiramente a serviço da nacionalidade, com todas suas virtudes e idealismo! A organização esportiva brasileira precisa ter uma única finalidade, que deve ser aquela de melhor orientar e dirigir a mocidade esportiva do país, aquela em que nos leva a uma política esportiva nacionalista, que nos traz prestígio, valor e disciplina! (...) Quem assim fala é porque, antes de mais nada, quer que o esporte esteja sempre a serviço da Pátria. O Estado Novo, somente o Estado Novo com sua doutrina e postulados poderia dar ao esporte brasileiro o rumo que merece. Tê-lo-á, para a felicidade da nossa mocidade e pelo futuro da raça! Somente assim o esporte entrará em seu verdadeiro papel, porque o veremos a serviço do Brasil!⁵³

Ao ocupar espaço no cotidiano da população em razão de sua ampla popularidade, e dos bons resultados atingidos pela seleção brasileira em 1938, o governo federal buscou exacerbar o nacionalismo via futebol. Caso ele não tivesse obtido essas características, possivelmente o esporte não seria objeto de exploração do “ideal do nacionalismo”. Diante disso, especialmente regimes políticos ditatoriais se apoiaram na atividade esportiva como forma de intensificar o sentimento de unidade nacional.

Esse conjunto de circunstâncias foi verificado não somente no Brasil, mas em diferentes partes do mundo, com destaque para a Itália e a Alemanha. “Durante a década de 1930, os ditadores descobriram o poder do esporte; além de manipular as massas com os últimos desenvolvimentos tecnológicos, incluíram os

⁵³ MAZZONI, Thomaz. *Op. cit.* p. 16-17-18.

esportes em seus planos de regeneração moral para distrair os operários. Os esportes eram usados para incentivar o orgulho nacional e para iludir o cidadão, e também para impressionar outros países com vitórias em competições internacionais.”⁵⁴

A difusão do esporte durante o Estado Novo consolidava o sentido pelo qual - em sua perspectiva - a prática dos esportes deveria se caracterizar: tornar o homem forte caracterizando um país forte. É certo que, num primeiro momento, esse não era o principal objetivo do governo federal em relação aos esportes. Tanto assim, que foi a partir da década de 1930 que esta possibilidade se tornou mais contundente, o que nos leva a supor o caráter político do apoio e incentivo às atividades esportivas, e, sobretudo, ao êxito da seleção brasileira de futebol.

Entretanto, em razão do momento político vivido no período, este discurso adquiriu consistência pelo fato da busca do “homem novo” pressupor também um físico saudável. Nessa perspectiva, o projeto da eugenia obteria êxito, na medida em que aprimorando a saúde do corpo, haveria a “regeneração da raça brasileira”. O hábito de praticar esportes remeteria a um ato de educação e de consciência, em especial da juventude. Tal idéia foi amplamente motivada pelo poder público e pelos veículos de comunicação.

Invariavelmente, as matérias publicadas pelos periódicos referiam-se às atividades físicas como algo absolutamente necessário para o presente e para o futuro da sociedade brasileira. Um problema verificado quanto aos apontamentos dos cronistas é o de que eles, em suas notas, dirigiam-se aos leitores de forma a desconsiderar os contrastes regionais do país, e, fundamentalmente, das diversas

⁵⁴ Cf. MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 95-96. Ver especialmente o cap. intitulado “A década dos ditadores”. p. 95-120.

peculiaridades que os brasileiros guardam entre si.⁵⁵ Não havia como “homogeneizar” a população brasileira, fosse pela alimentação cotidiana, ou pela cor da pele, fosse pela disponibilidade de tempo, ou pelos valores culturais de cada um.

Um dos problemas mais importantes da hora presente, é sem dúvida o do aperfeiçoamento do tipo humano, o da regeneração da raça; e muitas pessoas, inclusive alguns cientistas, pensam que para isso é necessário tempo, muito tempo. Segundo estes, é necessário ter filhos são e belos, para que estes venham a ter outros mais são, e estes ainda outros sucessivamente cada vez mais belos e mais perfeitos, subordinando assim o problema a uma equação eugênica, consignando à hereditariedade um papel preponderante. (...)⁵⁶

Ao recuarmos para o final do século XIX e para as primeiras décadas do século XX, perceberemos que a prática dos esportes fez parte também do projeto de um “Brasil civilizado”, a partir do modelo europeu (londrino e parisiense, especialmente). Nesse projeto, comportar-se e manter hábitos das cidades de Londres e Paris, por exemplo, significaria – aos olhos das famílias mais abastadas – acompanhar os ritmos da sociedade dita “mais civilizada”⁵⁷. A introdução da prática dos esportes no Brasil fez parte desse processo.⁵⁸

A preocupação em relação aos “cuidados com o corpo”, bem como as atividades esportivas que contribuíam para isso, foram propagadas por vários países desde meados do século XIX, razão pela qual os cursos de educação física foram estimulados em vários governos, dentre eles, o brasileiro. Não podemos perder de vista que, para além dos “benefícios” da educação física e os resultados políticos que esta situação poderia ocasionar quanto à legitimidade da ideologia do

⁵⁵ Sobre esta questão, ver entre outros, LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986. Cap. 2: “A nação em marcha”. p. 53-74.

⁵⁶ Jornal “A Noite”. *Modelemos o nosso corpo: A ginástica, fonte da juventude*, 14-02-47.

⁵⁷ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol 3. p. 513-619.

⁵⁸ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.* p. 47-91.

Estado Novo, residia a perspectiva da propaganda do país através dos confrontos esportivos internacionais.

Foi justamente a partir do período da instalação do Estado Novo que se passou a executar o hino nacional nas partidas de futebol, por ocasião de confrontos entre clubes brasileiros e clubes de outros países, além, obviamente, dos jogos da seleção brasileira. Sobre a educação física, consideramos importante reproduzir o discurso de Gustavo Capanema:

Realizou-se, ontem, solenemente, a instalação do Conselho Nacional de Educação, no edifício da Biblioteca Nacional, para a elaboração do plano nacional de Educação. Abrindo a seção, que teve a presença de professores e técnicos de educação, pronunciou o Ministro Gustavo Capanema, um substancial discurso do qual extraímos alguns trechos capitais: (...) Outro assunto, que se nos oferece, e da maior importância, é a educação física. Tal questão certamente merecerá preciosa parte de vossos esforços. Todas as grandes nações do mundo sempre se preocuparam com a cultura física da juventude, e dela tiraram proveitos espantosos. Basta-nos, para exemplo, lembrar o caso grego. O claro sulco que deixaram na história humana esses magníficos filhos da Helade têm, em grande parte, explicação, nos exercícios, nos jogos, nas lutas, em que eles tanto tempo consumiam. Os educadores esclarecidos jamais deixaram de ver, na educação física, o processo eficaz de se dar solidez e beleza ao corpo humano, ao mesmo passo que lhe atribuíram a virtude de tornar ágil a inteligência e firme o caráter.⁵⁹

Em momentos festivos e/ou celebrações populares, símbolos que remetiam à pátria eram sistematicamente lembrados. Desse modo, nos jogos de futebol caracterizados com a expectativa da presença de grande público, fossem eles da seleção brasileira ou não, ouvia-se o hino nacional, além de se erguer a bandeira do Brasil. Nos estádios de futebol, compareciam torcedores de todas camadas sociais, o que indicava a perspectiva da presença de aglomerado das massas.

⁵⁹ Jornal "A Noite". *O que falta às instituições educativas do país, na palavra do Ministro Capanema*, 17-02-37.

Momentos como esses eram bastante oportunos para se remeter, simbolicamente, a paixão futebolística ao “amor à pátria”.⁶⁰

Antes do grande match internacional de domingo, no estádio de São Januário [do Vasco da Gama], haverá uma cerimônia que deverá causar grande efeito: pela primeira vez será cumprida, em nossos campos, com todo o rigor, a determinação da lei, com relação ao Hino Nacional. Momentos antes de ter início o match entre o Vasco e o Atalanta [clube italiano], uma banda de música executará o Hino do Brasil, que será entoado pelos 8000 associados do Vasco da Gama. Concluída esta cerimônia, será dada uma salva de 21 tiros, sendo, nessa ocasião, hasteada, no mastro monstro, pelo sr. Pedro Novais, a bandeira do Brasil. Entre os sócios do Vasco, serão distribuídos impressos da letra do hino brasileiro, a fim de que todos o entoam com a necessária correção.⁶¹

Ideólogos do Estado Novo diziam que havia necessidade de obediência à hierarquia e às ordens, para que se garantisse avanços sociais ao povo brasileiro.⁶²

Esses direitos sociais deveriam estar respaldados também no respeito aos símbolos da nação. Nesse sentido, era de se esperar a utilização e a reverência aos “símbolos nacionais” nos eventos esportivos, o que nos leva, mais uma vez, à constatação de que a prática de esportes estava submetida aos anseios do regime político vigente.

É significativo verificar que esse período foi marcado pela instalação de vários “departamentos nacionais” subordinados ao Estado Novo, dentre eles, o “do esporte”, e o da “educação física”. Nos dois departamentos, o Estado intervia diretamente, inclusive sob a forma de oficializá-los, visto que estes eram vinculados ao Ministério da Educação.

Acha-se em poder do Presidente Getúlio Vargas, há cerca oito dias, o projeto de oficialização dos esportes. Acredita-se que a importante proposição será levada à câmara (...) pelo sr. Pedro Aleixo, líder da maioria.⁶³

⁶⁰ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998. Ver especialmente o cap. 1: “Imagens e espetáculo do poder no varguismo e no peronismo”. p. 47-61.

⁶¹ Jornal “A Noite”. *Oito mil vozes entoarão o Hino Nacional*, 19-02-37.

⁶² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.). *Op. cit.* p. 55-57.

⁶³ Jornal “A Noite”. *O governo vai assumir o controle dos esportes*, 13-04-37.

(...) O Departamento terá cinco seções, sendo uma administrativa, outra de esportes associativos, a terceira de eugenia, de educação física e a última de propaganda e publicidade. (...) ⁶⁴

Conforme estamos verificando, a prática de esportes associava-se, permanentemente, ao projeto de eugenia. Ambos deveriam ser elementos de propaganda do poder público. Processo iniciado no final do século XIX, na década de 1930, o discurso da eugenia se difundiu e alcançou seu ápice com a instauração do Estado Novo. ⁶⁵ A manutenção do corpo sadio seria uma das proposições para que a “pátria tivesse seus filhos fortes”.

O Ministro da Educação, Gustavo Capanema, apoiava-se, entre outros aspectos, nessa relação entre patriotismo e atividade esportiva para efeito da unidade nacional. ⁶⁶ Uma vitória da seleção brasileira de futebol, por exemplo, deveria ser comparada a uma “vitória da nação”. Os pretensos “heróis”, fossem eles da política, da economia, ou do esporte, deveriam ser reconhecidos. Consideramos singular os apontamentos de Capelato a esse respeito. “Os patriotas deveriam se contrapor aos indiferentes e aos inimigos da pátria. (...) Os que ignoravam os feitos heróicos da história brasileira não dispunham de instrumentos para forjar, internamente, um sentimento de amor e orgulho do Brasil”. ⁶⁷

Os métodos da educação física, bem como da prática esportiva preparariam o país para o futuro. Na “Revista Brasileira de Educação Física”, encontram-se vários artigos, cujas argumentações corroboram esta idéia. O fato é que durante o Estado Novo, diversas publicações propagandeavam o ideal da

⁶⁴ Jornal “A Noite”. *Por um Brasil forte*, 14-04-37. Esta citação, bem como a anterior, dizem respeito ao movimento de “pacificação nacional” em relação à profissionalização do futebol, aqui já discutida. A esse respeito, ver também PERRY, Valed. *Op. Cit.* e SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

⁶⁵ Sobre a proliferação deste discurso, ver BELTRÃO, Vera Regina Marques. “A medicalização da raça”. *Op. cit.*

⁶⁶ SCHWARTZMAN, Simon. *Op. Cit.* ver também <http://www.FGV.CPDOC.com> Disponível em *Verbete Biográfico*, DHBB do CPDOC, “Gustavo Capanema”. Acesso em 27-06-04

“regeneração racial” e da força física do brasileiro. Em 1941, a “Associação Brasileira de Educação Física” realizou um evento contando com vários trabalhos de personalidades importantes do universo da educação física e dos esportes como João Lyra Filho, Lourenço Filho, Major Inácio Rolim, dentre outros. Segundo Lourenço Filho, um dos colaboradores da referida publicação, “a educação física, bem dirigida, pode tornar-se (...) a mais autêntica escola de educação moral”.⁶⁸

O professor João Lyra Filho apresentou suas idéias de forma a enaltecer exhaustivamente a prática da educação física. É possível verificar na argumentação apresentada, seu apelo aos “sentimentos emocionais da população”, quando se associa a força física ao amor a pátria, tal como indica o discurso do poder público, representado pelo seu Ministro da Educação. Filho argumentou que,

(...) A política a que nos vimos subordinado, através de atos continuados de governo, parece indicar que o Brasil não pretende perder-se, no meio do mundo, mas deseja achar-se, dentro de si mesmo. Uma população de misturas não perturba a união nacional, apenas conduz o movimento da nossa civilização a lutas contraditórias, perdidas no meio de diretrizes e finalidades heterogêneas. (...) Bem avisada a política que se ocupa de restaurar o caminho histórico no curso do qual caldearemos a nossa própria raça e fortaleceremos os característicos que darão ao brasileiro personalidade própria. (...) Uma nação é uma família que se junta para a defesa dos seus bens materiais, para a guarda das suas tradições, para a administração dos seus interesses próprios, inspirada nas razões dos sentimentos que nivelam os que a compõem. É um complexo de famílias aliadas e não uma “sociedade anônima de ações ao portador.” É um agregado biológico, uma coordenação de forças que interessam à grandeza universal. (...) O interesse racial repousa no aumento das populações desejáveis, de tipo física, moral e intelectualmente superior e não, apenas, no aumento da cifra das populações.⁶⁹

As afirmativas do autor demonstram os caminhos, cujos rumos deveriam ser seguidos quanto à compreensão dos significados da prática de esportes. A

⁶⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 221.

⁶⁸ FILHO, Lourenço. “Educação e educação física”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. p. 17.

⁶⁹ FILHO, João Lyra. “Raça, educação e desporto”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. p. 43-44.

associação entre pátria e família foi buscada neste projeto político, o que nos remete à idéia de que “(...) Como estratégia macro e micropolítica para o controle da sociedade, a família é também, fulcro teórico de uma dada concepção persuasiva da propaganda.”⁷⁰

A figura pessoal de Getúlio Vargas foi incorporada aos esportes considerando-se o Presidente da República como seu patrono, o que lhe confere a condição de “pai”, papel atribuído a ele em outros aspectos, e não somente em relação aos esportes.⁷¹ “Seu nome passa a ser doado a grandes instituições, provas esportivas, logradouros públicos”.⁷² Vale reiterar que Alzira Vargas, filha do Presidente da República, foi escolhida pela Confederação Brasileira de Desportos, “madrinha” da seleção de futebol, que disputou a Copa do Mundo em 1938, conforme mencionado anteriormente.

Para além da questão física, a moral, o caráter, o civismo, dentre outras “virtudes”, foram elementos intimamente ligados à educação, e, fundamentalmente da educação física, segundo professores que defendiam a necessidade da atividade esportiva como instrumento de “fortalecimento da nação”.

A educação é o meio indispensável, que facilita o trabalho e o reajustamento dos índices de psicologia étnica de que somos servidos.⁷³

A educação do corpo repara anomalias, corrige extravagâncias, reajusta o organismo, reivindica para o homem o equilíbrio que o predispõe à execução da sua vontade viril, armada de energia e de saúde, curada de recalques, nevroses e afetações, compensada de *déficits*, originários das próprias fatalidades biológicas que ele carrega de heranças.⁷⁴

⁷⁰ Cf. LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p. 46.

⁷¹ Cf. WOLF, Joel. “Pai dos pobres ou mãe dos ricos? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954”. In: *Revista Brasileira de História*, n. 27, 1994. p. 27-60.

⁷² Cf. LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p. 48.

⁷³ FILHO, João Lyra. *Op. cit.* p. 43.

⁷⁴ FILHO, João Lyra. *Op. cit.* p. 47.

O projeto político e cultural do governo brasileiro nas décadas de 1930 e 1940 esteve amplamente atrelado também, às atividades físicas. Nesse período - sobretudo durante o Estado Novo - o poder público passou a assumir algumas das atividades que, até então, diziam respeito tão somente à sociedade civil, mas que depois passou a ser apropriado pelo Estado. O esporte, e especialmente os esportes de massa, como é o caso do futebol, e todo o universo que o circunda, estiveram a seu serviço.

A instituição do Departamento de Imprensa e Propaganda, que se subordinava diretamente ao Presidente Getúlio Vargas, exerceu papel fundamental na difusão do “consumo” dos elementos culturais do país. Veículos de informação como periódicos e transmissões radiofônicas expressavam suas opiniões, e emitiam as notícias, de forma sempre a enaltecer o regime político implantado, e afirmavam que o “esporte deveria estar a serviço da pátria”. A concepção dos elementos da cultura popular brasileira veiculada pelo DIP, e pelos órgãos a ele subordinados, legitimavam a plena intervenção do Estado nas suas mais diferentes manifestações artísticas, políticas, culturais e esportivas.

Para a propaganda do Estado Novo, o DIP dispunha de vários veículos de comunicação, dentre eles revistas e jornais. Este órgão oficial teve como um de seus objetivos (entre tantos outros), promover e organizar festas cívicas e populares, das quais os jogos de futebol fizeram parte. A revista “Cultura Política” contava com reflexões de intelectuais, apresentando argumentações que faziam referência à estrutura da “nova ordem”, na qual se buscava a construção do “homem novo”.

A “Revista Brasileira de Educação Física”, também subordinada ao DIP, abordava especificamente os assuntos ligados aos esportes. Vale menção a um

apontamento dessa revista, quanto ao estabelecimento do “método nacional de educação física” a ser utilizado nas escolas e clubes esportivos. À medida que avançava a década de 1940, e especialmente na década seguinte, o esporte de modo geral, e o futebol de modo particular foi sendo cada vez mais explorado como instrumento que exacerbasse o nacionalismo.

(...) Os esforços que essa repartição vem desenvolvendo no sentido de que tenhamos um método de educação física nosso, que atenda às necessidades do nosso povo, às características da nossa gente, merece a simpatia e o apoio de todos os brasileiros. (...) Nunca, de acordo com o temperamento do povo brasileiro, um método estrangeiro, qualquer que seja o seu rótulo, poderá por nós ser considerado Nacional, da mesma forma que jamais adotaríamos uma constituição estrangeira, por melhor que fossem seus fundamentos. (...) E, dentro do quadro geral da educação, a educação física representa papel de grande relevância, no objetivo de fazer de cada criança um cidadão útil à pátria. (...) Professores de educação física, técnicos desportivos, médicos especializados, técnicos de educação, educadores em geral, administradores da educação, estudiosos dos assuntos educacionais, todos devem emprestar sua colaboração ao trabalho que a Divisão de Educação Física vem desenvolvendo no sentido de dotar o Brasil de um Método nacional de educação Física.⁷⁵

A construção de dois centros esportivos nos leva à constatação de que o futebol não mais significava apenas um esporte. A edificação do Pacaembu, localizado na cidade de São Paulo, e do Maracanã, construído na então capital federal, são símbolos dessa perspectiva. Estes estádios foram erguidos, contando-se com o financiamento de dinheiro público. O governo federal, bem como veículos da imprensa, motivavam a idéia de que os jogos futebolísticos como manifestações da cultura popular de massa, poderiam tornar mais intenso o sentimento do nacionalismo, indicando a tendência das décadas de 1940 e 1950. Nesse período, a perspectiva tornou-se mais consistente através da conquista brasileira do campeonato mundial de 1958, realizado na Suécia.

⁷⁵ “O método nacional de Educação Física”. *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, 1944. n. 7, ano I, p. 2.

No decorrer do século XX, sobretudo após a década de 1950, quando a seleção brasileira de futebol disputou duas finais de Copa do Mundo (perdendo a primeira para o Uruguai, em território brasileiro, e conquistando o título em 1958, diante da Suécia), o futebol consolidava sua condição de um dos elementos de nossa identidade. Nessa conquista, todos os países envolvidos no campeonato mundial viram surgir aquele que se tornou o principal futebolista do século XX: Pelé. Após sucessivas vitórias da seleção brasileira em jogos internacionais, o país passou a ser conhecido como o “país do futebol”. A análise dessa associação será feita a seguir. Fundamentalmente “dentro de campo”, o atleta brasileiro motivou, mesmo que inconscientemente, essa relação através da sua habilidade com a “bola nos pés”. Atento a esta certeza, representantes do governo federal não hesitaram em disto tirar algum proveito, tal como fizera em décadas precedentes.

CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO DE CENTROS ESPORTIVOS

Hoje em dia não mais se admite que uma grande cidade seja realmente grande e realmente monumental, imponente e cosmopolita, sem uma praça de esportes que reflita o esforço e o sentido progressista dos que a tornaram grande e moderna.¹

Na década de 1940, representantes do governo federal, procuravam reforçar o ideal do “homem novo” que se pretendia construir. Almejava-se criar um Brasil “grande e empreendedor”. Para tanto, havia a necessidade de que se buscasse o fortalecimento e robustez do corpo. No âmbito esportivo, a construção dos estádios do Pacaembu e do Maracanã, localizados, respectivamente, nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, também seriam símbolos desse “novo tempo”.

Paralelamente à constatação do alcance popular que o futebol havia adquirido, bem como os benefícios que a prática de esportes poderia proporcionar, foram criadas “condições favoráveis” para a recepção da idéia de que a atividade esportiva levaria a população ao “desejável” aperfeiçoamento do físico. Esse conjunto de circunstâncias justificaria o investimento em construções de complexos esportivos que visavam à realização de jogos oficiais envolvendo não apenas clubes específicos, mas também a seleção brasileira. Ademais, esses locais se tornaram palcos para comemorações e também de comícios políticos, dentre eles o

¹ “Jornal dos Sports”. *História de estádios famosos*, 07-07-49.

do próprio Getúlio Vargas.² Esse período foi caracterizado pela efervescência dos significados atribuídos à educação física.

O surgimento dos cursos de educação física estão relacionados à proliferação do discurso eugênico, ambientado no início do século XX, mas que obteve maiores proporções a partir da eclosão dos conflitos bélicos internacionais ocorridos na primeira metade do século XX. Neste período foram criados os cursos de educação física no Brasil.³ Dos hábitos especialmente da juventude, a prática de esportes deveria fazer parte. Envolver-se na atividade física significaria também exercer o civismo e o patriotismo, incentivados durante o governo de Getúlio Vargas. Um jovem “consciente” de sua cidadania seria alguém preocupado com seu condicionamento físico de acordo com o pensamento de ideólogos do Estado Novo.⁴

Nesse sentido, são reveladoras as palavras de Isaías Alves (uma das personalidades marcantes quanto à idéia de que a “juventude brasileira” deveria ser construída pelo Estado Novo), por ocasião de sua conferência em agosto de 1940 no palácio Tiradentes na cidade do Rio de Janeiro, quando falava dos “deveres” da juventude, entre os quais, o estabelecimento da relação entre o “homem novo”, o espírito de nacionalismo, e a valorização dos esportes. Disse Alves:

² Conforme já apontado, este tipo de postura assemelhava-se às ações de governos totalitários da Europa como os da Alemanha e da Itália. A este respeito, ver MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. Ver especialmente o capítulo intitulado “A década dos ditadores”. ver também HOLMES, Judith. *Olimpíada de 1936: glória do Reich e Hitler*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

³ Cf. MARQUES, Vera Beltrão. *A medicalização da raça*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. Em 1998, foi realizado no Rio de Janeiro o VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Várias discussões acerca desta questão foram exaustivamente nele discutidas. Ver *VI Congresso Brasileiro de História do esporte, Lazer e Educação Física: caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física: Coletânea*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1998. Esse congresso é realizado a cada intervalo de dois anos.

⁴ Cf. PEREIRA, Júlia Sales. *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: UFMG/Dissertação de Mestrado, 1999.

(...) 1) Amar ao trabalho (...) As atividades materiais são tão nobres como os elevados esforços do espírito. 2) Amar o estudo. Conhecer a terra e a nação do Brasil. Cultivar a ciência e apurar-se nas artes, na literatura e na filosofia. 3) Vigiar os brasileiros que, educados no estrangeiro ou em instituições desnacionalizantes, depreciam nossa cultura e nossa gente. Prestigiar os elementos indo-luso-africanos que são a base multissecular de nossa estrutura social e política. (...) 5) Crer nas forças militares – Exército e Armada nacionais – que constituem a espinha dorsal do país. (...) 8) Esforçar-se por que a terra do Brasil interior desperte e se fecunde com o germe puro de uma cultura idealista e produza frutos opulentos de uma civilização do trabalho, de justiça e da fraternidade. 9) Cultivar o esporte como escola de fortaleza física e moral (...) 10) dar ao seu Centro Cívico a energia da sua inteligência a força e obediência de sua vontade, a influência de sua família, a sinceridade do seu coração.⁵

A tônica deste discurso apresentado por Alves aproximava-se daquele apresentado por agentes do governo federal em relação à educação, e, por extensão, da educação física. Observando as afirmativas citadas, evidenciam-se alguns dos pressupostos ideológicos do Estado Novo. O item número nove chama particularmente a atenção pelo fato de se verificar componentes das expectativas que foram criadas em relação ao esporte: ele deveria estar a serviço da pátria.

Se pátria circunscreve-se ao território, às emoções ou do sentimento de parentesco, a nação significa mais que isso. Ela representa uma comunidade que experimenta em determinados agrupamentos, um ideal, um objetivo, uma identidade em comum.⁶ Nesse sentido, o futebol seria um dos pilares que atendia às aspirações de construção identitária, na medida em que havia uma convergência da sociedade ao seu entorno, sobretudo nos momentos de realização de campeonatos mundiais.

⁵ ALVES, Isaías. *O dever da juventude na organização nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olympica Miguel Couto, 1941. p. 39-40.

⁶ Cf. CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998. Ver especialmente o capítulo intitulado “Educação e identidade nacional coletiva”. p. 211- 242. Segundo a autora, “incentivou-se o sentimento de agregação e pertencimento a uma terra grandiosa e farta, o que deveria produzir orgulho nos seus filhos. O sentimento de identidade também se reforçava pela associação do Brasil (Estado, Pátria, Nação) com a família”. *Op. Cit.* p. 246.

Nesses momentos que se tornaram privilegiados para apelos nacionalistas, “torcer” por uma agremiação esportiva que levava o nome do país (seja ele qual fosse) simbolizava “uma questão de consciência cívica”.⁷ O jovem desportista era considerado – na perspectiva de ideólogos do Estado Novo - um “soldado da pátria”, e, como tal, não deveria abrir mão da higiene e dos cuidados com o próprio corpo, preocupando-se com a sua “regeneração”.

Esta regeneração estava relacionada ao projeto eugênico pelo qual se caracterizou esse período na busca do melhoramento do físico. Essa discussão foi relevante não somente nas primeiras décadas do século XX, mas também na segunda metade do século XIX. Para Lyra Filho, a herança da miscigenação seria um entrave para a constituição da robustez do físico, além de tornar mais lenta essa expectativa devido, fundamentalmente, ao recente passado escravista.

Ainda que se recenseou, em 1872, a riqueza humana do país, era apavorante o quadro que as realidades expunham. Um milhão e meio de escravos. Um milhão de índios inúteis. Cinco milhões de agregados das fazendas e dos engenhos, caipiras, matutos, caboclos, vaqueiros do sertão, praiheiros, capoeiras, pequenos artífices, operários rurais. Dois milhões ou um milhão e meio de negociantes, empregados públicos ou particulares, criados e servidores de todas as profissões.⁸

Afirmativas similares presidiram diferentes debates acerca dos resultados da composição social e étnica do país, a partir do final do século XIX. A proliferação da atividade futebolística nas camadas sociais mais humildes, apresentou-se – conforme assinalou Freyre e Mário Filho – como possibilidade de inserção no cenário social e esportivo da primeira metade do século XX.

Na década de 1940, o Ministério da Educação, através do DIP, difundia a idéia de que era necessário que houvesse a identificação entre população e nação,

⁷ Cf. HOBBSBAWN, Eric. *Op. Cit.*

⁸ Cf. FILHO, João Lyra. “Raça, educação e desporto”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. p. 52.

em busca da “unidade nacional”. Para tanto, deveria haver a ruptura com análises que sugerissem a suposta tibieza dos jovens, em nome do “fortalecimento da raça”. O próprio Lyra Filho, ao mesmo tempo em que apresenta os entraves que a formação étnica do país poderia ocasionar na busca do “homem novo”, sugere que através do incentivo do esporte em meio a diferentes camadas sociais, poderia haver avanços quanto ao melhoramento do físico.

A política a que nos vimos subordinando, através de atos continuados de governo, parece indicar que o Brasil não pretende perder-se, no meio do mundo, mas deseja *achar-se*, dentro de si mesmo. Uma população de misturas não perturba a união nacional, apenas conduz o movimento de nossa civilização a lutas contraditórias, perdidas no meio de diretrizes e finalidades heterogêneas. (...) Bem avisada, a política que se ocupa de restaurar o caminho histórico, no curso do qual caldearemos a nossa própria raça e fortaleceremos os característicos que darão ao brasileiro personalidade própria. (...) A raça é ponto de partida para a definição de uma poderosa organização nacional.⁹

Nessa direção, Ramos considera que a educação física seria um importante aliado para o modelo de país que se perseguia: forte e moderno.

No caso particular da nossa terra e da nossa gente, neste grave momento de introspecção brasileira, em que um dos grandes problemas do Brasil é o de criar a consciência nacional do povo, a educação física é um elemento primacial dessa grande obra de construção cultural e formação espiritual do brasileiro. (...) Utilizando essa grande arma moderna de estruturação humana, pelo esforço simultâneo nesses dois sentidos – o da preparação cultural das elites e o da formação eugênica das massas, é que se poderá realizar afinal o milagre da formação integral do homem brasileiro – forte de corpo, claro de espírito, puro de coração.¹⁰

Paralelamente à busca da unidade nacional,¹¹ para a qual o esporte brasileiro deveria estar a serviço neste período, reside um outro fenômeno que foi importante quanto à compreensão do alcance popular da prática futebolística, a

⁹ Cf. FILHO, João Lyra. *Op. Cit.* p. 43-45.

¹⁰ Cf. RAMOS, Artur. “Antropologia da Educação Física”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14. 1941. p. 89-90.

¹¹ Vale reiterar que no início da década de 1940 estava ocorrendo a segunda guerra mundial, conflito que se caracterizou também pelo aguçamento do sentimento de racionalismo, tal como ocorrera na primeira guerra mundial. Nesses momentos, as vitórias em modalidades esportivas simbolizavam a “força” do país que eventualmente fosse vitorioso.

saber, o surto e o desenvolvimento do parque industrial nacional. Foi justamente nesse período que o país experimentou em maiores proporções esta possibilidade (se comparado com períodos anteriores), sobretudo na região centro-sul. Dada a popularidade do esporte, os donos das fábricas - via de regra - tinham interesse em manter e/ou apoiar algum clube de futebol que contasse com a participação de seus funcionários. Ademais, a associação entre as empresas e o futebol, poderia garantir mais visibilidade aos produtos fabricados.¹²

Guardadas as proporções que tempo e espaço exigem, foi na primeira metade do século XX que várias empresas tiveram a iniciativa de explorar os esportes de grande apelo popular, a fim de propagandear seus produtos. Desse modo, isso não é um fenômeno mais recente. Todavia, é certo que não se pode, por exemplo, comparar a associação futebol/empresa que se percebe a partir da década de 1980 com o período anterior a 1950.

A referência a Leônidas da Silva como o *diamante negro* (nome de chocolate), é um exemplo bastante significativo desse cenário. A Light & Power foi uma, dentre várias outras empresas, que se destacou nesse processo de incentivo ao futebol, conforme se pode observar:

Muitas empresas faziam de seus clubes de futebol um veículo publicitário de seus produtos. O interesse e o estímulo que devotavam à formação de equipes capazes de participar de torneios oficiais devia-se ao desejo de melhor promover seu próprio nome. (...) A administração da Light & Power apoiava a criação de espaços para a prática de esportes pelos funcionários. (...) Todas as tentativas de criação de clubes foram impulsionadas por um misto de identidade e de orgulho dos empregados pela companhia e também de luta por aquilo que consideravam um direito. Muitas empresas da cidade mantinham seus clubes de futebol, o que era motivo de orgulho e distinção para seus empregados.¹³

¹² Sobre essa questão ver os trabalhos de ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *O futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992. Ver também SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

¹³ Cf. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. "O futebol na Light & Power de São Paulo". In. MURAD, Maurício. (et. ali). *Futebol: síntese da vida brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996. p. 63-64.

Tal iniciativa foi copiada por outras empresas, razão pela qual, a popularização do futebol se tornava ainda mais aguda. Essa cadência do esporte condicionou uma leitura - a nosso juízo - equivocada acerca do futebol por parte de alguns autores que escreveram sobre o futebol. Em alguns trabalhos, analisou-se o esporte de forma a considerá-lo como aparelho ideológico do Estado, como instrumento capaz de alienar as massas, e como instrumento a serviço do capitalismo.¹⁴ Já dissemos que não cremos na possibilidade de trilhar por esses caminhos. O futebol não deve, automática e peremptoriamente, ser lido como um instrumento que se presta a modelos econômicos, sejam eles quais forem. É certo que ele já foi explorado em alguns momentos pelo governo federal como forma de sua legitimidade, justamente pelo fato dele ser um esporte de grande alcance popular.

Entretanto, o futebol não é em si, um elemento de alienação das massas, muito menos de mobilidade política, ou seu inverso. É tão somente um esporte de grande apelo popular, que pode ou não ser explorado em situações quaisquer. Da interpretação da sua exploração, dependerá o nível de compreensão política daqueles que a receberem. Em países como o Brasil, por isso mesmo ele possa ter ocasionado, em determinados momentos, algum tipo de alienação. Vale lembrar que o futebol é o esporte mais popular não apenas do Brasil, mas de grande parte dos países do mundo, sejam eles desenvolvidos ou não.

À medida em que o governo federal, através de seu Ministério da Educação, foi constatando a importância do esporte na sociedade, percebia-se a estratégia em dele se procurar tirar vantagens, seja sob a forma de estimulá-lo no

¹⁴ Um dos trabalhos que mais veementemente defende essa idéia é o de RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ideal da juventude forte e saudável, seja sob a forma de utilizá-lo como instrumento de sua legitimidade, seja, ainda, elemento importante no processo de preparação dos jovens para eventuais conflitos internacionais, tal como ocorreu na primeira e na segunda guerra mundiais.

Finda que foi a Grande Guerra de 1914-1918, o esporte passou a ter outra importância na vida dos povos, dando um passo gigantesco à frente. Foi esse um dos aspectos mais interessantes da evolução mundial, desde 1919. (...) O esporte passou a atrair a mocidade e a dominar as multidões, acusando uma popularidade até então nunca atingida, tão profundamente por qualquer outra atividade humana. Em torno do ideal esportivo reuniu-se a juventude de após-guerra, sendo que alguns países não ficaram indiferentes ante essa evolução. Compreendendo a importância que, a seguir, iria atingir o esporte, encamparam-no oficialmente, fazendo do mesmo uma força viva da nação. Daí nasceu a teoria "Esporte dirigido pelo Estado", que em breve passou a se generalizar, transformando-se em verdadeiro programa dos governos surgidos de movimentos nacionalistas. Vingou, pois, a tendência moderna, sendo o esporte fonte de disciplina, energia e cultura da mocidade.¹⁵

A institucionalização dos esportes foi resultado de intensos debates que obtiveram eco no governo federal. Discussões promovidas por Rui Barbosa (na década de 1880), Olavo Bilac (década de 1910), Fernando de Azevedo (década de 1920), Coelho Neto (décadas seguintes), debatiam a importância e a possibilidade de se visualizar no esporte, um componente dos novos tempos que se anunciavam, paralelamente aos surtos de industrialização e expansão de grandes centros urbanos.

As discussões se originavam preponderantemente de educadores, militares e cronistas esportivos. Havia uma semelhança nas idéias e propostas quanto à orientação e direcionamento da prática esportiva no Brasil. A Escola Nacional de Educação Física, a Escola de Educação Física do Exército, o Conselho Nacional de Desportos e a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde,

¹⁵ Cf. MAZZONI, Tomás. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941. p. 37-38.

são apenas algumas das instituições que tiveram também como objetivo, difundir o ideal da prática de esportes.

Em meio às discussões acerca dos benefícios que o esporte poderia proporcionar, surgiu a idéia de que fosse erguido na cidade de São Paulo o Pacaembu. Cremos que a construção desse complexo desportivo, contando com o financiamento de dinheiro público, foi um dos símbolos dessa valorização dos esportes. Esse processo foi ampliado em período posterior, através da construção do Maracanã. Por ocasião da inauguração do estádio do Pacaembu, em 1940, “O Estado de S. Paulo” noticiou:

Vêm despertando grande e justificado interesse em todo o Estado as provas esportivas organizadas pela diretoria de Esportes do Estado de S. Paulo para a inauguração do Estádio Municipal (...) O interesse não é apenas despertado pela grandiosidade do Estádio, o maior e mais moderno do continente americano e um dos mais importantes do mundo, mas também pelas esplêndidas competições esportivas organizadas pela Diretoria de Esportes. (...) Diante disso, é possível afirmar-se que S. Paulo viverá dias festivos e inesquecíveis a partir do dia 2.¹⁶

Desde a década de 1910, a presença de torcedores nos campos de futebol vinha aumentando gradativamente. A construção do Pacaembu veio responder a uma demanda observada em décadas anteriores ao período mencionado, uma vez que se percebia o interesse da população pelos jogos. O que chama a atenção, é o fato de que foi durante a vigência do Estado Novo que se discutiu de forma mais efetiva a possibilidade de se erguer um complexo esportivo, dada a constatação da popularidade do futebol. Até então, tal idéia não havia obtido maiores proporções. Confrontos entre equipes como a do extinto Palestra Itália (posteriormente denominado Palmeiras) e a do Corinthians Paulista, movimentava a cidade em dias de jogos. Em função de encontros como esse, os campos já não tinham dimensões apropriadas para receber os torcedores.

Além do Palestra Itália e do Corinthians, outra equipe despertava grande interesse na população da cidade de São Paulo. Trata-se do extinto Clube Atlético Paulistano. Nos jogos em que o paulistano estivesse envolvido, a expressiva presença de público nos estádios era algo bastante previsível. Vale dizer que este fenômeno fazia parte dos confrontos no final da década de 1910.

A assistência de ontem ao jogo Palestra X paulistano no Parque Antártica bateu, cremos, o recorde das lutas esportivas em São Paulo. Cerca de 40000 pessoas acorreram à grande praça de esportes do Palestra. (...) As arquibancadas e as gerais, como as cercas ao redor dos campos, ficaram cheíssimas – é o termo. Nas árvores, mais do que na outra vez, no domingo anterior, instalaram-se numerosos espectadores, vergando-lhes os ramos ao peso da estranha carga. Na cobertura das arquibancadas, sobre as telhas de zinco escaldante, havia tanta gente, que os felizardos que estavam mais ou menos sentados ou em pé, ao abrigo do sol e da chuva, receavam que lhes caísse por cima aquele pedaço de céu velho. (...) Nos automóveis ao redor do campo a aglomeração *era um fato*, estando os tejadilhos desses veículos convertidos em palanques de nova espécie.¹⁷

Em outras localidades do país também houve uma maior presença de torcedores aos jogos, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. Em 1927, foi construído o estádio do Vasco da Gama. Todavia, para que o mesmo fosse erguido, houve uma mobilização da colônia portuguesa da capital da República quanto aos investimentos que teriam que ser feitos. Deste modo, não se contou com dinheiro público para esta construção.¹⁸

A constatação de que a cidade de São Paulo necessitava de um estádio com capacidade de receber maior número de torcedores para que fossem realizados os jogos foi inevitável, ainda que ele fosse ou não erguido com financiamento público. Foi no final da década de 1930 que o então prefeito paulistano Fábio Prado lançou a idéia de se construir o estádio municipal. O

¹⁶ Jornal "OESP". *Os preparativos para as provas inaugurais do estádio municipal*. 21-04-40.

¹⁷ Jornal "OESP". *Palestra X Paulistano – a assistência*, 17-11-19. Sobre esse momento de interesse popular pelo futebol, ver, entre outros, SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 43-72.

discurso mais difundido era o de que para acompanhar o crescimento da cidade, era justificada a idéia de se erguer o Pacaembu. Para além dessas questões, um grande centro esportivo se prestaria também para a aproximação entre atividades físicas (pelas quais diferentes camadas sociais iriam se interessar), e o ideal do homem novo.

Os dias que antecederam à inauguração do estádio foram marcados pela expectativa e proliferação da idéia de que a construção do Pacaembu simbolizaria o projeto de “Brasil melhor e maior” idealizado pelo Estado Novo. Toda a preparação para a inauguração foi caracterizada pela propaganda desse “governo empreendedor”, através dos órgãos de imprensa submetidos ao DIP. Dentre as várias atividades inerentes à programação de inauguração do estádio, consta uma que remete à bandeira brasileira, um dos símbolos marcantes do nacionalismo.

No dia 27 de abril, chegará a S. Paulo uma Bandeira Nacional, conduzida por entre as cidades da estrada de rodagem Rio-S. Paulo, e que é oferecida pelo Fluminense F. C., e do seu estádio enviada como homenagem ao 1º estádio construído no Brasil, ao estádio do Pacaembu. Segundo instruções particulares enviadas aos prefeitos das cidades citadas, será essa bandeira recebida em cada uma delas com festejos cívicos (...).¹⁹

Além da bandeira nacional, diferentes objetos e/ou imagens que pudessem despertar o “sentimento nacional” como flâmulas, chaveiros, cartazes, entre outros, foram utilizados nos festejos deste dia 27 de abril. Essa foi também a tônica de outras inaugurações circunscritas ao Estado Novo. Para além de outros fatores, o regime buscava incutir o espírito do nacionalismo na população mais jovem, potencialmente interessada no universo do futebol e dos esportes de modo

¹⁸ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.*

¹⁹ Jornal “OESP”. *Instruções da diretoria de esportes*, 09-04-40.

geral. “Os símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do cidadão”.²⁰

Adhemar de Barros, interventor de São Paulo e o próprio Getúlio Vargas estiveram bastante envolvidos no empreendimento que resultou na construção do estádio municipal da cidade de São Paulo. Vale notar que não por coincidência, a inauguração do estádio ocorreu no mesmo dia em que o interventor paulista completava dois anos à frente do governo estadual paulista.

A fim de assistir às festividades com que será amanhã assinalada a passagem do segundo aniversário do governo do sr. Interventor Adhemar de Barros e inaugurar o Estádio Municipal do Pacaembu, chega hoje a esta capital, às 11 horas, o sr. Presidente Getúlio Vargas. O chefe da nação será festivamente recebido no aeroporto, devendo ali ser aguardado por altas autoridades civis e militares, membros do clero (...) Por ocasião de seu desembarque, ao sr. Getúlio Vargas, que viajará acompanhado dos interventores Adhemar de Barros, Amaral Peixoto e o governador Benedito Valadares, serão prestadas as honras e as continências devidas ao primeiro magistrado da nação (...) Para recepção do Presidente Getúlio Vargas, durante os dias em que sua excia. permanecerá em São Paulo, foi organizado pelo governo do Estado o seguinte programa: (...) Às 15 horas, o Presidente presidirá a inauguração do Estádio Municipal (...)²¹

Se a copa de 1938 significou um dos momentos decisivos para o futuro do futebol brasileiro, a inauguração dos estádios do Pacaembu e, posteriormente, do Maracanã também assim podem ser compreendidos. Não se pode perder de vista que o estádio municipal de São Paulo foi erguido no início da década de 1940, período marcadamente significativo quanto aos surtos de industrialização e de transformações urbanas em centros populacionais do país. Esse conjunto de mudanças ocorreu paralelamente à valorização das atividades físicas.

Enquanto o prefeito paulistano, Fábio Prado, manifestava a idéia de se construir um complexo esportivo em 1936, o prefeito Francisco Prestes Maia (que o

²⁰ Cf. CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papius, 1998. p. 50. Ver especialmente o capítulo intitulado: “Imagens e espetáculo do poder no varguismo e no peronismo”. p. 47-61.

sucedeu), manteve uma postura mais ousada quanto a essa possibilidade. Mais que construir um centro esportivo, deveria ser construído um estádio-monumento.²² Conforme as características típicas dos eventos ligados às inaugurações circunscritas ao Estado Novo, o Pacaembu foi inaugurado em abril de 1940 com todas as peculiaridades que remontavam a um símbolo cívico do país.

Dentre tantas outras construções, o novo centro esportivo poderia – na perspectiva do governo federal - remeter a população brasileira aos alcances que este governo seria capaz de atingir. O modelo de desenvolvimento por ele anunciado atenderia também às demandas originadas da educação física, e por extensão, das atividades físicas.

Vai ser inaugurado hoje o Estádio Municipal de São Paulo, no vale do Pacaembu. No simples enunciado deste fato encerra-se todo o sentimento de uma antiga e grandiosa aspiração que afinal se converge em realidade. É a educação física de São Paulo, do Brasil, portanto, que conquista, depois de longa e ansiada espera, uma obra sem a qual estava forçosamente incompleta, pela qual pode pretender, por fim, atingir toda a eficiência construtiva para que desde o início do século vem constantemente se preparando (...) É o início de uma nova fase, na qual vem convergir, para depois seguirem paralelas, a iniciativa particular e a ação dos poderes públicos (...)

A matéria do “Estadão” reflete as expectativas que o governo federal vinha apresentando a partir da instalação do Estado Novo, através de sua compreensão das atividades esportivas. A construção do Pacaembu simbolizaria os esforços dispensados à política de valorização e exploração dos esportes quanto à construção do homem novo. Segue a matéria.

²¹ Jornal “OESP”. *Chegará hoje a S. Paulo o Presidente Getúlio Vargas*, 26-04-40.

²² Nesse período, houve algumas mudanças significativas no espaço urbano da cidade de São Paulo. O então prefeito, Francisco Prestes Maia, adotou medidas que resultaram em novas perspectivas de intervenção pública no espaço urbano. Sobre essa questão, ver, entre outros, DIÉGOLI, Leila Regina. *Estado Novo – nova arquitetura em São Paulo*. São Paulo: PUC/Dissertação de Mestrado, 1996.

(...) Vemos, afinal, que a ginástica e os esportes não são mais os esquecidos ou desprezados só lembrados pelos administradores para satisfazer novos e pesados impostos e sim que recebem do próprio governo o maior, e mais do que isto, o melhor dos instrumentos para construir a própria grandeza, ao mesmo tempo efeito e causa do progresso do Estado e do país. São Paulo sem um estádio era realmente incompleto, mas esse estádio não passaria, talvez, de uma obra meramente suntuária não fosse o metucioso cuidado e o decidido esforço que o poder público está desenvolvendo para colocar a fisicultura no seu verdadeiro plano, pondo-a no mesmo nível de interesse e apoio que já vinham merecendo desde muito a educação intelectual e moral. (...) Muito merecidamente coincide a data de inauguração do estádio com a passagem do segundo aniversário de governo do dr. Adhemar de Barros na interventoria de São Paulo (...) Dentro de algumas horas terá sua excia. a recompensa de quanto lhe vem merecendo o preparo e aperfeiçoamento do melhor patrimônio de São Paulo, que é a sua mocidade.²³

Guardadas as necessárias dimensões, o modelo de programação das diferentes inaugurações realizadas durante a vigência do Estado Novo, mais uma vez, se assemelhava às programações realizadas na Alemanha nazista,²⁴ dentre as quais, as esportivas. Como um evento que remontou a um ato cívico, no dia em que o centro esportivo foi erguido, houve comemorações contando com a presença de várias autoridades políticas, além do próprio Presidente da República.

Construções similares às do estádio municipal substanciavam e concretizavam o ideal do empreendimento pelo qual o governo federal dizia se caracterizar. Cremos ser significativo perceber no discurso de Prestes Maia essa perspectiva. Segundo ele “(..) A nossa praça de esportes é, (...) a afirmação de um programa construtivo. Tendo-o recebido em início, pusemos na sua ampliação e na sua conclusão o nosso melhor empenho. (...)”²⁵ Em matéria de “O Estado de S. Paulo”, encontram-se as seguintes afirmativas, um dia após a inauguração do Pacaembu:

(...) Poucas vezes, acreditamos, nos será dado presenciar uma festa como essa, em que tão harmoniosamente se

²³ Jornal “OESP”. *As grandes festas inaugurais do estádio Pacaembu*, 27-04-40.

²⁴ A este respeito, ver LENHARO, Alcir. *Nazismo – O triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1990.

²⁵ Jornal “OESP”. *Inaugurado o estádio municipal do Pacaembu*, 28-04-40.

entrelaçaram, para o deslumbramento de quantos ali tiveram de comparecer, as flâmulas multicores [sic] moças que pugnam pelo aperfeiçoamento eugênico da raça, nas pistas e piscinas de São Paulo, de cada um dos municípios paulistas, do Rio de Janeiro e das nações irmãs do continente. (...) Índice de um progresso que se acelera, testemunho de uma compreensão mais larga das nossas necessidades, estímulo dos mais enérgicos para os rumos inaugurais por que se lança a nação, prova palpável dos resultados remotos, mas transcendente de que cogita a atual administração, o Estádio Municipal de São Paulo, em troca do muito que custou aos nossos cofres, devolverá ao Brasil, física e moralmente superiores, as gerações de moços e moças, que nele cultivarem as suas qualidades, saudável patrimônio, esse, sem o qual não há grande país nem grande povo.²⁶

As matérias publicadas nos periódicos, bem como os discursos da inauguração corroboravam e reforçavam o papel e a compreensão das atividades físicas no período da construção do Pacaembu (na perspectiva do governo federal), a saber o de estar a serviço da nação.

Tal concepção pôde ser especialmente verificada quando Getúlio Vargas discursou a respeito do centro esportivo que acabara de ser oficialmente aberto para a realização dos jogos, em que estava presente cerca de 80 mil pessoas à sua inauguração. O “O Estado de S. Paulo” reproduziu este episódio relativo ao discurso de Vargas, o qual consideramos revelador quanto aos aspectos discutidos

Ao declarar inaugurado este estádio, sob a impressão das entusiásticas e vibrantes aclamações com que fui recebido, não posso deixar de dirigir-vos algumas palavras de vivo e intenso louvor. Este monumento consagrado à cultura física da mocidade, em pleno coração da capital paulista, é motivo de justo orgulho para todos os brasileiros e autoriza aplaudir merecidamente a administração que o construiu. As linhas sóbrias e belas da sua imponente massa de cimento e ferro não valem apenas como expressão arquitetônica, valem mais do que isso – valem como uma afirmação de nossa capacidade e do esforço criador do novo regime na execução do seu programa de realizações. É ainda, e sobretudo, este monumental campo de jogos desportivos uma obra de sadio patriotismo, pela sua finalidade de cultura física e educação cívica (...)

²⁶ Jornal “OESP”. *O imponente cerimonial de inauguração da maior e mais moderna praça de esportes da América do Sul*, 28-04-40.

Jovens que se dedicavam à prática esportiva mereciam todo o apoio e incentivo do Ministério da Educação. A boa saúde da juventude simbolizaria o projeto eugênico da “raça” brasileira: mestiça e forte. Para tanto, era necessário lançar mão de métodos higiênicos e sanitários. (...) “Uma juventude doentia traz consigo a degeneração racial de um povo, assim como, uma juventude sã, física e moralmente, é a base para a manutenção e desenvolvimento da pujança de uma nacionalidade”.²⁷ Segue o discurso de Vargas:

Agora mesmo assistimos ao desfile de dez mil atletas, em cujas evoluções havia a precisão e a disciplina, conjugadas no simbolismo das cores nacionais. Diante dessa demonstração da mocidade forte e vibrante, índice eugênico da raça, - mocidade em que confio e que me faz orgulhoso de ser brasileiro – quero dizer-vos:

Povo de S. Paulo! Compreendestes perfeitamente que o Estádio do Pacaembu é obra vossa e para ela contribuístes com o vosso esforço e a vossa solidariedade. E compreendestes ainda que este monumento é como um marco da grandeza de S. Paulo a serviço do Brasil. Declaro, assim, inaugurado o Estádio do Pacaembu.²⁸

É certo que o futebol da cidade de São Paulo iniciou uma nova etapa de sua trajetória a partir da construção do Pacaembu. Mais do que um centro esportivo, e, por vezes, centro cívico, o estádio foi palco de vários encontros de partidas de futebol, onde a presença de torcedores aumentava a cada vez mais. Tal constatação concorreu para a idéia de que o Pacaembu fosse predominantemente um estádio de futebol, e, em escala reduzida, um espaço para a expressão do culto ao físico, à moral ou ao civismo.

A valorização da educação física na década de 1940 contribuiu para a tomada de medidas do governo federal que atingiram o futebol, como foi o caso da construção do Pacembu. Como atividade esportiva relativamente mais praticada e de maior interesse popular, não havia como deixar de reconhecer tais

²⁷ Cf. ROLIM, Inácio. “O papel das entidades esportivas na formação da juventude brasileira”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14, 1941. p. 101.

características, ainda que houvesse movimentos que pudessem, ocasionalmente, não reconhecer essa condição. “O espetáculo desportivo do futebol é um fato social. Podemos regulá-lo, devemos dirigi-lo, mas seria demais que o condenássemos”.²⁹

O fato é que o curso de educação física se consolidou nesse período como curso universitário. Isto redimensionou, no plano acadêmico, a sua importância para além de uma questão de preparo e manutenção do físico.

A educação física está definitivamente incluída dentro das atividades da sociedade contemporânea. Faz parte, hoje, dos currículos universitários. É uma atividade técnica de crescente complexidade, necessitando o concurso de tantos especialistas nas ciências do homem físico e mental. (...) É uma consequência obrigatória da civilização da máquina (...).³⁰

Para além dos aspectos do civismo, bem como do “fortalecimento da raça”, a educação física apresentava-se também como instrumento que se prestava ao acompanhamento das novidades relacionadas aos surtos de industrialização ambientados na década de 1940.

Vale reiterar que o futebol e demais práticas esportivas foram difundidas no país justamente no momento da reforma e do nascimento de grandes centros urbanos. O movimento de migração das áreas rurais para as áreas urbanas, impulsionado a partir da década de 1940, ocorreu de modo mais intenso a partir da expectativa de trabalho que as indústrias poderiam apresentar. Segundo Sevckenko, foi nesse cenário que a atividade esportiva obteve mais destaque. Para ele,

(...) Não apenas em função das exigências do ritmo de produção cadenciado pelas máquinas e de situações de emergência como as guerras ou grandes evacuações, é que as autoridades desde cedo começaram a investir pesado em educação física, atletismo, esportes e disciplina coletiva. (...) Um dos aspectos mais

²⁸ Jornal “OESP”. *Discurso do Presidente Getúlio Vargas*, 28-04-40.

²⁹ Cf. FILHO, João Lyra. “Raça, educação e desporto”. *Estudos e conferências*. Rio de Janeiro: DIP, n. 14, 1941. p. 64.

³⁰ Cf. RAMOS, Artur. “Antropologia da Educação Física”. *Estudos e Conferências*. Rio de Janeiro: DIP, nº 14, 1941. p. 78.

prodigiosos do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais. O fenômeno além de interessante é bastante revelador, tanto das características mais atrativas deste esporte, quanto do ambiente peculiar criado pelo crescimento acelerado das cidades em processo de industrialização (...).³¹

A valorização das atividades esportivas foi também expressa em diferentes artigos apresentados na “Revista Brasileira de Educação Física”. Neles, encontra-se uma preocupação em se difundir as características e os supostos benefícios que a educação física poderia proporcionar, independentemente do discurso eugênico, invariavelmente neles presentes.

Embora esta revista tivesse o objetivo de atingir um público mais amplo, os profissionais mais interessados em sua leitura foram educadores, e, em especial, professores de educação física. Em vários textos por ela publicados, verifica-se a preocupação de se “instrumentalizar” o professor que ministrasse a disciplina. Dentre as várias “qualidades” enumeradas pela revista, das quais o professor de educação física não deveria prescindir estão:

Firmeza de Caráter - Esta é a básica. O professor de educação física, mais do que qualquer outro, deve ter um caráter inabalável, que o impeça de transigir com os seus princípios. **Vitalidade** – Inconcebível seria a sua falta num professor de educação física. Por isso mesmo, este deve preocupar-se cuidadosamente com as suas condições de vida, de modo que obtenha um equilíbrio harmonioso entre o dispêndio e a aquisição de energia (...) **Energia** – Precisa emaná-la de todas as suas palavras, de todos os seus gestos. Ele não pode conhecer tergiversações, a sua resolução será sempre pronta e decisiva (...).³²

Questões que mais recorrentemente surgiam na revista estavam relacionadas à preservação e o cuidado com a higiene corporal. Obedecendo-se a regras impostas pela educação física, as pessoas estariam menos propensas às

³¹ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópole e desatino”. In: *Revista USP: Dossiê Futebol*, n. 22, jun/jul/ago. 1994. p. 34-35.

doenças, bem como melhor preparadas para a execução do trabalho diário. Neste sentido, era necessário que se alertasse para cuidados como o da alimentação e com o “asseio” com o corpo.

O que é revelador nessas propostas apresentadas pela revista é o atendimento a um dos projetos do regime implementado em 1937: criar o “homem novo” no país que se anunciava. Nesse sentido, as idéias nela apresentadas legitimavam os ideais buscados pelo Estado Novo. Vale lembrar que a Revista Brasileira de Educação Física era registrada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda.

Bem sabemos que a vida ativa é cheia de peripécias dos dias atuais, vivida nas grandes cidades ou no interior das fábricas, nas repartições rotineiras das atividades de cada um, reclama um sensato e orientado reconforto do corpo e do espírito, para o reinício do trabalho, de um trabalho útil e produtivo. E seja qual for a profissão ou a atividade do indivíduo, o industrial ou o comerciário, o militar, o operário ou o intelectual, todos merecem esse benefício e todos necessitam cumprir esse preceito de saúde, tão necessário como tantos outros. É inegável que a saúde é o que de mais precioso possuímos e a defesa da saúde constitui verdadeiramente um dever.³³

Nas suas publicações, interessava à revista legitimar e atender aos objetivos do Estado Novo em relação à prática esportiva, tais como vários outros diferentes periódicos (que não diziam respeito especificamente à educação física) com esta mesma característica. “A educação física fará de uma criança um cidadão útil à pátria”.³⁴ O esporte despertaria no homem o controle emocional, bem como o conhecimento do corpo e preocupações com a moral e o civismo, elementos tão “necessários” ao Brasil novo.

³² “Qualidades do professor de educação física”. *Revista Brasileira de Educação física*. Rio de Janeiro, n. 7. 1944. ano I, p. 19.

³³ “Colônias de férias”. *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 8. 1944. ano I, p. 26-27.

³⁴ “Campanha de aperfeiçoamento físico do servidor do Estado”. *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 10. 1944. ano I, p. 14

Nesse sentido, a revista apresentava modelos de comportamentos estabelecidos pelo Ministério da Educação,³⁵ a partir também da atividade esportiva. Num governo que dizia propor mudanças estruturais no país, tais como a inserção no universo industrial, a prática de esportes poderia supor possibilidades para o aumento na produtividade. Para tanto, era desejável nova conduta. “Não pode haver cérebro eficaz em corpo mofino! (...) Até a têmpera de caráter se faz pelo exercício corporal”.³⁶

Segundo artigos publicados na revista, para que houvesse uma formação intelectual mais qualificada, não se poderia prescindir da disciplina. Esta condição seria permitida através também, da atividade esportiva. O que se percebe na leitura das matérias apresentadas pelo periódico, é que se buscava valorizar em demasia a educação física, sobretudo em razão da mesma ser explorada pelo regime político instaurado em 1937.

Conforme podemos observar, a partir dos textos apresentados pela Revista Brasileira de Educação Física (e por outros veículos de imprensa subordinados ao DIP), são inúmeros os benefícios que a atividade esportiva poderia proporcionar à população, não obstante a orientação político-idolológica do periódico.

A resistência, a agilidade, a energia, a inteligência, a argúcia, a presença ou a omissão do espírito, o poder de improvisação, a intrepidez, a prudência, o destemor, a lealdade, o sentimento do justo e do belo, a ação e a reação, (...) as armas de defesa, de ataque ou de equilíbrio, (...) revelações de poder físico ou de expressão moral podem oferecer os desportos, tanto para fins de exame de psicologia, quanto para complemento de provas antropológicas. Tanto para organização de índices cadastrais de ciência, como para composição de elementos de confronto na observação dos diferentes grupos e das diferentes raças diluídas no Brasil. Por meio dos desportos, os homens da praia e do sertão, de clima frio, temperado ou quente, do planalto ou da planície, do norte, do centro, ou do sul, podem exprimir tendências peculiares, que devem ser conhecidas e precisam ser levadas em linha de conta no retrato social e político do Brasil. (...) A educação física no

³⁵ Cf. PEREIRA, Júlia Sales. *Op. Cit.*

³⁶ “Campanha de aperfeiçoamento físico do servidor do Estado”. *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 10. 1944. ano I, p. 3-5.

Brasil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional. (...) O espírito desportivo é útil à educação do nosso tempo. (...)³⁷

Ao ser construído um centro esportivo das dimensões do Pacaembu, foi possível verificar como o governo federal estava, de fato, interferindo diretamente nos aspectos relativos aos esportes de modo geral, e no futebol de modo particular. Símbolo ainda mais significativo deste processo foi a construção do Maracanã em período posterior ao Estado Novo. Tal estádio foi erguido também com financiamento de dinheiro público a fim de abrigar jogos da IV realização do campeonato mundial de futebol, ocorrida em 1950.

A partir da segunda metade da década de 1940, o cenário político brasileiro foi marcado pela queda do regime implantado em 1937. Getúlio Vargas deixava o Palácio do Catete em 1945 após ininterruptos quinze anos como Presidente da República. Dentre as diferentes medidas adotadas em seu governo, é certo que o esporte passou a merecer atenção especial.

Embora o Maracanã tenha sido construído no intervalo de seu momentâneo distanciamento da presidência da República (uma vez que Getúlio Vargas seria eleito em outubro de 1950), cremos que uma das motivações para que o Maracanã – assim como também outros estádios espalhados pelo país, como o do “Independência” em Belo Horizonte – fosse erguido, está ligada aos significados adquiridos no esporte nas décadas de 1930 e 1940, os quais se tornaram mais consistentes a partir da década de 1950. Os centros esportivos simbolizavam uma nova etapa do futebol brasileiro, além de atenderem a perspectivas de lazer criadas por uma comunidade que habitava centros urbanos cada vez mais populosos, tais como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

³⁷ “A explicação do desporto no Brasil”. *Revista Brasileira de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 10. 1944. ano I, p. 15-19.

Havia uma demanda para que novos espaços sociais fossem criados e ampliados, tais como os centros esportivos.³⁸

A deposição de Getúlio Vargas em 1945, não culminou com a ruptura das idéias difundidas durante seu governo em relação aos esportes. Ao retornar para o Rio Grande do Sul, durante o período em que Eurico Gaspar Dutra assumiu a presidência, Vargas esboçava estratégias para sua volta, no pleito de 1950. Entretanto, antes de seguir para o sul, o chefe do Estado Novo tentava executar suas últimas “manobras” na esperança de continuar como Presidente, mesmo após as insatisfações geradas em seu governo.

O movimento do “Queremismo”³⁹ constituiu-se como uma derradeira possibilidade de sua permanência como Presidente, embora tal movimento não tenha obtido êxito. Algumas composições do samba (por exemplo) que foram amplamente exploradas como instrumentos de legitimidade do Estado Novo, e de enaltecimento ao então Presidente da República, passaram a criticar o regime político implementado por Getúlio Vargas.

Ataulfo Alves foi um dos compositores que produziu sambas, cuja melodia ironizava o “queremismo”, ao mesmo tempo em que reivindicava as necessidades da população. “Queremos nossa liberdade / Liberdade para pensar e falar / Queremos escola para nossas crianças / E queremos mais casas para o nosso povo... Queremos: leite, carne e pão / E mais casas para o povo ... Queremos / Viver sem opressão / Queremos progresso para nosso país”.⁴⁰

³⁸ A esse respeito ver WOLF, Joel. “Pai dos pobres ou Mãe dos ricos? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, vol. 14, n. 27, 1994. p. 27-60.

³⁹ O movimento do “Queremismo” consistiu em manifestações que tinham como meta a permanência de Getúlio Vargas como Presidente da República. Nesse episódio, Vargas nem apoiou abertamente, tampouco deixou de reconhecer o movimento, adotando uma postura dúbia. Cf. SKIDMORE, Thomaz. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 72-78.

⁴⁰ Estes fragmentos da canção de Alves podem ser encontrados em SEVERINO, Jairo. *Getúlio Vargas e a música popular*. Rio de Janeiro: FGV, 1983. p. 41-42.

As investidas para que houvesse a continuidade de Getúlio Vargas como Presidente da República na segunda metade da década de 1940, não obtiveram sucesso.⁴¹ Entretanto, sua deposição ocorreu de forma relativamente tranquila, na medida em que não se observou clima de maior hostilidade política e/ou pessoal em relação ao Presidente afastado. Segundo Bello,

Depois de algumas horas de dramática expectativa, as tropas de guarnição do Rio, com as armas motorizadas de guerra, ocupavam militarmente a cidade. Sem nenhuma sombra de resistência, o Sr. Getúlio Vargas renunciava ao governo. Pela primeira vez, na crônica das revoluções e golpes de Estado, tão comuns na América Latina, e na história contemporânea de outras nações, um chefe de governo (...) deposto não era exilado, nem sequer tinha cassados os direitos políticos. Assim, pôde ele embarcar em avião, com as garantias oficiais, para sua estância fronteiriça no Rio Grande do Sul.⁴²

Houve muita expectativa em relação ao que poderia acontecer no governo de Eurico Gaspar Dutra. Vivia-se um clima de “abertura democrática”, não obstante as recusas que possamos apresentar acerca desta “abertura”.⁴³ Algumas garantias vieram à tona na constituição de 1946. Dentre as mais importantes, podem ser citadas, a liberdade de imprensa e a possibilidade de relativa melhor organização político-partidária. Desse modo, no período compreendido entre o final do Estado Novo e da implementação da Ditadura Militar em 1964, a população brasileira pôde eleger, pelo voto direto, seus representantes.

Se por um lado, o Presidente empossado após o Estado Novo, não destinava a mesma ênfase para aspectos ligados ao futebol, a discussão sobre a nacionalidade continuava presente. No seu retorno à presidência da República em 1950, Getúlio Vargas em seus discursos e medidas adotadas, expressava esta postura. O símbolo revelador desse processo foi a realização, no Brasil, do mais

⁴¹ Cf. SKIDMORE, Thomaz. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Ver especialmente o capítulo intitulado “Fim do Estado Novo; governo Dutra (1945-1950)”.

⁴² Cf. BELLO, José Maria. *História da República*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1972. 6ª ed. p. 334.

importante campeonato mundial de futebol. Tal torneio ocorreu justamente em 1950.

Conforme mencionado, a participação da seleção brasileira de futebol em 1938 foi bastante positiva, o que lhe credenciou a entrar no grupo dos países mais “temidos” no âmbito futebolístico. Em razão da eclosão da segunda guerra mundial, não houve a disputa da Copa do Mundo em 1942 e em 1946. A copa seguinte seria disputada em 1950.

Nas décadas precedentes, o governo federal manifestou seu interesse pela valorização dos esportes, e, sobretudo, para o futebol, conforme estamos demonstrando. O apoio para que o país sediasse um evento (com a expectativa de que a seleção brasileira o vencesse) das características do campeonato mundial concorreria para a possibilidade de se proporcionar à população momentos de “união nacional” em função dos significados que o futebol havia obtido no Brasil. É certo que a realização da Copa do Mundo no país constituiria um momento privilegiado e oportuno para o sentimento de “amor à pátria”. O cenário político sugeria esta possibilidade.

Antes de se iniciar a Copa do Mundo de futebol realizada na Itália em 1938, reuniram-se, sob a coordenação da FIFA, os países que disponibilizaram sua candidatura a ser a sede da copa seguinte, que aconteceria em 1942. A Confederação Brasileira de Desporto – CBD - apresentou o nome do Brasil como um dos candidatos em sediar o torneio. A Alemanha, entretanto, foi a indicada. Em razão da segunda guerra mundial, o torneio ficou cancelado não apenas para 1942, mas também para 1946. Ao final da guerra, a Alemanha vivia problemas de sua

⁴³ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 126-153

reestruturação, decorrentes da sua participação no conflito internacional, o que qualificou o Brasil como provável país sede para 1950.

Em reunião realizada pela FIFA, em 1946, na qual se apontaria o país que seria o anfitrião do próximo campeonato mundial, o Brasil garantiu sua expectativa lançada em 1938: a Copa do Mundo ocorreria no território brasileiro. A CBD contaria com o apoio do governo federal para que o torneio fosse realizado no país. A partir daí, iniciou-se uma mobilização na capital federal para que fosse erguido o Maracanã. A construção de um centro esportivo simbolizaria o “espírito empreendedor e esportivo” do governo brasileiro, tal como ocorrera na construção do Pacaembu.

A movimentação para que o maior evento futebolístico do mundo obtivesse êxito foi uma das tônicas do governo da capital federal. “Cumprindo sua promessa de fazer um estádio digno do evento, o prefeito do então Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes, autorizou sua construção em lei de 14 de novembro de 1947 e lançou a pedra fundamental do Estádio Municipal do Maracanã em 2 de agosto de 1948 (...) A construção foi feita em tempo recorde”.⁴⁴ O centro esportivo construído no Brasil veio a ser o maior de todo o mundo durante o século XX. A sua surpreendente capacidade prevista para receber cerca de 155 mil torcedores, impressionava a todos.

Centros esportivos de grandes dimensões espalhados pela Europa como o de Wembley, localizado em Londres, por exemplo, não atingiam esta mesma capacidade de receber torcedores. O mesmo raciocínio prevalece se considerarmos os estádios do próprio país, tais como o Pacaembu, e o São Januário (erguido na década de 1920). “É não somente o maior estádio, mas acima

⁴⁴ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *16 de julho de 1950: Brasil X Uruguai – Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986. p. 45.

de tudo o mais belo (...) espécie de panteão para ungir a glória dos heróis nacionais”.⁴⁵

Como evento que reunia países de diferentes partes do mundo, o campeonato de futebol marcava a possibilidade de nações rivais da recém-final de segunda guerra mundial confrontarem-se “dentro de campo”. Protagonizar esse momento impulsionava as expectativas do governo brasileiro em relação aos jogos que seriam realizados em território nacional. Num “mundo dividido” com o início da guerra fria, a organização do Copa do Mundo poderia conferir, simbolicamente, um momento privilegiado de propaganda ao país, que buscava se inserir, de forma mais efetiva, no processo de industrialização. Diante das rivalidades geradas entre países da Europa, a escolha para que o Brasil sediasse o campeonato mundial, prendeu-se ao fato de que o país constituía-se como um “território neutro”.

Além do Maracanã, outros estádios foram construídos nesse período em outras regiões do país. Os jogos não seriam realizados apenas na capital federal, mas também em outras localidades. Era necessário que houvesse demais centros esportivos. Segundo Mazzoni,

[Em 1948] era lançada a pedra fundamental do gigantesco Estádio Municipal, do Distrito Federal, o maior do mundo, digna praça de esportes para servir de local principal para o campeonato mundial de 1950. Intensa batalha foi travada para que esse sonho se tornasse realidade (...) Naquele dia já histórico era dado o primeiro passo reto para tamanha obra. Quase um ano apenas após aquela cerimônia e o estádio estava de pé! O Brasil não faltou a sua promessa de dar ao campeonato mundial um estádio monumental. Em 1948, ainda, foi inaugurado o estádio “majestoso” da Ponte Preta, de Campinas, o maior estádio de cimento armado construído em cidades do interior do Brasil. Também o América de Belo Horizonte inaugurou seu novo estádio com um torneio quadrangular, do qual foi vencedor o próprio América contra o São Paulo, Vasco e Atlético.⁴⁶

⁴⁵ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* p. 46.

⁴⁶ Cf. MAZZONI, Thomaz. *A história do futebol no Brasil – 1894/1950*. São Paulo: Olympicus, 1950. p. 315.

Tal como em períodos anteriores, o futebol representava – na perspectiva do governo federal - uma oportunidade de se propagandear internacionalmente o Brasil. No âmbito esportivo, as atenções dos diferentes continentes estariam voltadas para a Copa do Mundo a ser realizada em 1950. Não se pode perder de vista que para além de um evento futebolístico, o êxito em diferentes práticas esportivas simbolizava uma população fisicamente forte, “necessidade” de países que se pretendiam empreendedores num mundo cada vez mais associado ao modelo capitalista, orientado fundamentalmente pela competição. É certo que não estamos sugerindo que a Copa do Mundo seria o símbolo maior desse processo; cremos, isto sim, que esse evento remeteria a estímulos em relação a essas possibilidades.

O futebol, neste sentido, constituía-se como um dos “aliados” no conjunto de elementos dos quais o governo exploraria para que fosse despertado o interesse internacional em questões que dissessem respeito ao país. A Copa do Mundo foi objeto dessa exploração. A própria Alemanha seria a anfitriã do torneio, caso não se encontrasse em situação política e econômica desfavorável, no momento imediatamente posterior à segunda guerra mundial.

A performance da seleção brasileira de futebol em 1950 deixou a certeza de que um dos componentes mais importantes para o sucesso da realização do campeonato mundial estava garantido, a saber, o grande interesse popular que o futebol havia despertado no Brasil, ao longo do século XX. A partir da interferência do governo federal, no universo esportivo na década de 1930, e, sobretudo após a instalação do Estado Novo em 1937, tal cenário tornou-se ainda mais evidente.

Situações que poderiam refletir esse processo poderiam ser percebidas através da mobilização popular e política para que fossem construídos os estádios

de São Januário em 1927, e o do Pacaembu em 1940. A criação do Conselho Nacional de Desportos – CND – em 1941⁴⁷ impulsionava o movimento de valorização e de emergência de investimentos do governo federal nos esportes, dentre eles a construção de centros esportivos.

O regime do Estado Novo, implantado em 1937, teve seu término em 1945; porém, a compreensão dos esportes pelo governo federal nesse período, bem como o interesse popular pelo futebol em momento posterior, não foram alterados. Construir um estádio com as características do Maracanã, é revelador quanto a esse aspecto.

1400 operários, trabalhando 10 horas por dia, estão apressando a construção do imponente estádio municipal. Hoje, pela manhã, quando lá estivemos em minuciosa visita, surpreendemo-nos com o adiantado das obras que, em apenas cinco meses, tem concluída a sua parte mais importante que compreende as gigantescas fundações (...) O Coronel Herculano Gomes, engenheiro chefe e superintendente da construção do Estádio Municipal, vem se dedicando com grande empenho para que a grande praça de esportes seja inaugurada até o fim do corrente ano. (...) Nestes cinco meses (...) a colossal estrutura já consumiu 12000 metros cúbicos de concreto, 103000 metros quadrados de madeiras para forma de 1400000 quilos de ferro.⁴⁸

Ao ser efetivado como país sede da Copa do Mundo de 1950, a CBD se comprometera com a FIFA em responder às medidas necessárias que seriam tomadas para a realização do torneio. Setores da imprensa estiveram entre aqueles que mais manifestaram o apoio e incentivo para o sucesso da empreitada. Tal como em períodos anteriores, Mário Filho teve papel destacado em relação ao acompanhamento do evento que seria realizado.

⁴⁷ Durante o Estado Novo, o Ministério da Educação e Saúde criou o CND pelo decreto federal nº 3199 de 14-04-41. Os membros nomeados para comporem o Conselho Nacional de Desportos eram indicados diretamente pelo Presidente da República. Um destes nomes foi o do professor João Lyra, Filho, o qual teve influência na compreensão dos esportes do Brasil, tal como mostramos em seus artigos publicados na “Revista Brasileira de Educação Física”, bem como na Revista “Estudos e Conferências”, dentre outros periódicos.

⁴⁸ Jornal A Noite, *Dentro de um mês estará concluído um lance do Estádio Municipal*. 17-01-49.

Como entusiasta do futebol desde a década de 1920, Filho muito se empenhou na divulgação do campeonato mundial. Esta postura foi objeto de discussão para que o Maracanã, posteriormente, tivesse a denominação oficial de Estádio “Mário Filho”, substituindo o “Ângelo Mendes de Moraes”, nome do prefeito da capital federal, por ocasião da inauguração do centro esportivo. Embora o nome oficial fosse este, o estádio foi internacional e popularmente conhecido como Maracanã.

Configurado como elemento simbólico da identidade nacional, o futebol, e, mais ainda, os jogos da Copa do Mundo, envolvendo equipes internacionais, necessitavam de um espaço onde eventos como as partidas futebolísticas tivessem locais apropriados para manifestações de participação popular em relação ao jogo.

Ademais, a construção do estádio (e as vitórias da seleção brasileira nele eventualmente alcançadas) poderia reforçar o sentimento de nacionalidade. A equipe de futebol representada pela seleção nacional, bem como a administração pública convergiam na busca de um projeto de Brasil “vencedor”. Erguer um imponente complexo esportivo responderia a parte dos anseios desse projeto, diante do conjunto de pretensões difundidas. Em virtude da realização da Copa do Mundo, é certo que o maior empreendimento no âmbito esportivo que simbolizaria esse evento, seria a construção do estádio.

Concretizada a idéia de execução do projeto de construção do Maracanã, deveria haver os procedimentos para a organização da Copa do Mundo. Contrariamente ao que se poderia imaginar, o campeonato não contou com o número de países esperados. Argentina, França e Alemanha por exemplo, não compareceram. Da América estiveram presentes Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai,

Bolívia, México e Estados Unidos, enquanto que da Europa participaram Iugoslávia, Suíça, Suécia, Espanha, Itália e Inglaterra.

Com essa louvável antecedência que assegura bom nome às organizações do velho mundo e que ainda não aprendemos, a FIFA já tem pronto o programa para a Copa do Mundo. E o que é melhor, já remeteu-o à Confederação Brasileira de Desportos, entidade que terá de efetivá-lo em meados de 1950. (...) A parte final do certame desenvolver-se-á de 29 a 16 de julho, com jogos à tarde, às quintas-feiras e domingos. Participou ainda a FIFA que os jogos serão disputados nesta capital, em São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre [Curitiba e Recife]. Assim, os maiores centros esportivos do país assistirão aos matches da copa do mundo. O Brasil, por ser o promotor do campeonato e a Itália por ser a [atual] campeã do mundo, não disputarão as eliminatórias, pois são cabeças de chaves.⁴⁹

Concebida, num primeiro momento, como mera competição esportiva, a Copa do Mundo teve seu início em junho de 1950. O torneio foi caracterizado pela mobilização de diferentes segmentos sociais. A eventual conquista desse campeonato concorreria, simbolicamente, para a possibilidade de uma afirmação do país, não apenas como nação, mas fundamentalmente – ao menos em âmbito esportivo – numa nação que sabia e queria vencer. Entretanto, não foi isso que se viu naquele ano. O sonho foi adiado para 1958, quando pela primeira vez a seleção brasileira seria campeã mundial. A conquista, contudo, não foi em território nacional.

No final da década de 1940, o cenário esportivo brasileiro foi bastante movimentado em razão do maior evento futebolístico do mundo acontecer, justamente no país, por ocasião do primeiro campeonato mundial, em momento posterior à segunda guerra. A responsabilidade da organização movimentou a política e a economia da capital federal, além de aguçar o espírito da nacionalidade. 1950 representaria o momento privilegiado para a consolidação da

⁴⁹ Jornal A Noite, *A CBD recebeu o planejamento do campeonato mundial organizado pela FIFA*. 17-05-49.

construção do futebol, como um dos elementos do sentimento de unidade nacional, processo iniciado na década de 1930.

Enquanto centros esportivos foram erguidos em várias partes do país (com destaque para o Pacaembu, em 1940), faltava aquele que seria o “monumento esportivo nacional”, e, sobretudo localizado na capital da República. Mesmo que o estádio da cidade de São Paulo tivesse maiores dimensões e melhor estrutura, era o estádio de São Januário (de menores dimensões) que continuava a ser palco para determinadas celebrações cívicas e de discursos, tal como o foi por ocasião do anúncio das Leis Trabalhistas expressas na CLT – Consolidação das Leis de Trabalho em 1º de maio de 1943.

Diferentemente de São Paulo, o estádio do Vasco da Gama localizava-se na capital federal. Esses espaços não se tornaram privilegiados apenas pelas suas dimensões, mas também por aquilo que significavam. Nesses centros esportivos encontravam-se brancos, negros, ricos, pobres, homens, mulheres, jovens, adultos e idosos, a fim de acompanharem e “vibrarem” com os jogos entre seus clubes. Conforme mencionado, também o Pacaembu foi ocasionalmente utilizado para as mesmas celebrações cívicas e discursos políticos.

Diante disso, justificava-se a construção de um “estádio monumento” na capital federal. O Maracanã viria preencher uma lacuna que nem São Januário, nem Pacaembu, nem outros estádios construídos pelo país como por exemplo o Independência (localizado em Belo Horizonte) poderiam preencher, diante das características peculiares daquele momento. A capital da República, e demais cidades do país onde os jogos seriam realizados, iriam sediar o primeiro e único campeonato mundial de futebol, realizado em território nacional no século XX. O Maracanã foi um dos principais símbolos desse evento.

CAPÍTULO 5

BRASIL: O PAÍS DO FUTEBOL

Em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino. Pelé era o próprio destino. Era o destino que vestia a camisa amarela do escrete brasileiro.¹

A condição da Confederação Brasileira de Desportos organizar a Copa do Mundo de futebol em 1950, foi um fato relevante por si só. Basta considerar que se trata do mais importante acontecimento futebolístico disputado entre os países dos diferentes continentes . Entretanto, esse período em que a Copa do Mundo foi realizada, apresentou componentes que se mostraram reveladores do momento do país em relação a uma discussão que vai além do futebol. Deste modo, o torneio não marca apenas mais um campeonato e/ou a justa metade do século XX, do ponto de vista temporal. A seleção brasileira chegou à disputa da tão esperada final de campeonato, embora não tenha sido a campeã. A derrota foi objeto de uma série de leituras acerca do que é, ou o que seria o atleta e o próprio homem brasileiro.

O jogo derradeiro contra o Uruguai caracterizou-se pela “dramaticidade” em função de toda a movimentação, resultados e peculiaridades dele decorridos. Apesar da derrota, oito anos mais tarde a seleção brasileira experimentaria o “sabor” de ser pela primeira vez campeã do mundo de futebol. No âmbito político e econômico, o país não era o mesmo. A conquista levaria à contraposição de tudo aquilo que havia sido dito em relação ao jogador da seleção nacional, na derrota de 1950. Personalidades como os irmãos Mário (Rodrigues) Filho e o dramaturgo

Nelson Rodrigues entraram em cena numa discussão relacionada às “metáforas” entre o futebol e o cotidiano da sociedade brasileira.

1950 foi um ano de eleições diretas para Presidente da República. Getúlio Vargas ressurgiu como o nome mais importante da política nacional.² Fenômenos dos mais diversos ocorriam, dentre eles o aumento das populações urbanas. Esse foi o ano da recepção das imagens de televisão no país, bem como da expansão dos meios de comunicação de massa.³ Diante disso, o projeto da construção da nacionalidade iniciado em décadas precedentes, ganhou mais fôlego, o que lhe garantiu maior intensidade. O reforço de tal construção, via futebol, foi compreendida como oportuna, dada a qualidade do jogador brasileiro e a imponência dos centros esportivos, em especial, o Maracanã.

Na medida em que os anos avançavam, destinava-se um espaço cada vez maior às notícias relacionadas ao esporte. Esta condição foi sendo gradativamente ampliada, sobretudo durante a realização da Copa do Mundo no país. Além de jornais e revistas que abordavam assuntos relacionados também aos esportes, foram criados vários periódicos, cuja preocupação restringia-se exclusivamente à prática esportiva. De fato, a década de 1950 significou um dos marcos mais importantes na trajetória do futebol brasileiro. Sobre os dias que antecederam a inauguração do Maracanã, houve ampla cobertura.

Os jogadores brasileiros não puderam treinar no novo Estádio Municipal do Maracanã porque o solo está um tanto fofo e os operários não devem ser perturbados no seu intenso labor diário. Para corrigir o defeito da grama, normal em campos ainda não utilizados, será utilizado o concurso das unidades do Exército aquarteladas nas imediações. Os soldados farão seus exercícios ritmados no campo, socando assim o piso.⁴

¹ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 385.

² A eleição de Getúlio Vargas para Presidente da República em 1950 ocorreu em outubro, enquanto que os jogos do campeonato mundial ocorreram nos meses de junho e julho do mesmo ano.

³ Cf. HAMBURGER, Esther. “Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano”. In: SCWARCZ, Lília Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 4. p. 440-487.

⁴ Jornal “OESP”. *Estádio Municipal do Maracanã*, 01-06-50

O centro esportivo a ser inaugurado constituiria um espaço oficial de canalização de sentimentos não apenas esportivos, mas que iam além deles. Observando e constatando tais possibilidades, várias personalidades do universo político não hesitaram em disso tirar alguma vantagem. O primeiro nome indicado para o Estádio foi o do prefeito da capital federal. Sua inauguração foi “sugestivamente” programada para ocorrer no dia 16 de junho, aniversário de gestão do prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

Após entendimentos da Prefeitura com a CBD, o chefe do executivo municipal decidiu hoje, definitivamente, a questão da data da inauguração do Estádio do Maracanã. A solenidade da inauguração será no dia 16 do corrente, quando transcorre o terceiro aniversário da administração do prefeito Ângelo Mendes de Moraes. A cerimônia terá a presença do general Eurico Gaspar Dutra e altas autoridades.⁵

Nesse dia, às 16 horas, o ato se constituirá de um acontecimento singelo. (...) 12 hs. – Solenidade à frente do busto do general Ângelo Mendes de Moraes que se erigiu à entrada principal do Estádio. 13 e 30 hs. - Desfile de alunos e atletas das escolas públicas municipais de Educação Física do Exército, Nacional de Educação Física, Departamento de Esportes da Marinha e do Exército (...) 14 e 30 hs. - Hasteamento da Bandeira Nacional, no mastro interno, segue-se o canto do Hino Nacional e músicas patrióticas pelas escolas do Distrito Federal. Revoada de pombos-correio. Entrega do título de grande benemérito ao prefeito. 15 hs. - Jogo entre as seleções de São Paulo e do Rio.⁶

Criou-se, na capital federal, uma idéia de que contar com um “estádio monumento” para abrigar os jogos da Copa do Mundo, remeteria à execução do projeto nacionalista. Segundo Moura, “Defender o estádio municipal, assim como lutar pelo monopólio estatal do petróleo, era lutar pelos interesses nacionais”.⁷ Embora tenha sido erguido em período posterior ao Estado Novo, a construção do Maracanã respondia a várias das interpretações dadas ao esporte, durante o período mencionado. O próprio Pacaembu pode exemplificar essa questão.

⁵ Jornal “OESP”. *A inauguração do Estádio Municipal*, 02-06-50.

⁶ Jornal “Correio da Manhã”. *O programa da inauguração do Estádio Municipal*, 03-06-50.

⁷ Cf. MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 38.

No início da década de 1950, instalaram-se especialmente nos centros urbanos, um maior número de indústrias, tendo como decorrência, um aumento da população nessas urbes. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram localidades, cujos espaços foram explorados para instalação de fábricas. Esse processo de “modernização” foi mais intenso nas cidades mencionadas, se comparadas com outros locais do país, tal como o foi no limiar do século XX.⁸ A organização da Copa do Mundo, neste sentido, seria também um momento de afirmação e divulgação internacional dessa modernização.

Se a discussão acerca da composição étnica da sociedade brasileira em décadas precedentes, por um lado não resolvia problemas relacionados ao preconceito e a exclusão, por outro tornou clara uma perspectiva de compreensão da miscigenação ocorrido ao longo dos séculos, tal como apontado no início deste trabalho. Manifestações populares como o futebol foram incorporadas por diferentes camadas sociais e étnicas. Deste modo, o esporte simbolizava a fusão destas diferentes camadas, o que também lhe conferia um significado de nacionalidade.

Este debate que se caracterizou por atingir, relativamente, maiores proporções na década de 1930, adquiriu novos contornos na década de 1950 especialmente em relação à unidade nacional. Em âmbito internacional, esse foi um momento de articulação dos ideais das duas grandes potências, após a segunda guerra mundial: Estados Unidos e a extinta União Soviética.

⁸ A este respeito, ver entre outros CHOAY, Françoise. “A história e o método em urbanismo”. In: BRESCIANI, Maria S. (org.). *Imagens da cidade: século XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1993. PECHMAN, Sérgio e FRISTSCH, Lilian. “A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século”. In: *Revista Brasileira de História*, n. 8/9. 1984. p. 139-195. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Essa bipolarização teve interferência na política e na economia de vários países. Foi um período em que a competitividade ditava rumos a serem trilhados. O esporte representava uma dessas perspectivas. Segundo Parada, “a cidade do Rio de Janeiro experimenta, após a segunda guerra mundial, uma certa transformação na sua espacialidade bem como no seu imaginário urbano. Novos espaços surgem alterando a paisagem da cidade de Pereira Passos. A avenida Getúlio Vargas, o Maracanã, a Copacabana hollywoodiana, (...) vão se constituir nos novos locais de socialização da Capital Federal.”⁹

Conforme apontou Sevcenko, a vitória nos confrontos esportivos adquirira significados que aguçavam o sentimento de amor à pátria desde a primeira guerra mundial.¹⁰ Como esporte de maior apelo popular não apenas no Brasil, mas da maioria dos países, a eventual conquista do torneio a ser disputado “premiaria” todos os esforços dispensados em relação à valorização do esporte, simbolizada naquele momento pela construção do estádio na capital federal. A conquista da Copa do Mundo remeteria à idéia de que o país seria forte e vencedor. O futebol se configuraria como uma propaganda bastante positiva do Brasil.

A expectativa da possibilidade de êxito no campeonato se traduzia nos discursos de políticos, nas transmissões radiofônicas, nas matérias apresentadas pelos periódicos, e no “otimismo” popular. O maior estádio esportivo havia sido erguido, justamente para a realização do torneio. Ademais, na última copa disputada em 1938, a seleção brasileira apresentara-se, relativamente, muito bem. Todos os indícios apontavam para a vitória do futebol brasileiro. As celebrações oficiais de inauguração do Maracanã continuavam. “Desejando a administração do

⁹ Cf. PARADA, Maurício B. A. “A fundação do museu de arte moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 50”. In: *Revista Brasileira de História*, n. 27. 1994. p. 113.

estádio e a Confederação Brasileira de Esportes dar maior imponência às solenidades de inauguração (...) cerca de 5 mil pombos deverão voar sobre o estádio naquele dia”.¹¹ Além do “Estadão”, inúmeros periódicos noticiavam a preparação para a Copa do Mundo.

O ambiente esportivo em todo o Brasil já apresenta um aspecto diferente, movimentado, cheio de interesse, até mesmo por parte daqueles que nunca se interessaram pelo esporte mais procurado em todo o mundo. (...) Todos [países europeus envolvidos na Copa do Mundo] podem ser considerados atrações.¹²

(...) No dia 16 serão realizadas apenas solenidades cívicas marcando inauguração oficial, enquanto que no dia 17 será disputado o encontro amistoso, inter-estadual, entre os selecionados de novos da Federação Metropolitana e da Federação Paulista. (...) Espera-se que se verifique uma excepcional concorrência do público, tornando mais imponente a cerimônia inaugural, que, aliás, deverá contar com a presença de S. Excia. O Presidente da República. (...) O Estádio Municipal, a gigantesca obra do prefeito da cidade está em vias de conclusão. Até o exército tem ajudado neste final empolgante. É algo emocionante a evidência do empenho de todos nesta luta contra a exiguidade do tempo. A fé remove montanhas e a vontade inabalável dos homens faz milagres. (...) Dia 16 ficou destinado a inauguração oficial a altas autoridades administrativas e desportivas do país.¹³

A idéia da construção de grandes estádios como símbolos da valorização dos esportes iniciada na década de 1930, encontraria no Maracanã¹⁴ e na realização da Copa do Mundo, o momento, até então, mais representativo desse processo. De fato, o estádio erguido alterou a paisagem do Distrito Federal. Após

¹⁰ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desastinos”. In: *Revista USP*, 1994. n. 22. p. 30-37.

¹¹ Jornal “OESP”. *Inauguração do Estádio Municipal do Rio de Janeiro*, 08-06-50.

¹² Revista “O Cruzeiro”. *Os europeus na Copa no Mundo*, 10-06-50.

¹³ Jornal “A Noite”. *Programa de solenidades será organizado*, 03-06-50.

¹⁴ O Maracanã, nome popularmente conhecido do estádio da capital federal, é uma referência às proximidades do curso de um rio, onde se situa o centro esportivo construído. Sobre a etimologia da palavra Maracanã e as opções para a denominação popular do estádio, ver PEDROSA, Milton. (org.). *Gol de letra*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. Segundo matéria do “Correio da Manhã” de 18-06-50, “Talvez o único episódio lamentável da inauguração do Estádio Municipal, e de todo seu período de construção, tenha sido a insistência de alguns órgãos de imprensa, em denominar a nova praça de esportes de Estádio Municipal do “Derby Club”, quando sua localização às margens de um tradicional rio de nossa capital, lembra um nome que além de mais sugestivo é mais bonito e brasileiro: Maracanã”. Este mesmo periódico publicou matéria em 12-07-50, na qual se narra o “batismo” do Maracanã. Segundo o jornal Correio da manhã, “(...) Coloquemos o estádio do Distrito Federal em condições de igualdade como de S. Paulo. Depois de um Pacaembu só poderemos ter um Maracanã”.

sua inauguração, o Maracanã se tornou um dos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.

A movimentação ocorrida em relação às partidas de futebol a serem realizadas no estádio, refletia as características nele adquiridas, as quais iam além do futebol. Exemplo significativo dessa questão foi a medida do prefeito do Rio de Janeiro (General Ângelo Mendes de Moraes), em determinar que fossem cunhadas medalhas de ouro e prata, cujos lados tiveram a efígie do Presidente da República e a sua própria. O objeto de ouro foi uma referência à inauguração do Maracanã.

Acompanhado do Prefeito Ângelo Mendes de Moraes, dos Ministros de Estado, autoridades e cercado de grande multidão, o Presidente da República cortou a fita simbólica, no hall de entrada do Estádio, dando-o por inaugurado. (...) Disse o general Ângelo Mendes de Moraes que o Estádio Municipal só pudera ser construído devido ao apoio decisivo que obtivera do Presidente Eurico Dutra, razão pela qual, durante a Copa 'Jules Rimet' de 1950, o Brasil apresentava ao povo e aos desportistas em geral a maior praça de esportes do mundo. Agradecia a colaboração de todos os seus auxiliares, do Banco da Prefeitura, do Banco do Brasil, do Exército e Aeronáutica e a todos que auxiliaram durante a construção daquela obra. Em seguida, o Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro D. Jayme Câmara, procedeu à benção do Estádio Municipal.¹⁵

Todas as notícias veiculadas pelos periódicos e transmissões radiofônicas davam conta de que a construção do Maracanã por si só elevaria a seleção brasileira ao título de campeã do mundo. O ambiente seria "o mais favorável" à equipe nacional. Raras vezes na história da capital da República, mobilizaram-se governo e demais setores sociais, em relação a uma competição esportiva.

Oferecendo a obra e explicando sua significação, falou o Prefeito Mendes de Moraes. Depois, o Presidente da República cortou a fita simbólica, sendo a gigantesca praça de esportes entregue ao público. Foi inaugurada também uma placa comemorativa do ato, com as efígies do Presidente e do Prefeito. A casa da moeda já executou três espécies de selos postais que serão lançados por estes dias, em comemoração dos jogos do Campeonato do Mundo.¹⁶

Ontem, cerca de 9 horas, inaugurou-se oficialmente, com a presença do sr. Presidente da República, Ministros de Estado, altas patentes das Forças Armadas, membros do Corpo

¹⁵ Jornal "A Noite". *O Presidente da República inaugura o estádio da Copa do Mundo*, 16-06-50.

¹⁶ Jornal "OESP". *Inauguração do Estádio Municipal do Rio de Janeiro*, 17-06-50.

Diplomático, magistrados, congressistas e autoridades da administração pública, além de desportistas de um modo geral, o Estádio Municipal. (...) O governador da cidade homenageou o General Eurico Dutra, supremo mandatário do país, ofertando-lhe, em comemoração ao acontecimento, uma medalha de ouro. (...) Sucedendo à homenagem, ocorreu a benção do anfiteatro que, assim, veio a pontificar a realidade de um sonho acalentado há muito pelos desportistas cariocas, e principalmente a partir do momento que São Paulo contou com o Pacaembu.¹⁷

Construído em 1940, o Pacaembu foi objeto de infindáveis discussões acerca da sua localização na cidade de São Paulo e não na capital da República. Nesse sentido, uma das justificativas apresentadas pelo governo federal para que o Rio de Janeiro também tivesse um “palco” privilegiado para as disputas, foi o fato de que o Distrito Federal deveria dispor de um estádio ainda mais imponente que a praça de esportes paulistana. Reitere-se que esses estádios foram, em vários momentos, locais para discursos políticos, e mesmo para o anúncio de alguma medida considerada relevante, tomada pelo governo federal, tal como foi levado ao conhecimento público, a implantação do salário mínimo no Estádio do Vasco da Gama.

Além do Pacaembu e do Maracanã, outros estádios foram construídos nesse período, todavia, eles não foram objeto de exaustivas notícias publicadas pela imprensa, se comparados com os centros esportivos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Este foi o caso, por exemplo, do estádio do Independência, localizado em Belo Horizonte. “Estava programada para domingo a inauguração do estádio do Sete de Setembro, com a realização do encontro entre a seleção de novos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entretanto, por motivos de ordem técnica, a inauguração do Estádio Independência foi transferida para o dia 25, quando do 1º jogo da ‘Copa do Mundo’ em Belo Horizonte”.¹⁸

¹⁷ Jornal “Correio da Manhã”. *Inaugurado oficialmente o Estádio Municipal*, 17-06-50.

¹⁸ Jornal “A Noite”. *Transferida a inauguração do Estádio do 7 de Setembro*, 15-06-50.

Num cenário que escapa às questões meramente esportivas, a década de 1950 foi marcada por uma “euforia” nacionalista, motivada especialmente por representantes do governo federal. O cenário de urbanização e de industrialização verificados em alguns centros urbanos, como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, favoreciam essa possibilidade. Assim, tornava-se tentadoramente fácil associar o eventual sucesso futebolístico a outras questões sociais.

Nelson Rodrigues foi um dos cronistas esportivos que mais suscitou discussões em seus comentários, quando escrevia sobre as relações entre o brasileiro e o futebol. Embora alguns apontamentos de seus textos seja feita adiante, acreditamos ser possível, desde já, afirmar que as motivações que levavam Rodrigues a apresentar suas idéias, a partir também daquilo que os diferentes noticiários esportivos publicavam sobre a Copa do Mundo de 1950, assemelham-se a várias questões publicadas pelos periódicos, conforme se verá na parte final deste capítulo. Segundo o jornal “A Noite”,

Está pronto o Estádio para a Copa do Mundo. E o monumento hoje inaugurado, pela manhã, no antigo Derby Club, é o reflexo de quanto pode a capacidade do homem brasileiro. Não se trata de uma simples obra, ou de uma praça de esportes comum, como parece a primeira vista. O Estádio Municipal é um gigante de cimento armado, construído para admiração do mundo e para orgulho do nosso povo. (...) Hoje, o Brasil possui o maior e mais perfeito estádio do mundo, dignificando a capacidade do seu povo e a sua evolução em todos os ramos da atividade humana. (...) Agora, temos um palco de proporções fantásticas para que o mundo inteiro possa se encontrar na admiração de nosso prestígio e de nossa grandeza esportiva. O Estádio Municipal veio, portanto, com a ‘Copa do Mundo’, para assinalar esse encontro de emocionante significação histórica. Deve-se muito, ou quase tudo ao espírito empreendedor, ao dinamismo, à coragem do general Mendes de Moraes, um brasileiro que ama a sua terra acima de todas as coisas. (...)¹⁹

As argumentações apresentadas nas matérias publicadas remetem às expectativas criadas naquele período circunscrito à realização da Copa do Mundo,

¹⁹ Jornal “A Noite”. *Um sonho transformado em realidade*, 16-06-50.

em que pese a orientação político ideológica de alguns periódicos. Este sentimento de nacionalismo seria muito enfocado por Rodrigues, quando afirma que 1958 representaria a “redenção do atleta brasileiro”, uma vez que finalmente a seleção nacional venceria seu primeiro campeonato mundial.

A festa para a eventual conquista de 1950 estava devidamente preparada. Estádios bem estruturados foram construídos para a disputa (dentre eles, o imponente Maracanã), e a proliferação de um otimismo em relação aos jogos, jamais visto até então. O futebol, neste sentido, respondia a uma série de possibilidades, dentre elas a desejável preparação do físico e a perspectiva simbólica de afirmação de um povo através das conquistas nas partidas. Os centros esportivos seriam espaços privilegiados para que se confluíssem populações de diferentes origens sócio econômicas, experimentando a mesma sensação de unidade nacional, através de sua “torcida” ao presenciarem os jogos.

Por outro lado, havia uma oposição em relação a este cenário. Todavia, esta oposição tinha características meramente políticas. Independentemente dessas condições, existiam contraposições à própria construção do estádio da capital federal. Carlos Lacerda, por exemplo, se apresentava como um crítico veemente daquele conjunto de circunstâncias. Em seu jornal “Tribuna da Imprensa”, Lacerda recorrentemente se dirigia ao projeto da construção do Maracanã como algo que estaria a serviço do enaltecimento do general Mendes de Moraes e também de Eurico Gaspar Dutra.²⁰

A inauguração do Estádio Municipal transformada em pantomina de dois atos. O primeiro, hoje, com o sr. Dutra cortando a fita simbólica, qual um Aladim moderno, repetindo o lendário abre-te-sésamo.... E ainda o sr. De Moraes discursando e celebrando-se. Fazendo festejado e importante o dia de mais um aniversário de sua gestão. O segundo ato, marcado para amanhã, com revoadas, desfiles, busto do sr. Moraes, cantorias de futebol de novos.

²⁰ A este respeito, ver MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 17-48.

Ninguém contesta, o acontecimento é de extraordinária repercussão. (...)²¹

Fosse por motivações políticas ou não (afinal os meses de junho e junho foram os da realização da Copa do mundo), as eleições para outubro estavam marcadas. A acusação que se fazia era a de que se explorou em demasia o campeonato mundial em favor de determinadas candidaturas. Vale lembrar que posturas como essas vinham sendo praticadas desde décadas anteriores, não apenas em âmbito nacional como também internacional.

Reitere-se que os próprios regimes do fascismo e do nazismo exploraram, sobremaneira, as atividades esportivas como forma de sua propaganda. Tal fato, como vimos, também ocorreu durante a vigência do Estado Novo no Brasil. Nesta perspectiva, a postura do governo na década de 1950 em relação aos esportes, não se configurou como uma novidade. A questão que deve ser pensada diz respeito ao fato dos riscos que, certamente, poderiam decorrer do reducionismo em se associar, categoricamente, nação e futebol.

Conforme estamos verificando, o ambiente vivido no país, na década de 1950, favorecia uma simplificação quanto à idéia de associação entre vitórias da seleção brasileira e o espírito da nacionalidade. Durante os dias que antecederiam ao início da Copa do Mundo, acreditava-se que o Brasil ia se tornando cada vez mais conhecido internacionalmente. Os jogos seriam realizados, não apenas no Distrito Federal, mas também em outras localidades do território nacional.

Elementos da cultura popular de massa, como o futebol, foram interpretados como importantes canais de manifestação coletiva, especialmente de grandes centros urbanos, o que conferiu ao esporte um símbolo de identidade cada vez mais consistente, à medida que os anos avançavam, e, em especial, na

²¹ Jornal "Tribuna da Imprensa", 17-06-50. Apud. MOURA, Gisella de Araújo. *Op. Cit.* p. 47.

década em que a seleção brasileira sediou o mais importante campeonato de futebol do mundo, vindo a vencê-lo naquele mesmo período.

Não poderia haver um “clima mais empolgante” e favorável quanto aquele, para que veículos da imprensa (esportiva ou não) noticiassem exaustivamente cada passo de fatos inerentes à Copa do Mundo. É certo que periódicos afinados aos propósitos do governo, naquele momento valorizaram em demasia o evento, sob a forma de contribuírem para um otimismo que, afinal de contas, caracterizou-se pelo exagero, como se pode observar nesta matéria do jornal “A Noite”.

(...) O povo brasileiro pode orgulhar-se agora, de possuir a maior praça esportiva do mundo. Uma obra que é produto de muita luta, muitos debates, muito esforço e muito sacrifício. A batalha pelo estádio começou na câmara municipal. Ali nasceu o primeiro capítulo da história, que se concluiu com as glórias de muita gente. (...) Não fosse o general Mendes de Moraes um homem corajoso e crente, o povo de nossa terra não poderia, agora, se orgulhar do seu monumento esportivo. (...) Hoje, o gigante do Maracanã é um mundo diferente para as alegrias do povo brasileiro. (...) Estão portanto de parabéns os esportes de nossa terra, que apresentam para a maior parada futebolística de todos os tempos, um palco que é uma admiração para o mundo e orgulho para os brasileiros.²²

Previsivelmente, o conjunto de atletas da seleção brasileira a disputar a Copa do Mundo foi composto, em sua maioria, por jogadores que atuavam em clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, centros esportivos mais importantes naquele período, no que tange a número de atletas e clubes que disputavam os principais campeonatos do país.²³ Tal como na Copa de 1938, a seleção brasileira passou uma temporada na cidade mineira de Araxá, a fim de se concentrar para a disputa do campeonato. De forma semelhante a 1938, porém em circunstâncias de euforia ainda maior, a presença dos atletas brasileiros no interior mineiro foi

²² Jornal “A Noite”. *Admiração para o mundo e orgulho para o Brasil*, 19-06-50

²³ Os 22 atletas convocados para a disputa da Copa do Mundo de 1950 foram Barbosa, Castilho, Augusto, Nilton Santos, Juvenal, Nena, Bauer, Eli, Danilo, Rui, Bigode, Noronha, Friaça, Alfredo II, Zizinho, Maneca, Baltazar, Adãozinho, Jair, Ademir, Chico e Rodrigues. Aspectos técnicos mais detalhados sobre jogadores, resultados de jogos, composição das seleções internacionais, dentre

bastante movimentada através do acompanhamento de grande multidão na recepção dos jogadores, além de decretação de feriado municipal, na chegada da seleção brasileira à cidade.²⁴

Do período de concentração dos futebolistas à primeira partida da Copa do Mundo, houve uma série de referências ao torneio, como aquele que poderia evidenciar o país como “uma potência”. Confundia-se o eventual poderio do futebol brasileiro com qualquer outra forma deste mesmo poder, cuja interpretação ia além do esporte. Vivia-se um clima de pós guerra, embora o Brasil não tivesse participação direta no conflito internacional.

A eventual boa performance da equipe nacional iria, também – na perspectiva de veículos da imprensa – colocar o futebol brasileiro como o mais bem praticado, o que daria ao país uma maior visibilidade em nível internacional. Antecedendo ao primeiro confronto, as expectativas eram as mais otimistas.

Com o início logo mais do Campeonato do Mundo, no Maracanã, o desporto brasileiro viverá, sem dúvida, o seu dia de maior festa. É o começo de um certame que atraiu para vir a se chegar ao desfecho as mais representativas seleções do globo; é o princípio de um desfile para o qual a atenção do universo inteiro estará voltada; é o próprio país projetando-se no exterior de forma definitiva. (...) O que nos restará é apenas executar a tarefa de torcer pela vitória do Brasil na ‘Coupe’. E ela será possível porque os próprios jogadores nacionais não regatearão energias – estamos prontos – para alcançá-la.²⁵

A mobilização para que tudo ocorresse muito bem norteou os preparativos, ao ponto de se lançar uma campanha para que os torcedores que comparecessem aos jogos fossem “educados”, de forma a contribuírem com a limpeza, não apenas do Estádio, mas também das suas imediações.²⁶

outros, encontram-se em PERDIGÃO, Paulo. *16 de julho de 1950 – Brasil X Uruguai: anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM Ed. 1986.

²⁴ Cf. MOURA, Gisella de Araújo. *Op. Cit.* p. 57.

²⁵ Jornal “Correio da Manhã”. *O gigante que ficou à margem*, 24-06-50.

²⁶ Cf. MOURA, Gisella Araújo. *Op, Cit.*

Em discurso pronunciado momentos antes do primeiro jogo, Jules Rimet (Presidente da FIFA) enaltecia os dirigentes da CBD pelos esforços dispensados para a organização do campeonato mundial. É reveladora, no discurso de Rimet, sua referência à Copa do Mundo, em analogia ao fim da segunda guerra mundial. O “O Estado de S. Paulo” publicou o discurso do Presidente da FIFA a este respeito:

Não é sem nenhuma emoção que declaro aberto o XXVII Congresso da Federação Internacional de Futebol. É que pela primeira vez os debates sobre o futebol mundial se realizam em terra americana do sul, onde tenho a satisfação de ver reunidos os representantes das associações filiadas. (...) Este Congresso marca uma data na história da FIFA. Saúdo os nossos hospedeiros e agradeço à Confederação Brasileira de Esportes a hospitalidade que nos oferece. (...) O progresso mecânico aplicado em meios de transporte já permite, e no futuro permitirá mais ainda, os contatos frequentes entre as associações de continentes afastados. Convém multiplicar os contatos amistosos e visar, assim, por uma maior manifestação de vontade, a realização de uma harmonia mundial que há poucos anos ainda parecia longínqua. (...) O mundo acabara de passar por uma provação na qual muitas ilusões haviam soçobrado. No entanto, a noção de ideal permitia, apesar da guerra, apesar dos homens. (...) Nós compartilhamos desses sentimentos e tínhamos vontade de realizá-los. Desde o congresso de Londres em 1948 que a unidade mundial de futebol, objetivo essencial da FIFA, é um fato consumado. As leis do jogo são respeitadas em todos os gramados do mundo. Os regulamentos da FIFA são unanimemente conhecidos e aplicados. (...) O futebol goza do favor das massas, ao passo que o número dos que o praticam cresce de ano para ano. A taça do mundo tornou-se a mais importante competição internacional. (...) Vossa federação, disto não duvido, sairá fortalecida deste primeiro Congresso no Continente Sul Americano; ela continuará o seu destino sob a égide da bela divisa dos Estados Unidos do Brasil, onde fomos tão francamente acolhidos, dentro do programa e da ordem.²⁷

Dentre as motivações para que a seleção brasileira obtivesse êxito, residiam suposições de que as partidas seriam compreendidas, simbolicamente, como “confrontos bélicos”, em referência ao período pós segunda guerra mundial. “Com vibração patriótica, o popular técnico nacional [Flávio Costa] disse aos seus pupilos: Vocês vão defender o Brasil; é como se fossem para a guerra”.²⁸

²⁷ Jornal “OESP”. *Discurso do sr. Jules Rimet*, 25-06-50.

²⁸ Jornal “A Noite”. *Como se fossem para a guerra*, 23-06-50.

Para o jogo inicial, o estádio do Maracanã abrigou mais de 80 mil torcedores, entre os quais autoridades como Eurico Gaspar Dutra, Ângelo Mendes de Moraes e o Ministro da Guerra, Canrobert Pereira da Costa. Fazendo parte da “torcida” pela seleção brasileira, estas personalidades conferiam uma peculiaridade para a disputa, a saber o da sua oficialidade. “Acreditamos no nosso escrete. Todavia, acreditamos também na nossa torcida que será o décimo segundo jogador em campo, influenciando decisivamente no destino da sensacional batalha”.²⁹

A seleção brasileira mediu forças com a mexicana no jogo de estréia. Para a “euforia” dos presentes ao estádio, os atletas, orientados pelo técnico Flávio Costa, venceram a partida por 4 x 0. A vitória obteve, como era de se esperar, uma repercussão surpreendente, em face da expectativa criada em torno da primeira apresentação da equipe brasileira. Tudo caminhava conforme o planejamento traçado: Maracanã com grande número de torcedores, e uma vitória que convenceu, não deixando dúvidas quanto à competência dos atletas. “A abertura do campeonato Mundial de Futebol atraiu, para o novo estádio municipal do Rio de Janeiro, considerável multidão. Foi, sem dúvida, uma tarde festiva”.³⁰

Vencido o jogo contra os mexicanos, o adversário seguinte seria a seleção da Suíça, no dia 28 de junho. Paralelamente aos jogos da seleção brasileira, outros confrontos movimentavam os demais estádios do país. Uma das atrações do evento foi a equipe da Inglaterra, que seria muito temida pelo fato de ter surgido em tal país, as leis oficiais, que regulam uma partida futebolística. Os ingleses seriam, supostamente, os mais difíceis atletas a serem confrontados, caso houvesse a oportunidade do encontro destes e os brasileiros.

²⁹ Jornal “A Noite”. *A torcida brasileira será o décimo segundo jogador em campo*, 24-06-50.

³⁰ Jornal “OESP”. *Vitoriosa a representação brasileira no seu primeiro encontro no quarto campeonato mundial de futebol*, 25-06-50.

Entretanto, a seleção da Inglaterra não respondia à expectativa positiva criada ao seu redor.³¹ Para além da compreensão de que a Inglaterra seria o “berço” do futebol, residia a idéia de que o futebol inglês remeteria ao espírito coletivo, à racionalidade e ao pragmatismo, algumas das “virtudes” consideradas típicas dos britânicos, o que lhes conferiria a condição de praticarem um futebol produtivo. Neste sentido, essas qualidades dos ingleses (e demais seleções de mesmas características) seriam os obstáculos a serem enfrentados pela seleção brasileira, uma vez que uma das consideradas peculiaridades do futebol brasileiro remetia à sua imprevisibilidade.

Por uma simples questão de hierarquia de valores, o homem tem de vencer a máquina. O que é, em geral, condenado nos brasileiros, considerado defeito – seu apego ao jogo individual – é uma constante da natureza humana, é o homem impondo seus direitos, fazendo valer a força do pensamento. A máquina pode assustar, mas o homem vai até o fim, atravessa várias vezes o campo, joga o corpo, o sangue, a vontade, joga tudo na luta. E vence. O homem na rua, que sente no *football* a presença de algo muito importante, tem a certeza de que, no dilema “o homem ou a máquina”, a vitória será de quem preservou seu poder de improvisação.³²

Deste modo, o campeonato mundial corroboraria mais uma das expectativas de investimento do governo federal em relação ao futebol, a saber o do seu papel de instrumento que se prestava para a idéia da objetividade e do trabalho, idealizada pela construção do “homem novo” durante a vigência do Estado Novo, conforme já apontado. É certo, todavia, que o jogo de futebol seria um elemento apenas simbólico deste processo, porém explorado pelo governo.

³¹ Há, entre os cronistas esportivos, uma unanimidade em se considerar que uma das maiores “zebras” do futebol mundial ao longo de sua história, foi a derrota da Inglaterra para a considerada fraca seleção dos Estados Unidos na Copa de 1950. Cf. entre outros, PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* A expressão “Zebra” remonta ao fato de um resultado considerado inesperado, ocorrer em uma partida de futebol, tal como ocorreu nesse jogo entre Estados Unidos e Inglaterra. Sobre as mais diferentes expressões usadas no universo do futebol, ver FEIJÓ, Luiz César Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

³² Jornal dos Sports. *O homem e a máquina*, 28-06-50.

Em véspera de jogo, os periódicos apresentavam, comparativamente, as mesmas motivações que visavam incutir nos atletas e comissão técnica da seleção brasileira, os ideais simbólicos expressos pelos jornais através da conquista dos jogos, e por extensão do campeonato. Contudo, o empate contra a Suíça em 2 x 2 no segundo jogo realizado, gerou algumas “incertezas” em relação a tamanho otimismo criado.

(...) Mais do que nunca, mais do que nos campeonatos nacionais, os jogadores representantes das cores brasileiras deveriam exibir, nos embates que ora se travam, fibra esportiva, técnica irrepreensível, vontade de vencer. (...) Mas tal foi a indiferença dos nossos jogadores, a displicência com que defenderam nossas cores, seu incrível pouco caso pela assistência, que a seleção suíça, fortalecida apenas pelo seu espírito esportivo, pelo seu senso de responsabilidade, suplantou, em campo adverso, a representação brasileira. Porque, em condições tais, o empate com que terminou a partida representou uma vitória para os helvéticos. (...) Para a mocidade, o futebol representa mais que tudo, mais que o Parlamento, mais que os governos municipais, estaduais e federal. Muitas vezes passam despercebidos a um jovem problemas do mais alto interesse nacional. (...)³³

Esse confronto se deu no estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo. Desde o início do século XX, haviam disputas entre clubes paulistas e cariocas pela hegemonia do futebol brasileiro.³⁴ Tal fato teve como decorrência, críticas da imprensa paulista, em relação à formação da seleção brasileira, justamente pelo fato dela contar com atletas que atuavam, em sua maioria, nos clubes do Rio de Janeiro. O considerado mau resultado da equipe brasileira contra a Suíça, em partida disputada em São Paulo, foi motivo suficiente para que a imprensa paulista criticasse o esporte nacional, tal como mostrou a matéria publicada pelo jornal “O Estado de S. Paulo”.

³³ Jornal “OESP”. *A comprovada incapacidade do técnico brasileiro compromete o prestígio do esporte nacional*, 29-06-50.

³⁴ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

De fato, o inesperado empate contra os suíços colocou em dúvida a qualidade – até então inabalável – da seleção brasileira, independentemente da imprensa paulista. A adversária seguinte seria a seleção da Iugoslávia, equipe considerada melhor que a da Suíça. Para a permanência da seleção brasileira no torneio, tornou-se fundamental a vitória nesse jogo.

Fora de campo, a situação também não era das melhores. O empate em 2 x 2 ocasionou uma reação na torcida que desagradou aos organizadores do evento, na medida em que alguns daqueles que estiveram presentes ao Pacaembu, “vaiaram” e hostilizaram a equipe brasileira, o que poderia comprometer a “propaganda” difundida, de que o torcedor brasileiro seria, antes de qualquer coisa, “civilizado”.

Um largo grupo de exaltados torcedores de football ontem em São Paulo (...) acercou-se da porta de saída do estádio do Pacaembu em atitude agressiva aos jogadores da seleção da CBD. (...) Logo à saída dos primeiros jogadores notou-se grande vibração, chegando alguns torcedores a atirar cascas de laranjas e pedras que visavam de preferência os players do Rio de Janeiro. (...) O caso causou funda impressão pela falta de previsão e descuido das autoridades competentes (...) Reunindo cerca de cem ou mais patriotas, os armadores de arruaça tentaram assim, de forma a mais condenável levar protestos pela má conduta técnica do team brasileiro de uma forma que não só fere as tradições da grande capital paulista como as do país que, nesta oportunidade recebe delegações de treze nações estrangeiras. Foi por consequência uma nota sobremodo desagradável, a concluir uma jornada desfavorável para o football brasileiro.³⁵

Diante das peculiaridades que envolveram esse confronto entre brasileiros e suíços, o resultado serviu de alerta para que a confiança nos atletas nacionais, tão amplamente difundida, teria que ser repensada. Não se podia ganhar o campeonato “de véspera”, ainda que existissem condições supostamente “favoráveis” para tal fato. Em meio às dúvidas, ressurgia uma idéia de que o brasileiro seria desprovido do espírito de competitividade, e demasiadamente

³⁵ Jornal “A Noite”. *Agredidos o técnico e o médico*, 29-06-50.

relapso em momentos decisivos. Esta discussão será retomada posteriormente quando serão discutidas as crônicas escritas por Nelson Rodrigues, em relação ao futebol.

Segundo a imprensa, os atletas não deveriam se abater por não terem alcançado a vitória contra a seleção da Suíça. Apenas a vitória interessava aos jogadores brasileiros, no jogo contra os iugoslavos. Pelo retrospecto, o empate bastava para a equipe européia desclassificar o escrete nacional. Os periódicos convocavam a torcida a comparecer ao estádio, esclarecendo que ela exerceria um importante papel para o sucesso do futebol brasileiro.

A mobilização promovida, especialmente pelos periódicos, conferia ao jogo um caráter que beirava a uma “questão nacional”, pois torcer pelos atletas nacionais, significaria, simbolicamente, defender a nação. Entretanto, essa torcida deveria ser ordeira e disciplinada, diferentemente do que ocorrera no Pacaembu, em jogo anterior. Conforme apontou Hobsbawn, determinados jogos envolvendo seleções de futebol adquiriram, em algumas circunstâncias, uma conotação de afirmação da própria nacionalidade.³⁶

O êxito nesse jogo conferiria à seleção brasileira uma condição de sua confirmação na tão desejada etapa final da Copa do Mundo. Em contrapartida, a eventual derrota marcaria o fim de um sonho e de um projeto deste país que queria ser reconhecido como vencedor. A garantia da presença da seleção brasileira entre os finalistas, seria um prêmio para os esforços dispensados aos organizadores, bem como uma grande alegria aos torcedores. A conquista do campeonato mundial se aproximaria ainda mais.

³⁶ Cf. HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

Esse confronto contra a Iugoslávia adquiriu dimensão tal, ao ponto do prefeito do Distrito Federal cobrar dos atletas brasileiros uma vitória, como se ela fosse uma obrigação, em resposta aos esforços do governo, em incentivar e investir diretamente no futebol. Essa atitude seria posteriormente criticada, na medida em que os jogadores teriam se abalado com a cobrança do general Ângelo Mendes de Moraes, o que contribuiria para que houvesse problemas em jogos futuros, e não exatamente naquele, em que os brasileiros saíram vitoriosos. “Jogadores do Brasil! A batalha do Campeonato do Mundo se compunha de duas partes. A primeira: a construção do estádio, e ele aí está. A segunda: a vitória do Brasil no campeonato. O governo municipal, na parte que lhe competia, cumpriu com o seu dever. Brasileiros, cumpri com o vosso!”.³⁷

Em razão das ocorrências observadas no jogo anterior, quanto ao comportamento “indesejável” de torcedores, houve um reforço do policiamento para a partida contra a seleção da Iugoslávia, visando evitar que tais fatos novamente ocorressem. Ademais, este confronto seria disputado no estádio especialmente construído para a Copa do Mundo.

Uma das expectativas geradas em torno do jogo foi atendida; compareceu ao Maracanã o maior número de torcedores até então numa Copa do Mundo, independentemente daquela de 1950: cerca de 140 mil pessoas pagaram ingresso. “Inegavelmente a ‘Copa do Mundo’ dominou o Rio de Janeiro. Com o empate do Brasil no jogo com a Suíça e a disputa, hoje, da peleja dos nacionais com os iugoslavos, decisiva para as aspirações da nossa seleção, as semifinais da ‘taça Jules Rimet’ ganharam novo interesse”³⁸. A mobilização obteve sucesso. O

³⁷ “Jornal dos Sports. *As palavras do Prefeito*, 02-07-50.

³⁸ Jornal “A Noite”. *Baterá todos os recordes a renda de hoje*, 01-07-50.

Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato às eleições presidenciais naquele ano, também acompanhou esse jogo. A seleção brasileira, em campo, não decepcionou.

Reuniu-se na tarde de ontem no Maracanã, a mais numerosa platéia esportiva até hoje congregada em torno de uma exibição futebolística, a fim de presenciar o prélio que seria decisivo para as aspirações dos brasileiros no Campeonato do Mundo, torcendo, contribuindo para a vitória delineada na primeira fase e amplamente confirmada no período final, por 2 x 0. E este recorde mundial de assistência e a exibição senão magnífica pelos menos entusiastas dos nacionais, constituirão uma das inesquecíveis páginas do nosso futebol. Quem compareceu ao Maracanã não poderá esquecer semelhante espetáculo (...) Poucos minutos faltavam para o início da peleja, quando, anonimamente, tomou lugar nas cadeiras numeradas, justamente naquelas postas ao público, o Brigadeiro Eduardo Gomes. (...) Quase ninguém dentre tantos milhares de espectadores, soube que o Brigadeiro ali fora levar seu incentivo aos jogadores que integravam o nosso selecionado.³⁹

A vitória trouxe de volta o excesso de otimismo, momentaneamente esquecido após o empate contra a seleção da Suíça. Entretanto, após essa vitória, atribuiu-se à torcida uma papel fundamental ao triunfo alcançado. O sentimento nacional teria “entrado em campo”. “O Brasil venceu com autoridade, eliminando os balcânicos e classificando-se para as finais”.⁴⁰ A seleção brasileira deveria cumprir sua “obrigação”, vencendo os jogos que restavam. Para tanto, faltavam apenas três confrontos, para a conquista do título mundial.

As quatro seleções classificadas para as semifinais foram as do Brasil, Espanha, Uruguai e Suécia. Pelo regulamento, os dois principais vencedores desses confrontos se encontrariam no último jogo da Copa do Mundo. Coincidentemente, ficou caracterizado um duelo entre latino-americanos e europeus.

Para os confrontos da semifinal, e eventualmente de uma final, a seleção brasileira não mais se apresentaria no Pacaembu, sob a justificativa de que os

³⁹ Jornal “Correio da Manhã”. *A maior platéia do mundo ovacionou o Brasil*, 02-07-50.

⁴⁰ Jornal “A Noite”. *Vitória do Brasil*, 03-07-50.

paulistas não teriam tido “patriotismo”, ao vaiarem a equipe nacional no tumultuado empate contra a Suíça. Todavia, o argumento oficial da CBD, para que não mais houvesse jogo da seleção brasileira no estádio paulistano, foi o de que o Pacaembu não comportava o número de torcedores que o estádio da capital federal poderia comportar.

Neste sentido, o Pacaembu abrigaria os jogos nos quais o Brasil não figuraria, enquanto o Maracanã seria o palco para o restante dos jogos da equipe brasileira. “Vamos esquecer o comportamento reprovável dos torcedores do Pacaembu ensinando-os o que é brasilidade. O selecionado do Brasil conta com a sua torcida e defraudá-lo seria trair ao próprio sentido de patriotismo”.⁴¹

Desde a primeira edição da Copa do Mundo, realizada em 1930, houve cisão entre clubes paulistas e cariocas, na composição do escrete nacional, acompanhada pela imprensa esportiva dessas duas cidades. Conforme vimos no início deste trabalho, no campeonato mundial do Uruguai, as desavenças eram ainda de maiores proporções. O fato é que, mesmo com características diversas, esses problemas não foram extintos. Ambos se julgavam os melhores do país, quanto à prática do futebol. A condição da seleção brasileira não mais se apresentar no Pacaembu, resultou em críticas do “O Estado de S. Paulo”.

São Paulo, parte integrante do Brasil, não ficou absolutamente diminuído com o grandioso Estádio do Maracanã que, construído em virtude do IV Campeonato Mundial de Futebol, irá, com certeza, prestar inestimáveis serviços ao esporte carioca, uma vez que terá pista de atletismo, piscina, quadra coberta de tênis, etc, etc. E não se pode negar que São Paulo, com o seu belo Estádio do Pacaembu, um dos principais do mundo e o segundo da América do Sul, contribuiu um pouquinho para que tivéssemos mais um grande centro de esportes. O que impressionou esses esportistas de vistas curtas foi a renda recorde do jogo Iugoslávia vs. Brasil. Para eles, pouco representa um Estádio das proporções do Maracanã; o que lhes doi é o fato do Estádio do Pacaembu não se achar em condições de abrigar assistências tão numerosas. (...) Que lhes sirva de consolo saber que na Grã-Bretanha o maior Estádio não é o de Londres e que, nem por isso, os londrinos

⁴¹ Jornal “A Noite”. *Cortando o pano*, 03-07-50.

consideram uma humilhação o ser o Estádio de Wembley de menor capacidade do que o de Hampden Park ou o de Ibrox Park. Além do mais, se o de Maracanã é atualmente colocado em primeiro lugar entre os maiores do mundo, o de São Paulo também ocupa uma posição de realce, visto que talvez não se encontre no mundo mais do que uma dúzia de estádios superiores a ele.⁴²

A decisão tomada pela CBD, de privar o Pacaembu da possibilidade de receber jogos da seleção brasileira naquela Copa do Mundo, provocou o descontentamento da imprensa paulista. Bairrismos à parte, Mário Pollo, então Presidente da CBD⁴³, convocava todas as confederações estaduais num só objetivo, a saber o da união de paulistas, mineiros, gaúchos, enfim, todo o território nacional para que as forças fossem convergidas em favor da equipe brasileira. Segundo Polo, deveriam ser esquecidos os conflitos regionais envolvendo o futebol.

Apesar da capital federal ser a única a sediar os jogos da equipe nacional para as fases finais do torneio, a idéia era a de que toda a população, independentemente de ser ou não do Rio de Janeiro, deveria participar da “torcida nacional”. Todos, na justificativa da direção da CBD e de parte da imprensa esportiva, eram brasileiros. Esta foi a tônica dos discursos, no sentido de amenizar os problemas gerados no episódio da cidade de São Paulo, por ocasião do veto ao Estádio do Pacaembu, pelos motivos já apresentados. “Esqueçamos o lado desaconselhável do movimento paulista para, neste instante em que todos os brasileiros sacodem a sua alma pela pátria, juntar a brava população de São Paulo à população carioca e à de todos os estados em uma torcida imensa, gigantesca, com o nosso território, em favor das cores nacionais”.⁴⁴

⁴² Jornal “OESP”. *Maracanã e Pacaembu*, 08-07-50.

⁴³ Rivadávia Meyer ocupava o cargo de Presidente da CBD nesse campeonato. Em virtude de encontrar-se enfermo durante a Copa do Mundo, seu vice-presidente Mário Pollo, assumiu interinamente o comando da CBD. Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.*

⁴⁴ Jornal dos Sports. *Vamos continuar a torcer no Sábado*, 05-07-50.

Na sequência dos confrontos da Copa do Mundo, a seleção brasileira teria três jogos para realizar, a saber, contra a Suécia, a Espanha e O Uruguai (nesta ordem). A equipe que obtivesse a melhor performance nesses três jogos seria a campeã. Deste modo, nesta etapa do campeonato, haveria o confronto entre si, das quatro seleções classificadas para a fase final. A CBD comemorava não apenas os bons resultados dentro de campo, como também o sucesso da organização da Copa.

O Campeonato mundial de 1950 é uma história que jamais se repetirá pela sua alta significação para a evolução do *football*, não apenas pelo seu aspecto técnico, mas no que se refere à capacidade dos que orientam no caminho da popularidade e da consagração do espírito das massas.⁴⁵

Exageros à parte, em relação à interpretação do significado da Copa do Mundo, promovidos por alguns veículos da imprensa, o que se viu foi o interesse pelos jogos aumentando a cada vez mais. Isto poderia ser expresso, sobretudo através do número de torcedores presentes nos estádios.

Antecedendo ao início dos confrontos que definiriam o vencedor da Copa do Mundo, a comissão técnica buscava maneiras consideradas positivas para que os atletas da seleção brasileira se mantivessem “motivados” para os três jogos restantes. O estádio de São Januário foi o local escolhido para a concentração dos jogadores. A seleção da Suécia, primeira adversária a ser combatida, praticava um futebol do “estilo” inglês, o que poderia dificultar o caminho da equipe nacional. Embora já eliminada no campeonato, a Inglaterra era temida pelas demais seleções, pelo fato do futebol ter aí sido desenvolvido mais rapidamente no século XIX. As regras oficiais, número de jogadores para cada selecionado, por exemplo,

⁴⁵ Jornal “A Noite”. *O campeonato mundial*, 05-07-50.

foram criadas na Inglaterra em 1863.⁴⁶ Havia um clima de muito otimismo para o jogo contra a Suécia.

O Brasil em peso aguarda confiante uma vitória de vocês na tarde de amanhã – estas foram as palavras do Sr. Mário Polo dirigidas aos jogadores nacionais, no momento em que nossa reportagem chegava à concentração de São Januário. No salão nobre do clube cruzmaltino, encontravam-se reunidos todos os scratchmen brasileiros, que, em companhia de Vicente Feola e Flávio Costa, ouviam atentos a alocução proferida pelo presidente da CBD, dizendo entre outras coisas que todos os presentes eram merecedores da sua irrestrita confiança e assim apelava para seus sentimentos patrióticos no sentido de que se empregassem de maneira decidida (...) Deixamos a concentração na certeza de que o selecionado brasileiro proporcionará aos torcedores uma bela exibição na partida desta tarde.⁴⁷

Amanhã finalmente, vai começar a festa final. Apelamos para a torcida carioca no sentido de comparecer em massa ao Estádio do Maracanã, para torcer pela vitória do nosso selecionado, torcer de maneira entusiástica pelos rapazes da CBD, respeitando porém o adversário, para que o campeonato do mundo disputado no Brasil, seja o padrão de estreitamento de laços afetivos entre a mocidade desportiva.⁴⁸

Vários apelos foram feitos, no sentido de que houvesse uma “torcida nacional” em favor da equipe brasileira. A convocação ao público espectador do futebol, vinha acompanhada de “sugestão” para que as pessoas usassem algum tipo de objeto que fizesse referência ao país, como bandeiras e camisetas, por exemplo. O sentimento de unidade nacional poderia ser expresso em momentos de jogos da seleção brasileira. Meses após o final do campeonato mundial, seriam realizadas eleições diretas para Presidente da República. Todos os candidatos discursavam em torno dessa unidade.

Durante a Copa do Mundo, havia um “clima favorável” para que a população se interessasse mais pelos destinos do país - ainda que de forma simbólica, através também, do futebol.⁴⁹ Não por acaso, candidatos das mais

⁴⁶ Cf. MAZZONI, Tomás. *A história do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Olympicus, 1950.

⁴⁷ Jornal “Correio da Manhã”. *Entre os adversários de hoje*, 09-07-50.

⁴⁸ Jornal “A Noite” *Quadros sem problemas*, 08-07-50.

⁴⁹ Um dos autores que mais discutiu esta questão foi Roberto Da Matta. Dentre seus textos, um dos que mais chama a atenção para essa análise é um artigo publicado pela Revista USP. Cf. DA MATTÁ, Roberto. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado do futebol brasileiro”. In:

diferentes denominações partidárias nas eleições de outubro de 1950, exploraram o futebol como forma de sua própria propaganda. O objetivo fora o de obter a simpatia dos adeptos do futebol, visando atrair seus votos para sua candidatura. Guardadas as proporções, essa foi uma prática comum a vários outros políticos circunscritos no século XX. Vários candidatos se utilizaram desta possibilidade, a fim de buscar votos para si.

No jogo contra a Suécia, ocorreu o placar mais dilatado do campeonato mundial: 7 x 1 em favor do Brasil. Não poderia haver resultado mais “empolgante” do que esse.

Aquela multidão que compareceu ao majestoso Maracanã estava disposta a vibrar com a equipe brasileira. Agora que a taça do mundo entra em sua fase final é preciso, mais do que nunca, que aconteça o que aconteceu: milhares de gargantas a gritar palavras de incentivo ao time nacional, e milhares de mãos prontas a aplaudir as jogadas dos nossos craques (...) Nunca tantos deram tanto de si para a vitória dos rapazes que enxergam a camiseta da CBD (...) Não há como contestar o mérito da vitória brasileira.⁵⁰

Após o jogo, a seleção brasileira confirmava seu favoritismo para a conquista do título mundial. Não apenas o placar obtido indicava esta perspectiva, mas também o empate resultante do jogo entre Uruguai e Espanha, condicionava a seleção brasileira como líder isolada da etapa final. Faltavam apenas dois jogos para a tão esperada festa do futebol brasileiro. “Com a sua vitória sobre a Suécia e o empate verificado no encontro entre a Espanha e o Uruguai, o Brasil está sozinho na liderança da fase decisiva do IV Campeonato Mundial de Futebol”.⁵¹

Bastava uma vitória a Espanha (próxima adversária), para que no jogo final contra o Uruguai, a seleção brasileira apenas empatasse a partida para se tornar

Revista USP: Dossiê Futebol. n. 22, jun/jul/ago de 1994. p. 10-17. Segundo o autor, “No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos”.

⁵⁰ Jornal “A Noite”. *Brasil 7 x 1!*, 10-07-50.

campeã, tendo em vista os resultados obtidos pelas seleções da Espanha e a do Uruguai. O jogo entre brasileiros e espanhóis aconteceu numa quinta-feira, dia em que os trabalhadores teriam que cumprir, normalmente, uma jornada diária das suas atividades profissionais. Entretanto, o próprio governo federal determinou que naquela quinta-feira, os trabalhadores fossem dispensados mais cedo, a fim de acompanharem o jogo contra a seleção da Espanha.

O Presidente da República determinou hoje que o expediente das repartições públicas, quinta-feira, dia do jogo entre o Brasil e a Espanha, seja encerrado às 12 horas, como nos sábados. Esse horário será adotado também pelas autarquias. Numerosos sindicatos operários do Distrito Federal, atendendo a solicitações de associações, dirigiram ao Ministro do Trabalho apelos no sentido de conseguir a suspensão do trabalho na quinta-feira, depois das 13 horas, a fim de que os trabalhadores possam assistir ao jogo entre Brasil e Espanha. (...) O Sr. Eduardo Rios Filho, Ministro interino da Educação e Saúde, visitará amanhã à tarde os jogadores do quadro brasileiro que vem disputando o Campeonato Mundial de Futebol. Esta visita constitui um estímulo do Ministério da Educação e Saúde.⁵²

De fato, o confronto que poderia aproximar a seleção brasileira da conquista da Copa do Mundo adquiriu um caráter de “questão nacional”, em que pesem todas as possíveis recusas que poderíamos fazer em relação à deliberação, para que o funcionalismo público fosse dispensado, a fim de participar da “torcida nacional”.

As repartições da Prefeitura funcionarão na próxima quinta-feira, dia 13, das 9 às 12 horas, horário normal dos sábados (...) o funcionamento do comércio e da indústria dependerão dos entendimentos dos respectivos órgãos de classe (...) Compreendendo o interesse da população pelo magnífico espetáculo que lhe será oferecido, as autoridades acabam de tomar uma simpática medida, determinando que se observe, depois de amanhã, o horário de sábado nas repartições públicas federais e municipais, assim como nas autarquias. (...) Há, como se vê, uma verdadeira mobilização, na cidade, para a grandiosa pugna do dia 13, o que constitui um acontecimento sem precedentes nos fatos esportivos, pois, até hoje, a cessação de trabalho em dia não feriado só tem ocorrido quando esta capital recepciona visitantes ilustres, ou em ocasiões excepcionais e por motivo oficial. Mas é justo que tal aconteça, porque em verdade, a população viverá um

⁵¹ Jornal “OESP”. *IV Campeonato Mundial de Futebol*, 12-07-50.

⁵² Jornal “OESP”. *IV Campeonato Mundial de Futebol*, 12-07-50.

dia fora do comum (...) todos os brasileiros estarão voltados para a majestosa praça de esportes onde se disputa a magna competição universal.⁵³

A euforia despertada pelo resultado dos jogos da Copa do Mundo, até então realizados, e, sobretudo contra a Suécia, foram marcantes para que neste penúltimo confronto houvesse tamanha mobilização. Tal como em várias outras situações, os periódicos tiveram papel destacado quanto à movimentação em torno do que se chamou de “torcida nacional”. Invariavelmente, as matérias publicadas davam conta de que a partida contra a Espanha teria uma dimensão que mobilizaria a nação.

Confundindo-se o evento esportivo com um evento oficial, promovido pelo governo federal, a Associação Atlética do Senado Federal – AASF – estimulou a idéia de que todos os torcedores presentes no Maracanã, deveriam cantar o Hino Nacional, antes do início da partida. Essa ação remete à constatação de se explorar os momentos nos quais se conglomeram pessoas de diferentes origens sociais, num evento esportivo que enalteça não um time de futebol simplesmente, mas o próprio país, quanto a seus aspectos que não dizem respeito apenas ao futebol.

Durante o hasteamento da bandeira brasileira, quando a banda oficial tocará o hino nacional – lembra a AASF – deverão os brasileiros cantar sua letra, o que será um grande estímulo para os defensores das tradições esportivas do Brasil. A lembrança deveria ser aceita por todos, valendo pelo grande espetáculo de civismo, que daria mais brilho ao campeonato do Mundo.⁵⁴

(...) Bandeira do Brasil batida pelos ventos; céu do Brasil sem nuvens e límpido; vozes do Brasil, entoando o hino sagrado; corações do Brasil pulsando descompassadamente ao ritmo de uma emoção; homens do Brasil, vivendo os nossos representantes que, no tapete verde trabalharão pela vitória; atletas do Brasil de olhos altos, coração cheio de entusiasmo, músculos rígidos, fazendo das fraquezas força (...) que conduzirá à vitória (...).⁵⁵

⁵³ Jornal “A Noite”. *Sem precedentes nos anais esportivos*, 11-07-50.

⁵⁴ Jornal “A Noite”. *O Hino Nacional*, 11-07-50.

Nesse jogo, a seleção brasileira apresentava um futebol correspondente às expectativas criadas em torno da penúltima partida. Mesmo imaginando que os atletas reuniam todas as condições para vencer a seleção da Espanha, até de forma relativamente fácil, nem o mais otimista dos torcedores poderia supor que nova goleada seria aplicada pela equipe brasileira. Surpreendentemente, os atletas orientados pelo técnico Flávio Costa, marcaram seis gols contra os espanhóis, sofrendo apenas um. Tal como na partida anterior, a torcida saiu do estádio bastante confiante na conquista do título mundial.

Naquele momento, o otimismo gerado em torno da possível conquista da Copa do Mundo foi expressa para além do âmbito esportivo, como se poderia prever. A exploração das vitórias adquiriram contornos fortemente caracterizados pela idéia de que o Brasil seria um país que haveria de “dar certo”. O orgulho nacional foi amplamente difundido, como se a vitória dos atletas brasileiros, fosse a vitória de todos brasileiros: homens, mulheres, ricos, pobres, jovens, adultos, enfim toda a sociedade brasileira.

O Estádio Municipal do Maracanã viveu esta tarde novos momentos de grande emoção, com a realização do jogo entre Brasil e Espanha. (...) Como as atividades normais do comércio, da indústria e das repartições públicas terminaram ao meio dia, aconteceu que perto das 13 horas tornou-se enorme aglomeração diante de todos os portões (...) Teve início a execução do Hino Nacional brasileiro. Duzentas mil pessoas cantaram as palavras patrióticas do nosso Hino, sendo este um momento de grande civismo e emoção. Foi, sem dúvida, um quadro que raramente se pode ver, notando-se milhares de fisionomia, fortemente emocionadas.⁵⁶

Após o placar de 6 X 1 diante dos espanhóis, tinha-se como certa a conquista da Copa do Mundo. O jogo final contra a seleção do Uruguai seria apenas para se corroborar a “superioridade” do futebol brasileiro. A década de

⁵⁵ Jornal “A Noite”. *Quatrocentos mil olhos esperam ver o triunfo indiscutível e consagrador do Brasil*, 13-07-50.

1950 se iniciou com a expectativa de que o país seria inserido num processo de mudanças anunciadas no período pós segunda guerra mundial, através, entre outras coisas, do crescimento de centros urbanos e aumento progressivo de instalação das indústrias. Diante desse conjunto de circunstâncias, a boa performance dos atletas brasileiros no campeonato mundial simbolizava as possibilidades de êxito da nação, e na sua “inserção” ao cenário sócio econômico daquele período.

Ao organizar a Copa do Mundo, visualizava-se – na perspectiva do governo federal - um privilegiado momento para se divulgar o país em âmbito internacional. Retomando uma discussão da década de 1930, imprensa e demais segmentos sociais atribuíam o sucesso da seleção brasileira à composição étnica, pela qual a equipe de futebol nacional se caracterizava. O esporte sintetizava a ótica positiva da miscigenação, na medida em que os atletas (mas também membros da comissão técnica, torcedores, entre outros) eram das mais diferentes origens étnicas.

As duas goleadas aplicadas às seleções européias (Suécia e Espanha), na véspera da tão esperada final da Copa do Mundo, evidenciava a perspectiva de que equipe alguma seria capaz de vencer a seleção brasileira. Essa suposição fazia com que, em diferentes análises, a sociedade brasileira, supostamente, se beneficiasse dessa “superioridade” dos brasileiros. Dentre os autores que apresentavam suas interpretações acerca daquele momento, destaca-se José Lins do Rego. Sobre as sucessivas vitórias da seleção brasileira em 1950, e especificamente em relação à goleada sobre os espanhóis, Rego disse, em matéria publicada pelo “Jornal dos Sports” que “Mais uma vez os rapazes brasileiros

⁵⁶ Jornal “OESP”. *Desenvolvendo ótima atuação, o quadro brasileiro venceu a representação espanhola pela elevada contagem de 6 X 1*, 14-07-50.

saídos das modestas camadas do povo encheram o peito de júbilo de milhões de brasileiros. *Aí está o football dando à nação um contentamento soberbo*.⁵⁷

Uma discussão permanente em toda a trajetória do futebol brasileiro encontra-se na contraposição acerca dos “benefícios” e dos “males” que o esporte poderia proporcionar à sociedade. Invariavelmente, esta discussão voltava à tona, no período que abarca este trabalho. Todavia, especialmente em momentos de realização de Copa do Mundo, o debate adquiria mais notoriedade, tal como foi em 1950.

Muitos interpretavam o universo do futebol como algo que apenas aliena, o que distanciaria a população dos interesses nos destinos do país.⁵⁸ No Jornal “A Noite”, José Lins do Rego afirmou sobre esta questão que “o esporte não afasta o homem de seus deveres para com a sociedade e o seu país, declarou-nos o romancista José Lins do Rego. Pelo contrário, arregimenta o sentimento cívico do povo em torno de uma causa que é a vitória das cores de seu país. (...) Nada mais anticonvencional que o esporte, que é um exercício dos músculos e da inteligência”.⁵⁹

Paralelamente às vitórias da seleção brasileira, os uruguaios se apresentavam como os melhores, dentre os quatro semifinalistas, exceto os brasileiros. A seleção do Uruguai empatara contra a Espanha e vencera a Suécia.

⁵⁷ “Jornal dos Sports”. *Agora, os mais duros*, 15-07-50. Já dissemos que várias personalidades da literatura brasileira mantinham laços estreitos com o futebol. Seguramente José Lins do Rego está entre aqueles que estabeleceu maior proximidade com o universo futebolístico. Foi cronista esportivo do “Jornal dos Sports”, além de ocupar cargo de dirigente esportivo na Confederação Brasileira de Desportos – CBD e no Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro. Segundo Coutinho, “José Lins do Rego, sem dúvida, é a figura de intelectual brasileiro mais exemplar para estabelecer a união de nossa literatura com o futebol”. Cf. COUTINHO, Edilberto. Zelins, “Flamengo até morrer!” In: MURAD, Maurício. (org.) *Futebol: 100 anos de paixão brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, 1994. p. 27-37. Sobre o envolvimento de Rego com o futebol, ver entre outros, ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa – Crônicas de futebol e identidade nacional*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1999. p. 40-98.

⁵⁸ Cf. RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

⁵⁹ Jornal “A Noite”. *Fala o romancista*, 14-07-50.

Esses resultados qualificavam os atletas do vizinho país sul americano, a ser o único a disputar o título contra o Brasil, entretanto, necessitando unicamente da vitória. Aos brasileiros, bastava um simples empate. O retrospecto da semifinal favorecia a equipe nacional. Para além dessas circunstâncias, o campeonato estava sendo realizado em território brasileiro. Não havia razão para temer a derrota diante dos uruguaios.

Desde o início dos campeonatos mundiais iniciados em 1930, jamais a possibilidade da conquista esteve tão próxima. Como esporte mais popular do mundo, não havia dúvidas quanto ao reconhecimento internacional do país através do futebol. O projeto de valorização dos esportes, impulsionado especialmente após a implantação do Estado Novo, encontraria naquele momento o auge da construção do futebol como símbolo dos mais significativos da nacionalidade.

Transmissões radiofônicas, matérias publicadas em periódicos, e discursos políticos davam conta da euforia popular que caracterizou os dias que antecediam ao jogo contra a seleção uruguaia. “O Rio de Janeiro está vivendo do futebol. Só se fala nisso. O Campeonato Mundial absorve todas as atenções. Os hotéis estão abarrotados, os trens, navios e aviões estão chegando peçados de torcedores”.⁶⁰ A população da capital da República, raras vezes assistiu a tamanha agitação em suas ruas. O Maracanã poderia receber o maior público, desde sua inauguração.

Em meio à expectativa criada em torno do jogo final, discussões que legitimavam a idéia de que o esporte deveria ser amplamente explorado como um dos mais importantes elementos presentes no cotidiano da população brasileira, adquiriam contornos cada vez maiores. Políticos, comerciantes, escritores, respondiam a questões formuladas por alguns dos periódicos, afirmando que o

⁶⁰ Jornal “OESP”. *Enorme expectativa pelo jogo Brasil vs. Uruguai*, 16-07-50.

futebol remetia ao sentimento de unidade nacional. Eis algumas das respostas publicadas pelo “A Noite”

O Senador Francisco Galloti, que teve a coragem de sugerir a suspensão dos trabalhos do senado porque os políticos são tão humanos quanto qualquer um e têm todo o direito de comparecer ao jogo a fim de torcerem pelo Brasil, [afirmou] O *football*, (...) se praticado com elevação e até com patriotismo, exerce influência benéfica como elemento de aproximação entre os povos. (...) O Vereador Álvaro Dias acha que todo divertimento dado ao povo só pode ser considerado de ação benéfica. (...) O Brasil está vibrando, o que não deixa de ser uma vibração patriótica, porque, além de tudo, está em jogo a vitória das cores nacionais, disse. (...) O cronista político e candidato a deputado Gilson Amado respondeu à nossa pergunta declarando com convicção: (...) O *football* é um saudável elemento de expansão das melhores energias coletivas, e exercita, no cidadão, qualidades que sempre foram fecundas para os povos, isto é, a capacidade de estimar com generosidade, a identificação com as emoções coletivas (...) o sentimento de disciplina na divergência e na oposição. (...)

Além de personalidades ligadas à política, outras pessoas foram ouvidas. Não obstante as afirmações a seguir serem ditas por representantes de outros segmentos da sociedade, percebe-se uma relativa similaridade em relação às interpretações acerca do futebol, analisadas por aqueles ligados a partidos políticos, independentemente de que espaço social elas se originavam. Acreditamos que tal cenário se deve ao fato da proximidade de uma possível conquista da primeira Copa do Mundo. Segue a citação:

Antônio Olinto, poeta e crítico literário, defende o seguinte ponto de vista: (...) O *football*, com suas emoções levadas ao extremo, é uma necessidade. Dá um sentido à vida de todos, porque lhes proporciona a possibilidade de viver a dolorosa oscilação entre a derrota e a vitória, entre a queda e a glória. (...) A opinião do advogado Hugo Dunschee de Abranches (...) considera o *football* um esporte que diverte o povo e de que o povo gosta. (...) Por exemplo, na Inglaterra, país tradicionalmente conservador, o *football* concentra igual número de fãs que no Brasil. (...) Ouvimos o Sr. Benjamim Machado Gregório, diretor e proprietário de um dos maiores estabelecimentos comerciais desta capital e que nos declarou ser o *football* (...) sem dúvida, importante chave para aberturas de fronteiras e, portanto, aproximação em maior escala entre as nações.⁶¹

⁶¹ Jornal “A Noite”. *O football e as multidões*, 14-07-50.

Observando as respostas dos mais diferentes segmentos sociais como advogados, comerciantes e escritores, todos eles apresentados na citação, pode-se supor o significado pelo qual o futebol, ao longo de sua trajetória adquiria no país, mas em especial por ocasião das vésperas da partida final de 1950, entre atletas brasileiros e uruguaios. Num país amplamente carente de melhorias sociais, o esporte possibilitaria, momentaneamente, situações de catarse e de alegria para um elevado número de torcedores que conviviam com problemas cotidianos. Eles encontravam no futebol, uma das alternativas para o esquecimento de questões que os afligiam nos espaços que iam além dos limites dos estádios.⁶²

A euforia e o otimismo que deveriam estar presentes apenas entre os torcedores, acabou “contaminando” alguns atletas. Muitos deles faziam afirmações “perigosas” em referência à conquista do título mundial. Várias fotografias eram apresentadas nos periódicos, as quais já sugeriam uma seleção brasileira, antecipadamente, campeã.⁶³ Dentre as várias modalidades esportivas, o futebol está entre aquelas em que não se pode prever o resultado dos confrontos, o que lhe confere mais “emoção”. A própria temida seleção da Inglaterra perdera para a frágil seleção dos Estados Unidos, naquele campeonato. Tal como em jogos anteriores – mas de forma muito especial nesse confronto entre as seleções do Brasil e do Uruguai – a “torcida nacional” foi convocada para o acompanhamento do derradeiro confronto da Copa do Mundo de 1950.

Inúmeras mensagens originadas de diferentes localidades do Brasil, chegavam à CBD, em apoio à comissão técnica, bem como aos atletas, para o jogo

⁶² Sobre estas questões e a interpretação do comportamento de torcedores em estádios de futebol, ver TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: ANPOCS, 1996. Embora o autor analise torcidas circunscritas em espaços temporais mais recentes, acreditamos ser possível estender suas análises também para a década de 1950. Ver do mesmo autor, “A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer”. In: COSTA, Márcia Regina da. (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999. p. 146.166.

final. Repetindo o ritual dos confrontos que antecederam este último, Mário Polo, Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, foi pessoalmente na concentração da seleção brasileira expressar a importância que a vitória teria para a própria nação. Os programas radiofônicos e os diferentes periódicos encarregavam-se de transmitir aos torcedores o papel que eles teriam para o esperado triunfo. Segundo o “O Estado de S. Paulo”, e o “A Noite”, respectivamente,

Para demonstrar em cores mais vivas, quão absorvido está o brasileiro pelo futebol, citemos o seguinte caso; embora anunciada a venda de ingressos populares para hoje, às 9 horas, em três pontos da cidade, desde ontem à noite começaram a formar-se filas diante do Teatro Municipal, do teatro Carlos Gomes e do Estádio Municipal. Os policiais procuraram demover os madrugadores desse intento, mas a resposta foi a acomodação de todos sob o frio desta noite de inverno, cobrindo-se com jornais, etc. (...) Bastará ao Brasil o empate, pois tem um ponto de vantagem na tabela. Ninguém fala nisso, todavia. Só se espera a vitória como coroamento de uma campanha brilhantíssima que está despertando admiradores em todo o mundo. Será, sem dúvida, a apoteose do nosso futebol. As duzentas mil pessoas que afluirão amanhã ao Estádio Municipal do Maracanã delirarão.⁶⁴

Tivemos a satisfação de transmitir ao público o apelo formulado pela Associação Atlética do Senado Federal para que os nossos patrícios entoassem o Hino Nacional, quando do hasteamento da nossa bandeira, antes do último jogo. A torcida aceitou o alvitre com o maior entusiasmo.⁶⁵

Ao ser iniciada a partida final, não havia qualquer expectativa de malogro naquele que seria o jogo da consagração do futebol e dos atletas brasileiros. Chegava o momento em que o “esporte nacional” daria uma resposta, dentro de campo, a um investimento proporcionado pelo governo, quanto à política de valorização dos esportes. A associação entre nação e futebol foi fortemente observada nessa disputa contra os uruguaios, uma vez que não somente o público presente ao estádio, mas também aqueles que acompanhavam o jogo para além

⁶³ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *16 de julho de 1950 – Brasil X Uruguai: Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

⁶⁴ Jornal “OESP”. *As seleções uruguaia e brasileira decidem hoje, no estádio municipal do Rio de Janeiro, a posse da “Jules Rimet”*, 16-07-50.

dos limites do Maracanã, se envolveram no jogo de tal forma, como se o confronto fosse, de fato, algo que não dizia respeito apenas ao futebol, mas também ao futuro da nação.⁶⁶

Num processo de expansão dos meios de comunicação de massa, o início da década de 1950 trazia, em seu bojo, especificidades que culminavam com a efetiva possibilidade de exploração dessa “massificação” em direção a um projeto da nacionalidade, pensado por representantes do governo federal. O período em que ocorreu a final da Copa do Mundo também faria parte do conjunto de objetos na construção e/ou reforço deste nacionalismo.

A movimentação política, social e cultural da capital da República vinculava-se aos acontecimentos do esporte e, em especial, ao futebol. O Estádio Municipal do Maracanã se constituiria como um dos “cartões postais” do Rio de Janeiro. O centro esportivo simbolizaria o espírito de empreendimento do governo federal. Ao conquistar a Copa do Mundo, haveria o coroamento do investimento no esporte mais popular, não apenas do Brasil, mas da maioria dos países.

Durante o jogo contra o Uruguai, os torcedores entoavam versos que sugeriam a identificação entre o país e o futebol. Os versos cantados pelo público presente ao Maracanã em 16 de julho diziam o seguinte: “Eu sou brasileiro/Tu és brasileiro/Muita gente boa brasileira é/Vamos torcer com fé/No nosso coração/Vamos torcer para o Brasil ser campeão/1..2..3..4..5..6..7..8..9/Para 12 faltam três/Brasil/Salve, salve/O nosso Estádio Municipal/No Campeonato Mundial/Verde.. Ouro e Anil/Brasil! Brasil! Brasil!”.⁶⁷

⁶⁵ Jornal “A Noite”. *O Hino Nacional*, 15-07-50.

⁶⁶ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* sobre a associação nação e futebol em Copas do Mundo, ver, entre outros, HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e terra, 1991. p. 170-171.

⁶⁷ “Jornal dos Sports”. *O grito de guerra da torcida do Brasil*, 16-07-50.

Como esporte popular de massa, é certo que o futebol atraía a atenção de políticos de diferentes partes do país. Conforme mencionado, julho fora o mês em que os confrontos do campeonato mundial aconteciam, e, ao mesmo tempo, próximo a outubro, mês em que ocorreria a eleição para Presidente da República. Não por acaso, durante os jogos da seleção brasileira, e, sobretudo no jogo final, inúmeros folhetos de propaganda dos candidatos Eduardo Gomes, Cristiano Machado e Getúlio Vargas, foram lançados no Maracanã, justamente pelo alcance popular do esporte.

Durante os noventa minutos da partida final, o “inesperado” aconteceu. Embora bastasse à seleção brasileira apenas um empate contra a seleção uruguaia, a equipe nacional deixou escapar o título mundial ao perder o jogo por 2 x 1.

De nada valeram os sacrifícios feitos pelos brasileiros para levar o nosso quadro de futebol às culminâncias da fama. Depois de jornadas gloriosas que despertaram entre os cinquenta milhões de brasileiros a flama de um patriotismo que tanto nos enaltece, fazendo que dezenas de milhares de pessoas até então estranhas aos campos esportivos dessem atenção e mesmo se iniciassem na apreciação do futebol, depois de tudo isso, veio o lamentável malogro da peleja contra o Uruguai. (...) O Hino Nacional Brasileiro mais uma vez foi cantado, e o espetáculo foi de tal maneira emocionante, que devia despertar nos nossos jogadores um espírito mais decidido para a luta.⁶⁸

A derrota da seleção brasileira frustrou todas as expectativas geradas em torno da final da Copa do Mundo. As observações que seriam, seguramente, bastante positivas em relação aos atletas, adquiriam dimensões opostas. Todos os adjetivos até então dirigidos à equipe nacional, modificaram-se numa rapidez súbita. Aquele jogo seria a síntese do espírito de vitória dos brasileiros, tal como seu inverso, isto é, o “espírito de derrota” pelo qual os jogadores brasileiros seriam

⁶⁸ Jornal “OESP”. *Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia venceu o IV campeonato mundial de futebol*, 18-07-50.

caracterizados. Dentre tantos outros adjetivos - na perspectiva de vários periódicos - faltaram “fibra, força e controle emocional” aos atletas.

(...) Ninguém se mexeu. Apenas as lágrimas caíam. Encerrou-se assim o grande espetáculo que por dias a fio reuniu no Maracanã as atenções e anseio do Brasil. Foi um drama por demais real para terminar sob palmas da platéia. (...) E justamente por lhes ter faltado [aos atletas] fibra. (...) A tristeza embargava os passos, inibia os gestos, calava todas as bocas (...) O fim teria de ser mesmo triste (...) Sobravam aos uruguaios justamente o que nos faltava e que em uma partida decisiva é tudo. Congrega a técnica, ao preparo físico. Alia a boa vontade à sorte: a fibra. Foi isto que não tivemos. Foi esta a causa da derrota (...) A fraqueza e o descontrole se implantaram entre os cebedenses, apáticos e nervosos. (...) Foi falta de fibra.⁶⁹

Uma cena marcante do desfecho dessa Copa do Mundo foi o completo sentimento de ineficiência que se abateu na comissão técnica e jogadores, bem como no público presente ao Estádio Municipal do Maracanã.⁷⁰ O abalo pela derrota atingiu não somente aqueles que acompanhavam a Copa do Mundo mais proximamente, como também os que o acompanhavam à distância. O malogro significou a ruptura da certeza de que o Brasil do início da década de 1950, de fato, seria *o país do futebol*. Atrelado a esta questão, pairaram dúvidas – e de forma exageradamente precipitada - quanto ao espírito vitorioso dos brasileiros.

O universo futebolístico, que também simbolizava a idéia do Brasil empreendedor, através dos sucessivos triunfos alcançados durante a Copa do Mundo, bem como da construção do maior centro futebolístico do século XX, assistia ao malogro dos seus objetivos. “A partida final do Campeonato Mundial de Futebol, ontem realizada (...) no gigantesco estádio do Maracanã, trouxe aos milhões de afeicionados do nosso país uma surpresa decepcionante (...) Em todas

⁶⁹ Jornal “Correio da Manhã”. *Merecida a vitória dos uruguaios*, 18-07-50.

⁷⁰ Dentre tantos trabalhos que descreveram essa final, consideramos o texto de Perdigão um dos mais completos. Nele, o autor narra com minúcias, e de forma técnica, todas as cenas desta final de campeonato mundial. Trata-se de PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* Outro trabalho igualmente importante é o de MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

as fisionomias na massa de torcedores, era sensível a depressão causada pelo desfecho do embate de ontem”.⁷¹

É possível supor que tanto a conquista da Copa do Mundo de 1950 (caso ela ocorresse), como a derrota na partida final, suscitem interpretações as mais variáveis, nas quais poderiam haver convergências e oposições. Tais interpretações não se restringiam apenas aos limites do estádio de futebol, mas também fora dele. Todavia, independentemente das análises que possamos fazer em relação aos significados que o futebol adquiria, uma certeza foi a de que, a prática do futebol, nessa Copa do Mundo, consolidava sua condição de “esporte das multidões”, conforme estamos demonstrando ao longo deste trabalho.

Neste sentido, consideramos reveladoras as palavras de Antônio Vieira de Melo, acerca de suas impressões sobre aquela final. Melo justifica a “tristeza” que se abateu no Maracanã após a derrota para o Uruguai justamente pela mobilização criada em torno da Copa do Mundo. O Jornal “A Noite” reproduziu suas afirmações da seguinte maneira:

Quando o último minuto soou sobre o fatal placar de 2 X 1, ficamos todos de olhos vidrados fitos na cancha, à espera de um milagre. Não podíamos acreditar na realidade. Estávamos envergonhados da facilidade de nosso otimismo. (...) Por que essa paixão geral pelo futebol? O futebol é o esporte das massas. É o esporte socialista por excelência. Ele não cria o herói individual. O herói é o quadro todo. Ele mostra que o rendimento do esforço depende da combinação do conjunto. É o jogo da era plural que vivemos. O espírito de equipe que o caracteriza constitui uma aquisição essencial da organização do trabalho contemporâneo. Eis porque reflete os lineamentos da sociedade atual e corresponde tanto aos apelos primários da consciência moderna. Vivemos a época das grandes cidades, das grandes aglomerações urbanas. O gramado oferece aos fatigados do cimento armado e do asfalto uma fuga (...) Naquele espaço livre, dilata-se o peito do operário emparedado nas oficinas e nos cubículos dos mocambos. A identificação com o labor das equipes em luta nasce da simplicidade das regras do jogo, criando esta coisa extraordinária e misteriosa, que é a consciência de espectador. É uma religião, no sentido etimológico da palavra (...) Eu vi, (...) ontem, domingo, nos olhos dos meus vizinhos, devia estar nos meus próprios olhos, essa idolatria coletiva. (...) Mas estas filosofias não logram desarmar o

⁷¹ Jornal “A Noite”. *Sobre o desfecho da Copa do Mundo*, 17-07-50.

nosso desespero. Por que? Por que? Temos mesmo de recorrer a um calmante, para esquecer.⁷²

Não havia explicações técnicas que pudessem justificar a derrota para a seleção do Uruguai, embora três atletas fossem especialmente responsabilizados pelos gols uruguaios, a saber, o goleiro Barbosa e os defensores Bigode e Juvenal.⁷³ Outras motivações para o placar de 2 X 1 contra a seleção brasileira vieram à tona. Destacam-se entre elas, o suposto excesso de otimismo dos atletas brasileiros, bem como o discurso do prefeito da capital federal, Ângelo Mendes de Moraes, antes da partida, ao afirmar – entre outras coisas - que a equipe nacional poderia ser considerada antecipadamente a campeã.

Se antes do início, mas também durante a Copa do Mundo, ocorreu uma série de situações em que políticos exploravam o momento sob a forma de promoverem sua própria propaganda, não seria justamente na final do campeonato mundial que Ângelo Mendes de Moraes teria uma postura discreta. “O prefeito aumentou-lhes a responsabilidade (...) aumentou o nervosismo (...) O fato é que não podia perder a oportunidade da demagogia... Eram 200 mil presentes, sem falar nos radioouvintes⁷⁴. Segundo Perdigão, esses aspectos serviram como “combustíveis” para estimular a performance dos atletas uruguaios⁷⁵.

Compreendido como uma final que ultrapassava os limites de apenas um jogo de futebol, a vitória do Uruguai significou – nas palavras de Rego – o luto de uma pessoa da família. Deste modo, a perda do título mundial de 1950 seria remetida a um “evento trágico”, que comovia a todos brasileiros. Na saída do Maracanã, percebia-se que o público presente ao jogo não saía de um centro

⁷² Jornal “A Noite”. *Reflexões sobre o futebol: Antônio Vieira de Melo*, 17-07-50.

⁷³ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.*

⁷⁴ Jornal “Correio da Manhã”. *Merecida a vitória dos uruguaios*, 18-07-50.

⁷⁵ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.*

esportivo, mas de um espaço onde uma multidão acabava de assistir a algo dramático. Segundo Rego,

Vai um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal, como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu o coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzida a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações. Não dormi, senti-me alta noite como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era a terrível realidade da derrota⁷⁶.

São reveladoras as palavras de Rego, se imaginarmos que o “luto” que se verificou no país atingiu a diferentes segmentos sociais, tal como a alegria desmedida que vinha acontecendo nas vitórias. A derrota, neste sentido, foi tão emblemática quanto a vitória. Vale lembrar que Rego, além de suas atividades na Literatura, foi também uma personalidade muito próxima das atividades relacionadas ao futebol.

Já assinalamos as supostas motivações apontadas para o malogro da seleção brasileira. Todavia, aquela que se tornou mais intensa foi a de que o atleta brasileiro seria inseguro, fraco e “mascarado”. Segundo “A Noite”, o jogador da equipe nacional fora “atacado por uma doença tropicalíssima, brasileiríssima, denominada ‘mascariofite’⁷⁷. Neste mesmo periódico, há uma matéria bastante inusitada quanto a um suposto diálogo estabelecido entre uma torcedora, que esteve presente ao Maracanã, e o cronista:

O telefone tocou e atendemos. Do outro lado da linha uma voz feminina perguntou: - É o redator esportivo? - Sim, senhora, é um dos redatores esportivos, respondemos. - O senhor não acha que os jogadores que enfrentaram os uruguaios deviam ser enforcados? - Não, senhora, porque, além de não haver pena de morte no Brasil, eles perderam por uma contingência natural do

⁷⁶ “Jornal dos Sports”. *A derrota*, 18-07-50. Esta crônica foi escrita por José Lins do Rego.

⁷⁷ Jornal “A Noite”. *Cortando o pano*, 17-07-50.

futebol. – O senhor chama de contingência aquela apatia, aquela falta de espírito de luta e de sangue dos falsos brasileiros que não souberam defender o Brasil? – Perfeitamente. Não acreditamos que eles não tivessem vontade de vencer quanto mais não fosse, pelas vantagens advindas da conquista do título de campeões mundiais. – Já percebi que o senhor é amigo da onça, pois não concorda com meu ponto de vista, que é o ponto de vista de quantos estiveram no Estádio Municipal. Mesmo assim faço um último apelo sugerindo que os onze do Maracanã sejam eliminados do futebol como castigo pela sua displicência. – Muito bem, senhorita. Mas acontece que eu sou brasileiro, antes de mais nada, e o Brasil não será riscado do mapa porque perdemos uma partida de futebol.⁷⁸

Um aspecto que chamou particularmente a atenção, foi o fato de que, se por um lado havia uma expectativa em torno da performance da seleção nacional, por outro, havia grupos políticos opositoristas ao governo federal que se aproveitaram daquele momento de insucesso do futebol brasileiro. No instante em que o esporte não mais se prestaria (ao menos momentaneamente), ao projeto do nacionalismo difundido pelo poder público, algumas personalidades contrárias às dimensões atribuídas ao futebol, vieram manifestar suas contraposições ao que se criou em torno da Copa do Mundo. Carlos Lacerda foi um dos críticos mais veementes dos “excessos” observados em relação à associação nação e futebol.⁷⁹

Tal como o jornal “A Noite”, outros periódicos anunciavam que receberiam cartas de anônimos, a fim de se buscar compreender as razões do “inesperado”. Nessas correspondências, não se encontram justificativas relacionadas ao fato de que o jogo de futebol se caracteriza pela imprevisibilidade dos resultados, e, deste modo, qualquer placar seria possível de ocorrer. Porém, a reação imediata foi a de responsabilizar supostos “culpados” para a derrota.

A condição da eventual conquista do futebol nacional simbolizar o “Brasil vencedor” estava abalada em razão da derrota para o Uruguai. Neste sentido, a Copa do Mundo deveria ser esquecida a fim de que o sentimento da nacionalidade

⁷⁸ Jornal “A Noite”. *Cortando o pano*, 18-07-50.

⁷⁹ Cf. MOURA, Gisella de Araújo. *Op. Cit.* p. 123.

não sofresse também abalos. Responsabilizar determinados atletas individualmente seria uma estratégia, a fim de que não se transportasse para o país a eventual falta de “fibra” demonstrada – segundo o raciocínio de cronistas esportivos - por alguns atletas na partida final.

Na penúltima batalha pela conquista do IV Campeonato Mundial de futebol, o Brasil brilhou a valer. Realizou mesmo uma grande façanha: abateu a perigosa equipe da Espanha por seis tentos a um. Ganhou de maneira insofismável. (...) Domingo, 16 de julho de 1950, frente aos uruguaios, ficou provado que classe e técnica nada significam quando o time falta raça, sangue, personalidade. Nossos jogadores não conquistaram a taça Jules Rimet porque não tiveram fibra. Venceu o Uruguai e bem mereceu a vitória. Viva o Brasil, de qualquer maneira. Somos mesmo fabulosos!⁸⁰

O desfecho da Copa do Mundo deveria ser esquecido pelos brasileiros. O futebol não poderia simbolizar, naquele momento, o “Brasil vencedor”. A prática futebolística foi compreendida meramente como uma atividade esportiva, e, desta forma, não seria algo que pudesse ir além disso. É certo que esta compreensão se deu justamente pelo fato da seleção brasileira não ter conquistado a Copa do Mundo. Todavia, a organização do campeonato conferida à CBD, teria demonstrado aos demais países, o sucesso da realização do principal evento futebolístico do mundo, em estádios nacionais.

Não obstante, a grande decepção após o jogo final, a torcida e os atletas brasileiros teriam reconhecido a vitória uruguaia. Não houve qualquer tipo de violência ou repugnância à conquista da Copa do Mundo pelo vizinho país latino-americano. Isto teria sido uma atitude de “civildade” dos brasileiros. “No setor de esporte é muito bonito, e até elogiável, o saber perder-se para o estrangeiro; quando, todavia, o esporte, por falta de compreensão de nossa parte, é envolvido

⁸⁰ Revista “O Cruzeiro”. *A última vitória dos brasileiros*, 29-07-50.

com o patriotismo”⁸¹. Em consideração e resposta ao comportamento dos torcedores presentes ao estádio municipal no jogo final, o governo do Uruguai decretou que uma das principais avenidas de Montevideu se denominaria “Maracanã”.

Na tentativa de se procurar absorver “lições positivas” da derrota, várias matérias publicadas nos periódicos afirmavam que o excesso de otimismo teria sido um dos principais problemas para que ocorresse a derrota da seleção brasileira. Segundo Nasser, “Da estúpida tarde do Maracanã nascerá o futebol brasileiro sem máscara”.⁸² Diante do excesso de otimismo, a seleção uruguaia teria disto se beneficiado, na medida em que entrou em campo sem maiores responsabilidades em vencer o jogo. Isto serviria como motivação para os atletas uruguaios.⁸³

O conjunto de jogadores que faziam parte da seleção nacional, demonstrou no campeonato mundial de 1950, que o futebol brasileiro se caracterizava por ser praticado de forma peculiar, tal como vinha sendo observado em décadas anteriores. Diferentemente do futebol europeu, o jogador brasileiro se destacava pela sua habilidade com a bola nos pés, através da “ginga” e da “imprevisibilidade” nas jogadas. O próprio Leônidas da Silva – o “Diamante Negro” – inventara a

⁸¹ Jornal “A Noite”. *Cortando o pano*, 21-07-50.

⁸² Revista “O Cruzeiro”. *A derrota da máscara*, 29-07-50. David Nasser foi um dos cronistas da revista citada.

⁸³ Um aspecto que marcou a final da Copa do Mundo, foi a atitude da comissão técnica da seleção uruguaia em distribuir aos seus atletas noticiários publicados nos jornais do país, os quais afirmavam a condição da seleção brasileira ser, antecipadamente, a campeã mundial. O objetivo foi o de que a seleção uruguaia entrasse em campo, visando desfigurar uma vitória previamente anunciada. Isto teria motivado sobremaneira os atletas uruguaios. Segundo Perdigão, “A inversão da ordem do rito, a proclamação da vitória antes da batalha, a posse de um título ao qual ainda não se tinha nenhum direito, isso era também uma falha de etiqueta: os uruguaios, hóspedes do Brasil, viram-se menosprezados pelo anfitrião. No caso, a empáfia da maioria encerrava certo desrespeito, que acabou sendo vingado implacavelmente”. Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* p. 68. No texto de Perdigão, encontra-se um exaustivo número de fotografias referentes à partida final contra o Uruguai. Ao serem observadas, é possível verificar a profunda tristeza que se abateu em jogadores, comissão técnica e torcedores que participaram daquele jogo.

“bicicleta” na década de 1930, e fora objeto de análises de Gilberto Freyre e Mário Filho.

Na composição da seleção brasileira, havia atletas de diversas origens étnicas. Embora se discutisse a eventual “falta de fibra” dos jogadores brasileiros, não encontramos referências em nenhum periódico, a aspectos que dissessem respeito à idéia de que negros e/ou brancos fossem responsáveis pela derrota em função da cor da pele.⁸⁴ Contudo, a idéia predominante para o malogro da seleção brasileira foi o excesso de otimismo, cujos elementos motivadores partiam da imprensa, dos torcedores e de representantes do governo federal.

Uma das questões que presidiu aquele momento em que se constatou que a seleção brasileira não seria a vencedora da Copa do Mundo, foi a idéia de que a capacidade de realização do trabalhador brasileiro ao erguer grandes centros esportivos espalhados pelo país na década de 1940, estaria simbolicamente “comprometida” a partir do insucesso dos atletas em campo. O período de construção dos estádios respondia a uma das propostas da política implementada em momento anterior à realização da Copa do Mundo de 1950, a saber o da construção do “homem novo”, trabalhador e patriótico.⁸⁵

Ao ser erguido, o Estádio Municipal do Maracanã modificou a paisagem urbana da capital federal. Mais do que um “cartão-postal”, este centro esportivo foi

⁸⁴ É possível encontrar, em alguns textos, a idéia de que alguns dos atletas responsabilizados pela derrota, assim teriam sido entendidos pelo fato de serem negros. É o caso dos jogadores Barbosa, Juvenal e Bigode. Discutiu-se a possibilidade de que na Copa de 1950, teria havido um recrudescimento do “racismo” a partir da performance da seleção brasileira em 1950. A este respeito, ver, entre outros, FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. PERIGÃO, Paulo. *Op. Cit.* DA MATTA, Roberto. (org.) *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Rio de Janeiro: UFRJ/Dissertação de Mestrado, 1977. Em relação à legislação sobre discriminação racial no Brasil, na década de 1950 e suas contradições, ver, entre outros, SHWARCZ, Lilia Moritz. “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade”. In: SHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. vol. 4. p. 209-224.

⁸⁵ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.) *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

palco de experiências as mais diversas possíveis. Experiências que foram além do universo esportivo. Nesse espaço em que a seleção brasileira apresentava seu reconhecido bom futebol, políticos nele compareciam, a fim de obter a simpatia popular. Em meio aos torcedores presentes aos jogos, estavam negros, brancos, ricos, pobres, homens e mulheres. Não foi apenas o Maracanã que foi construído para abrigar confrontos dos países participantes da IV Copa do Mundo de futebol. Em Belo Horizonte, por exemplo, foi construído o estádio “Independência”.

No campeonato mundial seguinte, a ser disputado em 1954, a seleção brasileira teve uma participação apenas de coadjuvante, o que lhe rendeu uma discreta classificação na tabela final. Realizada na Suíça, a equipe que viajou à Europa sequer chegou à fase semifinal, sendo eliminada “precocemente” pela seleção da Hungria. Essa Copa do Mundo é lembrada como uma daquelas a “não ser lembrada”⁸⁶, dada a ineficiência apresentada pelos atletas brasileiros. O sentimento da perda da Copa do mundo de 1950 ainda permanecia presente entre jogadores e torcedores.

Como país que sediara a última Copa do Mundo, a seleção brasileira foi automaticamente classificada para o campeonato de 1954, não sendo necessário submeter-se à fase de “eliminatórias”.⁸⁷ A composição da seleção brasileira foi bastante modificada, se comparada com a seleção de 1950. Bauer e Baltazar foram os únicos atletas da equipe de 1950 a participar do campeonato mundial, realizado na Suíça.

Tal como em 1950, havia “excessos”, especialmente por parte da imprensa quanto à associação entre futebol e nação. Durante o torneio, a seleção brasileira

⁸⁶ Cf. entre outros, NOGUEIRA, Armando; MUYLAERT, Roberto; SOARES, Jô. *A copa que ninguém viu*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. TOUGUINHÓ, Oldemário & VERAS, Marcus. *As copas que eu vi*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

foi eliminada pelos húngaros, rompendo com qualquer expectativa de conquista do título. “Somadas as decepções de 1950 e 1954, recolhidos os destroços dessas derrotas esportivas, erradamente transformadas em tragédia nacional, não souberam os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos procurar soluções racionais e que só poderiam ser encontradas à base do bom senso e do equilíbrio”.⁸⁸

Na Copa do Mundo de 1958, a seleção brasileira alcançou o título mundial. Pela primeira vez, os atletas conseguiram em campo, traduzir o otimismo gerado em torno do esporte. Essa primeira conquista do futebol brasileiro em âmbito mundial se deu na Suécia. A segunda metade da década de 1950 foi marcada pela eleição de Juscelino Kubitschek como Presidente da República. Este período foi caracterizado por uma perspectiva do “desenvolvimentismo”, motivada pela euforia do crescimento econômico e do reforço do nacionalismo, embora esse tenha sido sustentado especialmente por forças oposicionistas ao governo de Juscelino Kubitschek.⁸⁹ Nessas perspectivas, contudo, a conquista da Copa do Mundo fora compreendida como um dos elementos que simbolizaria tanto o desenvolvimentismo quanto o nacionalismo.

Segundo argumentações das matérias publicadas nos periódicos, em 1958 havia uma maior disponibilidade de atletas caracterizados por uma melhor “habilidade” em relação a períodos anteriores. Para a disputa daquele ano, a seleção brasileira poderia contar com jogadores como Bellini, Garrincha, Pelé, Canhoteiro, Julinho, Joel, Nilton Santos, Didi, dentre outros. A “falta de garra e de fibra” que teriam sido demonstradas no campeonato mundial de 1950 e no de

⁸⁷ Cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002. p. 73-85

⁸⁸ Revista “O Cruzeiro”. *Só Deus salvará o futebol sem rumo*, 10-08-57.

1954, não poderiam estar presentes nesse torneio. Vicente Feola, técnico da seleção brasileira em 1958, havia participado da seleção de 1950 ao lado do então técnico Flávio Costa. Esse passado recente qualificaria Feola a não cometer os “mesmos erros” observados na Copa do Mundo disputada no Brasil.

(...) Vicente Feola foi quem trabalhou com Flávio Costa, naquela memorável tragédia de 16 de julho de 1950. Taça do Mundo disputada em nossa casa, e, traiçoeiramente levada por outra seleção visitante. Após esse desenlace, coube-lhe a incumbência de preparar um relatório sobre o último jogo. Nada até hoje foi revelado, e somente agora com essa feliz oportunidade que teve, Vicente Feola pôde recordar um pouco o relatório que devia estar nas poeiras das prateleiras da CBD e que agora foi publicado nesta capital (...) Teceu considerações oportunas sobre a participação de cada jogador, afirmando que não houve execução de trabalho por parte de atletas litigantes, fazendo ressalvas quanto a Augusto, e também a Bauer e Zizinho. Falou sobre o otimismo que reinava entre os componentes do quadro, incentivados pela torcida. Houve erros que na época não vieram à tona, mas que somente agora resolveu trazer à publicidade, traçando naturalmente um paralelo ao seu atual trabalho (...) Assim pensa o treinador bandeirante, que tem tudo para vencer, principalmente aquilo que chamamos de força moral, e pulso firme para lidar com seus comandados.⁹⁰

As “acusações” dirigidas aos atletas brasileiros em 1950 deveriam ser superadas. A suposta “covardia e passividade” como males que dificultaram o sucesso da equipe nacional em 16 de julho de 1950, não deveriam estar presentes no comportamento da seleção que viajou à Suécia. Segundo Rodrigues, “Desde [19]50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar”.⁸⁹ No grupo em que a seleção brasileira disputaria sua classificação para as fases seguintes da Copa do Mundo de 1958, estavam as seleções da Áustria, Inglaterra e da então “temida” União Soviética.

⁸⁹ A este respeito, ver, entre outros, D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O segundo governo Vargas: 1951-1954: Democracia, partidos e crise política*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1982. p. 165-172.

⁹⁰ Jornal “OESP”. *Feola e o 16 de julho*, 17-05-58.

O primeiro confronto dos atletas brasileiros se deu contra os austríacos. O clima de euforia e de expectativa em torno do jogo foi amplamente divulgado pelos periódicos. O próprio Presidente da República manifestou suas esperanças em relação ao campeonato mundial. A seleção brasileira venceu o jogo por 3 X 0. “O Presidente Juscelino Kubitschek disse ter ficado muito satisfeito com o resultado do encontro entre o Brasil e a Áustria. Solicitado por diversos jornalistas a dar um palpite sobre o encontro de amanhã, em que nosso selecionado enfrentará o da Inglaterra, o Presidente prognosticou: Brasil – 2 a 0”.⁹²

O interesse de políticos nos rumos do futebol não remetia a uma novidade. Conforme estamos observando, tal prática foi inaugurada no início do século XX. À medida em que o esporte gradativamente se tornava mais popular, esse interesse também adquiria maiores proporções. Ademais, o fenômeno do populismo sugeria que políticos das mais diferentes denominações partidárias se envolvessem no futebol, justamente pelo significado a ele atribuído ao longo dos anos.

No segundo jogo disputado contra a seleção inglesa, houve um empate em 0 X 0, razão pela qual, o confronto seguinte entre brasileiros e russos passaria a obter características de uma “decisão”, uma vez que somente a vitória interessava às duas seleções. Luiz Carlos Prestes, personalidade marcante do Comunismo, manifestou suas impressões sobre esse confronto, enviando telegrama à comissão técnica da seleção brasileira. O “O Estado de S. Paulo” assim reproduziu suas palavras: “Certo de que o importante jogo de domingo na Suécia contribuirá para estreitar os laços de amizade entre o povo brasileiro e soviético, envio aos valorosos membros da seleção brasileira meus votos de êxito”.⁹³

⁹¹ Cf. RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Seleção e notas de Ruy Castro. p. 51.

⁹² Jornal “OESP”. *Juscelino satisfeito*, 11-06-58.

⁹³ Jornal “OESP”. *Telegrama de Prestes à seleção do Brasil*, 15-06-58.

No final da década de 1950, havia o acirramento na disputa político ideológica entre o Capitalismo e o Socialismo. Para os russos, o sucesso nos esportes se prestaria a ser um dos instrumentos que poderia simbolizar, eventualmente, o sucesso do socialismo.⁹⁴ Nesse sentido, tanto a Copa do Mundo quanto a disputa das Olimpíadas obtiveram *status* na extinta União soviética, de poderio ideológico do socialismo.

A vitória sobre os russos pelo placar de 2 X 0 foi recebida com muito entusiasmo. “Até então ninguém acreditava na vitória final do Brasil. A Rússia era a grande favorita. Tinha acabado de lançar o Sputnik. Até onde chegaria a ciência russa? O futebol transformara-se, na Rússia, em matéria de laboratório”⁹⁵. Entre outros aspectos, a seleção brasileira vencera uma das grandes potências mundiais do período chamado de “Guerra Fria”. Se na Copa do Mundo de 1950, a Inglaterra fora compreendida como um país difícil de ser combatido pelo seu poderio no futebol, em 1958, a seleção da União Soviética foi igualmente temida. Dentre os muitos cumprimentos vindos do Brasil pela vitória conquistada contra os russos, um deles fora feito por Juscelino Kubitschek.

Foi lido na concentração dos brasileiros, com grande satisfação, o telegrama enviado pelo Presidente da República, felicitando os jogadores pela vitória alcançada sobre os russos. Diz o telegrama: “Congratulo-me valorosos atletas patrícios pelo triunfo, que tem elevado o nome esportivo do Brasil, demonstrando expressivamente todo o seu aprimoramento técnico, ardor e disciplina. Envio a todos cordiais cumprimentos”.⁹⁶

O bom resultado obtido dos atletas nacionais contra os russos gerou muito otimismo na comissão técnica da seleção brasileira, para seguir adiante no campeonato mundial de 1958. “Que laboratório poderia produzir um Didi, um

⁹⁴ Cf. ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat Ed. do Brasil, 1979. p. 119-142.

⁹⁵ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 379.

Garrincha, um Pelé? Ou um Nilton Santos, um Zito, um Zagalo?⁹⁷ Entretanto, vários cronistas esportivos alertavam para o fato de que não deveria haver um clima de “já ganhou” dali para frente. Não se podia cometer os “mesmos erros” verificados em 1950, embora já houvesse uma agitação entre os torcedores com a possibilidade da conquista.

A seleção do País de Gales seria o adversário da fase de quartas de final. Nesse jogo, a seleção brasileira venceu por 2 X 1. A cada jogo realizado, nova euforia vinha à tona. A seleção da França se classificou para jogar a partida semifinal contra a seleção nacional. Caso vencessem os franceses, os brasileiros disputariam sua segunda final de Copa do Mundo, desde o início das suas edições, em 1930. O sentimento do torcedor brasileiro confundia-se com as esperanças e com um otimismo da população em relação à expansão da indústria nacional e a possibilidade de maior oferta de bens de consumo. Naquele final da década de 1950, o país vivia um clima de efervescência cultural, em que a música, o teatro e o cinema atraíam públicos cada vez maiores.⁹⁸

Os brasileiros venceram os franceses pelo dilatado placar de 5 X 2. A empolgação e o excesso de otimismo deveriam ser contidos. O recente passado da final de Copa do Mundo contra os uruguaios ainda permanecia vivo nos corações e mentes daqueles que acompanharam o malogro no estádio do Maracanã. Coincidentemente, a seleção brasileira iria disputar a final justamente contra a Suécia, país que organizara a Copa do Mundo de 1958. Para enfrentar os “donos

⁹⁶ Jornal “OESP”. *O telegrama do Presidente da República*, 18-06-58.

⁹⁷ Cf. FILHO, Mário. *Op. Cit.*

⁹⁸ Cf. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1997. Sobre a relação entre cinema e futebol, ver os textos de Ugo Giorgetti e Maurício Murad, denominados, respectivamente, “Arte e futebol”, e “Futebol e cinema no Brasil – 1908/1998”. Estes trabalhos encontram-se em COSTA, Márcia Regina da. (org.) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999. p. 15-38.

da casa”, era necessário ter “fibra”, qualidade atribuída apenas aos uruguaios quando conquistaram em território nacional, o título mundial de 1950.

Aquele seria o momento privilegiado para os atletas brasileiros readquirirem toda confiança e esperança depositada no futebol brasileiro em 1950. Conforme observamos, esta confiança seria simbolicamente transportada para o conjunto da sociedade brasileira. Como esporte popular de massa, o futebol obtinha uma capacidade de envolver boa parte da população nos jogos da seleção brasileira, o que causaria uma “comoção nacional”⁹⁹, caso viesse conquistar a Copa do Mundo.

Ademais, o adversário da tão esperada final de Copa do mundo, não fora apenas o país a sediar o torneio, mas também aquele que localizava-se na Europa, o continente dos “países desenvolvidos”. A vitória alcançada pelos atletas brasileiros pelo placar de 5 X 2 não deixara qualquer dúvida em relação à “superioridade” da equipe nacional sobre os suecos. O futebol do país reafirmava que seu estilo de praticar o esporte além de mais eficiente, seria mais “vistoso”, o que garantiria o espetáculo aos torcedores. Como se poderia supor, a notícia da conquista foi amplamente festejada no Brasil.

A população carioca externou a sua imensa alegria pela conquista do Campeonato Mundial de Futebol pelos brasileiros na Suécia, com as mais diferentes manifestações, inclusive com o espocar constante de bombas e foguetes, durante toda a tarde e a noite de ontem (...) Autêntico delírio carnavalesco apoderou-se de considerável parte da população carioca com a conquista do ambicionado título, que os nossos jogadores com indiscutível brilhantismo alcançaram, depois de uma jornada de partidas sucessivas contra as maiores equipes da Europa. (...)¹⁰⁰

⁹⁹ Vários autores discutiram esta questão. Vale destacar aqui as leituras das crônicas de três autores que acompanharam os jogos da Copa do Mundo de 1950 e 1958. Trata-se dos textos de Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego, os quais foram analisados no trabalho de ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa: Crônicas de futebol e identidade nacional*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1999.

¹⁰⁰ Jornal “OESP”. *Comemorações em todo o país da vitória de nossa seleção*, 01-07-58

Ao ter conhecimento da vitória brasileira, várias pessoas foram acometidas por ataques cardíacos, em função da forte emoção ocasionada pela conquista da Copa do Mundo, realizada na Suécia. Dentre vários relatos, alguns deles podem ser mencionados a seguir.

O oficial da Marinha, Jonas Eustáquio da Horta, junto com seus familiares, assistia o jogo pelo rádio, quando o locutor anunciando a conquista do primeiro gol empatando a partida, foi vitimado por um lapso, falecendo em seguida antes mesmo de receber qualquer assistência de seus parentes. A alegria que dominava a família do oficial (...) foi substituída pela tristeza provocada pela morte do militar. (...) Também outro oficial da Marinha, Teodorico Nascimento Monteiro, foi socorrido em consequência de crise cardíaca, que o acometeu, logo após o encerramento do jogo. Dona Angelina Coelho Saraiva (...) igualmente foi socorrida no posto médico, devido a crise cardíaca (...).¹⁰¹

Para além da cidade do Rio de Janeiro, os festejos decorrentes da conquista davam conta da dimensão da euforia espalhada pelas demais regiões do país. Cronistas esportivos publicavam matérias - em tom exaustivamente enfático - as quais diziam que jamais se teria observado no Brasil alegria multiplicada como aquela que então se vivia. Populações residentes nas capitais de norte a sul do país participaram dos festejos.

CURITIBA: O Presidente da Federação dos Esportes do Paraná telegrafou à CBD congratulando-se com o marco histórico da vida futebolística nacional (...)/ NATAL: O povo de Natal festejou a vitória de nossa seleção nas ruas da cidade até a madrugada de segunda-feira, com desfiles e fogos de artifício./BELEM: Foi realizado nesta cidade um carnaval espetacular em comemoração à vitória dos brasileiros, ora campeões do mundo pela primeira vez. A rádio Clube do Pará entrevistou o povo logo após o término do jogo, quando todos eternavam sua alegria pela grande vitória do Brasil. Escolas de samba, ranchos, cordões e passeatas foram organizados no momento, com cartazes alusivos ao feito dos brasileiros, os quais empunhavam a Bandeira Nacional (...) O Governador decretou ponto facultativo, hoje, nas repartições estaduais./FLORIANÓPOLIS: Foi indescritível o entusiasmo popular com a vitória do Brasil na Taça do Mundo. A multidão, reunida na Praça XV, festejou o acontecimento. Jamais o povo desta Capital viveu tão intensamente acontecimento algum. Extensa fila de automóveis percorreu a cidade carregando bandeiras nacionais (...) Realizaram-se manifestações em vários pontos da cidade, com a participação de bandas de música./BELO HORIZONTE: A

¹⁰¹ Jornal "OESP". *Comemorações em todo o país da vitória de nossa seleção*, 01-07-58

população desta capital comemorou, ontem, com indescritível alegria a conquista do Campeonato Mundial de Futebol (...) As comemorações se estenderam pela madrugada, com desfiles de escolas de samba, numa reprodução de um carnaval, como há muito não se realiza nesta capital./RECIFE: (...) Indescritível o delírio do povo (...) Não se presenciou até hoje coisa semelhante, nem nunca foi maior o sentimento que irmanou elementos de todas as classes sociais (...) O prefeito Pelópidas Silveira acaba de decretar feriado municipal, para a próxima quinta feira, da 3, a fim de que o povo possa associar-se às homenagens quando da passagem dos jogadores do selecionado por esta cidade (...).¹⁰²

A performance da seleção brasileira na Copa do Mundo, de 1950, causara profunda decepção aos brasileiros. A derrota na partida final, diante dos uruguaios, colocou em dúvida a propalada qualidade do atleta brasileiro, bem como frustrou a compreensão do sucesso do futebol simbolizar, momentaneamente, o sucesso do conjunto da sociedade brasileira circunscrita no início da década de 1950.

Tal como seus antecessores, o Presidente da República acompanhava o campeonato mundial de futebol com muito interesse. O êxito da seleção brasileira poderia ser revertido no “êxito” de seu próprio governo. Ouvindo a irradiação do jogo contra a Suécia, ao lado de familiares e jornalistas, Juscelino Kubitschek se dizia um “torcedor” de futebol. Nesse jogo, foi feito um “bolão” promovido pelos cronistas, cujo objetivo foi o de que os ouvintes dessem seus palpites acerca do resultado do confronto. o Presidente “torcia nos gols do Brasil, mas somente no quarto tento ergueu-se, eufórico e aliviado, a gritar “Viva o Brasil”.¹⁰³ O clima de euforia fora visível entre aqueles que acompanhavam a final da Copa do Mundo da Suécia, ao lado do Presidente da República. “Depois do jogo, enquanto o Presidente recebia os abraços de todos os presentes, a banda marcial da guarnição de Guardas da Presidência tocou o Hino Nacional”.¹⁰⁴

¹⁰² Jornal “OESP”. *Festa em todos os Estados*, 01-07-58.

¹⁰³ Jornal “OESP”. *Confusão no “bolo” em Brasília*, 01-07-58.

¹⁰⁴ Jornal “OESP”. *Confusão o “bolo” em Brasília*, 01-07-58.

Conquistada a primeira Copa do Mundo, pela seleção brasileira, buscou-se tirar todo tipo de proveito do evento. Ao retornar ao Brasil, o governo federal preparou uma recepção cujas características remontavam a um acontecimento oficial.

Autoridades estaduais, municipais e militares receberão amanhã, às 15 horas, em Congonhas, os jogadores brasileiros de futebol que conquistaram a Taça do Mundo. A companhia de policiamento do Q. G. da 4ª Zona Aérea prestará aos futebolistas, no aeroporto, as honras de estilo. Em seguida, os jogadores rumarão para a cidade, em cerca de 20 viaturas do Corpo de Bombeiros, com sirenas abertas e dísticos alusivos à conquista do campeonato. (...) A Câmara Municipal de São Paulo, associando-se às homenagens, mandará cunhar medalhas de ouro, perpetuando o feito glorioso do futebol brasileiro na Suécia (...).¹⁰⁵

A disciplina tática, a força física, a esperada fibra (que teria faltado em 1950), e, sobretudo, o espírito de patriotismo, foram alguns dos adjetivos dirigidos aos atletas brasileiros após a vitória diante dos suecos. Na perspectiva de cronistas esportivos e do próprio governo federal, o futebol possibilitou o reconhecimento e a admiração de todo o mundo, em especial dos europeus. Para Rodrigues, a conquista rompera com a “alma de cachorro vira-latas”, com que o brasileiro seria caracterizado. O “excesso de humildade” condicionaria esta possibilidade.¹⁰⁶

Como esporte de grande popularidade em todo o mundo, a performance demonstrada pelos atletas da equipe nacional remeteria a uma auto-estima do povo brasileiro. Na composição da seleção, encontravam-se jogadores negros, brancos, e de origem sócio econômica predominantemente precária. Tais características seriam elementos de reforço de identificação dos jogadores com o

¹⁰⁵ Jornal “OESP”. *Chegam amanhã a São Paulo os campeões mundiais de futebol*, 02-07-58.

¹⁰⁶ Cf. RODRIGUES, Nelson. *Op. Cit.* 51-52.

conjunto da população brasileira.¹⁰⁷ O futebol “mestiço” do Brasil teria dado certo. Três dos mais destacados atletas que disputaram a Copa do Mundo de 1958, representaram esta perspectiva. Referimo-nos a Pelé, Garrincha e Didi.

Irmão do também destacado cronista esportivo Mário filho, Nelson Rodrigues distinguia-se entre os cronistas do final da década de 1950, pela sua forma de interpretar o significado do futebol. Para ele, o esporte se caracterizava por ser um elemento que simbolizava os dramas e as expectativas da população em relação ao país.¹⁰⁸ Aspectos relacionados, por exemplo, à “instabilidade emocional” e/ou ao “espírito de vencedor” eram transportados do “campo de jogo” para a sociedade brasileira.

Rodrigues afirmava que para se ter uma compreensão do comportamento da população do país, bastava observar as reações dos torcedores tanto nas derrotas quanto nas vitórias.¹⁰⁹ Sobre esta questão, são reveladoras suas afirmações em uma de suas crônicas publicadas após a conquista da Copa do Mundo de 1958.

Do Presidente da República ao apanhador de papel, do Ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: - é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um enorme charme de Joana D'arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: - o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. (...) A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: - que éramos nós? Uns humildes. (...) Ninguém aqui admitia que fôssemos os “maiores” em futebol. Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem em cuspe à distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal ra

¹⁰⁷ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

¹⁰⁸ A este respeito, vale consultar suas crônicas publicadas pela “Manchete Esportiva” entre as décadas de 1950 e 1960, bem como algumas de suas principais crônicas selecionadas e organizadas pelo jornalista Ruy Castro, publicadas pela Companhia das Letras em 1993 e 1994. Trata-se, respectivamente, de “À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol”, e A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol”.

¹⁰⁹ RODRIGUES, Nelson. *Op. Cit.*

Suécia. Como se isso não bastasse, ainda permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total.¹¹⁰

Considerando as recusas que possamos fazer em relação aos “exageros” apresentados por Rodrigues em suas crônicas, é certo que suas afirmações corroboram inúmeras ações verificadas pelo país naquele ano de 1958. Para além das questões futebolísticas, o país vivia um clima de desenvolvimentismo e de nacionalismo. Não foram por acaso as reações de “autoridades” dos âmbitos federal, estadual e municipal por ocasião do retorno dos atletas brasileiros ao país.

É certo que as repercussões da conquista da Copa do Mundo atingiam regiões de todos os continentes. Esta condição colocava o Brasil em evidência no cenário internacional, ainda que de forma meramente esportiva. Entretanto, como atividade esportiva de grande alcance popular, o título de campeão propagandearia o país, independentemente de suas motivações. Na chegada da seleção brasileira da Suécia, e em referência aos considerados grandes eventos ocorridos no país no século XX, o “O Estado de S. Paulo” publicou que “Todos queriam abraçar os jogadores. Espetáculo jamais visto na Capital da República, nem mesmo quando da chegada dos nossos expedicionários da Itália”.¹¹¹

Se em períodos anteriores, procurava-se associar a idéia de futebol e nação, a partir da Copa do Mundo de 1958, tal relação foi mais fortemente estabelecida. A imagem de um país que se dizia “empreendedor” encontrou no futebol uma possibilidade de se viabilizar esta perspectiva. Para tanto, a postura do Presidente da República contribuiu sobremaneira para esta condição. Em solenidade oficial, Juscelino Kubitschek destinava premiações à seleção brasileira.

¹¹⁰ Cf. RODRIGUES, Neslon. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 60-61.

O Presidente da República, traduzindo os sentimentos do povo brasileiro e considerando a importância dos esportes como afirmação do desenvolvimento e progresso das nações, confere a medalha especial alusiva ao título de Campeão Mundial de Futebol, conquistado em campanha imorredoura na Suécia no ano de 1958. (...) Merece um registro pela elegância do gesto, a presença no palanque presidencial do encarregado de negócios da Suécia em nosso país, sr. Knut Bernstrom, que já em Brasília, por ocasião das inaugurações que ali se verificaram segunda-feira última, apresentara cumprimentos ao Presidente da República pela vitória do selecionado brasileiro.¹¹²

Para além de terem sido recebidos simbolicamente como vitoriosos “agentes” oficiais do governo federal, os jogadores foram compreendidos como “heróis”¹¹³ nacionais. O momento político vivido no país à época sugeria esta possibilidade. Repetia-se, seguidas vezes, nos discursos do Presidente da República, que a conquista da Copa do Mundo representava “a afirmação de uma raça, uma conquista não apenas do esporte, mas de significação muito mais ampla”.¹¹⁴

O ufanismo desmedido através do futebol, fora uma evidência. Seus resultados podem ser verificados se avançarmos em períodos que vão além dos limites deste trabalho. Desde a implantação do Estado Novo, expressões que diziam respeito ao hino e à bandeira nacional, e à pátria, confluíam-se com a seleção brasileira de futebol, sobretudo em períodos de realização de campeonatos mundiais. O sentimento patriótico se fazia presente nos âmbitos federal, estadual e municipal.

Jânio Quadros, Governador do Estado de São Paulo em 1958, (e sucessor de Juscelino Kubitschek, como Presidente da República), além de outras

¹¹¹ Jornal “OESP”. *Um milhão de pessoas saiu à rua para saudar os campeões*, 03-07-58.

¹¹² Jornal “OESP”. *Um milhão de pessoas saiu à rua para saudar os campeões*, 03-07-58.

¹¹³ Sobre uma discussão acerca do entendimento de personagens de nossa história como “heróis”, ver CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. Ver especialmente o capítulo intitulado “Tiradentes: um herói para a República”. p. 55-73.

¹¹⁴ Jornal “OESP”. *Afirmção duma raça*, 03-07-58.

personalidades da cena política do período, participaram daquele momento de euforia nacional. Em jantar oferecido por Jânio Quadros à comissão técnica da seleção brasileira, montou-se uma estrutura mobilizando vários membros do governo estadual paulista a fim de se celebrar a recepção dos atletas. “O sr. Jânio Quadros oferecerá nos Campos Elíseos, um jantar aos campeões do mundo e aos dirigentes da delegação que foi à Europa (...) A Companhia de Policiamento do Q. G. da IV Zona Aérea prestará aos futebolistas, no aeroporto, as honras de estilo (...)”.¹¹⁵

Ao ser compreendida simbolicamente como orgulho nacional, a conquista da Copa do Mundo, de 1958, apresentava elementos importantes para sua leitura e interpretação. A “molecagem e a malandragem” do atleta brasileiro expressas por Gilberto Freyre¹¹⁶, estariam personificadas nas atuações de Pelé e Garrincha. Esses jogadores, de origem sócio-econômica modesta, além de outros, atestariam a idéia de que a prática do esporte poderia sublimar a miscigenação.

É certo que as diferentes leituras em relação ao futebol estavam influenciadas pelo momento de êxito da seleção brasileira de 1958. Caso não houvesse as vitórias, provavelmente as leituras relacionadas ao povo brasileiro, a partir do futebol, seriam outras diametralmente opostas, conforme demonstrado após a derrota para o Uruguai em 1950.

Como reconhecimento e “gratidão” pela Copa do Mundo conquistada, o governo federal chegou a prometer que os atletas receberiam residências do poder público. O próprio Juscelino Kubitschek orientou a forma como as casas seriam construídas, tendo-se em vista que tais residências deveriam ser erguidas em diferentes regiões do país, uma vez que os atletas se originavam de outras

¹¹⁵ Jornal “OESP”. *Jantar nos Campos Elíseos*, 03-07-58.

localidades, e não apenas da capital da República. “A Fundação da Casa Popular oferecerá uma casa a cada um dos jogadores. Seu superintendente esclareceu ter recebido instruções do Presidente da República para determinar a construção das moradias, em locais escolhidos pelos próprios jogadores”.¹¹⁷

Não obstante a promessa, as residências não foram construídas. Em contrapartida, vários outros benefícios foram direcionados aos “campeões do mundo”. No tocante às moradias em particular, ficou complicada a possibilidade de construção das casas, tendo-se em vista que outros profissionais do governo federal também reivindicaram benefícios similares ao Presidente da República. Segundo Filho,

A popularidade de Pelé e Garrincha era a forma que o povo tinha de manifestar gratidão aos campeões do mundo. Os jogadores, evidentemente, esperavam mais. Daí a decepção de muitos. Sobretudo depois que o governo não cumpriu a promessa de uma casa e um emprego público para cada um deles. (...) O Presidente Juscelino Kubitschek prometeu a casa e o emprego público. Chegou a mandar uma mensagem para o Congresso pedindo crédito para as casas dos campeões do mundo. Apareceu logo um deputado com uma emenda estendendo o benefício a todos os pracinhas. Os pracinhas eram quatorze mil. Logo, os campeões do mundo ficaram sem casa.¹¹⁸

O período pós segunda guerra mundial evidenciava as perspectivas futuras de inserção num mundo cada vez mais orientado pelo progresso científico e pela industrialização. Como esporte que sugere uma acirrada competição, os jogos de futebol entre as seleções nacionais de todo o mundo, simbolizariam esse período.¹¹⁹ Segundo Rodrigues, a condição de país dito “subdesenvolvido” do Brasil deveria ser superada. Para tanto, uma perspectiva que haveria que se

¹¹⁶ Cf. Prefácio escrito por Freyre na primeira edição de 1947 do trabalho de FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

¹¹⁷ Jornal “OESP”. *Casas para os craques*, 03-07-58.

¹¹⁸ Cf. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 387.

¹¹⁹ Cf. ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979.

perseguir, seria a população buscar nos atletas brasileiros exemplos de “superação”, tendo-se em conta as vitórias alcançadas sobre países europeus.¹²⁰

O sentido atribuído ao futebol durante a vigência do Estado Novo, encontrou na conquista em 1958, os resultados esperados, isto é, a proliferação de um orgulho nacional, bem como de um otimismo através das vitórias no esporte. Como seria possível de se prever, esta foi a tônica das crônicas publicadas no momento da chegada dos atletas da Copa do Mundo realizada na Suécia.

O povo, todas as classes irmanadas no desejo de homenagear os jogadores que voltaram da campanha consagradora, ocorreu em massa no Aeroporto de Congonhas (...) Foi, sem dúvida alguma, uma grande festa, onde o coração de nossa gente extravasou de alegria e emoção. Nada mais justo e nada mais compreensível. Vínhamos desde 1938 nos aproximando do cobiçado posto de campeões sem, contudo, alcançá-lo (...) O futebol é o esporte de todos nós, e, assim, a homenagem deveria ser, como foi, de todos (...)

Na sequência da matéria publicada pelo jornal “ O Estado de S. Paulo”, discute-se a idéia de que políticos das mais diferentes orientações político-partidárias, objetivavam aproveitar-se das comemorações do campeonato mundial, com o intuito de atrair a simpatia popular. Segue a citação

(...) Conhecidos políticos procuraram aproveitar-se da situação, objetivando alcançar prestígio à sombra do prestígio desfrutado por nossos jogadores junto à massa popular. Infiltraram-se como verdadeiros quinta-colunas, visando desviar o sentido da grandiosa manifestação. Na capital carioca, vimos o sr. Jango Goulart misturando-se aos campeões, numa indisfarçável posição demagógica, aqui copiada pelo administrador improbo que ocupa a chefia do Executivo Municipal (...) numa ânsia de popularidade, numa atitude realmente hipócrita de quem não deseja aplaudir e homenagear, mas utilizar-se de uma homenagem tão justa, tentando projetar-se aos olhos do povo como artífices da vitória dos nossos jovens atletas. (...) a todo custo, procuram trazer para si a glória obtida com tantos sacrifícios, e que se reparte entre jogadores e dirigentes da seleção nacional.¹²¹

¹²⁰ A este respeito, ver do autor os textos “A pátria em chuteiras” e “À sombra das chuteiras imortais”, ambos publicados pela Cia. das Letras, respectivamente em 1994 e 1993.

¹²¹ Jornal “OESP”. *Uma atitude intolerável*, 04-07-58.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, inúmeros elementos da cultura popular foram explorados como símbolos da nacionalidade, como a música, por exemplo. O movimento chamado “Bossa Nova”, marchinhas de carnaval, cinema, jogos de futebol, foram alguns dos espaços sociais, os quais o Presidente da República costumava frequentar. Ele fora chamado de “Presidente bossa nova”, numa referência aos seus hábitos.¹²² Todos estes elementos reforçavam a idéia da identidade nacional. Na medida em que algum deles obtivesse maiores repercussões, o governo federal, bem como parte da imprensa, destinavam amplos espaços a ele, tal como foi o caso da conquista da Copa do Mundo de 1958.¹²³

Se nas décadas de 1940 e 1950, órgãos da imprensa orientados pela “Cultura Política” do Estado Novo, difundiam a idéia de que o futebol seria um símbolo da identidade nacional, nas décadas seguintes esta questão foi mais fortemente explorada. Como periódico de grande circulação na capital federal, a Revista “O Cruzeiro”, através de seus artigos, publicava várias matérias, cujas discussões abordavam questões ligadas à identidade nacional. O próprio Gilberto Freyre foi um de seus colaboradores. O jornalista David Nasser que também escrevia em “O Cruzeiro”, afirmava, em tom exagerado, que o futebol seria a síntese do cotidiano da vida do brasileiro.

¹²² Ver entre outros, CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: A história e as histórias da bossa nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Cf. também, ESSUS, Ana Maria Mauad de Andrade e GRINBERG, Lúcia. “O século faz cinquenta anos: fotografia e cultura política em 1950”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, 1994. Vol. 14, nº 27. p. 129-148.

¹²³ A Revista “O Cruzeiro” além de publicar exaustivamente as notícias relativas ao futebol, notabilizou-se pelo rico acervo fotográfico apresentado em suas edições. Segundo Essus, “No conjunto da coleção, a variedade é a marca da escolha do elenco de temas, com destaque para as imagens do Carnaval, do futebol, das condições sociais, políticas e econômicas do país, da ação dos militares e das curiosidades nacionais e internacionais. Em todos os temas tratados o tom é de otimismo”. Cf. ESSUS e GRINBERG. *Op. Cit.* p. 146. Acreditamos que a ação da revista “O Cruzeiro” em privilegiar fotografias para ilustrar suas matérias, está também relacionada ao fato de que os diferentes produtos propagandeados pelo periódico, careciam de uma melhor visibilidade nas páginas de “O Cruzeiro”. Ademais, percebe-se que visualizar um determinado produto ao lado da seleção brasileira de futebol, por exemplo, poderia configurar a possibilidade de bons resultados mercadológicos.

O futebol é a verdadeira política do Brasil. Nenhum governo que estime a sua popularidade e queira manter vivas as suas raízes no coração do povo – teria a coragem de omitir-se dos tratadistas que escrevem com os pés as mais lindas páginas de nossa história. Juscelino só se tornou realmente Juscelino, o homem da sorte, quando o Brasil levantou o campeonato do mundo. (...) A implantação da fabulosa indústria de automóveis, a construção de Brasília, o parque fabril que cresceu à beira de São Paulo (...) nada disso, para o Juca pobre de nossas angústias, dos dias sem alegria, das mesas parcas, dos orçamentos espremidos, teve a importância da Copa do Mundo.¹²⁴

Considerando os “excessos” originados de análises dos cronistas em relação à conquista do campeonato mundial, a partir de 1958, tornou-se recorrente e bastante comum a prática da exploração do futebol como forma de propaganda de políticos representantes dos mais diversos poderes e siglas partidárias. Tais circunstâncias levaram vários autores a considerarem o esporte um instrumento de alienação política das massas, conforme já apontado.¹²⁵

Ao regressar ao Brasil, os atletas participaram de inúmeras comemorações oficiais promovidas tanto pelo governo federal, quanto pelos governos estaduais e municipais, tal como verificamos através da leitura dos periódicos. Em jantar realizado na sede do governo paulista, Oscar Pedroso, secretário de justiça do então governador Jânio Quadros, dizia o seguinte aos atletas: “Enternecida e ufana, a cidade exprimiu-vos, ontem, na mais jubilosa de todas as manifestações, a gratidão devotada aos esportistas que conquistaram para o Brasil a Copa do Mundo”.¹²⁶

A idéia de que os jogos de futebol poderiam remeter à alienação das massas, encontrava justificativas nos momentos em que políticos das mais variadas denominações partidárias, buscavam obter algum tipo de proveito durante

¹²⁴ Cf. NASSER, David. *A revolução que se perdeu em si mesma: diário de um repórter*. Rio de Janeiro: Edições de “O Cruzeiro”, 1965. Este trabalho contém várias crônicas escritas pelo jornalista. Nele, encontram-se abordagens sobre os mais diferentes temas.

¹²⁵ Ver entre outros, RAMOS, Roberto, *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹²⁶ Jornal “OESP”. *Saudação*, 05-07-58.

os campeonatos, sobretudo por ocasião da realização de Copa do Mundo. Num país cuja população não tinha assegurado sua plena cidadania,¹²⁷ assim como não consciente dos deveres do Estado em garantir determinados direitos, tornava-se terreno tentadoramente fácil para qualquer político exercer algum tipo de manipulação política. Neste sentido, elementos da cultura popular como o futebol e/ou a música, sugeriam uma possibilidade mais “direta” e objetiva de candidatos em pleitos eleitorais (ou não) envolverem-se nessas manifestações.

Nesta perspectiva, nos momentos em que políticos percebessem a possibilidade de se aproveitarem de ocasiões nas quais houvesse a presença de aglomerados populacionais, tal como foi a recepção dos atletas “campeões do mundo”, havia a tentativa de se dizer participante da “torcida” em favor da equipe nacional. Conforme indicamos, órgãos ligados ao governo federal chegavam a oferecer gratificações aos atletas pelo êxito alcançado no campeonato mundial de 1958.

O Conselho administrativo da caixa econômica federal, (...) resolveu instituir, através de portaria que tomou o número 210, subscrição pública destinada a premiar a delegação brasileira que conquistou a Taça do Mundo para o nosso país. (...) Até o dia 15 corrente, todas as Agências de Depósitos da Caixa Econômica, inclusive as Agências Volantes distribuídas em diversos pontos desta capital, aceitarão contribuição do público para depósitos na conta corrente. Por ocasião do torneio início que se realizará amanhã, será colocada um dessas agências volantes na proximidade do estádio do Maracanã. As contribuições feitas até ontem somam 200 mil cruzeiros e o total já atinge a mais de 400 mil.¹²⁸

O cenário cultural do país em 1958, fora caracterizado por um conjunto de aspectos, cujas peculiaridades sugeriam expectativas em torno de atividades esportivas, das canções populares, do cinema, do rádio e da televisão. No ano em

¹²⁷ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Neste texto, há uma importante discussão sobre a compreensão acerca dos direitos civis, sociais e políticos, e suas características.

¹²⁸ Jornal “OESP”. *Subscrição popular para os campeões*, 06-07-58.

que a seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo, foi composto por João Gilberto o samba “Chega de Saudade”. Gilberto foi um dos destacados integrantes do movimento denominado “Bossa Nova”; sua canção mais conhecida em 1958 sugeria traduzir alguns dos sentimentos de parte da população da capital da República.¹²⁹ Para além do futebol, porém, fazendo parte das “esperanças” nos esportes, o boxeador Éder Jofre surgia como promessa de vitórias em âmbito internacional. A tenista Maria Ester Bueno confirmava sua condição de vitoriosa, ao conquistar em Wimbledon, na Inglaterra, um torneio internacional. Isso lhe conferiu o título de “rainha do tênis”.

Estas circunstâncias geraram um otimismo que fora motivado por uma idéia de que o brasileiro deveria inserir-se nas novidades tecnológicas que estavam ocorrendo. Consideramos reveladora a canção composta para a seleção brasileira por ocasião de seu retorno da Copa do Mundo de 1958, a qual dizia: “A Taça do Mundo é nossa! com o brasileiro não há quem possa! (...)”.¹³⁰ A partir de 1958, todas as conquistas subsequentes de campeonatos mundiais pela seleção brasileira foram objetos de composições musicais, o que conferiu maior popularidade ao futebol.

Manifestações da cultura popular demonstrariam, simbolicamente, as qualidades do brasileiro. Tanto no futebol, quanto na música e/ou nas artes, havia talentosos atletas e artistas de diferentes origens étnicas e de condição sócio econômica. Sobre esta questão, são singulares as “palavras do Presidente” publicadas pelo “Estado do S. Paulo”. Juscelino Kubitschek considerava que a “moral da raça” brasileira estaria bem representada pelos atletas de futebol. O

¹²⁹ A este respeito ver o estudo de CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

discurso do Presidente, publicado pelo periódico, diz respeito à condição de ser construída na futura capital da República, um “monumento” referente à conquista da Copa do Mundo de 1958.

Foi realmente feliz, senhores, a inspiração que teve a Associação Atlética Banco do Brasil, ao tomar a iniciativa de erigir em Brasília, um monumento aos heróis brasileiros que conquistaram a Taça do Mundo. Uma correlação harmoniosa entre o sentido da homenagem e o local em que vai ser prestada, enriquece extraordinariamente o conteúdo simbólico: na Capital nova de um país jovem, o primeiro monumento a se erguer à juventude, um monumento à energia, e à moral da raça que aqui se forja e na qual se contêm todas as raças da Terra. (...)

O Presidente da República segue em seu discurso associando o êxito da seleção brasileira à perspectiva do sentido “empreendedor” de seu governo. Um dos marcos de sua administração, foi a construção de Brasília, a nova capital federal. Kubtschek continua afirmando que,

Brasília não poderia ter nascido antes: as circunstâncias não o permitiriam. Mas devia nascer precisamente agora como nasceu, porque os recursos da técnica, os modernos inventos asseguram hoje ao espírito pioneiro da nossa raça os instrumentos que antes lhes faltaram. Se não surgisse nesta hora em que a Nação estivesse psicologicamente preparada para o grande passo e encontra meios para realizá-lo; se continuasse a ser procrastinada como um sonho utópico, a nossa geração teria sido desidiosa, a nossa geração teria falhado, teria retardado criminosamente a marcha ascensional deste grande país. (...) O extraordinário feito de nossos campeões, bem o sabeis, transcende em significação os limites de um simples triunfo em prélio esportivo. (...) Nada mais legítimo, que extrair da beleza deste acontecimento esportivo um confortador pensamento de fé e confiança nas virtudes de nosso povo noutros campos de ação a que convoquem os grandes trabalhos que temos de enfrentar para que deste vasto país se faça uma nação poderosa, livre, criadora, capaz de levar ao mundo um pensamento novo, uma sensibilidade original (...) Os nossos jovens esportistas conquistaram o maior galardão a que poderiam aspirar, estais perpetuando a própria imagem deste país jovem em sua plena arremetida contra o futuro, numa grande missão civilizadora de paz, de progresso e de cultura.¹³¹

¹³⁰ Esta canção foi composta por Wagner Maugeri, Maugeri sobrinho, Vitor Dagô e Lauro Miller. Cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002. p. 81.

¹³¹ Jornal “OESP”. *Palavras do Presidente*, 06-07-58.

A propagação da idéia de que a política do desenvolvimentismo implementada por Juscelino Kubitschek marcaria seu governo, modificando a paisagem das grandes cidades do país, através – entre outras coisas – do aumento do parque industrial, bem como da capital federal a ser inaugurada, ganhou relevo. O sucesso da seleção brasileira foi um dos símbolos explorados para representar esses empreendimentos. Conforme vimos, desde a década de 1930, o governo federal incentivava a prática de esportes, sob a justificativa de que ela daria ao país o homem forte, saudável, trabalhador, mas sobretudo, vencedor e patriótico. Tais “virtudes” seriam necessárias para o sentimento da nacionalidade.

As Copas do Mundo de 1950 e de 1958 oferecem-nos elementos importantes para a compreensão das mudanças no país, durante a vigência do Estado Novo, bem como no momento posterior à segunda guerra mundial. Os projetos e as práticas políticas implementadas, conceberam o esporte como um “aliado” para a percepção do sentimento da unidade nacional. Os periódicos estudados exerceram um papel destacado em relação a esta questão. Nesta perspectiva, associou-se o sucesso da seleção brasileira às transformações no cotidiano da população, a saber, a expansão dos veículos de comunicação de massa, crescimento demográfico de grandes centros urbanos, acompanhada da instalação de algumas indústrias, localizadas sobretudo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A expectativa gerada em torno da Copa do Mundo, ao ser realizada no Brasil em 1950 fora frustrada. A mobilização da imprensa e do próprio governo federal nos mostra o significado que o futebol, cada vez mais, ia adquirindo na sociedade. O Maracanã, imenso complexo arquitetônico foi construído especialmente para sediar jogos do campeonato mundial. Durante todo o século

XX, ostentou a condição de ser o “maior do mundo”, suplantando, em suas dimensões, estádios europeus. Entretanto, a derrota na partida final diante dos uruguaios não apenas decepcionou, como também rompeu com o otimismo que se criou ao redor da possibilidade da conquista. Ao perder por 2X1 no último jogo da Copa do Mundo, quando bastaria apenas um empate, o confronto entre brasileiros e uruguaios obteve proporções de uma “tragédia nacional”, o que resultou, nas palavras de Perdigão, no “luto de uma nação”.¹³²

Todavia, no final dessa década, a seleção brasileira alcançara o topo do futebol mundial. Essa conquista reforçou o sentimento de nacionalidade, o que levou significativa parcela da população a manifestar um excesso de ufanismo. Esta condição foi motivada pelos meios de comunicação de massa, bem como pelo próprio Presidente da República. A frustração por não ter vencido a principal competição internacional do futebol em território brasileiro, pôde ser parcialmente esquecida em 1958. Ademais, os atletas brasileiros venceram os atletas suecos no continente europeu. A disputa se deu na própria Suécia.

O sucesso da seleção brasileira fora objeto de inúmeros debates no país. Rodrigues foi um, dentre tantos outros autores, que mais enalteceu a conquista, interpretando-a a partir de perspectivas que remetem a questões que não dizem respeito apenas aos aspectos circunscritos ao âmbito esportivo. Juscelino Kubitschek assim também procedeu. A seleção nacional de futebol retornou ao país recebendo honras oficiais do governo federal, estadual e municipal. Dentre os atletas, um chamou especialmente a atenção. Com dezessete anos, negro e filho de família de modesta condição financeira, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), tornou-se um dos símbolos daquela conquista. Posteriormente ele seria

¹³² Cf. PÈRDIGÃO, Paulo. *16 de julho de 1950 – Brasil X Uruguai: anatomia de uma derrota*. Porto alegre: L & PM, 1986. Neste trabalho, o autor escreveu um capítulo cujo título foi justamente esse: “O

considerado “o atleta do século XX”. A partir de 1958, o futebol brasileiro entrara definitivamente no cenário internacional como um daqueles de maior visibilidade e eficiência. A partir de então, o Brasil passou a ser conhecido como o “país do futebol”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos campeões do mundo em futebol de fato e de direito. É fácil provar esta tese: Não existe nenhum país do mundo que possa formar tantas equipes como nós. O Brasil, em futebol, compete com qualquer país e ganha com esmagadora vantagem.¹

Alguns fenômenos relacionados ao futebol puderam ser verificados no limiar do século XX. Dentre eles, o ideal de que, para a formação de uma juventude sadia, a prática de esportes seria um importante aliado. Também com este objetivo, várias modalidades esportivas foram absorvidas, especialmente pelos jovens, filhos das famílias mais abastadas, circunscritas nos centros urbanos. Este conjunto de circunstâncias ocorreu simultaneamente à difusão de idéias associadas aos cuidados e à busca do aperfeiçoamento do físico da população.

O discurso eugênico, nesse sentido, obteve novas configurações, na medida em que ele adquiriu maior amplitude. Mais atenção com a higiene pessoal, bem como com a alimentação fizeram parte dos hábitos da juventude. Os exercícios físicos, e, sobretudo, a prática de esportes foram incorporados por jovens nesse processo. Num primeiro momento, foi com essas características que o futebol passou a fazer parte do cotidiano. Todavia, à medida que os anos avançavam, tal esporte foi concebido para também responder a outras funções para além daquelas, cujas condições remetiam a uma “novidade” e a um hábito do limiar do século XX.

Ao ser praticado também por brancos de origem sócio econômica mais humilde e por negros, o futebol deixou de ser apenas uma atividade de lazer para ser também uma atividade profissional. Na década de 1930, ele se configurou como um dos elementos da cultura popular urbana. Os fenômenos da sua

¹ Cf. SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1994. p. 164.

profissionalização/popularização ocorreram num momento de re (interpretação) da identidade nacional, bem como da difusão do discurso eugênico, iniciados no século XIX.

A constatação de que a prática do futebol integrava a ocupação do tempo livre de diferentes camadas sociais não passou despercebido por representantes do governo federal, em especial daqueles circunscritos ao regime do Estado Novo. O Departamento de Imprensa e Propaganda, subordinado aos interesses desse regime, foi um órgão oficial que encarregou-se da difusão de elementos culturais, cujas peculiaridades ligavam-se ao sentimento de unidade nacional.

A interpretação do futebol como símbolo de identidade nacional contou com a participação de profissionais da imprensa, sobretudo locutores de rádios e cronistas esportivos. Periódicos aqui investigados, tais como o “O Estado de S. Paulo”, “A Noite”, “Correio da Manhã” e a “Revista Brasileira de Educação Física”, demonstraram essa perspectiva. Alguns intelectuais também foram importantes nesse processo, em especial Gilberto Freyre, José Lins do Rego, dentre outros. O cenário internacional de conflitos bélicos, bem como a experiência de regimes políticos totalitários também foram importantes na compreensão de determinadas práticas esportivas pelo fato de serem remetidas ao sentimento de unidade nacional, como apontou Hobsbawn.

O culto ao corpo apresentou-se como uma das condições do “novo tempo”, sugerindo algumas das mudanças nas regras sócio econômicas das primeiras décadas do século XX. Um corpo saudável estaria devidamente preparado para os diferentes enfrentamentos da vida cotidiana. O preparo do corpo e da mente foram símbolos desses novos tempos. O poeta Olavo Bilac foi, dentre outras personalidades marcantes do período, um que incentivou a prática de esportes.

Como elemento da cultura popular urbana, o futebol foi objeto de análises de outros literatos como Lima Barreto, Graciliano Ramos e Coelho Neto. Analisando-o como algo pertinente aos hábitos da juventude circunscrita nos centros urbanos, o futebol foi compreendido como esporte que passou a fazer parte do conjunto das práticas do cotidiano.

Para além de remeter a apenas uma atividade esportiva, as vitórias alcançadas pela seleção brasileira nos confrontos internacionais, sobretudo nos jogos realizados pela Copa do Mundo, iniciados em 1930, sugerem algumas interpretações. Uma delas é a constatação de que representantes do governo federal visualizaram no futebol uma boa oportunidade em dele se apropriar como forma de estimular o sentimento de unidade nacional. Para tanto, passaram a intervir diretamente nos rumos do esporte. A profissionalização do futebol, em 1933 e o financiamento com dinheiro público para a construção de centros esportivos como o Maracanã, são apenas alguns dos exemplos que apontamos nesse aspecto.

Ao ser implantado, o regime do Estado Novo teve como um dos seus pressupostos a idéia de que para a sua legitimidade, seria necessária a compreensão de que a sociedade deveria convergir em torno do sentimento da nacionalidade. Para tanto, surgiram elementos que representaram essa possibilidade, mesmo que oficialmente incentivados, conforme vimos. As vitórias da seleção brasileira foram símbolos desse processo.

As interpretações das notícias veiculadas pelos órgãos de imprensa nos levaram a essa constatação. Segundo Pesavento, “Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos”.² Com essa

² Cf. PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 57.

percepção, ideólogos do Estado Novo exploraram manifestações da cultura popular, tais como o futebol, concebendo-o como algo “nacional”. O sentimento do torcedor seria arremessado ao sentimento patriótico.

Nesse sentido, o esporte deveria estar a “serviço da pátria”. As vitórias alcançadas “dentro de campo” simbolizariam, supostamente, o sucesso do regime. Após o período do Estado Novo, essas percepções em relação ao futebol mantiveram-se presentes. Isso pôde ser verificado nos campeonatos mundiais realizados posteriormente. Esses momentos tornaram-se privilegiados quanto à idéia do futebol simbolizar a identidade nacional. Guardadas as devidas proporções, esse processo ocorreu também em relação a outras manifestações da cultura popular como a música, por exemplo.

A organização do campeonato mundial de 1950, conferida à Confederação Brasileira de Desportos foi significativa em alguns aspectos, sobretudo pela possibilidade da seleção nacional vencer o torneio. O país tornava-se mais “reconhecido” ao atrair para seu território a mais importante competição internacional de futebol. Tal fato foi explorado por representantes do governo federal sob a forma de se propagandear um país supostamente empreendedor. Para sediar os jogos, foi construído o maior estádio de futebol do mundo no século XX: o Maracanã.

Os torcedores presentes aos confrontos manifestavam, via esporte (na ótica de cronistas esportivos e de representantes do governo federal), o sentimento de unidade nacional. Contudo, os uruguaios venceram o jogo final por 2X1, causando profunda decepção após a partida que decidiu quem seria a seleção campeã. O desapontamento e a frustração seriam reparados oito anos depois, com a conquista da Copa do Mundo em 1958.

Desde 1930, existiam atletas de diferentes origens étnicas e condições sócio econômicas na composição da seleção brasileira de futebol. Os torcedores que acompanhavam os jogos apresentavam essas mesmas características. O início dos campeonatos mundiais coincidiu com um período em que se buscavam símbolos como representações da nação. No âmbito internacional, regimes políticos totalitários como os da Alemanha e da Itália exploravam as vitórias no esporte como forma de sua legitimidade. Considerando as diferenças entre o autoritarismo do Estado Novo e o totalitarismo de regimes políticos da Europa, o governo brasileiro também explorou o futebol como reforço da unidade nacional, em razão do alcance popular do esporte.

Manifestações da cultura popular como o futebol e determinados estilos musicais como o samba se caracterizavam por reunir diferentes etnias, o que lhes conferiam significados de nacionalidade. A sonoridade das composições, bem como as vitórias alcançadas nos jogos dos campeonatos mundiais, reforçavam a ótica positiva da democracia racial analisada por Freyre. Para o autor, em tais manifestações, o negro poderia experimentar condições de igualdade, uma vez que nos espaços sociais em que se praticava o samba e o futebol, negros e brancos os dividiam sem distinção pela cor da pele. Como vimos, o prefácio escrito por Freyre no livro “O negro no futebol brasileiro”, é singular quanto a esse aspecto.

Se por um lado, teses contrastando a suposta democracia racial foram discutidas com propriedade, tais como as apresentadas por Florestan Fernandes, por outro, verificamos que Freyre foi um dos intelectuais que inaugurou a possibilidade de se analisar o futebol como algo também pertinente aos negros, o que lhe daria a condição de ser um dos elementos de sustentação da positividade da miscigenação, em face da boa qualidade do futebolista brasileiro, suplantando

inclusive, o futebol de seleções dos países da Europa. Seja como for, Freyre apresentou suas análises acerca do esporte como um elemento da cultura brasileira, sem dele se distanciar.

A construção do futebol como símbolo da nacionalidade teve, na conquista do campeonato mundial de 1958, seu momento mais importante. Desde a Copa do Mundo de 1930, a participação da seleção brasileira adquirira significados que foram além de uma disputa esportiva. A vitória na partida final sobre a Suécia pelo dilatado placar de 5 X 2, evidenciou o país como um daqueles que melhor praticava o futebol, o que simbolizou a idéia de que a população brasileira estava preparada para os desafios do cenário pós-guerra, cujas características remontavam, fundamentalmente, à competitividade.

O próprio Juscelino Kubtschek e demais representantes do governo federal, procuraram tirar proveito da onda de otimismo que se alastrou sobre os torcedores por ocasião da conquista, tal como fizeram os governos que o precederam, quando a seleção brasileira apenas realizava bons jogos, sem alcançar o título mundial. Este conjunto de circunstâncias ocasionou uma discussão que defendia a idéia de que não se devia absorver tanta importância ao futebol, em vista de sua exploração política, sobretudo durante a realização dos campeonatos mundiais. A justificativa para tal idéia, foi a de que o futebol seria um instrumento de alienação das massas.

Essa perspectiva teve maiores espaços, especialmente no período do regime ditatorial implantado no Brasil em 1964. Na conquista da Copa do Mundo no México, em 1970, tal discussão se tornou mais efervescente, porém foge aos limites deste trabalho. Todavia, vale lembrar que os apontamentos aqui

apresentados, encontraram repercussões mais sólidas a partir da primeira conquista da Copa do Mundo de 1958.

Pretendíamos, no início deste trabalho, demonstrar as relações que evidenciavam a condição do futebol simbolizar um dos elementos da unidade nacional. Para tanto, recuperamos a introdução dos esportes no final do século XIX, objetivando compreender as rupturas pelas quais a concepção de seus momentos iniciais fora objeto. De esporte reduzido a grupos sociais específicos e de sua condição de atividade que não remunerava os atletas, ele passou a também ser praticado por diferentes grupos sociais, assim como a ser também uma atividade profissional.

Consideramos, todavia, que ao longo do século XX, o futebol pode ser interpretado como um esporte que para além de ser remetido a um dos símbolos da unidade nacional, sobretudo durante a realização dos campeonatos mundiais, ele obteve dimensões que nos levam à constatação de que, dado o seu alcance popular, cada vez mais ele se transformou num “produto de mercado”. Nesta perspectiva, basta apenas como exemplo, observar o espaço a ele destinado pelos principais veículos de comunicação.

A associação entre duas das manifestações da cultura popular foram invariavelmente lembradas em ocasião de realização de campeonatos mundiais: música e futebol. Ao conquistar a Copa do Mundo em 1958, o refrão “A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa”, ficou celebrizado, tal como seria também muito entoado nas conquistas seguintes, uma vez que este versos sugeriam a aproximação do povo brasileiro com o futebol.

No período ditatorial, a música que fazia referência à seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, realizada no México, dizia: “Noventa milhões em

ação/Pra frente Brasil do meu coração/Todos juntos, vamos/Pra frente Brasil/Salve a seleção...”. Após a conquista do tri-campeonato mundial naquele ano, esta canção também ficou celebrizada.

Medidas inauguradas pelo governo federal no período do qual trata este trabalho, como a dispensa de funcionários públicos de suas atividades em dias de jogos da seleção brasileira pela Copa do Mundo, permaneceram ao longo do século XX, atingindo também o século XXI, como pudemos verificar na mais recente conquista do penta campeonato em 2002. A associação nação/futebol nas vitórias da seleção brasileira em campeonatos mundiais, foi constatada a partir da década de 1930. O alcance da popularidade do futebol pôde ser medido, entre outras coisas, pela atitude do Presidente Getúlio Vargas em realizar alguns de seus discursos políticos no Estádio do Vasco da Gama.

Entre as décadas de 1930 e 1950, houve um conjunto de circunstâncias que favoreceram a difusão da idéia de se buscar elementos que pudessem simbolizar a unidade nacional. Conforme verificamos, manifestações populares foram compreendidas como elementos que poderiam remeter a essas aspirações, as quais tiveram o acompanhamento e incentivo de veículos da imprensa (sobretudo periódicos, e transmissões radiofônicas), bem como de representantes do governo federal, fundamentalmente. Dentre essas manifestações, o futebol fora objeto de tal perspectiva. Ele foi concebido como um “produto nacional”.

No mesmo período investigado neste trabalho, foi possível constatar que o futebol não se configurou como esporte mais popular apenas no Brasil, mas da maior parte dos países da América e da Europa. As vitórias alcançadas nos gramados levou à compreensão do futebol como um elemento tipicamente brasileiro, o que o tornou simbolicamente uma “coisa nossa”. O Brasil passou a ser

reconhecido internacionalmente como o “país do futebol”. Dentre as seleções de todo o mundo, a equipe brasileira é a única que participou de todas as edições de campeonatos mundiais realizados no século XX. Nesse período, surgiram vários atletas que foram contratados para atuarem em clubes da Europa, o que indica a boa qualidade técnica do jogador de futebol brasileiro.

Considerando os limites temporais deste estudo, acreditamos que a condição da seleção nacional ter acumulado cinco títulos mundiais (inclusive o mais recente, em 2002), incita a idéia de que o futebol, no Brasil, é um dos símbolos de orgulho da nação. Verificamos, então, que essa construção foi reforçada ao longo do século XX, porém, esse processo se deu no início da década de 1930, momento em que se (re) definia a identidade nacional. O que se espera é que o país não seja apenas “bom de bola”. Mas esta é uma outra história.

FONTES

1 - DOCUMENTOS EM ARQUIVOS

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

BRASIL. Constituição Federal. Decreto-Lei n. 2072, 8 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação física, moral da infância e da juventude, fixa suas bases e, para ministrá-las, organiza uma instituição nacional denominada “Juventude Brasileira”. *Coletânea de Legislação e Jurisprudência*, São Paulo, 1943.

BRASIL. Constituição Federal. Decreto n. 11411, 30 de junho de 1934. Aprova o regulamento da Inspeção de Educação Física. *Leis Mineiras*, Belo Horizonte, 1934.

BRASIL. Constituição Federal. Decreto n. 2028, 15 de abril de 1941. Designa a data de 19 de abril para o dia da Juventude Mineira. *Leis Mineiras*, Belo Horizonte, 1941.

ARQUIVO GETÚLIO VARGAS – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

BRASIL. *Projeto de Constituição – 1937*. Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV 37 11 00/6, n. 81-91. (Microfilme)

CAMPOS, Francisco. *Relatório técnico disciplinar da juventude brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, 38 03 00/1, n. 0937-945, 1938. (Microfilme).

DUTRA, Eurico Gaspar. *Apreciação do projeto de decreto-lei de organização da juventude brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1938, Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC, FGV, 38 03 001/1, n. 0964/2. (Microfilme).

ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

BRASIL. *objetivos da educação sanitária*. Rio de Janeiro: Ministério Nacional da Saúde, Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, Arquivo Gustavo Capanema, 38 08 09 A, n. 191-192-2, 1939. (Microfilme).

CAPANEMA, Gustavo. *Por um Brasil forte e belo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940, Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, 38 08 09 A. (Microfilme)

CAPANEMA, Gustavo. *Carta ao Presidente Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939, Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC, Pasta IV, 38 08 09, n. 213/2. (Microfilme).

ARQUIVO NACIONAL

FREYRE, Gilberto. *Novos estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. (Microfilme).

FREYRE, Gilberto e outros. *Congresso Afro-brasileiro*. Recife, 1934. 2 Vol. (Microfilme).

ARQUIVOS DOS SEGUINTE CLUBES

- Clube de Regatas Vasco da Gama, Rio de Janeiro/RJ.
- Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo/SP.
- Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte/MG.
- Clube Atlético Mineiro, Belo Horizonte/MG.
- Esporte Clube Democrata, Governador Valadares/MG.

2 - DOCUMENTOS PUBLICADOS

ALVES, Isaías. *O dever da juventude na organização nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olympica Miguel Couto, 1941.

AZEVEDO, Fernando de. *A poesia do corpo*. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. (Tese apresentada ao concurso à vaga de professor da cadeira de ginástica e educação física do ginásio mineiro).

Confederação Brasileira de Desportos. Estatutos. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do comércio, 1929.

CORRÊA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933.

COUTO, Miguel. *No Brasil há um problema nacional: a educação do povo*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1927.

Estudos e Conferências. Rio de Janeiro: DIP, n. 14, 1941.

FIGUEIREDO, Antônio. *História do football em São Paulo*. São Paulo: s/e, 1918.

MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: Olympicus, 1941.

MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na taça do mundo*. São Paulo: Edições Publicações Brasil, 1938.

MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo: A Gazeta, 1939.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *O sport está deseducando a mocidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tip. Mascote, 1919.

PINHEIRO, João Ribeiro. *Da educação física como fator primordial de brasilidade*. Niterói: Oficina Gráfica da Escola Profissional Washington Luiz, 1928.

REIS, Álvaro Borges dos. *Educação Física*. Bahia: Lit. Reis, 1904.

VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2v.

VILLA-LOBOS, Heitor. *A música nacionalista no governo Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: DIP, 1941.

3 – PERIÓDICOS

JORNAIS

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1920-1960.

A Noite. Rio de Janeiro, 1934-1950.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1934-1950.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1930-1950

A Gazeta Esportiva. São Paulo, 1934-1950.

Jornal dos Sports. 1938-1950.

REVISTAS

O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1948-1962.

Cultura Política. Rio de Janeiro, 1941-1945.

Revista do Esporte. Rio de Janeiro, 1960-1962.

A Gazeta Esportiva Ilustrada. São Paulo, 1950.

Revista Brasileira de Educação Física. Rio de Janeiro, 1944-1945.

Revista Placar. São Paulo, 1980-1990.

Revista Comemorativa aos 90 anos do futebol. São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 1991.

Revista USP: Dossiê Futebol. São Paulo, n. 22. agosto de 1994.

Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro, UERJ. n. 0 a 5. 1994-1997

Cult – Revista Brasileira de Literatura. “Gol de Letra: o futebol em prosa e verso”. São Paulo, n. 11. 1998.

Revista Estudos Históricos, “Esporte e Lazer”. Rio de Janeiro: FGV, n. 23. 1999.

4 - INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro/RJ
- Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa (CEDAP) – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis/SP
- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro/RJ
- Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG
- Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG.
- Confederação Brasileira de Futebol, Rio de Janeiro/RJ.
- Museu da Imagem e do Som, São Paulo (MIS/SP). *Documentação*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- ANTONACCI, Maria Antonieta M. *A Vitória da razão (?) O IDORT e a sociedade paulista*. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional*. São Paulo: USP/Tese de Doutorado, 1999.
- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1992.
- AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa e estado autoritário (1968-1978) - o exercício cotidiano da dominação e resistência: o Estado de São paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Os gênios da pelota: um estudo sobre o futebol como profissão*. Rio de Janeiro: UFRJ/Dissertação de Mestrado, 1980.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- AZEVEDO, Fernando de. *A evolução dos esportes no Brasil (1822-1922)*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- BAIA HORTA, José Silvério. *O hino, o sermão e a ordem dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

- BAKTIN, Michail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. Brasília: Ed. UNB, 1983.
- BARRETO, Lima. *Os bruzudangas*. São Paulo: Ática, 1985.
- BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Unesco, 1955.
- BELLO, José Maria. *História da República*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1952.
- BELTRÃO, Luiz. (org.) *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. São Paulo: Summus, 1986.
- BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *Ser forte para fazer a nação forte: a educação física no Brasil (1932-1945)*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1991.
- BERMAN, Marchall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a oligarquia paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. (org.) *Lex enjeux du football*. In: "Actes de la recherches en sciences sociales". Paris: École des hautes études en sciences sociales, n. 103, 1994.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1981.

BURKE, Peter. *A escola dos annales: 1929-1989. A revolução francesa na historiografia*. São Paulo: ed. UNESP, 1991.

BURKE, Peter. (org.) *A escrita da História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à música popular brasileira*. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. (org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem*. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. *A educação física no Estado Novo: História e doutrina*. Brasília: UNB/Dissertação de Mestrado, 1982.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo - imprensa paulista: 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. e PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino, imprensa e ideologia: o jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.

CARDOSO, Sérgio. (org.) *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

CARONE, Edgar. *A Segunda República*. Rio de Janeiro: Difel, 1974.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Celso. *In corpore sano – os militares e a introdução da educação física no Brasil*. Niterói: antropolítica, 1997. p. 61-78.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortêz, 1989.

CHEREL, Guillaume. *L'autre monde de la coupe*. Paris: Les Essentiels Milan, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Márcia Regina da. (org.) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O segundo governo Vargas: 1951-1954*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1982.

- CONTIER, Arnaldo Dayara. *Música, nação e modernidade: os anos 20 e 30*. São Paulo: USP/Tese de Livre-Docência, 1988.
- DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Difel, 1982.
- DE DECCA, Maria Auxiliadora. *Indústria, trabalho e cotidiano*. São Paulo: Atual, 1991.
- DE LUCCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARONE, Edgar. *A República Velha*. Rio de Janeiro: Difel, 1971.
- DIEGUES, Gilda Korff. (org.) *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil nos anos 30*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995.
- ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madri: Fondo de Cultura Econômica, 1986.
- ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat Editores, 1979.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Difel, 1994.
- FEBVRE, Henri. *Honra e pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- FEIJÓ, Luiz César Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- FERNANDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. *Futebol – fenômeno linguístico: análise linguística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: PUC/Editora Documentário, 1974.
- FERNANDES, Florestan. *A integração no negro na sociedade*. São Paulo: Edusp, 1965.

- FICO, Carlos. *A história no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.
- FILHO, Mário Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FILHO, Mário Rodrigues. *O sapo de arubinha*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- FREITAS, Marcos César de. (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e a sombra*. Porto Alegre: L & PM, 1995.
- GARCIA, Nelson Jair. *Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *À interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- GOELLNER, Silvana. *O método francês e a educação física brasileira: da caserna à escola*. Porto Alegre: UFRGS/Dissertação de Mestrado, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GUEDES, Simoni. *Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1988.

- HELAL, Ronaldo George. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HELAL, Ronaldo George. *Passes e impasses: futebol e cultura de massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HESCHMANN, Micael. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWN, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- HOLMES, Judith. *Olimpíada de 1936: glória do Reich e Hitler*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IANNI, Otávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

- LIMA, Luiz Costa. (org.) *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LIMA, Maria Alonso de. *O corpo no espaço e no tempo: a educação física no Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ/Dissertação de Mestrado, 1980.
- LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.
- LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1974.
- LYRA FILHO, João. *Cachimbo, pijama e chinelos*. São Paulo: Edaglit, 1963.
- MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MARINHO, Inezil Pena. *História da educação física e dos desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República (documentário e bibliografia)*. Rio de Janeiro: DEF-MÊS, 1952, v. 4.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar: samba e malandragem nos tempos de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MATTA, Roberto da. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1974.
- MATTA, Roberto da. *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

- MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil – 1894-1950*. São Paulo: Olympicus, 1950.
- MEIHL, José C. S. (org.) *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- MORAES, José Geraldo da Vinci de. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- MORAES, José Geraldo da Vinci de. *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça – elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- NAPOLEÃO, Antônio Carlos, ASSAF, Roberto. *Seleção brasileira – 90 anos: 1914/2004*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo: PUC/Tese de Doutorado, 1998.

- NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Nayf, 2002.
- NOGUEIRA, Armando, MUYLAERT, Roberto, SOARES, Jô. *A copa que ninguém viu*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- NOVAIS, Fernando (dir.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 3 e 4.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.) *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- PAPA, Antônio, PANICO, Guido. *Storia sociale del calcio in Itália*. Bolonha: Il Mulino, 1993.
- PEDROSA, Milton. *Gol de letra*. Rio de Janeiro: Ed. Gol, 1967.
- PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. *Educação e Estado Novo em Minas Gerais*. São Paulo: PUC/Tese de Doutorado, 1989.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L & PM, 1986.
- PEREIRA, Júlia Sales. *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: UFMG/Dissertação de Mestrado, 1999.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PERRY, Valed. *Futebol e Legislação*. Rio de Janeiro: Vitória, 1973.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PONTES, Hildebrando. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1972.
- PRADO, Décio de Almeida. *Latejando com o futebol - seres, coisas e lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- PROENÇA, Ivan. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol; seleção e notas de Ruy Castro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol; organização Ruy Castro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SACCER, A. *Fútbol: pasión de multitudes y elites: un estudio institucional de la asociación de fútbol argentino (1934-1986)*. Buenos Aires: Cisea, 1988.
- SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS, Ventura. (org.) *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- SCHER, Ariel. *La patria deportista: cien años de política e deporte*. Buenos Aires: Planeta, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- SCWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SCWARTZMAN, Simon. (org.) *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SEYFERTH, Giralda. *A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil*. São Paulo: Revista do Museu Paulista, 1985.
- SCHEMES, Cláudia. *Festas Cívicas e esportivas no populismo: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1995.
- SILVA, José Luiz Werneck (org.) *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1991.
- SILVA, Eliazar João da. *Bola na rede – o futebol em são Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

- SILVA, Gracilda Azevedo. *Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1989.
- SILVA, Zélia Lopes da. (org.) *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- SOARES, Antônio Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro: UGF/Tese de Doutorado, 1998.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: a capoeira no rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.
- SOARES, Carmen. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese da história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- SOUZA, Marcos Alves de. *A nação em chuteiras: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Brasília: UNB/Dissertação de Mestrado, 1996.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SUSSEKIND, Hélio Carlos. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcida organizada de futebol*. Campinas: Anpocs, 1996.

TOLGUINHÓ, Oldemário. *As copas que eu vi*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Brasília: UNB, 1982.

TOTA, Antônio Pedro. *Samba da legitimidade*. São Paulo: USP/Dissertação de Mestrado, 1983.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1987.

VERDÚ, Vicente. *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*. Madri: Alianza Editorial, 1981.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *A eterna privação do zagueiro absoluto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

VIANA, Adalberto Rigueira. *Futebol prático*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1981.

VIANNA, Hernando. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1995.

VINNAI, Gerhard. *El fútbol como ideología*. México: Siglo Veintiuno, 1978.

VOGEL, Arno. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

WITTER, José Sebastião. *O que é futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SILVA, Eliazar João da. A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. Assis, 2004. 335 p. Tese (Doutorado em História e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Na década de 1930, algumas das manifestações da cultura popular de massa, foram concebidas como símbolos de identidade nacional. Especialmente a partir da implantação do regime do Estado Novo, em 1937, tal idéia foi reforçada. Ela contou com o incentivo de representantes do governo federal, através de órgãos oficiais como o Departamento de Imprensa e Propaganda. Nesse período, várias perspectivas analíticas discutiram o sentido da (re) interpretação de determinados elementos, cujas peculiaridades poderiam remeter a símbolos de unidade da nação. O futebol, como prática esportiva de grande alcance popular, fora objeto dessas reflexões. A realização de campeonatos mundiais, iniciados em 1930, demonstrava o interesse despertado pelo esporte, cabendo-lhe novos sentidos para sua interpretação, como algo que ia além do âmbito esportivo. A verificação do gradativo aumento de espaço destinado às notícias relacionadas aos clubes, e à seleção brasileira, ampliava-se nos periódicos de grande circulação, revelando, em parte, a medida desse interesse. A construção do Maracanã reforçou a dimensão dos significados atribuídos ao esporte. Ao conquistar a Copa do Mundo em 1958, o Brasil passou a ser conhecido como o país do futebol. Esta Tese analisa as razões que levaram à idéia de que o futebol configurou-se, entre as décadas de 1930 e 1950, como um dos símbolos de identidade nacional.

Palavras-Chave: Futebol; Copa do Mundo; Identidade Nacional; Esportes.

SILVA, Eliazar João da. A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. Assis, 2004. 335 p. Tese (Doutorado em História e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

In the 1930, some popular culture manifestations were considered as symbols of national identity. This idea was reinforced specially when The New State System was built up. This idea had the cooperation of the representative parties of the federal government, through official organizations, such as Printing Press and Advertisement Department. In this period a lot of critics discussed the meaning of (re) interpretation of some elements which could take to symbols of the nation. football, as a sport of great popularity was the sport of these reflections. At the beginning of 1930, they set up the world championship which showed a great number of news related to clubs and our Brazilian selection of football increasing in the printing press, showing our interest in this sport. The Maracanã building showed the meaning giving to this sport and when Brazil won the World Cup in 1958, this country began to be known as the country of football. This research aims to analyze the reasons why football was considered in the nineteen thirties and nineteen fifties as one of the symbols of national identity.

Key-words: Football; World Cup; National Identity; Sport.

SILVA, Eliazar João da. A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional. Assis, 2004. 335 p. Tese (Doutorado em História e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista.

RÉSUMÉ

Dans les années 30 quelques manifestations de la culture populaire collective ont été conçues comme des symboles d'identité nationale. Cette idée a pris force depuis le début du régime de l'Estado Novo en 1937. Elle a eu l'accord et l'appui des représentants du gouvernement fédéral par ses organismes officiels, tel le Departamento de Imprensa e Propaganda. Pendant cette période, des perspectives analytiques ont discuté le sens de la réinterprétation de certains éléments dont les particularités pourraient remettre à des symboles de l'unité de la nation. Le football en tant que pratique sportive de grande appeal populaire avait été l'objet de ces réflexions la réalisation des championnats mondiaux à partir de 1930 rendait évident l'intérêt pour le sport et détournait, par conséquent, le sens de son interprétation, le plaçant au-delà l'univers sportif les nouvelles. Qui concernaient les clubs et l'équipe brésilienne ont pris place dans la presse écrite de grande circulation ce qui mettait en évidence la mesure de tel intérêt. La construction du Maracanã vient renforcer, les nouvelles dimensions de la direction attribué à ce sport. Après avoir remporté la coupe du monde de 1958, le Brésil commence à être connu comme le pays du football. Cette thèse analyse les raisons selon lesquelles le football devient, entre 1930 et 1950, l'un des symboles d'identité nationale.

Mots-clé: Football, Coupe du Monde, Identité Nationale, Sports.

Autorizo a reprodução deste trabalho

ELIAZAR JOAO DA SILVA

2004